

PADRE ANTONIO VIEIRA.

SERMÕES.

TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL
Rua dos Fanqueiros, 82.

SERMÕES

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO VI.

LISBOA

EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES

Rua dos Fanqueiros, 82.

—
1855

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA DA QUARESMA.

Pregado em Lisboa na capella real, anno de 1655.

Fugit iterum in montem ipse soles. — Joan. VI.

I.

Não foge uma só vez, quem foge de coração. Já o evangelista S. João tinha dito, que o Senhor e Salvador dos homens fugira dos mesmos homens uma vez, e agora nos diz que fugiu outra : *Fugit iterum*. Quando Herodes quiz matar a Christo, para que não fosse rei, fugiu para o Egypto ; agora que o querem fazer rei, foge para o monte : *In montem*. Os amigos e os inimigos todos por seu modo perseguem, e quem conhece que o amor de uns

1 Na occasião em que o auctor tendo feito a primeira retirada da corte para o Maranhão, dispunha a segunda, que tambem executou.

e o odio de outros tudo é perseguição, fuge de todos. Não só fugiu o Senhor hoje das turbas que o seguiam, mas tambem dos mesmos discipulos que o acompanhavam, e por isso fugiu só: *Ipsé solus*. Os apostolos recolheram das sobras do banqueté doze alcofas, uma para cada um; e parece que haviam de ser treze, para que ao obrador do milagre coubesse tambem a sua. Comtudo muito mais recolheu do banqueté o Mestre que os discipulos: elles recolheram o pão, elle recolheu o recolher-se. Oh se o mundo conhecêra quanto se tira de um retiro, e quanto colhe quem se acolhe: *Fugit!* O evangelista diz que os discipulos não intenderam o milagre dos pães: *Non enim intellexerunt de panibus*. (Marc. VI — 52) E muito mais tem que intender o retiro de Christo, que o milagre. Ora eu que neste logar fiz antigamente alguns sermões de côrte, quizera hoje fazer um sermão de deserto. Bem creio que será prégær em deserto, mas será prégær. Vós, Senhor, que tentado do demonio o vencestes em um deserto, e applaudido dos homens fugistes delles para outro, sêde servido de me assistir neste assumpto com vossa mesma soledade, para que haja quem queira fugir de si para vós, e nesse monte, onde estaes tão só, viver só por só convosco.

II.

Fugit iterùm in montem ipse solus. — Joan. VI — 15.

Não é coisa nova em Christo, Mestre Divino e Senhor nosso. depois de dar o mantimento ao corpo, dar tambem o seu á alma, Assim o fez na mesa do phariseu, assim nas vodas de Caná, assim quando foi hospede de Martha, e sobre tudo na ultima cea, em que ensinou e revelou aos discipulos os mysterios mais altos da sua divindade. A sobremeza pois do famoso banquete de hoje qual cuidamos que seria? Foi o exemplo com que o Senhor fugiu dos mesmos que lhe queriam dar o que elle não queria, nem havia mister; e a doutrina não de palavra, mas de obra, com que se foi metter só consigo na soledade de um monte: *Fugit in*

montem ipse solus. Deixar o povoado pelo deserto, trocar as cidades pelos montes, fugir do trato e frequencia das gentes, para viver com Deus, e comsigo; grande ponto de doutrina em Christo e grande resolução de prudencia em quem o imitar.

Bem sei que dizem os defensores das côrtes, ou os enfeitados dellas, que tambem se pôde ser ermitão em Mexico, como respondeu em nossos dias um varão de mui celebrado espirito (Gregor. Lop.) a quem se queria retirar daquella grande cidade, e lhe pedia conselho. Mas nem todos os conselhos servem para todos os casos, como nem todas as receitas para todos os enfermos. Bem sei que dizem (e por modo de affronta) que o fugir é fraqueza. Como se quem foge se quizera acreditar de valente: e como se não fôra valor quebrar as cadêas, de que tantos se não desatam! Catão com Cesar e Pompeo á vista, dizia: Sei de quem devo fugir, mas não sei para onde? E quem sabe, e tem para onde, porque se envergonhará de que lhe chamem fraco, quando foge com Catão? Dizem que a natureza fez ao homem animal sociavel, e que trocar a sociedade e communicação dos homens pela solidão dos desertos, é querer accusar, ou emendar a natureza e como arrepende-se de ser racional. Mas quem se ri de semelhantes ditos, com provas o racional pelo risivel se exime desta calúnia: e não tem por crime emendar a natureza, quando ella está tão corrupta. Dizem, como disse Aristoteles, que quem gosta de estar só, ou é Deus, ou fêra: *Aut Deus, aut bestia.* Mas se elle alcançára, que em Deus ha tres pessoas, não havia de suppor que Deus estava só: e se soubera que quem se aparta dos homens, é para mais se chegar a Deus, tambem o não travia de pôr no predicamento das fêras; antes, como gentio, no numero dos deuses. Dizem, finalmente, que deixar a côrte, o serviço dos principes, e a benevolencia, e graça dos amigos, é falta de juizo, e rematada loucura. Assim o digo, porque assim lh'o ouvi dizer. Mas a esta censura, que mais pertence aos medicos, que aos theologos, responderá Hypocrates. Democrito, aquelle famoso philosopho, que de tudo se ria, e fez chorar a Alexandre Magno, por dizer que havia mais mundos, cançado de zombar dos despropositos deste, que tão mal conhe-

ceamos, deixou a patria, e todo o povoado, e foi-se metter em um deserto. Correu logo fama, que Democrito endoudecera e compadecidos os seus naturaes, que eram os Abderitas, mandaram rogar por uma embaixada a Hypocrates, que pelo amor que tinha a honra que fazia ás sciencias, se dignasse de querer ir curar um sujeito tão notavel e tão benemerito dellas. E que vos parece que responderia Hypocrates? Respondeu, como refere Laercio, que se a enfermidade fosse outra, ella iria logo curar a Democrito; porém que retirar-se das gentes, e ir-se viver nos desertos, o que elles reputavam por doudice, mais era para invejar, que para curar; porque nunca Democrito estivera mais sisudo, nem tivera o juizo mais sã, que quando fugia dos homens: *Habere in eo magis, quod suspiciat, quam quod sanct: et illud schema vitæ esse sartam, tectamque animæ sanitatem: nulloque modo melius sibi consuli contra pestilentem hominum auram, quam recipiendo se in tuta solitudinum loca.*

Isto é o que faziam, e isto o que ensinavam os philosophos (já que começamos por elles); e a razão, ou razões, que para isso tiveram, dá em varios logares Seneca, mais venturoso se os imitara. Escreve a seu amigo, e discipulo Lucilio, o qual lhe tinha perguntado de que se havia de guardar, para viver quieta e felizmente; e o primeiro documento que lhe dá é que fuja da multidão e frequencia da gente: *Quid tibi vitandum maxime existimem, quæris? Turbam.* (Senec. epist. VII—1) Oh quanto resumiu o grande philosopho em uma só palavra! E a razão é, diz elle: porque o trato e conversação dos homens é uma especie de contagio, com que sem querer, nem sentir, nos pegamos uns a outros cada um a sua doença. E assim como nos maiores logares se acende mais a peste; assim nas cidades mais populosas é maior o perigo: *Inimica est multorum conversatio: nemo non aliquod nobis vitium, aut commodat, aut imprimit, aut nescientibus alluit. Itaque quo major est populus, cui commiscemur, periculi plus est.* Já eu d'aqui pudera inferir, que assim como no tempo da peste deixam os que podem as cidades, e se retiram aos campos, assim é prudente cautela em qualquer tempo, pois todo é de peste, fugir para os desertos. Nas sigamos ao nosso philoso-

pho e a bandeira da saude, que elle nos levantou : *Sanabimur, si modo separemur à cætu.* (1)

Prova Seneca o seu documento, e allega a Lucilio um exemplo não alheio, senão domestico e experimentado em si mesmo : *Ego certe confiteor imbecillitatem meam : nunquam mores, quos extuli, refero. Aliquid ex eo, quod composui, turbatur : aliquid ex his, quæ fugavi, rediit :* Confesso-te (diz o estoico) a minha fraqueza. Nunca saí a tractar com os homens, que não tornasse peor do que fui. Sempre se me descompoz alguma das paixões que já tinha composto, e sempre tornei a trazer commigo algum dos vícios que já tinha desterrado. Cuidarás por ventura, que te hei de dizer, que torno mais avarento, mais ambicioso, mais incontinente ? Pois sabe (o que não imaginas) que tambem torno mais cruel e mais deshumano, só porque estive entre homens : *Imo verò et crudelior, et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Não se pudéra mais altamente encarecer o perigo de tractar com homens ! Se dissera que nos pegavam outros achaques, miseria é de seculo tão enfermo : mas pegarem os homens deshumanidade ? A humanidade não é a essencia do homem ? As feras com o trato do homem não se humanam ? Assim é, ou assim era ; mas tem degenerado tanto a natureza humana de seu proprio ser, que em lugar de se tirar humanidade do trato com os homens, o que se bebe destas fontes é deshumanidade. Ereis humano antes de tractar com elles, depois que os tractastes, sem o sentir, nem saber como, achaeis-vos deshumano : *Et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Já se não coíntentam os homens com fazer deshumanidades, mas chegam a fazer deshumanos, que é muito peor. Fazer deshumanidades é ser cruel, fazer deshumanos é não ser homem ; antes ser o contrario de homem. Se vissemos que o sol, devendo allumiar, escurecia, e que o fogo, devendo aquestar, esfriava, e que um homem em lugar de gerar homens, gerava tigres e serpentes, não seria uma horrenda monstruosidade ? Pois isso é o que fazem os homens. Não só teem deshumanado a sua, mas deshumanam a humanidade daquelles que

(1) Senec. de vita beata c. I.

os tractam. Vêde se é prudencia fugir dos homens, quem quizer conservar o ser de homem.

A segunda razão que dá Seneca para isto, é serem muitos aquelles de que se deve fugir. Nas facções ou parcialidades é muito natural seguir o partido dos mais: *Facile transitur ad plures*. E como a multidão dos homens toda propende para os vícios, que virtude haverá tão forte que possa resistir ao impeto e torrente de tantos? *Socrati, Catoni, et Lelio excutere mentem suam dissimilis multitudo potuisset: adeo nemo nostrum, qui maxime concinamus ingenium, ferre impetum vitiorum tam magno comitatu vanientium potest*. Até Socrates, até Catão, até Lelio, que entre gregos e romanos foram os atlantes da virtude, se não poderiam sustentar firmes contra o pezo e bateria dos vícios, acompanhados de tão numeroso exercito. E se estes, perdidas as côres da propria vida e costumes, se revestiram das contrarias, posto que tão dessimilhanes; quanto mais os que conhecemos a fraqueza de nossa imperfeição, e só temos o estudo de a enfeitar? Forçados pois da violencia, do exemplo commum. e quasi necessitados entre os homens a ser como elles, que remedio pôde haver em partido tão desigual, senão fugir? Assim e resolve o mesmo Seneca com um argumento muito do seu engenho: *Necesse est, aut imiteris, aut oderis. Utrumque autem vitandum est; ne vel similis malis fias, quia multi sunt: neve inimicus multis, quia dissimiles sunt*. Sendo esta a condição dos que enchem o mundo, e por ventura tambem a dos que o mandam, que pôde fazer um homem entre taes homens? Ou os ha de imitar, sendo taes, ou os ha de aborrecer, porque são taes; na duvida de os imitar, ou aborrecer, nem a imitação, nem o odio lhe pôde estar bem; porque para imitados são máus, e para inimigos são muitos: *Vel similis malis, vel inimicus multis*. Logo o que convem é fugir, e queira Deus que baste.

A terceira razão, e que no mesmo Seneca tinha grande logar, e o pôde ter em outros, declara elle com esta queixa da sua primeira vida: *Onnem operam dedi, ut me multitudini educerem, et aliquam dotem notabilem facerem*: (Senec. lib. 1, ep. 2) Trabalhei, diz, com todas as minhas forças por me separar do nu-

mero dos muitos, e por fazer alguma obra notavel, a qual me servisse de dote para o credito e estimação do mundo. E que tirei deste meu trabalho? *Quid aliud quam telis me opposui, et malevolentia, quod morderet, ostendi*: O que tirei foi provocar contra mim, e expôr o peito ás lanças, e dar materia á malevolencia em que empregasse os dentes, e tivesse que morder. E porque? Dá a razão, apontando-a com o dedo: *Vides tu istos, qui eloquentiam laudant, qui opes sequuntur, qui gratia adulantur, qui potentiam extollunt? Omnes aut sunt hostes, aut (quod in æquo est) esse possunt*: Vês tu estes que louvam a eloquencia, que seguem a cubiça, que adulam a graça, que adoram a potencia? Pois sabe que todos ou são inimigos, ou o pôdem ser, que val o mesmo: *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est*: Quão grande é o povo dos que te admiram, tão grande é o numero dos que te invejam. A admiração estará por algum tempo suspensa e muda, como costuma; mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força como de mina, e o que foram applausos, serão estragos. Antes nos tenham inveja, que compaixão, sentença foi nascida na gentilidade, que depois fez christã S. Gregorio Nazianzeno; mas no mesmo Nazianzeno mostrou a experiencia, que antes se deve eleger o estado da compaixão, que o da inveja; porque a de seus emulos o perseguiu de tal modo (ou tão sem modo) que obrigado a se lançar ao mar como Jonas, a mesma inveja lhe veio a ter compaixão. Em quanto ella não chega a se despicar assim, não descança. Por isso Seneca conclue, que arrependido do primeiro instituto da sua vida, e de se ter mostrado ao mundo, tomára por ultimo conselho recolher-se consigo dentro em si mesmo, e cultivar a propria alma com taes exercicios, que elle só os pudesse sentir, e nenhum homem os podesse vêr: *Quin potius quæro aliquid usu bonum, quod sentiam, non quod ostendam*.

Estas foram as razões porque se retiravam aos desertos, e fugiam da communicação dos homens aquelles grandes philosophos: um dos quaes perguntado, que fructo tinha colhido de todos seus estudos, respondeu: Saber viver só commigo. Assim o refere Estobeo, e o qualificou o mesmo Seneca, dizendo: *Primum ar-*

gumentum bene compositæ mentis existimo, posse consistere, et secum morari. O primeiro argumento não de se ter alienado o Juiso, como ao principio se dizia, mas de estar muito em seu lugar, e bem composto, é saber um homem morar comsigo : *Secum morari.* Mas passemos da philosophia á christandade, e dos documentos da razão sem fé, aos da fé e razão, que são os dos santos.

III

Arsenio, aquelle insigne varão em todos os estados, pedido pelo imperador Theodosio (1) e nomeado pelo papa S. Damaso para mestre de Arcadio, já declarado successor do imperio, era tão estimado do mesmo imperador, que entrando uma vez a ouvir dar lição a seu filho, e vendo que Arsenio estava em pé, e Arcadio assentado, reprehendeu a ambos daquella que elles não tinham por indecencia, e mandou que d'alli por diante Arsenio ensinasse assentado, e Arcadio ouvisse em pé, e com a cabeça descoberta. Com este credito e favor de um tão grande monarcha, e com o applauso de todo o paço e côrte, que por reverencia ou lisonja sempre seguem ou mostram seguir o affecto dos principes; vivia comtudo inquieto e descontente Arsenio, não se fiando nem do que era, nem do que lhe promettia aquella fortuna. Duvidoso pois da resolução que devia tomar, não pediu conselho aos amigos de maior auctoridade, e mais fieis, nem menos se quiz aconselhar comsigo, mas recorrendo a Deus, que só é o norte seguro nas bonanças ou tempestades de um mar tão incerto; ouviu uma voz do céu que lhe dizia : *Arseni, fuge homines, et salvus eris* : Arsenio foge dos homens, e salvar-te-has. Com este aviso, que não era necessario ser em voz para se intender, sem pedir licença ao imperador (porque sabia que lh'a não havia de dar) se embarcou occultamente Arsenio, de Constantinopla para o Egypto, e mettendo-se pelo mais interior do deserto, alli escolheu para perpetua morada uma cova, na qual porque se soube enterrar, em

(1) Metafrast. die 19 jul. et in vit. PP.

vida, tanto verificou o oraculo do céu em se salvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens : *Fuge homines, et salvus eris.*

Oh se tomassemos este aviso como feito a todos, e se intentasse cada um que falla com elle ! Quando Christo disse a Martha : *Maria optimam partem elegit* : (Luc. X — 42) quando disse ao outro moço rico : *Vende quæ habes, et da pauperibus* : (Matth. XIX — 21) quando disse ao que tinha sarado na piscina : *Jam noli peccare* : (Joan. V — 14) as palavras eram ditas a um só, mas o documento fallava com todos. Tire cada um o nome de Arsenio, e ponha no mesmo logar o seu, e desengane-os que no deserto e no povoado, quem de coração se quer salvar, ha de fugir dos homens. Assim o fez elle constantemente, e vêde como. Tanto que se soube que Arsenio era passado a Africa, informados do logar onde se tinha recolhido, vieram logo a visital-o Theophilo bispo de Alexandria, e o presidente daquella real cidade : e como Arsenio os recebesse, não com as cortezias que tinha deixado no paço, mas com as que são proprias do deserto, modestia e silencio ; rogaram-lhe os hospedes que os não quizesse despedir tão secamente, e ao menos lhes dissesse algumas palavras de edificação, com que tornassem consolados. E que responderia Arsenio ? Respondeu que assim o faria, se ambos tambem lhe promettêssem de fazer o que elle lhes dissesse. Aceitaram facilmente a condição, e o que disse Arsenio, como refere Metaphrastes, foram estas palavras : *Ubi esse Arsenium audieritis, hoc est vobis cavendum, ne velitis amplius eo venire* : Se ouvirdes dizer onde está Arsenio, o que haveis de observar é que não torneis mais ao logar onde elle estiver. Este foi o sermão que fez áquelles tão auctorisados ouvintes, com o qual elles se partiram tão edificadas, como compungidos : e como prudentes que eram, e verdadeiros amigos que tinham sido de Arsenio, de tal sorte cumpriram o que tinham promettido, e se conformaram com a sua resolução, que nem esperaram d'elle outra correspondencia, nem inquietaram mais o seu silencio.

Viviam no mesmo deserto, não juntos, mas apartados, cada um na sua cova ou choupana, outros anacoretas, e com estes fallava algumas vezes Arsenio, ouvindo-os como a mestres da dis-

ciplina monacal, e vida cremitica. E como um dos mais anciãos lhe perguntasse qual fôra o motivo daquella sua retirada tão estranha; a resposta que deu foi esta: *Non posse se cum Deo simul, et cum hominibus vivere*: Que o motivo que tivera para fugir do mundo, fôra ter experimentado no mesmo mundo, que viver juntamente com os homens, e mais com Deus, não é possível. E declarando a razão desta impossibilidade, dizia que era porque as vontades dos homens raramente se ajustam com a vontade de Deus; e porque sendo a vontade de Deus uma só, e sempre a mesma, as dos homens pelo contrario são tantas, tão diversas, e tão encontradas, quantos são os mesmos homens, e seus interesses e appetites: e porque ainda no mesmo homem não dura muito a mesma vontade, por ser inconstante, e varia. Assim provava e concluiu a sua razão Arsenio, e desta demonstração infallivel se tira uma de tres conclusões igualmente certas: ou que os que cuidam que vivem com Deus, e com os homens, se enganam: ou que os que vivem com os homens não vivem com Deus: ou que quem quizer viver com Deus, ha de deixar os homens.

Se o mesmo Deus não concorda as vontades dos homens com a sua, como poderá um homem por mais que faça ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deus? De David disse Deus, que tinha achado um homem conforme seu coração, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas*. (Act. XIII — 22) E com ser este homem singular entre todos os homens, e este rei á excepção de todos os reis, quando elle mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de sua propria morte em uma carta aleivosa, e quando no primeiro acto desta tragedia lhe mandou roubar a mulher de casa, sem se lembrar que o mesmo Urias o estava servindo na campanha, com tanto valor e lealdade; haveria algum adulator tão sabio, ou tão sem pejo, que pudesse concordar estas vontades com a de Deus? Mal podiam logo caber similliantes concordatas em um animo tão amigo da verdade, tão recto, tão inteiro, e tão constante como o de Arsenio. As experiencias a que elle se referia, eram as de Roma e

Constantinopla, as duas maiores cõrtes do mundo, das quaes costumava dizer, que os tres mais fortes inimigos que nellas lhe faziam guerra, um se chamava vêr, outro ouvir, outro fallar; e que de todos estes o livrára o deserto, onde se não vê, nem ouve, nem falla : *Qui sedet in solitudine, quiescit, et á tribus bellis eripitur, id est, auditus, locutionis, et visus*. E em um mundo onde se vêem tantas coisas que se não podem vêr, e se ouvem as que se não podem ouvir, e se fallam, e são falladas, as que se não podem dizer; como pôde viver um homem que não fôr cego, surdo, nem mudo, senão fugindo dos homens : *Fuge homines?*

Assim o tinha já intendido quasi um seculo antes de Arsenio o primeiro fundador depois de Paulo, o segundo habitador daquelle mesmo deserto. Movido o imperador Constantino Magno da fama de Antonio, também por antonomasia o Magno (que só os grandes homens sabem estimar, e não desconfiam de ter junto a si os grandes) mandou-lhe rogar ao Egypto que se quizesse passar a Roma; porque o queria ter consigo, e ajudar-se de seu conselho e exemplos. Porém o santo anacoreta que estimava mais as faias e cyprestes do seu ermo, que os palacios e torres da cabeça do mundo, dando as graças á magestade Cesarca da mercê e honra que lhe desejava fazer, se escusou de a receber com os termos geraes de religião e modestia, como convinha ao retiro da sua profissão, e humildade do seu estado. Esta foi a resposta publica. Mas em particular e privadamente aos seus deu Antonio outra razão de não aceitar, tão emphatica e discreta, que mais parece de algum politico da mesma Roma, que de um ermitão da Thebaida. E foi esta : *Sid ad imperatorem venero, Antonius ero : sin minus, abbas Antonius* : (1) Se eu fôr ao imperador, serei Antonio; se não fôr, serei Antonio o abbade. Até nos desertos ha razão de estado. Pezou o grande varão na balança da propria conveniencia o que perdia com o que ganhava, e o que era com o que havia de ser; pezou a Antonio no paço, com Antonio no deserto : e porque no paço *Inventus est minus*

(1) Refert. á Cornel. in cap. 3 Exod.

habens ; (Dan. V — 27) quiz antes ser no deserto Antonio abade, que no paço só Antonio sem este sobrenome.

Mas dae-me licença, politico santo, que nem como santo, nem como politico me parece bem fundada a vossa resolução. Se chamado do imperador não ides, por não deixar de ser Antonio abade, ide e sereis muito mais. Se não fordes Antonio abade, sereis Antonio bispo, sereis Antonio arcebispo, sereis Antonio presidente, sereis Antonio conselheiro de estado : sobre tudo, sereis Antonio o valido, que sem nome é a maior dignidade, e sem jurisdição o maior poder : em fim, sereis com Constantino o que foi José com Pharaó, e o que foi Daniel com Nabuco : elle terá o nome de imperador, e vós o imperio da monarchia. E se acaso, como politico do deserto, vos não movem estas ambições cá do mundo ; ao menos como santo deveis lançar mão de uma occasião do serviço e gloria de Deus, tão grande e tão opportuna, como o imperador e o tempo vos offerecem. Ainda Roma não está de todo sujeita a Christo : ainda no capitolio é invocado e adorado Jupiter : ainda o anno acaba e começa com as festas e duas caras de Jano : ainda no redondo pantheon se ouvem os nomes e se vêem em pé as estatuas de todos os falsos deuses. Se atégora servistes a Deus no deserto com o silencio, tempo é já de o servir tambem com a voz. Ide a Roma, prégae, confundi, convertei ; e se o zelo de Constantino começa a edificar templos, acabe o vosso de derribar os idolos. Lembrae-vos que viu Esdras sair dos bosques um leão, o qual só com o bramido de sua voz derribava uma aguia, que tinha usurpado a potencia do mundo : (Esdræ. IV — 13 e 14) e pois esta aguia é a romana, sêde vós o leão africano, que saindo das brenhas desse deserto, lhe tireis o sceptro das mãos e o passeis ás de Christo. Pois se Antonio tinha tantas razões humanas e divinas de deixar o deserto e vir a Roma, porque se escusa, porque não vem ?

E' certo que não recusou a jornada o grande Antonio, por receiar a passagem de Scylla e Carybdes ; mas porque temeu vir-se metter outra vez entre os homens, quem tantos annos havia tinnha fugido delles. Por isso diz, que se viesse, tornaria a ser o Antonio que d'antes tinha sido, e não o abade Antonio, que

ao presente era. O que temia perder, não era o nome da dignidade, senão o espirito da profissão. A profissão dos anacoretas era viver longe da communicacão dos homens, e isto é o que significa o mesmo nome, como escreve S. Jeronymo, que visitou pessoalmente aquelles desertos: *Quod procul ab hominibus recederent anachoritæ nuncupabantur.* (Rel. á Spondan) E se a profissão de Antonio era viver longe dos homens, como podia conservar-se na sua profissão, nem conservá-la na sua inteireza, se se viesse metter, não só na mais populosa cidade, mas na mesma cabeça do mundo, onde concorriam todas as gentes delle? Se Antonio com o seu exemplo de fugir dos homens tinha povoado os desertos, como agora os não tornaria a despovoar com o exemplo de tornar para elles? A mesma razão porque era chamado do imperador, se desfazia se viesse, e só não vindo, nem deixando o seu deserto, se conservava. Bem sabia Antonio, que maior opinião grangeou ao Baptista o seu deserto sem milagres, que a Christo os seus milagres no povoado. Quanto mais que se viesse á côrte de Roma, muito mais era o que devia temer, que o que podia esperar. Que fizeram a David os satrapas d'el-rei Achis, e como tractaram a Daniel os conselheiros de Nabuco e de Dario? Se Constantino acaso se cançasse da austeridade de Antonio, logo os lisongeiros de palacio haviam de seguir o mesmo dictame, e desacreditado o prégador, que fructo podia fazer a sua doutrina? Se pelo contrario o imperador o tivesse na sua graça; e essa graça fosse crescendo, que laços lhes não armaria a inveja, para o derribar e destruir? Finalmente, se o mesmo Constantino era de tão inconstante condição e tão facilmente suspeito, que a seu sobrinho Licinio, e a Crispo seu proprio filho, e a sua mulher Fausta tirou a vida sem causa; que podia não receiar de tal homem qualquer outro homem? Fez muito como homem Antonio, e muito como politico, e muito como santo, em se conservar no seu deserto longe dos homens.

Só resta nesta materia um escrupulo muito bem fundado, porque se funda nas forças e poderes do céu, com que o mesmo céu assistia e defendia a este grande varão. Ninguém alcançou maiores victorias do inferno, ninguém desafiou a todos os demonios

juntos, e os venceu em todas as batalhas, como Antonio : Os leões, os ursos, os tigres, as serpentes, e os outros monstros da Africa, não só não offendiam a Antonio, mas o obedeciam e revenciavam. Pois se nos dentes e peçonha das feras, se no poder e astucias de demonios não tem que temer Antonio, porque teme, e foge dos homens ? Porque os homens são mais feras que as feras, e mais demonios que os mesmos demonios. Os demonios não teem carne, nem sangue, porque são espiritos ; as feras não teem intendmento nem vontade, porque se governam por instincto ; e os homens são peiores demonios que os demonios, porque são demonios com carne e sangue : e são peiores feras que as feras, porque são feras com intendimento e vontade. Coisa admiravel é, que sujeitando Christo em um momento e com uma só palavra uma legião de seis mil e seistentos demonios, como lhe succedeu em Genezareth, a Judas com tantos beneficios, com tantos exemplos, com tantas exhortações, e com tantas ameaças, o não abrandasse, nem reduzisse em um anno inteiro ! Assim consta da chronologia evangelica, porque um anno antes de Judas consummar a traição, tinha o Senhor dito delle : *Ex vobis unus diabolus est* : (Joan. VI. — 71) Um de vós é demonio. Pois se Christo sujeitou tão facilmente a tantos mil demonios, ao demonio Judas porque o não pode reduzir ? Porque os outros demonios eram puramente espiritos, o demonio Judas era demonio com carne e sangue. Ajuntava-se em Judas o que S. Paulo distinguio, quando disse : *Non est nobis colluctatio adversus carnem, et sanguinem, sed adversus principes tenebrarum, contra spiritualia nequitia*. (Ephes. VI — 12) E para reduzir demonios com carne e sangue, nem bastam razões, nem bastam exemplos, nem bastam milagres, nem bastam ameaças e terrores, nem ha diligencia alguma humana, ou mais que humana, que baste. Por isso não bastaram todas estas diligencias juntas, tantas vezes repetidas, e por tanto tempo continuadas, para que Judas se reduzisse : nem bastou que o mesmo Christo lhe dêsse sua propria carne e seu proprio sangue, porque era demonio com carne e sangue.

Esta foi a razão por que o grande Antonio depois de vencedor de todos os outros demonios, não se quiz tomar com demonios de

carne e sangue : e para se não tomar com feras de intendmento, teve a mesma razão. Sendo assim que Deus desde o principio da criação deu logo a todas as feras as suas armas naturaes, e só ao homem creou desarmado ; comtudo, não só no estado da innocencia, senão também depois do diluvio, disse que o homem seria o terror das feras : *Terror vester, ac tremor sit super cuncta animalia terræ.* (Genes. IX — 2) Parece que antes as feras armadas haviam de ser terror do homem, e não o homem desarmado terror das feras. Porque diz logo o Auctor e Legislador da natureza, que todos os animaes, por bravos e feros que sejam, temerão e tremerão do homem ? Porque ao homem ainda que desarmado, deu-lhe intendimento, e ás feras armadas, não. E mais para temer é um homem desarmado, com intendimento, que todas as feras armadas, sem elle. Mas se o intendimento dos homens se passasse, e se unisse ás feras, ou a fereza das feras se unisse ao intendimento dos homens, estas feras com intendimento quem as poderia domar, ou quem escaparia dellas ? Uma e outra coisa advertiu excellentemente S. Lourenço Justiniano : *Deserta sunt castra Dei, et refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum valde secura* : (Laur. Just. l. 7 c. 8) Sabeis, diz o grande patriarcha (que como pastor deste gado o conhecia bem), sabeis o que são communmente os homens ? São umas feras intellectuaes umas feras como as outras, mas com intendimento : *Intellectualium bestiarum* : e o unico refugio que Deus deixou no mundo para escapar destas feras, não é outro mais que os desertos. E' verdade que esses mesmos desertos estão habitados das outras que vulgarmente se chamam feras, mas essas, ainda que sejam leões e tigres, reverenceiam, como no primeiro Adão a innocencia, e respeitam a santidade dos que vivem entre ellas : porém das feras intellectuaes, das feras que são feras com intendimento, e por isso com vontade, e má vontade, não ha outro remedio seguro, senão fugir, e fugir para os desertos. : *Deserta sunt refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum.* Muita razão teve logo o grande Antonio, posto que domador das feras do deserto, de não querer provar forças com as feras do povoado, nem arriscar-se a perder com as feras intellectuaes o que tinha ga-

nhado com as feras sem intendimento : e mais em Roma onde os homens de tal modo eram feros e intendidos, que por jogo e recreação lançavam os homens ás feras.

Mas aqui replicará alguém, ou replicarão todos, e com maior fundamento, que por isso mesmo devia Antonio vir a Roma. Vemha como pedra de David á cabeça do mundo e da idolatria, prégue livremente a fé de uma só divindade, confute a falsidade dos que ainda são chamados deuses immortaes : e se por esta causa o lançarem aos leões do amphitheatro, deixe-se comer vivo, e será e segundo Ignacio ; ou se os leões o respeitarem, como costumam, deixe-se cortar a cabeça, e será o segundo Baptista. Confesso que esta ultima instancia parece que tem difficultosa saida ; mas assim como foi prudencia em Constantino dissimular por então e não conquistar a idolatria com as armas, assim foi prudencia em Antonio não a impugnar com a prégação. E' doutrina expressa de Deus pelo propheta Amos, a qual como servia para aquelles tempos, póde tambem servir para outros : *Odio habuerunt corripientem in porta, et loquentem perfecte abominati sunt : Ideo prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est* : (Amos V — 10 e 13) Chegou a corrupção dos costumes a tal estado (diz o propheta) que os poderosos teem odio a quem reprehende suas injustiças, e abominam a quem lhes falla verdade : e nos taes casos o que deve fazer o prudente prégador, é calar, porque, ainda que a doutrina seja boa, o tempo é máu : *Prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est*. Prudentemente fez logo o grande Antonio em antepor o silencio do seu deserto á prégação da cabeça do mundo, porque no mundo não podia colher fructo para os outros, e no deserto podia fructificar para si. Em fim, fez Antonio então, como Christo hoje, que podendo prégar ás turbas fugiu dellas : *Fugit*.

IV.

Fugit in montem. Diz o evangelista, que fugiu o Senhor para o monte, e não diz qual fosse o monte para que fugiu. Mas até o fugir para monte sem nome, é circumstancia que acredita o

fugir. Fugiu como quem buscava o retiro, e não a fama : fugiu como quem queria que não soubessem delle, nem onde estava. Assim sepultou Deus a Moysés sem se saber jámais aonde ; e assim se deve enterrar e esconder quem toma o deserto por sepultura. E porque o nome de sepultura não faça horror aos vivos, nem os eccos do deserto aos que não sabem viver sós ; ainda teve maior mysterio o evangelista em não dizer o nome do monte. Tinha dito que era deserto, e por isso lhe callou o nome proprio, porque todas as prerogativas que fizeram celebrados os montes de grande nome, se encerram neste nome *deserto*. Ora vamos vendo estas mesmas prerogativas de monte em monte, e de deserto em deserto, para que lhe percamos o medo.

Appareceu Deus a Moysés no deserto de Madian, para que fosse libertado o povo do captiveiro do Egypto ; e porque elle difficultava a empreza, ó signal com que o Senhor o assegurou do successo della, foi que naquelle mesmo monte lhe faria sacrificio em acção de graças : *Cum eduxeris populam meum de Ægypto, immolabis Deo super montem istum*. (Exod. III — 12) Este monte era o monte Horeb, sito no mais interior daquelle deserto: *Cumque minasset gregem ad interiora deserti, venit ad montem Dei Horeb*. (Ibid. — 1) E que quer dizer Horeb? Horeb em hebreu é o mesmo que *desertum* : e neste monte que tinha por nome *deserto*, e se levantava no mais interior do deserto : *Ad interiora deserti* ; aqui é que os filhos de Israel deram as primeiras graças a Deus de se verem livres do captiveiro do Egypto, porque a primeira prerogativa de que gosam os que habitam o deserto, é livrarem-se do captiveiro do povoado. Ouvi um logar admiravel em confirmação desta figura. O psalmo setenta tem este titulo : *Psalmus David, filiorum Jonadab, et priorum captivorum* : Psalmo de David, o qual cantaram os filhos de Jonadab, que foram os primeiros captivos Os filhos de Jonadab, por outro nome, os Rechabitas, eram uns como monges ou anacoretas da lei velha, os quaes viviam solitarios nos ermos de Jerusalem. E o captiveiro de que aqui falla a escriptura, é aquelle com que sitiada a mesma Jerusalem, e conquistada pelos exercitos dos chaldeos, todos os hebreus que então estavam, foram levados ca-

ptivos a Babylonia. Isto supposto, entre agora a duvida, porque razão os filhos de Jonadab, que eram aquelles habitadores do ermo, se chamam os primeiros captivos: *Filiorum Jonadab, et priorum captivorum*? Por ventura foram os primeiros captivos, porque quando chegaram os exercitos dos chaldeos, como elles estavam retirados no deserto, foram os primeiros que vieram ás mãos dos inimigos? Não: porque os que governavam e defendiam a cidade de Jerusalem, tanto que tiveram novas do exercito dos chaldeos, a primeira diligencia que fizeram, foi obrigar aos mesmos eremitas que todos se retirassem dos seus desertos, e se viessem metter na cidade. Pois se rendida a mesma cidade, e com ella todo o reino, o captiveiro foi um só, e commum a todos, e todos juntamente foram levados a Babylonia; como diz a escriptura, que estes habitadores do deserto foram os primeiros captivos: *Priorum captivorum*? Dá a razão ou distincção S. Jeronymo, digna verdadeiramente da sua erudição e juiso: *Filii Jonadab, qui in tabernaculis semper habitabant, ad extremum propter irruptionem chaldaici exercitus Hierosolymam intrare compulsi, hanc primi captivitatem sustinuisse dicuntur, quod post solitudinis libertatem urbe quasi carcere sunt reclusi*: A razão (diz o doutor Maximo) porque naquelle captiveiro e transmigração geral os filhos de Jonadab se chamam os primeiros captivos, não foi porque os chaldeos os captivassem a elles primeiro que aos demais; mas porque sendo habitadores do deserto, os mesmos hebreus os obrigaram a se vir metter na cidade: e viam-se metter na cidade homens que eram costumados a viver nos desertos, este é o que para elles foi o primeiro captiveiro; porque nos desertos se tinham por livres, e no povoado por captivos. Os outros foram captivos, quando de Jerusalem os levaram para Babylonia, mas elles quando do seu deserto os trouxeram para Jerusalem, então começaram a padecer a sua Babylonia, e o seu captiveiro: *Quod post solitudinis libertatem urbe quasi carcere sunt reclusi*. Fallou S. Jeronymo como quem tão experimentado tinha a quietação do deserto, e as perturbações do povoado. Tinha gastado a vida alternadamente, já em Roma, e nas cidades da Grecia, já nos desertos da Thebaida e da Palestina: e assim

escrevendo a Rustico, dizia : *Mibi oppidum carcer est, solitudo paradisus* : para mim o povoado é carcere, e o deserto paraíso. Livrar-se pois de tal carcere, de tal Babilônia, e de tal captivo, esta é, como dizia, a primeira prerrogativa dos que se deliberam a deixar o povoado, e fugir com Christo ao monte : onde por isso, como Moysés, lhe devem offerecer sacrificios, e dar infinitas graças.

Do monte Horeb passemos ao monte Sinai, ambos desertos, e ambos no deserto. Coisa notavel, e muito digna de reparar é, que havendo Deus de escrever e dar lei aos homens, escolhesse para isso um monte no meio de um deserto, qual foi o monte Sinai nos desertos da Arabia. As leis não se fizeram para os montes, nem para os desertos, senão para o povoado, e para as cidades. Da cidade de Jerusalem disse o propheta que havia de sair a lei : *De Sion exhibit lex, et Verbum Domini de Hierusalem*. (Isai. II — 3) As partes de que se compunha a mesma lei, todas se ordenam a povo, a cidade, a congregação de homens. Porque na parte moral o segundo preceito da primeira taboa, e os sete da segunda, todos estão fundados na justiça e caridade do proximo, sem lesão, nem offensa do trato humano : a parte cerimonial, que pertencia ao culto divino, expiações, e sacrificios, também tinha todo o seu exercicio, não fóra, senão dentro da cidade ; porque o templo era um só, e na cidade de Jerusalem, e a elle havia de concorrer todo o povo tres vezes no anno : finalmente, a parte civil e forense no mesmo nome está dizendo cidade, comunidade, republica, tribunaes, juizes, partes. Pois se as leis se fizeram para os povos, porque as dá Deus no despovoado : se para as cidades e republicas, porque as dá em um monte, e no meio de um deserto ? Porque só nos montes e nos desertos, diz Philo Hebreu, estão os homens capazes de receber em suas almas, como convem, os preceitos e dictames da sabedoria divina : *Quod ad sacras leges recipiendas animus purificatus requiritur elutis maculis, quæ hærent ex miscellanæ turbæ in civitatibus degentis contagio ; id vero non est possibile aliter quam in deserto effecere* : Para receber e perceber a santidade e espirito das leis divinas, é necessario que os animos estejam puros, e sem mistura.

nem mancha dos affectos e cuidados terrenos, que os descompoem e alteram: e esta pureza, tranquillidade, e serenidade de animo, não a pode haver entre a perturbação e tumulto dos povos, e labyrintho das cidades, senão no retiro dos montes, e na quietação e silencio dos desertos. As leis de Deus são as regras da vida, os espelhos da alma, e as balanças da consciencia; e no meio dos embarços, encontros, e batalhas continuas do povoado, as regras perdem a rectidão, os espelhos a pureza, as balanças a igualdade, e tudo se descompõe e perturba; com que não é possível (diz Philo) que nem o que Deus manda se perceba, nem o que mal se percebe se guarde. E senão vede-o nas taboas da mesma lei. Em quanto estiveram no monte conservaram-se inteiras; tanto que Moysés chegou com ellas ao povo, logo se quebraram. E depois de quebradas que remedio houve para se reformarem? Não houve outro remedio senão tornar Moysés a Deus, e ao monte; porque só com Deus em um monte se guardam as suas leis sem se quebrar, e só com Deus em um monte se reformam depois de quebradas. Em fim, quando Deus deu a mesma lei, sendo lei universal para todos, em todos os preceitos della sempre fallou com um só: *Non occides, non mœchaberis, non furium facies*: (Exod. XX—13, 14 e 15) para que intendessemos que só os que vivem sós as veneram, só os que vivem sós as observam, só os que vivem sós colhem o fructo dellas. E estes são os que seguindo o nascimento das mesmas leis, do povoado se retiraram para o deserto, e das cidades para o monte: *In montem*.

Mas porque não pareça que só na lei antiga nos deu Deus este documento, venhamos á lei nova. Publicou Christo Senhor e reparador nosso, a lei nova, e mais propriamente sua; e onde a publicou? Tambem em um deserto, e em um monte: *Ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos*. (Matth. V—1 e 2) Era este monte, na sentença commum de todos os padres, o monte Thabor, alto sobre as campinas de Galilea trinta estadios, e distante da côrte de Jerusalem quarenta legoas, como descreve Egesippo; e neste monte, por todas as partes deserto, assentou o Mestre Di-

vino a sua cadeira : *Cum sedisset* : aqui ajuntou seus discipulos : *Accesserunt ad eum discipuli ejus* : e aqui lhes começou a lêr as primeiras lições de sua celestial doutrina : *Et aperiens os suum docebat eos*. Bem pudéra o Senhor escolher outro lugar no povoado, e ainda outro monte (como o de Sion no meio de Jerusaleem) para assentar nelle a sua escola ; mas elegeu este tão distante da mesma cidade, e tão apartado do mundo, para nos ensinar com o primeiro exemplo, que a escola da sabedoria do céu, é a vida solitaria, e do deserto. Assim o diz S. Pedro Damião, aquelle que pelo deserto trocou a Roma, e pelo saial a purpura : *Solitaria vita cœlestis doctrinæ schola est, et divinaram artium disciplina : illic enim Deus est totum, quod discitur* : A vida solitaria é a escola da doutrina do céu, e as artes que nella se professam todas são divinas, porque tudo o que alli se aprende é Deus : *Illic enim Deus est totum, quod discitur*. Oh quem levantara uma destas cadeiras, sem emulação, nem opposição, em todas as universidades do mundo ! Aqui se graduaram os já nomeados Antoninos e Arsenios, aqui os Paulos, os Hilariões, os Pacomios, e todos aquelles doutissimos idiotas laureados na eternidade, que, ou de ignorantes se fizeram sabios, ou de sabios ignorantes por Christo.

Os livros porque estudavam sem especulação, e mais com o esquecimento, que com a memoria, são aquelles tão approvados por S. Bernardo, e tão alheios de toda a inveja, como de toda a censura. Escrevia S. Bernardo a um desejoso de saber, a quem elle desejava fazer mais sabio, e diz assim : *Experto crêde, aliquid amplius invenies in sylvis, quam in libris*. Crêde-me como a experimentado, que mais haveis de aprender nos bosques, que nos livros. Que arvore ha em um bosque, ou mais alta, ou mais humilde, que não cresça sempre para o céu ? E se tanto anhelam ao céu as que teem raizes na terra ; que devem fazer as que não teem raizes ? As do povoado, e cultivadas, dependem da industria dos homens ; as do deserto, e sem cultura, dependem só do céu e de Deus, e nem por isso crescem ou duram menos. As que despe o inverno, ensinam a esperar pelo verão ; e as que veste e enriquece o verão, a não fiar da presente fortuna, porque

lhe ha de succeder o inverno. As que se dobram ao vento, ensinam a conservação propria; e as que antes querem quebrar que torcer, a rectidão e a constancia. Em fim, cada arvore é um livro, cada folha uma lição, cada flor um desengano, e cada fructo tres fructos: os verdes ainda não são, os maduros duram pouco, e os passados já foram. Esta é a escola muda do deserto, em que S. Bernardo estudou no seu valle: e esta a que Christo assentou no mesmo monte, onde disse a voz do céu: *Ipsium audite*. Mas deixemos o Thabor, e pãre o nosso discurso no Olivete.

O monte Olivete deshabitado de homens, e povoado só das arvores que lhe deram o nome, foi o lugar deserto d'onde Christo, e por onde, subiu ao céu, mostrando-nos com sua subida, que o caminho mais direito, e estrada mais segura, para nós tambem subirmos, é o deserto. Duas vezes viram os anjos subir para o céu a alma santa; mas d'onde e por onde subia? Uma e outra coisa é bem notavel. A primeira vez viram que subia pe'lo deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum?* (Cant. III — 6) E a segunda vez, que subia do deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto?* (Ibid. VIII — 5) Quem sóbe, aparta-se de um lugar, e sóbe por outro. Pois se esta alma subia do deserto para o céu: *Ascendit de deserto*: como subia pelo deserto: *Ascendit per desertum*? O deserto era o lugar d'onde subia, e o deserto tambem o lugar por onde subia? Sim, porque isso é ser o deserto monte Olivete. Christo em sua ascensão, primeiro subiu pelo monte acima, e depois subiu do monte: e este é o modo com que tambem se sóbe do deserto. Por isso os anjos primeiro viram, que a alma subia pelo deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum*: e depois viram que subia do deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto?* De sorte que o deserto é o d'onde e por onde se sobe ao céu. E se eu disser que não só é o d'onde, e o por onde, senão tambem o para onde, não direi coisa nova, posto que grande. Disse o mesmo Christo em uma parabola, que a certo pastor, o qual guardava cem ovelhas, se lhe perdera uma, e que para achar esta ovelha perdida, deixou as noventa e nove no deserto: *Nonne dimittite nonaginta novem in deserto*. (Luc. XV — 4) O Pastor é Christo, a ovelha perdida o homem,

as noventa e nove, os nove côros dos anjos, e o deserto o céu. Mas se esse mesmo céu o deixou o Senhor povoado com tantas jerarchias, e tantos côros de anjos, como lhe chama deserto? Porque fallava por comparação ás coisas da terra: e na terra não ha coisa que se pareça com o céu, e mereça o nome do céu, senão o deserto. Logo o deserto é o d'onde, o deserto o por onde, e o deserto o para onde sobe quem sobe ao céu.

E para que a este encarecimento da summa verdade ajuntemos outro ainda maior, digo, que se depois de um bemaventurado subir ao céu, lhe fôra licito descer de lá, por nenhum outro logar trocára o céu, senão por um deserto. Viu S. João no céu aquella famosa mulher vestida do sol: *Signum magnum apparuit in cælo, mulier amicta sole.* (Apoc. XII — 1) E viu que a esta mulher se lhe davam duas azas de aguia proporcionadas á sua grandeza: *Et datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ:* (Ibid. — 14) Mas para que? Esta mulher posta no céu, e vestida do sol, significa qualquer alma santa, illustrada já com o lume da gloria, e por isso bemaventurada. As azas de aguia, que não são proprias da natureza humana, significam algum privilegio particular e sobrenatural, que a esta mulher se concedeu: e supposto que já é bemaventurada, e está no céu, de que uso lhe podem ser as azas? O mesmo texto o diz: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret in desertum.* (Ibid.) Deram se-lhe duas azas de aguia grande, para que voasse ao deserto. Pois ao deserto ha de voar uma alma que já está no céu, e na bemaventurança? Sim. Porque nenhuma alma está no céu, por mais bemaventurada que seja, que, se tivesse licença e privilegio de Deus para deixar por algum tempo o céu, se não viesse de boa vontade metter em um deserto. O estado do céu excede á vida do deserto em lá se gosar a Deus com maior claridade; mas o deserto excede ao céu em cá se gosar a Deus com o merecimento, que lá não tem logar: e por isso sem aggravo, antes com lisonja do amor de Deus, se póde trocar o céu por um deserto. E como estas prerogativas do deserto excedem ás do monte Horeb, ás do monte Sinai, ás do monte Thabor, e do mesmo monte Olivete; grande razão teve o evangelista em callar o nome proprio

do monte onde o Senhor hoje se retirou : e por isso tendo já declarado que era deserto, se contentou com lhe chamar monte : *In montem.*

V

Ipse solus. Esta é a ultima clausula que só resta do nosso texto : e peza-me de chegarmos a ella tão tarde. Retirou-se o Senhor, ou fugiu para o monte, e retirou-se elle só : *Ipse solus.* Nesta palavra estão recopilados, ou feiamente pintados todos os horrores e medos da soledade. E quantos destes medrosos cobrindo o mesmo medo com apparencias de discretos, estarão allegando com Salomão, e dizendo com elle : *Væ soli :* (Eccl. IV — 10) Ai do só. Sentença foi esta daquelle rei sapientissimo ; e sem lhe perguntarmos a razão, elle a deu logo ; *Quia cum ceciderit, non habet sublevantem se :* (Ibid.) Ai do só ; porque quando cair não terá quem o levante. Mas não é necessario ser Salomão para refutar este inconveniente. Se o só não terá quem o levante, tambem não terá quem o derribe. E maior felicidade é carecer do perigo de quem me derribe, que haver mister o soccorro de quem me levante. Quanto mais que os que podem e costumam derribar, são os muitos, e os grandes, e os caídos, a quem estes derribam, mais facilmente acharão uma lisonja que lhes ponha o pé em cima, que uma amizade constante e valorosa, que se atreve a lhes dar a mão. Mas se lhes faltar a mão dos homens, não lhes faltará a de Deus : *Cum ceciderit, non collidetur, quia Dominus supponit manum suam :* disse melhor que Salomão seu pae David. (Psal. XXXVI — 24) Salomão doe-se do só, porque se cair não terá quem o levante ; e David dá-lhe o parabem, porque se cair Deus lhe porá a mão debaixo, para que nada lhe faça mal. Aquelle só achar-se-ha só, porque lhe faltaram os homens ; mas este só nunca estará só ; porque sempre terá comsigo e por si a Deus. Aquelle só, poderá cair, ainda que o não derribem : este só, por mais que o queiram derribar, nunca poderá cair ; porque quem cae sobre as mãos de Deus, a mesma queda o levanta : *Cum ceciderit, non collidetur, quia Dominus supponit manum suam.*

D'aqui se segue, que na soledade tomada por Deus, o só nunca está só. Está só, assim como Christo esteve só, quando hoje se retirou ao monte: *Ipse solus*. Prophetisando o mesmo Senhor aos discipulos, que todos haviam de fugir e o haviam de deixar, disse-lhes assim: *Venit hora, ut me solum relinquantis, et non sum solus*: (Joan. XVI — 32) Virá hora em que todos me haveis de deixar só, mas eu nunca estou só. E por que razão, quando todos deixam a Christo só, não está Christo só? Porque como Christo é Deus, e homem juntamente, nem em quanto Deus está só, porque está com o homem, nem em quanto homem está só, porque está com Deus: e isto que faz em Christo a união da pessoa, faz na soledade a união do lugar. O só na soledade nunca está só, porque Deus está com elle, e elle com Deus. Profundamente São João Chrysostomo. Sendo este facundissimo varão o mais eloquente de quantos escreveram, e tendo composto um livro inteiro em louvor da soledade, conclue o seu discurso com esta protestação: *Me etiam imparem tuæ laudis fateor, sed unum pro certo scio, ò vita benedicta, quod indubitanter affirmo*: Confesso, ó soledade bemdita, que eu, e tudo quanto tenho dito, é muito desigual a teu merecimento, e muito inferior a teus louvores; mas uma só coisa sei de ti, a qual affirmo constantemente. E que coisa é, ou será esta? *Quia quisquis in amoris tui desiderio perseverare studuerit, ipse quidem habitator est tui, sed ejus inhabitator est Deus*. O que affirmo indubitavelmente, diz Chrysostomo, é que todo aquelle que te habitar, ó soledade, será juntamente habitador e mais habitado: habitador, porque habitará em ti, e habitado, porque habitará nelle Deus: *Ipse quidem habitator est tui, sed ejus inhabitator est Deus*. E como Deus habita no solitario, porque o solitario habita na soledade, d'aqui se segue, que o mesmo solitario nunca está, nem póde estar só, porque mais é morar Deus nelle, que morar elle com Deus. Por isso dizia São Bernardo: *Nunquam minus solus, quam cum solus*: Nunca estou menos só, que quando estou só; porque quando não estou só, estou com os homens, e quando estou só, estou com Deus. E é demonstração evidente, que quem está com Deus, está menos só que quem está com os homens; porque a companhia

dos homens, ainda que sejam muitos, é limitada, e a companhia de Deus, ainda que seja um só, é immensa.

Oh se acabassem de entender os homens quanto perdem de si e de tudo em não saberem estar sós com Deus e comsigo! Em quando Adão esteve só, conservou-se no paraíso, na graça de Deus, e na monarchia do mundo : depois que esteve acompanhado, perdeu o paraíso, perdeu a graça, perdeu o imperio, perdeu-se a si, perdeu-nos a nós, perdeu tudo. E esta differença de Adão não só a não notou algum ermitão, ou anacoreta do deserto, senão um cortezão de Paris, o grande cancellario Gerson : *Adam tandin salvus mansit, quandiu solus*. Só saiu Jacob da casa de seus paes, e gloriava-se elle depois, que tendo passado o Jordão só com a companhia do seu cajado, quando da volta que fez para a patria o tornou o passar, era tão accrescentado de familia, que os filhos, criados, carros, cavallos e grossos rebanhos, formavam duas grandes esquadras : *In baculo meo transivi Jordanem istum et nunc cum duabus turmis regredior*. (Genes. XXXII — 10) Para bem vos sejam, Jacob todas essas boas fortunas, e todos esses grandes augmentos de casa e fazenda. Mas fazei-me graça de ajuntar com essa tão notavel differença, outra em que vós não reparaes, e eu sim. Quando viestes só, vistes a escada, mas agora quando ides tão acompanhado, não a vistes. Quando vos fazem corpo de guarda esses dois esquadrões, não ides seguro dos temores de Esaú : mas quando jazieis só com uma pedra por cabeceira, Deus e os anjos vos guardavam o somno. Só para os sós falta o terra ; mas só para os sós se abre o céu. Só estava Abrahão, e só Moysés, quando lhes appareceu Deus ; só estava Josué, só Gedeão, e só Elias, quando lhes acudiram os anjos ; só estava Isaias, quando viu o throno da magestade divina cercado de serafins ; e só Ezechiél, quando viu o carro triumphal de suas glorias. Só também São Pedro, quando lhe foi mostrado em um painel todo o mundo gentilico convertido, que descia, e se tornava a recolhêr ao céu ; e só finalmente João, o amado, quando se lhe abriram os sete sigillos do seu Apocalypse, e os mysterios secretissimos de todos os tempos futuros lhe foram só a elle revelados.

E porque não pareça, que ponho a felicidade da solidão em

revelações interiores, occultas aos sentidos humanos ; outras vi-
sões teem os solitarios manifestas, e que todos veem, sendo elles
porém mais ditosos que todos, porque as veem de longe, e em
lugar seguro. Nesta mesma occasião, em que Christo Senhor nosso
se retirou ao monte, os discipulos, que se tinham embarcado,
padeceram uma terrivel tempestade, na qual já desconfiados de
remedio, faltou pouco que o mar os não comesse : e no mesmo
tempo nota o evangelista, que o Senhor estava só em terra : *Et
ipse solus in terra.* (Marc. VI — 47) O mesmo succede a quem
vive só no seu deserto. Os outros, que andam no mar deste mundo,
lutam com os ventos e com as ondas : uns se perdem e se afogam,
outros se salvam mal a nado, e todos correm fortuna : e só o só
vê tudo isto de longe, porque está em terra : *Et ipse solus in
terra.* Arde o mundo em guerras, uns vencem, outros são ven-
cidos, combatem-se cidades, conquistam-se reinos, morrem os ho-
mens a milhares, e só o só, se lá lhe chegam os eccos, tudo isto
ouve sem temor, porque a sua paz é segura : *Et ipse solus in
terra.* Volta-se o mesmo mundo em perpetua roda, a uns der-
riba, a outros levanta ; uns crescem até ás nuvens, outros des-
cem até os abysmos, e só o só, que está fóra da jurisdicção da
fortuna, nem á prospera tem inveja, nem da adversa tem medo,
porque só o seu estado é incapaz de mudança : *Et ipse solus in
terra.* Por isso disse altamente S. Cypriano : *Una placida, et fida
tranquillitas, una sola, et perpetua securitas est, si quis ab in-
quietantis sæculi turbinibus extractus Deo suo mente proximus
quidquid apud cæteros in rebus humanis sublime, ac magnum
videtur intra suam jacere conseientiam, gloriatur :* Nesta vida
diz o santo) não ha mais que uma só tranquillidade fiel, e uma só
segurança perpetua : e esta só a gosa aquelle que apartado das
perturbações do mundo, sempre inquieto, e unido só a Deus :
quando olha para as coisas que os outros estimam e teem por
grandes, elle as vê todas debaixo de si : e como todas lhe ficam
abaixo, nenhuma o altera, nem lhe dá cuidado.

E para reduzir a breve compendio tudo o que os outros santos
disseram das excellencias da solidão, e felicidade sem igual dos
que a habitam : os que habitam a solidão são aquelles a quem

Deus escolheu de entre os outros homens, e os chamou e levou comsigo a viver só nos desertos, não porque elles não fossem dignos de illustrar o mundo; mas, como diz o Espirito Santo, porque o mundo não era digno de os ter a elles: *In solitudinibus errantes, quibus dignus non erat mundus.* (Hebr. XI — 38) E a solidão é aquella que não tendo semelhante na terra, só a tem na bemaventurança do céu, sendo tão parecidos reciprocamente uma com a outra, que a solidão só se póde retratar pela bemaventurança, como por seu original: e a bemaventurança só se póde ver na solidão, como em seu espelho. E assim acabo com aquella famosa exclamação, que todos quizera levasseis na memoria: *Ó beata solitudo: ó sola beatitudo!*

VI

Tenho dado fim ao meu discurso, largo para o tempo, mas muito breve e diminuto para o merecimento da causa. Vejo porém que não faltaria em todo elle quem estranhasse a materia como impropria do logar e do auditorio, e mais accommodada para os desertos do Bussaco, ou para as serras da Arrabida, que para a capella real e corte de Lisboa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do christianismo e das historias: como se não fossem as cortes catholicas em todas as idades as que mais illustramente povoaram os ermos, e por isso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo (ou no alto) deste pavimento, e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas, livres ainda daquellas cadêas que se não podem quebrar, as quaes, se trocassem a vaidade pela verdade, a corte pelo deserto, o paço pela clausura, as galas pelo cilicio, e o captiveiro do mundo pelo jugo suave de Christo, triumphando do mesmo mundo com a fé, e de si mesmos com o intendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida, mas tambem de que se não arrepender nesta.

Mas vindo em particular aos que por estado, profissão e officio teem para si que se não podem retirar do povoado e deixar o trato das gentes: saibam, que para satisfazer ás obrigações do

mesmo estado, da mesma profissão, e do mesmo officio, tambem elles devem alternar o exercicio com o retiro, e partir os dias e a vida com o deserto: não sempre (que isso é alternar) mas a seus tempos. Todas essas obrigações do estado e do officio, ou são ecclesiasticas, ou seculares; e nenhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como convem, ou no espiritual, ou no politico, se não fôr aprender na escola do deserto o modo justo e acertado com que as ha de exercitar.

Quanto aos ecclesiasticos, quem mais obrigado ás ovelhas que o pastor? E que pastores mais obrigados á conta que Deus lhes ha de pedir dellas, que os supremos? Mas estes se retirados ao deserto com Deus e comsigo, se não tomarem a si mesmos a mesma conta, nunca a darão boa. Que pastores mais zelosos e vigilantes que bispos e arcebispos, mais doutos e santos que um Chrysostomo em Constantinopla, um Bazilio em Cesarea, um Ambrosio em Milão, um Athanasio em Alexandria, um Agostinho em Hippona? E todos, se lêrdes as suas vidas, já os vereis na cadeia, já no deserto, já anacoretas, e sós, e já cercados de infinito povo, convertendo gentios, confutando hereges e aperfeiçoando christãos, e cultivando de tal modo as suas egrejas e dioceses, que as cazas pareciam religiões e as cidades paraísos. E donde nasciam estes effeitos tão maravilhosos, senão porque os mesmos prelados no deserto recebiam a luz e a graça, e na solidão o espirito e fervor com que no povoado acendiam as almas, arrancavam os vicios e plantavam as virtudes? Quando Saul foi a Ramá e perguntou por Samuel, responderam-lhe, que chegára a bom tempo, porque naquelle dia havia de vir á cidade a offerecer sacrificio. *Hodie enim venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso.* (1. Reg. IX — 12) E porque disseram que naquelle dia havia de vir á cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo, em tal forma tinha repartido os dias, que parte delles gastava com Deus no deserto, e parte com os homens na cidade. E nota São Gregorio papa, sobre as mesmas palavras, que nesta repartição do tempo a melhor e maior parte era a de estar só com Deus; porque tanto que tinha satisfeito a obrigação dos sacrificios e governo espiritual das almas, logo sem se deter um

momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto : *Quia raro videbatur in civitate, videlicet, tarde veniens, et cito recedens*. E se isto fazia Samuel, antes da vinda, antes da doutrina, e antes do exemplo de Christo ; vejam os successores do mesmo Christo o que devem fazer e o que pôdem.

No estado secular e politico parece que tem menos logar este retiro, pela frequencia e multidão dos negocios, e pela maior necessidade da assistencia das pessoas publicas em materias tantas e de tanto pezo, como as que ordinariamente occorrem no governo de uma monarchia. Assim o suppõe a politica humana, ou mais verdadeiramente gentilica, como se o acerto dos negocios, por muitos e grandes, necessitára menos da providencia de Deus, e á vista das coisas da terra, ou no claro ou no escuro, não dependêra toda das luzes do céu ! Rei era, e de populosissimo reino, David : gravissimos foram os pontos de estado, que em quarenta annos do seu reinado, assim no paiz como na guerra, assim dentro, como fóra de casa, lhe puzeram em perigo e contingencia a corôa : e aonde ia elle buscar a luz, e consultar as resoluções senão ao deserto ? Oíçamol-o de sua mesma boca : *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me : timor, et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebræ* : (Psal. LIV — 5 e 6) Oh quantas vezes, diz David, se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e temores mortaes que o faziam palpitar e tremer ; e sobre tudo cercado e coberto de escuridades sem o menor raio de luz que me mostrasse o caminho por onde escapar ? E neste tempo e nestas angustias, qual era o meu refugio ? *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine : expectabum eum, qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus, et tempestate* : (Ibid. — 8 e 9) O meu refugio e remedio nos taes casos não era outro senão fugir muito longe das cidades e metter-me na solidão dos desertos, e alli, só por só com Deus, esperar delle que me allumiasse, e me tirasse a salvamento daquellas tempestades, das quaes eu, como piloto areado, e com a náu quasi perdida, me não sabia nem podia livrar. E se isto fazia um coração tão animoso, e intrepido, e um juiso tão sabio, tão experimentado e tão prudente como o de David ; porque cuida-

rão os outros principes (e mais sobre a experiencia de muitos erros) que sem se retirar a seus tempos das côrtes, e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão elles por si, e por seus ministros, conseguir os acertos do bem publico, que talvez não sabem desejar, quanto mais conseguir?

E se me disserem que não ha tempo para esses tempos e para esses retiros, ninguém me negará que ha dias e semanas e mezes para outros retiros, para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das côrtes, senão muito longe dellas, sendo certo que o trabalho (chamado recreação) que se toma para cercar e ferir um javali, e morto o levar em triumpho, fôra mais bem empregado em montar outras feras que se tornam a trazer da caça tão vivas como se levam. Aos vicios coroados chamou a egreja *vitiolum monstra*; não vicios de qualquer modo, senão monstros: e a montaria destes monstros e tambem a altaneria delles é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Alli se quebram as azas á vaidade, alli se dá em terra com a soberba, alli se atalham os passos á cubiça, alli se cortam as mãos á vingança, alli cae em si a injustiça e a semrazão, alli morre e se desfaz, escumando, a ira e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio, ou se matam ou se afugentam ou se domam. No primeiro rei que houve no mundo, diz a escriptura: *Erat robustus venator coram Domino*: (Genes. X — 9) Que era valente caçador diante de Deus: e estas caçadas que se fazem diante de Deus, são as recreações que devem tomar os principes, e as valentias de que mais se devem prezar, pois são as verdadeiras valentias. E se no tempo que tomam para a caça, ausentando-se das côrtes, não temem perder a benção e o morgado, como o perdeu Esaú; muito menos devem temer esta perda, ou outro detrimento da monarchia, no tempo em que se retirarem a tractar com Deus, e receber delle a luz com que só a podem conservar e reger. Muitos reis na caça perderam desastradamente a vida; porém aquelle a que a escriptura, não sem mysterio, chamou caçador diante de Deus, não só reinou sessenta e sete annos, mas fundou uma nova monarchia, qde durou mil e duzentos, e se conservou mais que todas as que floreceram no mundo.

Em fim (para convencermos com o maior de todos os exemplos, assim o estado ecclesiastico como o politico) Christo redemptor e Senhor nosso, que juntamente era supremo Rei, e summo Sacerdote; não só nos tres annos, em que exercitou no mundo uma e outra dignidade repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto, mas neste mesmo dia em que com as obras provou que o era, e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu ás turbas e ao povo, e a outra parte ao deserto e ao monte: *Fugit in montem ipse solus.*

SERMÃO

DE

N. S. DE PENHA DE FRANÇA

NA SUA EGREJA E CONVENTO DA SAGRADA RELIGIÃO
DE SANTO AGOSTINHO.

**Pregado em Lisboa, no primeiro dia do triduo da
sua festa, com o Santissimo Sacramento
exposto, no anno de 1652.**

*Liber generationis Jesu Christi, filii David,
filii Abrahão. — Matth. I.*

I

Com digno pensamento, Senhor, de vossa divina sabedoria, e com bem merecida correspondencia de vosso amor, vemos juntos hoje (como antigamente os ajuntou Salomão) os dois thronos de ambas as Magestades : (3 Reg. II — 19) o de vossa santissima Mãe subido a essa penha, e o vosso descido a ella. Sobre uma penha diz Job, que havia de fabricar seu ninho a aguia; que moraria nas rochas mais altas, e inaccessiveis; e que d'alli contemplaria o corpo morto, para voar e se pôr com elle: *In ar-*

duis ponet uidum suum : in petris manet, et in accessis rupibus : inde contempla ur escam, et ubicumque fuerit, cadaver statim adest. (Job. XXIX—27, 28, 29 e 30) Que aguia, que penha, e que corpo morto é este, senão tudo o que estamos vendo? A aguia, Maria Santissima: a penha, Penha de França: o corpo morto, vosso corpo sacramentado, vivo, mas em fórma de morto. Esta aguia, como a viu Ezechiel, é a que vos tirou das entranhas do Eterno Padre, e vos trasladou ás suas (1). Ella é a que vestiu vossa divindade desse mesmo corpo: e elle o que reciprocamente com sua real presença vem honrar hoje, e divinisar a celebridade de sua Mãe, e fazer maior este grande dia.

Para que eu nos arcanos secretissimos desse mysterio, e nos que com igual secreto encerra o evangelho, possa descobrir os motivos de nossa obrigação e agradecimento, e para que de algum modo alcance a ponderar as mercês tão prodigiosas, e tão continuas, que em todas as partes da terra, do mar, e do mundo, deve Portugal a esse soberano propiciatorio debaixo do glorioso nome de Penha de França; por intercessão da mesma Senhora peço, e da mesma presença de vossa divina e humana Magestade espero aquellas assistencias de graça que para tão immenso assumpto me é necessario: *Ave Maria.*

II

Liber generationis Jesus Christi, Filii David, Filii Abraham. (Matth. I — 1) A primeira palavra que diz o evangelista, e a primeira coisa que me offerece o thema, é a primeira e a unica que me falta neste dia: *Liber*, o livro. Quando esta sagrada religião me fez a honra de que subisse hoje a este logar; quando me encomendou ou mandou que tomasse por minha conta este sermão; como a materia para todos é tão grande, e para mim sobre tão grande, era tão nova; para ter mais que por fama as noticias e documentos do que havia de dizer deste famosissimo santuario, pedi o livro da sua historia, e dos seus milagres. E que vos parece que me

(1) Ezech. XVII — 3. Prado Corn. et alii ibi.

responderiam? Esperava eu que me dissessem que eram tantos os volumes, que faziam uma livraria inteira. Responderam-me que não havia livro. Não ha livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França? Pois seja essa a materia do sermão, já que me não dão outra. Assim o disse, assim o venho cumprir. Os outros sermões estudam-se pelos livros: este será sermão sem livro, mas não sem estudo.

Se este caso succedera em outra parte, pudéra parecer descuido. Mas na religião do pae dos patriarchas, Santo Agostinho, tão pontual, tão advertida, tão observante, tão ordenada que ella foi a que deu ordem e regras a todas, ou quasi todas as religiões do mundo, claro está que não foi descuido. Se succedera em outra parte, pudéra parecer menos devação. Mas na religião do serafim da terra, Agostinho, que deixou por herança a seus filhos o coração abrazado que traz na mão, e entre o amor de Jesus e Maria, aquella piedosa indifferença: *Quo me vertam, nescio*; claro está que não foi falta de devação. Se succedera em outra parte; pudera parecer menos sufficiencia. Mas na religião da aguia dos doutores, Agostinho, de cujas azas tirou a egreja em todas as idades as mais bem cortadas pennas com que se illustra, as mais delgadas, com que se apura, e as mais doudas e copiosas, com que se dilata, claro está que não é insufficiencia. Pois se não é insufficiencia, senão é indevação, senão é descuido; porque razão não ha livro da historia e milagres de Penha de França, deste nome, deste templo, desta imagem, deste assombro do mundo, a que justamente podemos chamar o maior e mais publico theatro da omnipotencia? Sabeis porque? Porque do que não cabe em livros, não ha livro.

Toma por empreza S. Mattheus escrever a vida e acções de Christo, e escreve o seu evangelho: segue o mesmo exemplo S. Marcos, e escreve o seu. Chegaram ás mãos de S. Lucas estes dois evangelhos, e outros que naquelle tempo saíram, que a egreja não admittiu; e parecendo-lhe a S. Lucas que todos diziam pouco, resolve-se a fazer terceiro evangelho: e começa assim, fallando com Theophilo, a quem o dedicou: *Quoniam multi conati sunt ordinare narrationem, quæ in nobis, completæ sunt, rerum.* (Luc. I

— 1) Como se disséra : não vos espanteis, ó Theophilo, de que eu escreva evangelho, de que eu escreva a historia e maravilhas de Christo, depois de o haverem feito, quanto sabeis e tendes lido ; porque todos esses que escreveram, ainda que tantos e tanto ; não chegaram mais que a intentar : *Quoniam multi conati sunt.* Escreveu em fim o seu evangelho S. Lucas. Chegam todos os tres evangelhos ás mãos de S. João ; e parecendo-lhe, como verdadeiramente era, que lhes faltava muito por dizer, resolve o discipulo amado a escrever quarto evangelho. Assim o fez, e assentou a penna S. João ; porque esta foi a ultima obra sua ainda depois do Apocalypse. Mas que vos parece que lhe succederia a S. João, com o seu evangelho ? Leu-o depois de o haver escripto : e succedeu-lhe com o seu, o que lhe tinha succedido com os outros : pareceu-lhe que era muito pouco o que tinha dito, em comparação do infinito que lhe ficára por dizer. Torna a tomar a penna, e accrescenta no fim do seu evangelho estas duas regras : *Sunt et alia multa, quæ fecit Jesus, quæ si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt libros :* (Joan. XXI — 25) Saibam todos os que lerem este livro, que nelle não estão escriptas todas as obras e maravilhas de Christo, nem a menor parte dellas ; porque se todas se houveram de escrever, nem em todo o mundo couberam os livros. Pergunto agora : Em que disse mais S. João, nestas duas ultimas regras, ou em todo o seu evangelho ? Parece a pergunta temeraria. Ao menos nenhum expositor levantou atégora tal questão. Mas responde tacita e admiravelmente a ella, aquelle que entre todos os expositores, na minha opinião, é singular, o doutissimo Maldonado : *Quod dum dicit, et se excusat, et res Christi magis quodammodo, quam si eas perscripisset, amplificat.* Muito mais disse S. João só nestas duas regras ultimas, do que disse em todo o livro do seu evangelho, e do que disséra em muitos outros seus, se os escrevêra. Notavel resolução ! É possível que disse mais S. João nestas duas regras, que em todo o seu evangelho, e em um mundo inteiro de livros, quando os tivera escripto ? Sim. Porque em todo esse evangelho, e em todos esses livros, escrevêra S. João as maravilhas de Christo : nestas duas regras confessou que se não po-

diam escrever. E muito maior louvor e encarecimento é das coisas grandes confessar que se não podem escrever, que escrevel-as. O que se escreve, ainda que seja muito, cabe na penna; o que se não póde escrever, é maior que tudo o que cabe nella. O que se escreve, tem numero e fim; o que se não póde escrever, confessa-se por innumeravel e infinito. Muito mais disse logo S. João no que não escreveu, que no que escreveu. No que escreveu disse muitas maravilhas de Christo, mas não disse todas; no que não escreveu, disse todas, porque mostrou que eram tantas, que se não podiam escrever. No que escreveu venceu aos tres evangelistas, porque disse muito mais que todos elles; no que não escreveu, venceu-se a si mesmo, porque disse muito mais do que tinha escripto,

D'aqui se intenderá uma duvida do texto de Ezechiel, em que muitos teem reparado; mas a meu ver, ainda não está entendida. Viu Ezechiel aquelle mysterioso carro, por que tiravam quatro animaes: um homem, um leão, uma aguia, e um boi. Todos estes quatro animaes tinham azas; mas a aguia, diz o texto, que voava sobre todos quatro: *Desuper ipsorum quatuor*. (Ezech. I — 10) Difficultosa proposição! Se disséra que a aguia voava sobre todos os outros tres animaes, claro estava, e assim havia de ser naturalmente; porque as azas nos outros eram postigas, e a aguia nascera com ellas. Vede vós agora um boi com azas, como havia de voar? Mas porque muitas vezes a aguia e o boi andam no mesmo jugo, por isso o carro faz tão pouco caminho. As azas no leão e no homem (ainda que vemos voar tanto a tantos homens) vem a ser quasi o mesmo. De maneira que voar a aguia sobre os outros tres animaes não é maravilha. Mas dizer o propheta que voava sobre todos quatro, sendo a aguia um delles, como póde ser? A nossa razão nos descobriu este grande mysterio. Estes animaes (como dizem conformemente todos os doutores) eram os quatro evangelistas: as azas eram as pennas com que escreveram: a aguia era S. João. E diz o propheta, que a aguia voava, não só sobre os outros tres, senão sobre todos quatro: *De super ipsorum quatuor*, porque assim foi. Quando S. João escreveu o seu evangelho, voou sobre os tres evangelistas,

porque disse muito mais que elles ; mas quando no fim do seu evangelho accrescentou aquellas duas regras, em que disse que as maravilhas de Christo não se podiam escrever, voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo, e disse muito mais do que tinha dito. De maneira que muito mais voou aquella aguia, quando encolheu as pennas, que quando as estendeu. Quando estendeu as pennas para escrever as coisas de Christo, voou sobre os tres evangelistas : quando encolheu as pennas, confessando que se não podiam escrever, voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo : *De super ipsorum quatuor*. Passemos agora de uma aguia a outra aguia, em sentido tambem litteral, porque assim como S. João é a aguia entre os evangelistas, assim Santo Agostinho é a aguia entre os doutores.

Se as pennas de Santo Agostinho se estenderam, se as pennas de Santo Agostinho se applicaram a escrever a historia e milagres de Penha de França : muito disseram como ellas costumam. Mas encolhendo-so essas pennas, e confessando que as maravilhas deste prodigio do mundo são tão grandes, que se não podem escrever, não ha duvida que dizem muito mais : *Dum se excusat, magis res Mariæ, quam si eas perscripsisset, amplificat*. Nas materias grandes, o atrever-se a escrever, é engrandecer a penna ; não se atrever a escrever, é engrandecer a materia. Se as pennas da aguia Agostinho se atreveram a uma empresa tão grande, como reduzir a escriptura o numero sem numero das maravilhas desta Senhora, ficaram mui engrandecidas as pennas ; mas não se atrevendo a emprehender tal assumpto, e confessando-se desiguas para tão grande empresa, fica mais engrandecida a Senhora. Aquella Mulher vestida do sol, e coroada de estrellas, que viu S. João no Apocalypse, diz o texto, que lhe deram as azas de uma aguia grande para voar : *Data sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret*. (Apoc. XII — 14) Que mulher é a vestida de sol, e coroad de estrellas, senão a Virgem Santissima ? E que azas são as da grande aguia, senão as pennas, os escriptores de Santo Agostinho ? Nas outras occasiões dão-se a esta Senhora as pennas daquella aguia, para voar muito ; nesta occasião negam-se-lhe as pennas, para voar mais. E assim é : muito mais voa a

grandeza desta Senhora, encolhendo-se estas pennas, e não se atrevendo a escrever suas maravilhas, que se todas se empregaram a escrever : *Quam si eas perscripsisset*. Este foi o generoso pensamento, e a discretissima advertencia, com que se não escreveu livro da historia e milagres de Penha de França, sendo mais eloquente, e mais elegante o silencio, do que a escriptura em muitos livros.

III

A razão porque não é necessario que haja livro, direi agora ; e é tão clara e manifesta que ella por si mesma se está inculcando. O fim para que os homens inventaram os livros, foi para conservar a memoria das coisas passadas contra a tyrannia do tempo, e contra o esquecimento dos homens, que ainda é maior tyrannia. Por isso Gilberto chamou aos livros, reparadores da memoria ; e S. Maximo, medicina do esquecimento : *Scriptura memoria reparatrix est, oblivionis medicamentum*. (1) E como os livros foram inventados para conservadores das coisas passadas, por isso os milagres de Penha de França não hão mister livros, porque são milagres que não passam. Esta é uma excellencia com que a Virgem Maria quiz singularisar os privilegios desta sua casa, sobre todas as que tem milagrosas no mundo, e sobre todas as que tem nesta cidade. Deixemos as do mundo, porque fôra discurso mui dilatado : vamos ás de Lisboa. Foi milagrosa em Lisboa a casa de Nossa Senhora da Natividade ; mas passaram os milagres da Natividade : foi milagrosa a casa de Nossa Senhora do Amparo ; mas passaram os milagres do Amparo. Foi milagrosa a casa de Nossa Senhora do Desterro ; mas passaram os milagres do Desterro. Foi milagrosa a casa da Senhora da Luz ; mas passaram os milagres da Luz. Só a casa de Nossa Senhora de Penha de França foi milagrosa, e é milagrosa, e ha de ser milagrosa, porque os seus milagres nunca passam ; e as coisas que não passam, nem acabam ; as coisas que permanecem

(1) Gilb. serm. 47 in Cant. S. Maxim in præf. ad Mistagog. Ecclesiast.

sempre, não hão mister livros. Duas leis fez Deus neste mundo : uma foi a lei de Moysés, outra a de Christo. A lei de Moysés escreveu-se, que por isso se chama a lei escripta : a lei de Christo não se escreveu. E porque não ? A lei de Christo não é lei mais pura, não é lei mais santa, não é lei mais estimada e amada de Deus, que a lei de Moysés ? Sim. Pois se se escreve a lei de Moysés, a lei de Christo porque se não escreve ? Porque a lei de Moysés, era lei que havia de passar ; a lei de Christo, era lei que havia de permanecer para sempre : e as coisas que passam, essas são as que se escrevem : as que permanecem não hão mister que se escrevam. Escrevam-se os milagres da Natividade, escrevam-se os da Luz, escrevam-se os do Amparo e do Desterro, para que lhes não acabe o tempo as memorias, assim como os acabou a elles. Os milagres de Penha de França não hão mister a fé das escripturas, porque elles são a fé de si mesmos. Quem quizer saber os milagres de Penha de França, não é necessario que os vá lêr no papel, venha-os vêr com os olhos. Esta casa não é milagrosa por papeis : não é necessario que se passem certidões, onde os milagres não passam. Os rios sempre estão a passar, e nunca passam. Assim são os milagres da Penha de França : um rio de milagres.

Quereis vêr este rio, e esta penha ? Ponde-vos nos desertos do Egypto com os filhos de Israel caminhando para a terra de promissão. Perecendo alli de sede aquelle numeroso exercito, mandou Deus a Moysés que dissesse a uma penha que dêsse agua : *Loquimini ad petram*. (Num. XX — 8) Excedeu Moysés o mandamento ; deu com a vara na penha : mas pagou o excesso tão rigorosamente, que o castigou Deus com que não entrasse na terra de promissão. Para a penha soccorrer milagrosamente a necessidade do povo, basta dizer-lh'o : *Loquere*. Não quer Deus que se cuide que o milagre é da vara ; quer que se saiba que o milagre e o beneficio é da penha. E assim foi. Sáfua a agua milagrosa com tanta abundancia, e com tal continuação, que diz S. Paulo : *Bibebant de conseqüente eos petra* : (1 Cor. X — 4) que bebiam da penha que os ia seguindo. E como os ia seguindo a penha ? Não os seguia movendo-se do lugar onde estava ; mas seguia-os

com um rio milagroso, que della manava, e ia acompanhando o povo e o sarava de todas as enfermidades : *Non erat infirmus in tributis eorum.* (Psal. CIV — 37) Na penha brotava a fonte perenne, e da fonte manava perennemente o rio que corria e soccorria a todos. E accrescentou logo S. Paulo, que tudo isto era figura do que depois havia de succeder : e bem o vêmos. Naquelle altar está a penha trasplantada de França a Castella, e de Castella a Portugal : daquella penha sãe a fonte, que é a imagem milagrosa da virgem Maria, e daquella fonte nasce o rio de seus milagres e beneficios, que não parando, nem podendo parar, corre perennemente, e acode a todas as necessidades do mundo. Assim o disse S. João Damasceno fallando desta Senhora : *Petra, quæ sitientibus vitam tribuit* : Penha que a todos os que teem sede, dá vida : *Fons universo orbi medicinam asserens* : Fonte que é medicina universal para todas as enfermidades do mundo. A mesma Senhora a tinha já dito e promettido de si no capitulo oitavo dos Proverbios : *Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino* : (Prov. VIII — 36) Aquelle que me buscar, achar-me-ha, e aquelle que me achar, achará a vida e beberá a saude. Não diz que receberá a saude, senão que a beberá, porque beberá do rio dos milagres, e da fonte da saude, que sãe desta penha.

Mas vejo que me dizem os mais versados nas escripturas, que os milagres daquella antiga penha não só se escreveram em um livro, senão em muitos, e pelas tres pennas mais illustres de ambos os Testamentos, Moysés, David, S. Paulo. Pois assim como a historia e milagres da penha de Israel se escreveram em tão multiplicados livros, não seria justo tambem que se escrevesse a historia e milagres da penha de França ? Não. Porque vae muito de penha a penha, de rio a rio, e de milagres a milagres. Alli a penha desfez-se, o rio seccou-se e os milagres cessaram ; e onde o tempo acaba as coisas, é bem que as perpetue a memoria dos livros. Na nossa Penha de França não passa assim. A Penha é sempre a mesma, o rio sempre corre, os milagres nunca param. E milagres sobre que não tem jurisdicção o tempo, não hão mister remedios contra o tempo, elles são a sua propria escriptura, elles os annos, elles os diarios de si mesmos.

Creou Deus, distinguio e ornou esta formosa machina do universo em espaço de sete dias. E é admiravel a pontualidade e exacção com que Moysés, dia por dia, escreveu as creaturas e obras de cada um: *Divisit lucem a tenebris: et factum est dies unus. Fiat firmamentum in medio aquarum: et factum est dies secundus. Germinet terra herbam virentem: et factum est dies tertius:* (Gen. I — 4 e seg.) E assim dos mais. De maneira que fez Moysés um diario exactissimo de todas as obras da creação. As obras de conservação, isto é, da providencia, com que Deus conserva e governa o universo, em nada são inferiores ás da creação, nem no poder, nem na sabedoria, nem na magestade e grandeza. Pois se Moysés escreveu as obras da creação, e compoz um diario tão diligente de todas ellas; porque razão, nem elle, nem outro escriptor sagrado escreveu as obras da conservação, havendo nestas tanto concurso de causas, e tanta variedade de effeitos, tanta contrariedade com tanta harmonia, tanta mudança com tanta estabilidade, tanta confusão com tanta ordem, e tantas outras circumstancias de sabedoria, de poder, de providencia, tão novas e tão admiraveis? A razão é, porque as obras da creação pararam e cessaram ao setimo dia: *Requievit die septimo, et cessavit ab universo opere quod patrarat.* (Ibid. II — 2) Pelo contrario, as obras da conservação continuaram sempre desde o principio, continuam e hão de continuar até ao fim do mundo: *Pater meus usque modo operatur. et ego operor.* (Joan. V — 17) E as obras que passaram e pararam, era bem que se escrevesse historia e ainda diario dellas; porém as obras que não acabam, que perseveram, que continuam, e se vão succedendo sempre, não necessitam de historia, nem de memoria, nem de escriptura, porque ellas são uma perpetua historia, e um continuado diario de si mesmas. Que bem o disse David! *Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum. Dies diei eructat verbum:* (Psal. XVIII — 2) Essa revolução dos céus, esse curso dos planetas, essa ordem do firmamento, que outra coisa fazem continuamente, senão annunciar ao mundo as obras maravilhosas de Deus? E que coisa são os mesmos dias, que se vão succedendo, senão uns historiadores mudos, e uns chronistas diligentissimos

dessas mesmas obras, que não por annaes, senão por diários perpetuos as estão publicando : *Dies diei eructat verbum* ? Taes são as maravilhas de Penha de França. Se passaram e cessaram, e houvera algum sabbado como aquelle da creação, em que constasse que tinham parado, então seria bem que se escrevessem ; mas como não param, nem cessam (como aqui se vê, e consta todos os sabbados, em que se resumem os milagres daquella semana) não é necessario que se escrevam, nem se historiem, porque a sua historia é a mesma continuação, e os seus diários os mesmos dias : *Dies diei eructat verbum* : os milagres de hoje são o instrumento authenticos dos milagres de hontem, e os milagres de amanhã dos milagres de hoje ; e assim como se vão succedendo os dias, se vão tambem testemunhando uns aos outros, lendo a vista sem escriptura, o que na escriptura havia de crer a memoria. Os gregos em um dos seus hymnos, com elogio singular, chamaram á Virgem Maria, diário da divina omnipotencia : *Diarium unicum Domini creaturæ* (1) : Diário unico do Senhor das creaturas. Mas em nenhum lugar, em nenhum throno de quantos esta Senhora tem no mundo, se pôde insculpir com mais razão este titulo, que no pé daquella Penha. Diário, porque as suas maravilhas são de cada dia : unico, porque só nellas não tem jurisdicção o tempo.

Qual vos parece que é o maior milagre de Penha de França ? É não ter jurisdicção o tempo sobre os seus milagres. Não ha poder maior no mundo, que o do tempo : tudo sujeita, tudo muda, tudo acaba. Não só tem poder o tempo sobre a natureza ; mas até sobre as coisas sobrenaturaes tem poder, que é o que mais me admira. Os milagres são coisas sobrenaturaes, e não lhes val o ser superiores á natureza, para não serem sujeitos ao tempo. Grandes milagres foram os da serpente do deserto ; todos os enfermos de qualquer enfermidade que olhavam para ella, saravam logo. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a serpente. Grandes milagres foram os da vara de Moysés : ella foi o instrumento com que se obraram todos os prodigios do Egypto contra Pharaó. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a vara.

(1) Apud Theophilum Rayn.

Grandes foram os milagres da capa de Elias : em virtude della sustentava Eliseo os vivos, sarava os enfermos e resuscitava os mortos. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a capa. Grandes milagres foram os da arca do Testamento : diante della tornavam atraz os rios, caíam os muros, despedaçavam-se os idolos, e morriam subitamente os que se lhe atreviam. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a arca: Finalmente, foram grandes, e maiores que grandes, os milagres da primitiva egreja, em que todos os que se baptisavam, fallavam todas as linguas, curavam de todas as enfermidades, lançavam os demonios, domavam as serpentes, e bebiam sem lesão os venenos. Passou o tempo, cresceu a egreja, e como já não eram necesarios para fundar a fé, cessaram aquelles milagres. De sorte que sobre todos os milagres teve jurisdicção, o tempo. E que só sobre os milagres de Penha de França não tenha jurisdicção? Grande milagre! Os outros acabam com o tempo : os milagres de Penha de França crescem com o tempo. O maior encarecimento do tempo, é que tem poder até sobre as penhas : o maior louvor daquella Penha, é que tem poder até sobre o tempo. E se os livros são remedio contra o tempo, quem não é sujeito ás leis do tempo não ha mister livros.

IV

Estas são as razões que se me offereceram de não haver livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França, e de não ser necessario que o houvesse, supposta a resposta que me deram, de que o não havia. Mas, com licença vossa e de todos, eu não o supponho, nem o intendo assim; senão muito pelo contrario. Digo que não só ha livro, senão livros da historia e milagres desta casa. E qual é o livro, e quaes são os livros? Agora o ouvi-reis : dae-me attenção. O primeiro livro de Penha de França é o evangelho que alli se leu : *Liber generationis Jesu Christi, Filii David, Filii Abraham*. (Math. I — 1) Pois o livro da geração de Jesus Christo, Filho de David e Filho de Abrahão, é o livro da historia e milagres de Penha de França? Sim. Todo este evangelho de S. Mattheus desde a primeira até à ultima palavra está

cheio daquella variedade e multidão de nomes que ouvistes — Abrahão, Isac, Jacob, Jessè, David, Salomão, etc. Commentando estes nomes diz S. João Chrysostomo estas palavras: *Causa quidem, et ratione, providentiaque Dei, posita sunt hæc nomina: qua autem causa, et ratione posita sint, vere ipsi scierunt, qui posuerunt, et Deus cujus providentia ponebantur. Nos vero, quid intelligere possumus in nominibus ipsis, hoc loquimur*: Todos aquelles nomes foram escriptos neste evangelho com grande causa e grande mysterio; mas qual seja a causa, e qual o mysterio, só o sabem aquelles que os escreveram, e Deus por cuja providencia foram mandados escrever. Nós os interpretamos conforme o que podemos entender. Isto diz S. João Chrysostomo, e o mesmo diz Santo Anselmo, e outros padres. De maneira que cada nome deste evangelho tem duas significações, uma historial, e outra mystica. A significação historial significa pessoas: a significação mystica significa coisas. As pessoas que se significam na significação historial são os progenitores da Virgem Maria: as coisas que se significam na significação, mystica, são as graças da mesma Senhora. Os progenitores dizem o que a Senhora recebeu dos homens, que é o sangue e nobreza dos patriarchas: as graças dizem o que os homens recebem da Senhora, que são os favores e beneficios com que enche a todo o genero humano. De sorte que ditou o Espirito Santo este primeiro capitulo de S. Mattheus com tal mysterio e artificio, que, lido por fóra, quanto aos nomes, é livro de gerações de paes e avós: *Liber generationis*: construido por dentro, quanto ás significações, é livro de graças, de favores, de beneficios, de remedios.

Admiravelmente o disse a mesma Senhora naquellas palavras do Ecclesiastico, que a egreja lhe applica: *In me est omnis gratia viæ, et virtutis: venite ad me omnes, qui concupiscitis me, et a generationibus meis implemini*: (Eccles. XXIV — 26) Em mim ha todas as graças e todas as virtudes; vinde a mim todos os que as desejaes, e encher-vos-hei de minhas gerações. Notaveis palavras, e muito mais notavel a consequencia dellas! Em mim ha todas as graças; vinde a mim, e encher-vos-hei de minhas gerações! Que consequencia é esta? Muito grande á vista deste li-

vro. Diz que se encham de suas gerações todos os que desejam suas graças, porque as suas graças estão depositadas dentro das suas gerações. As gerações da Senhora são todos os seus progenitores, que se contam neste livro; *Liber generationis*. (Matth. I — 2) Abrahão é uma geração: *Abraham genuit Isac*. Isac é outra geração: *Isac genuit Jacob*. E assim dos mais. E como debaixo de cada geração destas, e de cada nome destes progenitores se contém uma particular graça, e uma particular virtude com que a mesma Senhora nos occorre e remedeia; por isso diz altissimamente, que todos os que desejam suas graças, se venham encher de suas gerações: *In me est omnis gratia; venite ad me, et a generationibus meis implemini*. A glossa interlineal explicou o modo como isto é, com uma comparação de grande propriedade: *Hic liber est apotheca grátiarum, in quo omnis anima, quidquid necesse habet, inveniet*: Sabeis como é este livro (diz a glossa) é como uma botica de remedios sobrenaturaes, onde todos os homens acham tudo o de que teem necessidade para seus males. A comparação pudéra ser mais levantada, mas não póde ser mais propria. Que é o que tem uma botica por fóra e por dentro? Por fóra não apparecem mais que uns titulos de nomes gregos e arabicos; e por dentro debaixo delles estão os remedios com que se curam todas as enfermidades. O mesmo passa neste *Liber generationis* de S. Mattheus. Por fóra não se vê mais que estes nomes de patriarchas, uns hebraicos, outros syriacos; mas por dentro debaixo delles está a sua significação, que contém os remedios miraculosos com que a Senhora acode a todos os males do genero humano. Ora ide comigo, e vereis toda a historia e millogres de Penha de França, escriptos neste livro.

Caistes enfermo em uma cama; experimentastes os remedios da arte sem proveito; soccorrestes-vos á Virgem de Penha de França: fizeste-lhe um voto; e no mesmo ponto vos achastes com perfeita saude? Que foi isto? Foi milagre daquella Senhora: lêde-o no livro de seus milagres: *Genuit Josiam. Josias, id est, salus Domini*: (Matth. I — 10) Saude dada por Deus foi a enfermidade que padecestes mortal: desconfiaram-vos os medicos; recebestes os ultimos sacramentos; não fizestes vós oração á Vir-

gem de Penha de Fransa, porque já não podieis, mas fizeram-na os que vos assistiam, e vos sustentavam a candeia na mão : subitamente melhorastes, tornastes da morte á vida, e pendurastes alli a vossa mortalha. Que foi isto ? Foi milagre daquella Senhora ; lêde-o escripto no livro dos seus milagres : *Genuit Eliacim. Eliacim, il est, Dei resurrectio* : (Ibid. — 13) Resurreição obrada por Deus. Estaveis todo entrevado, com os membros tolhidos e entorpecidos ; não vos podieis mover, nem dar um passo : mandastes-vos trazer em hombros alheios a esta casa : pedistes com grande confiança á Virgem de Penha de França, que usasse com-vosco de suas misericordias : no mesmo ponto tornastes para vossa casa por vossos pés, e pendurastes em memoria as vossas moletas. Que foi isto ? Foi milagre daquella Senhora ; lêde-o escripto no livro : *Genuit Ezechiam. Ezechias, il est, confortatio Domini* : (Ibid. — 9) Confortação do Senhor. Fez-vos Deus mercê de vos dar abundancia de bens com que sustentar uma casa muito honrada ; mas não vos deu filhos com que a perpetuar. Viestes a Nossa Senhora de Penha de França, fizestes uma novena, e acabados os nove dias de vossa devação, não tardaram os nove mezes que não tivesseis successor para vossa casa. Que foi isto ? Foi milagre daquella Senhora ; lede-o escripto no livro : *Filii Abraham : Abraham, id est, pater multarum gentium* : (Ibid. — 4) Pae de muita descendencia. Havendo muitos annos que sendo casada, viveis como viuva, e vossos filhos como orphãos, porque o pae fez uma viagem para as conquistas, e nunca mais houve novas delle : tomastes por devação vir os sabbados á Penha de França, ou rezar o rosario em vossa casa (que ás vezes é a devação mais segura), e quando menos o esperaveis, vedes entrar o pae dos vossos orphãos pela porta dentro. Que foi isto ? Milagre daquella Senhora ; lêde-o escripto no livro : *Genuit Abiam. Abias, id est, pater veniens hic* : (Ibid. — 7) este é o pae que veio. Caistes em pobreza, vistes-vos com trabalhos e misérias, e com a casa cheia de obrigações, e de boccas a que matar a fome : não houve diligencia que não fizesseis : não houve industria que não experimentasseis, todas sem proveito. Acolhestes-vos por ultima esperança á sombra desta casa, que cobre e sustenta a tantos po-

bres ; e sem saber d'onde, nem por onde, achastes-vos com remédio, e com descanso. Que foi isto ? Milagre daquelle Senhora ; lede-o escripto no livro : *Genuit Naasson. Naasson, refectio ei requies Domini* : (Ibid. — 4) Refeição e descanso dado por Deus. Fostes tão desgraçado, que vos foi necessario pleitear para viver : quizeram-vos tirar a vossa fazenda, com demandas, com calumnias, com falsos testemunhos e violencias : andastes tantos annos arrastado por tribunaes, cada vez a vossa justiça mais escura, e vós mais desesperado : appellastes finalmente para o tribunal de Penha de França, e fez-vos Deus a justiça que nos homens não achaveis. Que foi isto ? Foi milagre daquelle Senhora ; lede-o escripto no livro : *Genuit Josaphat, Josaphat, id est, Deus judex* : (Ibid. — 8) Deus feito juiz por vós. Ereis um moço louco e cego : andaveis enredado nos labyrinthos do amor prophano, que vos prendiam o alvedrio, que vos destruiam a vida, e vos levavam ao inferno : vivieis sem lembrança da morte, nem da honra, nem da salvação : oh, valha-ue Deus, quantos milagres eram necesarios para vos arrancar daquelle miseravel estado ? Era necessario apartar, porque a occasião era proxima, era necessario esquecer, porque a lembrança era contínua : era necessario ver ; porque os olhos estsvam cegos : era necessario aborrecer, porque o appetite estava entregue : era necessario confessar, porque a consciencia estava perdida : era necessario perseverar, porque a recaida não fosse mais arriscada. Todos estes milagres havieis mister, que todos são necesarios a quem vive em semelhante estado, e por isso sáem delle tão poucos. Em fim, fizestes-vos devoto da Virgem de Penha de França, offereceste-lhe um coração todo de cera, e todo de marmore, que tal era o vosso : de marmore para com Deus, de cera para com o mundo. E quando vós mesmo cuidaveis que seria impossivel haver nunca mudança em vós, achastes que o marmore se abrandou, que a cera se endureceu, e que o vosso coração se trocou totalmente. Que foi isto ? Foram milagres daquelle Senhora ; lede-os todos no livro de seus milagres. Era necessario apartar ? *Genuit Phares. Phares, id est, divisio* : Apartamento. Era necessario esquecer ? *Genuit Manassen. Manasses, id est, oblivio* : Esquecimento. Era necessario ver ? *Genuit*

Obel ex Ruth. Rnth, id est videns : O que vê. Era necessario aborrecer? *Genuit Zaram de Thamar. Thamar, id est, Amaritudo* : Aborrecimento. Era necessario confessar? *Genuit Judam. Judas, id est, confessio* : Confissão. Era necessario perseverar? *Genuit Achas. Aehas, id est, firmamentum Domini* : Firmeza dada por Deus.

Finalmente, todos os milagres que a Senhora faz (que são todos os que pede a necessidade e o desejo) todos estão escriptos naquelle seu livro. Andaveis affligido e angustiado; acudistes á Virgem de Penha de França, e achastes refrigerio e allivio: *Jessê : Refrigerium*. Andaveis triste e desconsolado; puzestes o vosso coração nas mãos da Virgem de Penha de França, e tornastes com consolação e alegria? *Isac : Risus*. Andaveis confuso, sem vos saber resolver; recorrestes á Virgem de Penha de França; e livrou-vos da confusão? *Zorobabel : Alienus à confusione*. Andaveis em guerra e dissensões; tomastes por medianeira a Virgem de Penha de França, e poz-vos em paz? *Salomon : Pacificus*. Tinheis inimigos, e não sabieis de quem vos havieis de guardar; tomastes uma carta de seguro da devação da Virgem de Penha de França, e prevenistes todos os perigos? *Hesron : Jaculim videns*. Sois tentado, chamastes pela Virgem de Penha de França em vossas tentações, e deu-vos fortaleza para luctar animosamente contra o demonio? *Jacob : Luctator*, Sois soldado, pedistes soccorro á Virgem de Penha de França no conflicto; e deu-vos valor com que vencer ao inimigo? *Booz : Prævalens*. Sois conselheiro: recorrestes á Virgem de Penha de França, e deu-vos luz e prudencia para acertar? *Salmon : Omnia discernens*. Sois mercador, encommendastes as vossas encommendas á Virgem de Penha de França, e recebestes o retorno com grandes augmentos? *Joseph : Augmentam*. Sois mareante, chamastes pela Virgem de Penha de França nas tempestades, e reconheceram as ondas a virtude daquelle sagrado nome? *Maria : Domina maris*. Em fim, que o primeiro livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França é o nosso evangelho: *Liber generationis*.

V.

O segundo livro desta historia e milagres, qual vos parece que será ? Tambem o não havemos de ir buscar fóra de casa. E' o Santissimo Sacramento do altar. Bem dizia eu logo que os milagres desta casa não só teem livro, senão livros. Apareceu ao propheta Ezechiel um braço com um livro na mão, e disse-lhe uma voz : *Comede volumen istud* : (Ezech. III — 1) Ezechiel, come este livro. Abriu a bocca Ezechiel, comeu o livro, e succedeu-lhe uma coisa notavel. Porque quando o tomou na bocca, sentiu um sabor, depois que o levou para baixo experimentou outro. Admiravel livro ! Admiravel manjar, que nem parece manjar, nem livro ! Livro não ; porque os livros não se comem, e este comia-se. Manjar não ; porque o manjar tem um só sabor, e esse na bocca : e este tiuha dois sabores ; um exterior, quando se tomou na bocca ; e outro interior, quando se passou ao peito. Pois manjar que tem dois sabores : manjar que se come com a bocca, e com o coração ; manjar que sabe de uma maneira aos sentidos, e de outra ao interior da alma ; que manjar é, nem póde ser este, senão o Santissimo Sacramento ? Por isso o propheta quando lhe disseram que o comesse, não o comeu, commungou-o : não o tomou primeiro com a mão, como se faz ao que se come ; mas abriu a bocca com grande reverencia, e recebeu-o. A cerimonia, o modo, e os effeitos, tudo é de sacramento, não se póde negar. Mas a figura não o parece : *Comede volumen istud*. Que tem que vêr o livro com o sacramento ? Agora o vereis. O livro é a mais perfeita imagem de seu auctor ; tão perfeita que não se distingue delle, nem tem outro nome : o livro visto por fóra não mostra nada ; por dentro está cheia de misterios : o livro se se imprimem muitos volumes, tanto tem um, como todos, e não teem mais todos que um : o livro está juntamente em Roma, na India, e em Lisboa, e é o mesmo : o livro, sendo o mesmo para todos, uns percebem delle muito, outros pouco, outros nada ; cada um conforme a sua capacidade : o livro é um mudo que falla ; um surdo que responde ; um cego que guia ; um morto que vive ; e não tendo acção em si mesmo, move os animos, e causa grandes

effeitos. Quem ha que não reconheça em todas estas propriedades o Santissimo Sacramento do altar? Livro é, e livro com grande propriedade: *Comede volumen istud*.

Mas de que materia tracta este livro? Disse o propheta David bem claramente: *Memoriam fecit mirabilium suorum, misericors, et miserator Dominus: escam dedit timentibus se*. (Psal. CX — 4, 5) Sabeis que livro é este soberano manjar, que Deus dá aos que o temem? É o livro das memorias dos milagres da misericordia de Deus. E quaes são os milagres da misericordia de Deus, pergunto eu agora, senão os que se obram nesta casa? Que logar ha no mundo, onde Deus se mostre mais misericordioso, e onde sua misericordia seja mais milagrosa que neste? Alli estão os milagres e as misericordias fechadas: aqui estão os milagres e as misericordias patentos. Que cuidaes que é a casa de Penha de França com as suas maravilhas? E' o sacramento com as cortinas corridas. Se Deus correra as cortinas áquelle mysterio, e nos abrisse aquelle livro divino, haviamos de ler alli o que aqui vemos. Alli estão os milagres de Penha de França encobertos; aqui estão os milagres do Sacramento desencerrados. Alli as paredes cobrem os milagres; aqui os milagres cobrem as paredes. Os milagres e inscripções de que estas paredes ordinariamente estão armadas, que imaginaes que são? São as folhas daquelle livro desencadernadas. Viu S. João no Apocalypse um livro, que não se achou nunca quem o pudesse abrir no mundo, até que o abriu Christo. (Apoc. V — 1) Assim esteve fechado tantos centos de annos aquelle livro do divinissimo Sacramento, até que o abriu a Virgem de Penha de França. O que alli se le, é o que aqui se vê: o que alli crêmos, é o que aqui experimentamos. Nas outras egrejas é o Sacramento mysterio da fé: aqui é desengano dos sentidos. Se os sentidos aqui vêem tantos milagres; que muito é que a fé crêa alli tantos milagres? Cante-se nas outras egrejas: *Præstet fides supplementum sensuum defectui*. Supra a fé o defeito dos sentidos. Em Penha de França cante-se ao contrario: *Præstet sensus supplementum fidei defectui*. Supram os sentidos o defeito da fé, se por ventura o houvesse. Se os sentidos vêem os milagres; porque os ha de duvidar a fé, e ainda a infidelidade?

O milagre em que mais tropeça e se embarça a infidelidade no divino Sacramento é, sendo Christo um, estar em tão diferentes logares. E quantos olhos ha no mundo, que pôdem testemunhar de vista este milagre na Senhora de Penha de França! Vêdes entrar por aquella porta um homem carregado de grilhões e de cadeias, e leval-as ao pé daquelle altar; e se lhe perguntaes a causa, diz que estando nas masmorras de Argel, ou Tituão, lhe appareceu aquella mesma Senhora de Penha de França, a que se encommendava, e que em signal da liberdade que lhe deu, lhe vem offerêr as mesmas cadeias. Vereis entrar por aquella porta o indiatico, e offerecer ricos ornamentos a este templo, porque pelejando na India contra os Achens, ou contra os Rumes, invocou a Virgem de Penha de França, que sendo vista diante do nosso exercito pelos mesmos inimigos, as suas balas nos caíram aos pés, e as suas settas se convertiam contra elles. Vereis entrar por aquella porta uma procissão de homens descalços, com aspecto mais de resuscitados, que de vivos, e dir-vos-hão, que se veem prostrar por terra diante daquelle Senhora, porque vendo-se comidos do mar, chamaram pela Virgem de Penha de França, e logo a viram no ar entre as suas antennas, e cessou n'um momento a tempestade. De maneira que a Senhora de Penha de França, como se debaixo dos accidentes deste glorioso nome se sacramentára tambem por amor de nós, sendo uma só, está em Lisboa, está em Argel, está na India, está em todas as partes do mar e da terra, onde a invocamos. Vem-me ao pensamento neste passo, que as palavras da invocação, ou tem, ou participam a mesma virtude das palavras da consagração. A virtude das palavras da consagração é tão poderosa, que em se pronunciando as palavras, logo Christo alli está presente. Tal é a virtude das palavras da invocação. Ouvi a Isaias: *Invocabis, et Dominus exau-diet: clamabis, et dicet: Ecce adsum*: (Isai. LVIII — 9) Invo-car-me-heis, e chamareis por mim, e no mesmo ponto serei pre-sente. Assim o faz a Virgem piedosissima a todos os que a invo-cam em todas as partes do mundo. Christo presente em toda a parte pelas palavras com que o sacerdote consagra a hostia: Ma-ria presente em toda a parte pelas palavras, com que o necessi-

tado a invoca. S. Gregorio Thaumaturgo, chamou a esta Senhora, *Omnium miraculorum officina*: Officina de todos os milagres. E como estes dois livros de milagres foram impressos na mesma officina, não é muito que sejam semelhantes nos mesmos caracteres. Só com esta differença, por não dizer vantagem, que no sacramento está a officina e o livro cerrado; em Penha de França está a officina e o livro aberto: excedendo nesta parte ao livro gerado o livro da Geração: *Liber generationis*.

VI.

Ora, senhores, já que estamos na casa dos milagres, e no dia em que a Senhora de Penha de França deve estar mais liberal que nunca de seus favores e misericórdias, o que importa e o que Deus e a mesma Senhora quer, é que nenhum de nós hoje se vá desta igreja sem o seu milagre. Nenhum de nós ha tão perfeitamente são, que não tenha alguma enfermidade, e muitas, de que sarar. Quantos estão hoje nesta igreja, mancos e aleijados? Quantos cegos, quantos surdos, quantos entrevados, e, o peor de tudo, quantos mortos? Quereis saber quem são os mancos? Ouvi a Elias: *Usquequo claudicatis in duas partes?* (3. Reg. XVIII — 21) Até quando, povo errado, has de manquejar para duas partes, adorando juntamente a Deus e mais a Baal? Quantos ha debaixo do nome de christãos, que dobram um joelho a Deus, e outro ao idolo? Perguntae-o a vossas torpes adorações. Os que fazem isto são os mancos. Quereis saber quaes são os cegos? Não são aquelles que não vêem: são aquelles que vendo e tendo os olhos abertos, obram como se não viram: *Excæca cor populi hujus* (diz Isaias) *ut videntes non videant.* (I sai. VI — 10) Vêmos que todo este mundo é vaidade; que a vida é um sonho; que tudo passa, que tudo acaba, e que nós havemos de acabar primeiro que tudo, e vivemos como se foramos immortaes, ou não houvera eternidade. Quereis saber quem são os surdos? São aquelles de quem disse David: *Aures habent, et non audient*: (Psal. CXIII — 6) Terão ouvidos, e não ouvirão. Não ouvir por não ter ouvidos, não é grande miseria; mas ter ouvidos para não ouvir, é a mior

enfermidade de todas. Nenhuma coisa me desconsola e está desconsolando tanto, como ver-me ouvir. O que vai ao intendmento, ouvil-o com grande attenção e satisfação, e com maior applauso do que merece : o que vai á vontade e mais importa, ou não lhe daes ouvidos, ou vos não soa bem nelles. Quanto temo que é evidente signal da reprobção ! *Propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis.* (Joan. VIII — 47) Estes são os surdos. Quereis finalmente saber quem são os mortos ? São aquelles de quem disse S. João : *Nomen habes, quod vivas, et mortuus es :* (Apoc. III — 1) e aquelles de quem disse Christo : *Sinite mortuos sepelire mortuos suos.* (Matth. VIII — 22) Os mortos são todos aquelles que estão em peccado mortal. Haverá algum morto, ou alguma morta nesta agreja ? Ainda mal, porque tantos e tantas. Vêde quanto peor morte é o peccado, que a mesma morte. Os homens temos tres vidas : vida corporal, vida espiritual, vida eterna. A morte tira somente a vida corporal : o peccado tira a vida espiritual, tira a vida eterna, e tambem tira a corporal, porque do peccado nasceu a morte : *Per peccatum mors.* (Rom. V — 12) Todas as mortes quantas ha, quantas houve, e quantas ha de haver, foram causadas de um só peccado de Adão : e não bastando todas para o pagar, foi necessario que o mesmo Deus morresse para satisfazer por elle. A morte mata o corpo, que é mortal : o peccado mata a alma, que é immortal ; e morte que mata o immortal, vêde que morte será ! Os estragos que faz a morte no corpo, consume-os em poucos dias a terra : os estragos que faz o peccado na alma, não basta uma eternidade para os consumir o fogo. E sendo sobre todo o excesso de comparação tanto mais para temer a morte da alma, que a morte do corpo, e tanto mais para amar e para estimar a vida espiritual e eterna, que a vida temporal, em que lê e em que juizo cabe, que pela vida e saúde do corpo se façam tão extraordinarios extremos, e que da vida e saúde da alma se faça tão pouco caso ?

Verdadeiramente, senhores, que quando considero no que aqui estamos vendo, não ha coisa para mim no mundo tão temerosa, como o mesmo concurso e devação desta casa, e ainda os mesmos milagres della. Oh se ouvirmos os brados que nos estão dando

à consciencia estas paredes! Queixam-se de nós com Deus, o queixam-se de nós comosco; e cada voto, cada milagre dos que aqui se veem pendurados, é um brado, é um pregão do céu contra o nosso descuido. E' possível (estão bradando estas paredes) é possível que faz tantos milagres Deus por nos dar a saúde e vida temporal, e que os homens não queiram fazer o que Deus lhes manda, sendo tão facil, para alcançar a saúde espiritual e a vida eterna? E' possível que esteja Deus empenhando toda a sua omnipotencia em vos dar a vida do corpo, e vós que estaes empregando todas as vossas potencias em perder a vida da alma? Dizei-me, em que empregaes a vossa memoria? Em que empregaes o vosso entendimento? Em que empregaes a vossa vontade, e todos os vossos sentidos, senão em coisas que vos apartam da salvação? E' possível (tornam a bradar contra nós estas paredes, e a argumentar-nos a nós comosco mesmos) é possível que havemos de fazer tanto pela saúde e pela vida temporal, e que pela saúde da alma e pela vida eterna não queremos fazer coisa alguma? Se adoeceis, se estaes em perigo, tanto acudir aquelles altares, tantos votos, tantas missas, tantas romarias, tantas novenas, tantas promessas, tantas offerias: gaste-se o que se gastar, perca-se o que se perder, empenhe-se o que se empenhar; e pela saúde da alma, pela vida eterna, como se tal coisa não houvera, nem se crêra? Vede o que diz Santo Agostinho: *Si tantum, ut aliquanto plus vivatur, quanto magis, ut sempre vivatur?* Se tanto se faz para viver um pouco mais, quanto mais se deve fazer para viver sempre? Pois desenganae-vos, que por mais que não façaes caso da outra vida, ella ha de durar eternamente, e por mais que façaes tanto caso desta vida, ella ha de acabar, e em mui poucos dias. Uma vez escapareis da morte, e pendurareis a mortalha em Penha de França, mas alfim ha de vir dia em que a morte vos não ha de perdoar, e em que vós não pendurareis a mortalha, mas ella vos leve á sepultura. Lazaro resuscitou uma vez, valeu-lhe Maria, mas depois morreu alfim como os demais.

O que importa é tractar daquella vida que ha de durar para sempre, e procurar sarar a alma, se está enferma, e sobre tudo resuscital-a, se está morta. Christo para resuscitar escolheu uma

sepultura aberta em uma penha : *In monumento, quod erat excisum in petra* : (Marc. XV — 46) e resuscitou ao terceiro dia. Tudo aqui temos : a penha, os tres dias, e o Resuscitador : *Ego sum resurrectio, et vita*. (Joan. XI — 25) Já que a alma está morta, sepulte-se naquella penha, para que resuscite. O' alma infelizmente morta, e felizmente sepultada : se alli sepultares de uma vez, e para sempre tudo o que te mata, tu resuscitarás, e resuscitarás se quizeres neste mesmo momento. Que felicidade a nossa, e que gloria daquella Senhora, e de seu sacramentado Filho, se todos os que hoje entraram em Penha de França mortos, saíssem resuscitados ! Não ama ao Filho, nem é verdadeiro devoto da Mãe, quem assim o não fizer. Não guardemos o resuscitar para o terceiro dia, nem para o segundo, que não sabemos o dia, nem a hora. Christo resuscitou ao terceiro dia para provar a verdade da sua morte : os mortos que então resuscitaram, resuscitaram logo, e no primeiro momento dos tres dias, para provar a efficacia da virtude de Christo. Não é esta a materia em que se hajam de perder momentos, porque pôde ser que seja esta a ultima inspiração, e este aquelle ultimo momento de que pende a eternidade. Oíçam estas vozes do céu, os que hoje aqui vieram surdos : abram os olhos, e vejam seu perigo, os que vieram cegos : tornem por outro caminho, e com outros passos, os que vieram mancos : e todos levem vivas e resuscitadas as almas que trouxeram mortas, deixando em Penha de França por memoria deste dia cada um a sua mortalha. Estes são os mais gloriosos tropheos com que se podem ornar estas miraculosas paredes. E' este o FINIS de maior louvor de Deus, e de sua Mãe, com que devemos cerrar um e outro livro, pois é o fim que só nos ha de levar á vida sem fim.

SERMÃO

DO

SABBADO ANTES DA DOMINGA DE RAMOS.

**Prégado na egreja de Nossa Senhora do Desterro,
na Bahia, no anno de 1634.**

Cogitaverunt principes sacerdotum ut et Lazarum interficerent, quia multi propter illum abibant ex Judæis, et credebant in Jesum. In crastinum autem turba multa, quæ venerat ad diem festum, cum audissent quia venit Jesus Jerosolymam, acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei. — Joan. XII.

I

O thema é grande, mas o sermão será pequeno. São as palavras do evangelista S. João aos doze capitulos de sua historia sagrada; querem dizer: fizeram consulta os principes dos sacerdotes. Quando logo encontrei com este principio, fiz esta consideração. Consulta, os principes dos sacerdotes! Sem duvida que sairão della grandes bens á republica: é gente ecclesiastica, e pelo consequente douta e santa, que se póde esperar de uma consulta sua, senão coizas de grande gloria de Deus, e grandes bens dos

homens ? Assim o imaginava eu, mas enganei-me. Contra Deus, e contra os homens sim. O que saiu da consulta, foi, que em todo o caso morresse Christo, como no dia d'antes se tinha decretado, isso quer dizer aquelle *et, ut et Lazarum*, como interpretam os doutores ; e não só que dêssem a morte a Christo, senão que também tirassem a vida a Lazaro, a quem o Senhor pouco antes tinha resuscitado : *Ut et Lazarum interficerent*. Ha juisos mais apaixonados ? Ha sentença mais enorme ? Ora oicamos as causas que allegam, e admirar-nos-hemos muito mais. Morra, dizem, Christo, porque faz milagres, porque dá saude a enfermos e vida a mortos, porque é amado, porque é estimado, porque é seguido : e morra Lazaro, porque sendo resuscitado por virtude de Christo, é causa de o amarem, de o estimarem, de o seguirem : *Quia multi propter illum abibant ex Judæis, et credebant in Jesum*. (Joan. XII — 11) Honrado crime ! Tudo isto passou como hoje : *In crastinum autem* : (Ibid. — 12) porém ao outro dia, diz o evangelista, que entrou o Principe da gloria a cavallo por Jerusalem triumphando (dentro porém dos limites de sua modestia e humildade) servindo-lhe de pomposo acompanhamento a multidão infinita do povo, que com palmas e acclamações, devoto o seguia : *Turba multu, quæ venerat ad diem festum, acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei*. (Ibid. — 12 e 13) Até aqui a letra do nosso thema. O que temos que ver é uma causa crime, sentenciada, appellada, revogada. Do primeiro tribunal saíram culpados os innocentes: do segundo saíram condemnados os juizes. Pouco disto parece que está no thema, mas tudo tiraremos delle. Não o mostro logo, por não gastar dois tempos. Peçamos a graça.

II

Dizia Platão, que os que julgam ou governam, era bem que dormissem sobre as resoluções que tomassem. Parecia-lhe ao grande philosopho que o juiso consultado com os travesseiros, era força que saísse mais repousado. Assim aconteceu aos nossos juizes do evangelho, os principes dos sacerdotes : dormiram sobre a resolução que hontem tomaram, de tirar a vida a Christo ; porém

hoje accordaram em conselho com um conselho tão desaccordado, como foi confirmarem uma sentença a mais injusta, a mais barbara, a mais sacrilega, que nunca se deu, nem ha de dar no mundo. Perguntára eu a suas senhorias dos principes dos sacerdotes: E bem, senhores, fazer milagres, resuscitar mortos, ser estimado, ser querido, que culpa é, ou contra que lei? No Exodo, no Levitico, no Deuteronomio, que são os canones por onde vos governaes, não ha texto que tal prohiba: pois ignorancia? Seria affronta de um tribunal tão auctorisado, querer presumir-a nelle. Deu a razão de tudo Eutimio em duas palavras: *Itaque tota res est invidia*. O caso é que tudo neste caso é inveja. Pois já me não espanto que achassem os principes dos sacerdotes na mesma bondade crimes, na mesma innocencia culpas, no mesmo Christo peccados, porque nos tribunaes, ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as obras, ou boas qualidades, são crimes.

Estava Saul um dia muito melancolisado e triste, desejou que lhe buscassem algum bom musico, não sei se para se alegrar, se para se entristecer mais. Acudiu logo um dos cortezãos que o assistiam, dizendo que não podia sua magestade achar outro como David, porque além de grande musico, era mancebo muito valente, de grande intelligencia nas materias de guerra, cortezão, avisado, gentil-homem, e sobre tudo, muito virtuoso e temente a Deus: *Vidi filium Isai scientem psallere, et fortissimum robore, et virum bellicosum, et prudentem in verbis, et virum pulchrum et Dominus est cum eo*: (1. Reg. XVI — 18) Ha mais panegyrico que este? Parece-me que estão dizendo todos os que o ouviram, que é grande coisa ter um amigo em palacio, e que este o devia ser mui verdadeiro de David, pois sabia fazer tão bons officios para com elle diante d'el-rei. Tal é o mundo, que muitas vezes parecem finezas de amisade, o que são odios refinadissimos. Dizem os doutores hebreos, como refere Nicoláu de Lyra, que este cortezão que aqui fallou, era Doeg, capital inimigo de David. Capital inimigo de David, e gasta tanta rethorica em seus louvores? Capital inimigo de David, e de um fundamento tão leve, como ser musico, toma occasião para fazer um aranzel tão

largo de suas grandezas? Sim. Descobriu-lhe a tenção delicadamente um expositor grave portuguez e de nossa companhia: *Sciebat Saulem esse invidum, et alienis laudibus incredibiliter cruciari: laudat igitur Davidem apud Saulem, ut Saul invidia stimulis agitatus interficiat Davidem.* Sabia Doeg que era Saul grande emulo de David, que o invejava muito, e como no juizo dos invejosos os merecimentos são culpas, e as excellentes qualidades delictos, louvou e engrandeceu a David diante de Saul, para que Saul, como fez, dêsse sentença de morte contra David. Disse que era prudente, guerreiro, esforçado, gentil-homem, virtuoso e dotado de tantas outras boas partes: e quem bem entendesse toda esta ladainha de encomios e louvores, bem podia dizer por David: *Orate pro eo.* Eram capitulos que contra elle se apresentavam ao rei, não menos que de lesa magestade. Pareciam louvores, e eram acusações: pareciam abõnos, e eram calumnias. Calumniado o innocente na sua virtude, e acusado o benemerito nas suas boas obras, sem que á innocencia se lhe desse defeza, nem ao merecimento lhe valessem embargos, porque era o juiz a inveja.

Que bem o intendeu assim o mesmo David! Dê-nos a confirmação quem nos deu a prova. Passou-se o perseguido mancebo para a cõrte de Achis, rei e reino contrario ao de Saul, e que por isso parecia seguro. Hia só, desconhecido e disfarçado, mas como evava por companhia a sua fama, e esta nunca sabe guardar silencio, começou a correr logo pela cõrte, que era chegado o valente de Israel, o matador do Golias, aquelle a quem as damas de Jerusalem compuzeram a letra que então andava muita valida: *Percussit Saul mille. David decem millia.* (1. Reg. XXI — 11) Coisa maravilhosa a que se segue! Tanto que chegou aos ouvidos de David o que passava, diz a escriptura que começou a receiar muito apparecer diante de Achis: *Posui David sermones istos in corde suo, et extimuit valde a facie Achis regis:* (Ibid. — 12) e a ultima resolução que tomou, foi fugir d'olli e ir-se metter em uma cova: *Fugit autem inde in speluncam adollam.* (Ibid. XX — 1) Pois David, que resolução é esta vossa? Que quer dizer irdes-vos fazer ermitão de um deserto, quando vos vêdes tão acerditado em uma cõrte? Quando vos vêdes com tanta

fama diante do rei, para que fugis de sua presença? Intendia-o como prudente, obrava como experimentado. São os louvores no tribunal da inveja accusações; e porque David se viu tão louvado, homiziou-se. O vêr-se louvado, era vêr-se accusado; o vêr suas grandezas referidas, era vêr as suas culpas provadas; teve logo muita razão de se homiziar, e fugir tanto de si, como de seus emulos. Os satrapas e primeiros ministros de Achis eram mui picados de inveja contra os hebreus: e como havia de escapar delles e viver na mesma côrte David, cirminoso das suas victorias, réo da sua fama? Se se dissera de David, que era um falsario, um perjuro, um adúltero, um homicida, um roubador do alheio, e outras baixeiras, se as ha ainda maiores, passára David na côrte, e entrára muito confiado no palacio do rei, porque alli teem estes serviços premio, ou quando menos, passam sem castigo: porém dizendo-se delle tantas virtudes, tantas grandezas, tantas excellencias, andou como prudente em se homiziar, em fugir, porque todas essas excellencias e grandezas eram crimes contra a pessoa e privados de Achis, e delictos sem perdão contra as leis da inveja. Considero eu, que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da lei de Deus. Os mandamentos da lei de Deus dizem: Não matarás, não furtarás, não alevantarás falso testemunho: os mandamentos da lei da inveja dizem não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem dispostos, tambem dizem, não serás bom prégador: e se acaso Deus vos fez mercê que sobesseis pôr os pés por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada, que fosseis discreto, generoso, ou rico, ou honrado, no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. Por estas culpas esteve tão arriscado David, por estas foi hoje condemnado seu Filho Christo, que assim lhe chamaram as turbas no evangelho: *Hosanna Filio David*. Era grande prégador, fazia muitos milagres, dava saude a enfermos, resuscitava mortos, e como estas excellencias, ou estas culpas, estavam provadas com os applausos, com as acclamações, com o amor e seguimento dos povos; *multi abibant ex Judæis, et credebant in Jesum*. Confirmou-se o primeiro decreto, e saiu a segunda sentença,

que morra Christo : *Ut et Lazarum, id est, ut Christum, et Lazarum interficiant.*

III.

Bem está, ou mal está : porém Lazaro porque o condemnam ? Não lhe neguemos sua defesa natural. Se o condemnam, como dizem, porque o resuscitou Christo ; que culpa é ser um homem resuscitado ? Tão longe esteve de culpa neste caso, que nem a teve em acto, nem em potencia ; nem a teve nem a pôde ter. Curou Christo um moço cego de seu nascimento, e perguntaram os discipulos, cuidando que excitavam uma questão de grande habilitade : *Domine, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur ?* (Joan. IX — 2) Senhor, por cujos peccados nasceu este moço cego, pelos seus, ou pelos de seus paes ? Riem-se muito desta pergunta os expositores, e em particular Theophilato, porque se o moço nascêra cego por seus peccados, seguir-se-hia que peccára antes de nascer : e que maior disparate pôde dizer-se, ou imaginar, que ter um homem peccados antes de ter ser : ser peccador antes de ser homem ? Não menos innocente que isto estava Lazaro. Estava morto, quando Christo o resuscitou, e por beneficio do não ser estava impeccavel. Assim que podemos dizer d'elle neste caso, o que de Eurialo disse seu grande amigo Niso : *Nihil iste nec ausus, nec potuit.* Nem teve culpa, nem a pôde ter : innocente em acto, e em potencia. Mas com ser assim, são tão linceos os olhos da inveja, que nestes impossiveis de peccado descobriram e acharam culpas dignas de morte : *Ut et Lazarum interficerent.* E porque ? *Quia* (eis aqui a culpa) *quia multi propter illum credebant in Jesum.* Porque muitos por causa ou por occasião d'elle criam em Jesus.

Fizeram conselho sobre José seus irmãos : saiu d'elle que morresse ; e quasi com as mesmas palavras que temos no evangelho. o refere a escriptura : *Cogitaverunt eum occidere.* (Gen. XXXVII — 18) Sabida a causa, era porque o amára Jacob particularmente, e além da samarra, ou pellote do campo com que ia guardar as ovelhas como os demais, fizera-lhe o pae uma tunica, ou pellote, não sei de que estofasinha melhor : *Tunicam polymitam,* (Ibid.

—3) com que apparecia os dias de festa na aldêa menos pastor que os outros. Ah quantos Josés destes ha hoje no mundo ! Invejados, murmurados, perseguidos, porque ? Porque lhes deu a fortuna com que trazer uma capa melhor que a vossa. Assim estava condemnado o innocente moço, quando trouxe sua ventura por alli um mercador ismaelita, que prometteu por elle vinte reales, e os cobiçosos irmãos, que eram dez, por quatro vintens, que cabiam a cada um, venderam a seu irmão, e as suas consciencias.

Tinham-lhe já despidido a tunica causa das invejas, e não tinha bem virado as costas José, quando os vendedores arremettem a ella, e a começam a fazer, ou desfazer em pedaços. Parae ahi, ingratos irmãos, parae, e respondi-me, que quero arguir-vos : Não está já vendido José ? Vossa colera não está já vingada ? Vossa fereza não está já satisfeita ? Essa tunica que culpa tem, ou que culpa l'óde ter ? Porque a fazeis em pedaços ? Bem sei que não haveis de ter boca para me responder ; mas responderá por vós Ruperto Abbade : *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile* (notae muito aquelle *impeccabile*) *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile laceratur : adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia*. Nenhuma culpa tinha a tunica de José, que mal a podia ter a seda ou lã insensivel, sem vida sem alma, sem vontade. Comtudo, nesta incapacidade natural, e neste impossivel de culpa, acharam uma os invejosos irmãos, e foi ser instrumento da gloria de José : *Fraterna gloriæ monumentum*. Era prenda da particular affeição de Jacob, era gala com que José se auctorisava, com que luzia mais que os irmãos, com que grangeava respeito nos estranhos, e isto lhe bastou por culpa, para sem culpa a despedaçarem : *Monumentum impeccabile laceratur*. Não sei se se pudêra achar em toda a escriptura passo que mais ao vivo declarasse o que temos entre mãos. Nenhuma culpa tinha commettido Lazaro, antes nem a podia ter quando o resuscitou Christo, como vimos ; e nesta grande innocencia, antes nesta impeccabilidade soube a inveja descobrir culpas, e culpas dignas de morte, que foram ser instrumento das glorias de Christo : *Quia multi propter illum credebant in Jesum*. Fôra famosa, e mais que to-

das, a resurreição de Lazaro, admirando-se, e pasmando a gente de vêr passar pellas ruas de Jerusalem o que tinham visto de quatro dias morto na sepultura, e como toda esta admiração redundava em fama e gloria do Resuscitador, por ser instrumento da gloria desta fama, condemnam a Lazaro a perder a vida : *Ut et Lazarum interficerent*. Bem assim como a inveja dos irmãos de José, não contente com se vingar nelle, passou a executar a vingança na tunica innocente : *Adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia*.

VI

Pronunciada contra Christo e contra Lazaro esta tão injusta sentença ; como a innocencia quanto mais calla, então allega melhor por si diante de Deus, serviu este silencio de appellação ante seu divino tribunal. Não tardou muito o despacho (que no juizo do céu não ha dilacões). e o que saíu nelle foram dois decretos contra os dois dos pontífices nesta maneira : o primeiro, que a sentença dada contra Lazaro se não executasse : que ficasse só em intentos : *Cogitaverunt* ; o segundo, que Christo entrasse ao outro dia por Jerusalem triumphando, recebido com palmas, e acclamado do povo : *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei*. Assim o diz o thema. Mas vejo que me arguem. Não tinha eu promettido ao principio que na revogação das sentenças ficariam os juizes condemnados? Onde estão estas condemnações? Onde estão estas penas? Essa é a graça, serem-no. e não o parecerem. Não se executar a morte de Lazaro foi a primeira pena : entrar Christo por Jerusalem triumphando, foi a segunda. Vejamos a primeira, logo passaremos á outra.

Estava Job coberto de lepra, com as dores e trabalhos que tantas vezes se teem repetido nos pulpitos, e nunca assaz exaggerado, começa a queixar-se, e dizer assim : *Dies mei transierunt, cogitationes meæ dissipatæ sunt, torquentes cor meum*. (Job. XVII — 11) Passaram-se meus dias, e os contentamentos que nelles tinha tambem se passaram, que para não du rarem muito, bastava serem meus : *Dies mei* : alguns intentos que tive ; *Cogitationes meæ* : abortou-mos a fortuna, não chegou a ter execução : *Dis-*

sipatæ sunt; e isto diz Job, é a maior pena que padeço, porque quantos foram então esses intentos, tantos verdugos tenho agora que me atormentam a alma: *Torquentes cor meum*. Não acabo de me admirar, que um homem que tanta razão tinha de saber avaliar tormentos, saísse com similhante queixa. E hem, exemplo da paciência, tão mimoso andaes vós da fortuna, que de coisas tão poucas vos queixaes tanto? Não tendes perdas de fazenda, mortes dos filhos, ruína da casa e do estado, dores, tristezas, desamparos, misérias, o corpo feito uma chaga viva; que tem que ver com tudo isto os intentos não executados, para só vós queixardes delle: *Cogitationes meæ dissipatæ sunt*? Fallou como grande mestre de paciência. Tinha tomado os pulsos Job a tudo o que é dor, a tudo o que é pena, a tudo o que é tormento; e porque achou que não ha dor tão excessiva, pena tão cruel, tormento tão insoffrivel como um pensamento frustrado, um intento sem execução; por isso tendo tanto de que se queixar, só se queixa de se frustrarem seus pensamentos, e de seus intentos se não executarem: *Cogitationes meæ dissipatæ sunt*. Como era tão difficuloso o credito deste encarecimento, não o quiz fiar Job dos expositores, elle se fez commentador de si mesmo no verso seguinte: *Si sustinuero, infernus domus mea est. Putredini dixi: Pater meus es, mater mea, e soror mea, vermicibus*: (Ibid. — 13 e 14) Não cuide alguém, diz, que são hyperboles ou exaggerações phantasticas o que digo, porque de verdade é o tormento que padeço tão insoffrivel, e tão desesperado, que se durar mais um pouco: *Si sustinuero*: hem me podem abrir a cova. O que os mortos sem padecer experimentam na sepultura, isso é o que executam em mim os meus pensamentos; porque não ha corrupção que tanto penetre e desfaça, não ha bichos que tanto comam e carcomam um cadaver, como os mesmos pensamentos me estão mordendo o coração, e roendo a alma: e o peor é que não acabam de matar, mas matando-me me estão gerando outra vez, como se foram meu pae e minha mãe, para mais penar: *Putredini dixi: Pater meus es tu, mater mea, et soror mea, vermicibus*. Comparemos agora o *cogitationes meæ* de Job, com o *cogitaverunt* dos nossos juizes, e veremos se ficarão condemnados.

Tiveram intentos de matar a Lazaro : *Cogitaverunt ut Lazaram interficerent*, ficaram esses intentos no ar, não chegaram a ter execução : *Cogitationes meæ dissipatæ sunt*, e assim não executados foram os verdugos que lhe apertaram o garrote á alma : *Torquentes cor meum*, executando nelles a sentença de Deus, sentença não menos que de morte e sepultura : *Si sustinero, sepulchrum domus mea est*.

Satisfaçamos agora aos curiosos. Supposto que foi sentença de morte esta, e as de morte são tão varias, perguntar-me-hão que genero de morte foi ? O nome não lhe saberei eu dar, mas digo que é uma morte da casta daquellas que por mais penar não matam, uma morte interior, que se sabe sentir, mas não se sabe explicar, tão rigorosa, tão cruel, que se Deus mandára pendurar de um páu todos estes principes dos sacerdotes contra os fóros de sua dignidade, muito mais benigna e piedosa fôra a sentença. Deu Achitofel um conselho a Absalão, com que sem duvida ficaria desbaratado seu pae David, contra quem o ingrato filho se levantára : não o aceitou Absalão por permissão do céu, e tomou outro bem differente, que lhe deu Cusai. Tanto que Achitofel viu isto (ouvi um caso raro e espantoso) pôe-se a cavallo, parte-se para sua casa, faz seu testamento, deita um laço a uma trave, enforca-se : *Abiit in domum suam, et disposita domo sua, suspendio interiit*. (2 Reg. XVII — 23) Muitas questões se podem levantar sobre este caso. A dos canonistas bem á mão está, e é, se se havia de enterrar este homem em sagrado, ou não ? A escriptura diz que o enterraram na sepultura de seu pae : *Sepelirunt eum cum patribus suis*; mas isto não faz argumento, porque naquelles tempos nem as sepulturas estavam nas egrejas, nem havia ainda o capitulo *Placuit* : e dado que uma e outra coisa fôra; entre todos os santos e doutores que escreveram sobre o passo, só um rabino diz que não estava Achitofel em seu juiso. Se assim é (agora entra a minha questão) se estava em seu juiso Achitofel, como fez uma acção tão desasizada, como é enforcar-se um homem com suas proprias mãos ? Disse-o a sagrada escriptura, e é prova maravilhosa do nosso intento : *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit in domum suam, et suspendio in-*

terit. A unica e total razão porque se enforcou Achitofel, diz o texto, foi : *Videns quod non fuisset factum consilium suum.* Porque viu que não fôra executado seu conselho. Quem dera credito a tal causa, por mais doutores que o disseram, se o mesmo Espirito Santo o não affirmára ? Tão cruel executor é um conselho não executado, taes dores, taes penas, taes tormentos causa na alma de quem o considera, que estando um homem em seu inteiro juizo, escolhendo, segundo as regras da prudencia, do mal o menos, teve por melhor morrer a suas proprias mãos agonizando em uma forca, que viver padecendo os rigores de um tormento tão desesperado. Assim o experimentou Achitofel, e para que assim o experimentassem os invejosos pontifices, ordenou Deus que não chegasse a ter execução o conselho que entre si tomaram de tirar a vida a Lazaro, ficando nelles esse mesmo conselho não executado, por executor da mesma morte, ou por ventura, de outra mais cruel que a que lhe determinavam dar : *Cogitaverunt principes sacerdotum ut et Lazarum interficerent.*

V

Condemnados temos os juizes pela primeira sentença injustamente dada contra Lazaro. A injustiça da segunda dada contra Christo era muito mais atroz : e para que o fosse tambem em a pena e o castigo, mandou Deus, como diziamos, que entrasse o Senhor por Jerusalem triumphando : *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei.* Funda-se o rigor desta pena em uma vilania da condição natural dos invejosos, com que mais sentem os bens alheios, e suas glorias, que os males e tormentos proprios. Entrou Christo Senhor nosso um dia no templo de Jerusalem, e vendo que se estavam alli vendendo pombas, cabritos, cordeiros, e ainda novilhos, indignado de tamanho desacato, toma as cordas com que vieram atados aquelles animaes, faz dellas *uris* como azorragues, começa a açoitar os que compravam e vendiam. Compras e vendas feitas na igreja castiga-as Deus por sua propria mão : e não commette a outrem a execução de semelhantes delictos, sem reparar em sua auctoridade. Mas cuidava eu,

que se aggravariam muito estes homens de se verem tão aspera e tão baixamente tractados por Christo, e que quando não chegassem a lhe pôr as mãos, ao menos o blasfemassem. Fui porem vêr o texto, e achei que nenhuma má palavra disseram contra o Senhor, não o reconhecendo por tal. Comparando pois este passo com outros de sua vida, mui differentes, faz esta ponderação S. João Chrysostomo. Se quando Christo sarou o mudo, o accusaram por endemoninhado : se quando Christo deu vista a um cego, o queriam apedrejar : se quando resuscita a Lazaro, dão contra elle sentença de morte : como agora que os açoita, e os tracta como escravos, nem se quer uma má palavra dizem contra Christo ? Como o não accusam, como o não apedrejam, como o não matam ? Divinamente o santo padre : *Animadvertis invidiam incredibilem, et quonam pacto in alios collata beneficia magis eos irritabant ?* Não vêdes, diz Chrysostomo, a vilania destes invejosos, que mais se doíam dos bens alheios, que dos males proprios ? Sarar Christo enfermos, dar vida a mortos, eram bens alheios, por isso o sentiam tanto, que queriam apedrejar a Christo e tirar-lhe a vida : açoital-os Christo a elles, e tractal-os como escravos, eram males proprios, por isso o sentiam tão pouco, que nem uma só má palavra disseram contra o mesmo Christo. Mais. Os milagres que Christo obrava, eram fama e gloria para Christo; os açoites com que os castigava, eram pena e affronta para elles, mas como era gente invejosa, mais sentiam a fama e gloria de Christo, que as penas e affrontas suas : excesso verdadeiramente da inveja, não só admiravel, mas incrivel : *Invidiam incredibilem*. Parecerá encarecimento a confirmação que hei de dar a este passo, mas tem bom fiador.

Ardia no inferno o rico avarento, e vendo d'alli o pobre Lazaro no seio de Abrahão, disse assim : *Pater Abraham, miserere mei, et mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti in aquam, ut refrigeret linguam meam* : (Luc. XVI — 24 e 28) Pae Abrahão, tende compaixão de mim, mandae a Lazaro que molhe a ponta do dedo na agua, e me venha refrigerar a lingua. Não lhe deferiu Abrahão o gosto, mas como da avareza é tão proprio o pedir como o não dar, tornou o avarento a fazer segunda peti-

ção: *Rogo te, pater, ut mittas eum in domum patris mei, habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne et ipsi veniant in hunc locum*: Rogo-vos muito, pae Abrahão, que ao menos mandeis a Lazaro a casa de meus irmãos, que lhe diga o que por cá passa, para que não se condemnem. Ou eu me engano, ou estas petições dizem uma coisa, e pretendem outra. Se as labaredas do inferno são tão grandes como sabemos, e o avarento o sabia por experiencia, como é possível que tivesse para si, que as podia refrigerar tão pouca agua, quanta póde levar a ponta de um dedo? Mais Se no inferno não póde haver caridade, nem amor, que se lá o houvera não fôra inferno, fôra paraíso; como é possível que tivesse este condemnado tanto amor para com seus irmãos, que lhes queira mandar prégadores da outra vida, para que se convertam? Quanto mais que para o refrigerar do incendio, qualquer outro o podia fazer tão bem como Lazaro; e para prégá-lo a seus irmãos, muitos outros o podiam fazer melhor que elle. Qual é logo a razão porque em uma e outra proposta sempre insiste unicamente em que vá Lazaro: em uma, *Mitte Lazarum*; em outra, *Rogo ut mittas eum*? O caso é que nenhuma destas coisas pretendia o avarento, e todo o seu intento e teima era tirá-lo do seio de Abrahão, e fazer que ao menos por algum tempo não gozasse o descanso em que o via. É subtiliza de S. Pedro Chrysologo, e a razão não só tão delicada, mas tão natural como sua: *Quod agit dives, non est novelli doloris, sed livoris antiqui: zelo magis incenditur, quam gehenna*: Sabeis, diz Chrysologo, porque busca o avarento tantas traças e invenções para que saia Lazaro, se quer por um breve espaço, do seio de Abrahão? É porque se está comendo de inveja, porque vê agora em tanta felicidade o que n'outro tempo viu em tanta miseria: *Zelo magis incenditur, quam gehenna*. Aqui vae o subtil do pensamento. O avarento está no inferno, mas o inferno do avarento mais está no seio de Abrahão, que no mesmo inferno: porque mais o atormenta no seio de Abrahão o descanso e felicidade que alli está gozando Lazaro, que no fogo do inferno as mesmas chamas em que elle está arrendo. Pedia que saísse Lazaro do seu descanso, e que trouxesse agua para o refrigerar; o refrigerio estava, não na agua em

havia de trazer, senão no descanso de que havia de sair. Como era invejoso, mais o abrazavam as glórias alheias, que via, que os infernos proprios, em que penava : *Zelo magis incenditur, quidam gehenna*. Este foi o genero de castigo a que a divina justiça condemnou os injustos principes dos sacerdotes, mui conforme a quem elles eram. Eram invejosos, como vimos, e porque nenhuma pena os havia de atormentar tanto como as glórias de Christo, entra o Senhor diante de seus olhos em Jerusalem, triumphando, com uma universal aclamação de filho de David e rei de Israel, com um perpetuo victor nas bocas e nas mãos de todos : *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei*.

Bem pudéra eu dizer, que foi este maior castigo, que se Deus lhes mandára dar cem açoites, como pelas ruas publicas os negociantes do templo : bem pudéra dizer, que foi maior castigo, que se os lançasse logo nas chammas do inferno, como o rico avarento ; mas em parte quero ir menos rigoroso, por ir mais proprio. Sabida coisa é que a pena que os juristas chamam *Talionis*, é entre todas a mais proporcionada. Diga, pois, que foi esta pena dos pontifices, pena e tormento de cruz. Elles quizeram crucificar a Christo, e Christo crucificou-os a elles. Não é meu o pensamento ou a sentença, senão do grande padre da egreja S. Agostinho : *Quam crucem mentis invidentia judæorum perpeti poterat, quando regem suum Christum tanta multitudo clamabat* : Que vos parece que foi para os invejosos pontifices entrar Christo por Jerusalem triumphante ? Que vos parece que foi, diz Agostinho, senão crucifical-os ? Aquellas aclamações do povo eram os pregões que iam diante publicando o delicto de sua injustiça : aquellas palmas que levavam nas mãos, eram as cruzes em que invisivelmente iam crucificados na alma : *cruce mentis*. Bem lembrados estareis da historia de Aman, privado d'el-rei Assuero. Mandou Aman levantar uma cruz para crucificar nella a Mardocheu, só porque uma vez se não levantou passando elle. A taes soberbas, e insolencias chegam os privados de quem não sabe ser rei. Porém trocou a fortuna as mãos, revogou-se a sentença em outro tribunal superior, e o crucificado foi o Aman. Assim aconteceu aos principes dos sacerdotes. Elles no seu tribunal quizeram crucifi-

car a Christo ; porém o tribunal divino, em pena de sua injustiça, ordenou que nelles se executasse a sua sentença, e que fossem elles os crucificados, não em uma só cruz, porque eram muitos, senão em tantas cruzes, quantas foram as palmas do triumpho de Christo : *Acceperunt ramos palmarum, et exierunt obviam ei.*

VI

Tenho concluido com o evangelho, e satisfeito ao que prometti. Resta-me dar satisfação ao logar em que estou, que é o do Desterro, cuja devoção, neste sabbado ferial, convocou a elle tão grande auditorio. Considerei de vagar, que parte deste discurso lhe accommodaria. E porque nenhuma achava que lhe servisse, determinei fazer-me um assinte a mim mesmo, e accommodar-lh'o todo. Tudo quanto até aqui tenho dito, foi uma representação do que passou no desterro de Christo, Para intelligencia desta consideração, havemos de suppôr que os juizes que condemnaram a Christo á morte, quando o Eterno Padre lh'a commutou em desterro, não foi: só Herodes, como parece, senão Herodes, e juntamente o demonio. Provo : *Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus.* (Psal. II — 2) Ajuntaram-se os reis da terra, e uniram-se em votos os principes contra Christo, diz David : e não é pequena a difficuldade desta prophesia. Se a intendemos da morte que Christo com effeito padeceu, não houve então mais que um rei, que foi Herodes : se a intendemos da morte que lhe quizeram dar quando nascido, da mesma maneira não houve mais que um rei, que foi tambem Herodes (não já o mesmo, senão outro do mesmo nome : que um tyranno que perseguiu innocentes, não bavia de viver trinta e tres annos). Diz agora S. João Chrysostomo : *Nunquid Herodes reges ?* Por ventura Herodes é muitos reis : Herodes é muitos principes ? Claro está que não : pois se é um só rei, e um só principe, como diz David que se ajuntaram e se uniram reis e principes contra Christo : *Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum ?* A resposta do mesmo santo padre é o que eu dizia : *In rege Herode peccoti quoque regem ostendit.* Olhava David com os olhos propheticos, que vêem o visivel, e o invisivel.

vel, e por isso diz, que se ajuntaram reis e principes contra Christo; porque os que condemnaram á morte, não foi só Herodes, senão Herodes, e mais o demonio. Herodes rei de Judea; o demonio rei do peccado: Herodes principe da terra; o demonio principe do inferno: *In Herode peccati quoque regem ostendit*. E se bem considerarmos o motivo que Herodes e o demonio tiveram para querer tirar a vida a Christo e aos innocentes na occasião de seu desterro, acharemos que é a mesma com que a inveja moveu os principes dos sacerdotes a querer matar não só ao Resuscitador, senão também ao resuscitado. Estes, porque viam a Christo reconhecido e aclamado por rei de Israel, e que muitos criam nelle: *Multi abibant ex Judæis, et credebant in Jesum*: (Joan. XII — 11) e Herodes, e com elle o demonio, porque já o começavam a vêr em seu nascimento, buscado e venerado dos reis do Oriente, e dentro da cõrte do mesmo Herodes aclamado por Messias, e rei dos judeus: *Ubi est qui natus est rex judæorum*. (Matth. II — 2)

Vista a simillhança da condemnação de Christo no tribunal dos homens, segue-se vêr a condemnação dos juizes no tribunal de Deus com a mesma propriedade. A primeira pena a que Deus condemnou os principes dos sacerdotes, foi como vimos, que ficassem frustrados os seus intentos: e tal foi também a de Herodes. Disse Herodes aos Magos: *Ite, interrogate diligenter de Puero*: Ide, informae-vos d'onde está esse Menino que dizeis: *Et eum inveneritis, renuntiate mihi*. E como o achardes avisae-me: *Ut et ego veniens adorem eum*: para que eu também o vá adorar. Isto pronunciava Herodes com a boca; e com o coração dizia: Ide, informae-me, que eu lhe tirarei a vida, e mil vidas (como tirou a tantos mil innocentes). Mas que fez Deus? Ou por um anjo, ou por si mesmo, avisou aos Magos que voltassem por outro caminho, e quando o tyranno viu seus intentos frustrados: *Videns quoniam illusus esset à Magis*, diga-nos o mesmo S. João Chrysostomo, qual ficou. São palavras, que se as mandarmos fazer de encommenda, não vieram mais medidas com o intento *Considera quam Herodem pati probabile fuerit, qui certe suffocari etiam præ indignationis magnitudine potuit, cum se ita illum*

aique irrisum videret. A pena que Herodes sentiu vendo suas traças desvanecidas, e seus intentos frustrados, considere-o quem sabe que coisa é a inveja, que explicar-se com palavras não é possível. Mil vezes quizera tomar um laço e enforcar-se (digno castigo daquella cabeça tão indignamente coroada), e é maravilha como a mesma dor colerica, que o fazia raivar, lhe não dêsse um nó na garganta, e o affogasse. Lá disse a escriptura de Achitofel: *Videns quod non fuisset factum concilium suum, abiit, et suspendio interiit.* E da mesma maneira diz Chrysostomo de Herodes: *Videns quoniam illusus esset á Magis, suffocari etiam præ indignationis magnitudine potuit.* E nós vejamos agora se é igual a condemnação de Herodes, com a dos principes dos sacerdotes. Elles condemnados a ficarem os seus intentos só em intentos: *Cogitaverunt principes sacerdotum ut et Lazarum interficerent:* e elle condemnado a ficarem frustrados os seus, e zombarem delle os Magos: *Videns quoniam illusus esset á Magis.*

A segunda pena coube ao segundo juiz, o demonio, e foi vêr entrar a Christo triumphante no Egypto, como os principes dos sacerdotes verem o seu triumpho por meio de Jerusalem. Pintanos isto maravilhosamente o propheta Isaias: *Et ascendet Dominus super nubem levem, et ingredietur Ægyptum:* (Isai. XIX—1) Subirá o Senhor, e entrará pelo Egypto, levado como em carro triumphal em uma nuvem leve. Esta nuvem leve (diz S. Ambrosio) é a Virgem Santissima, Mãe do mesmo Senhor Menino, que o levou em seus braços ao Egypto: nuvem, porque ella é a que nos defende dos raios do sol de justiça; e leve, porque nella só entre todas as creaturas nunca houve pezo de peccado. E que succedeu ao demonio á vista deste triumpho? O mesmo propheta o diz: *Et commovebuntur á facie ejus simulacra Ægypti.* E á vista desta entrada triumphante cairão derribados por terra todos os idolos do Egypto. Assim foi, porque assim como o desterrado Menino, tendo escapado das mãos de Herodes, ia entrando vivo, e triumphante nos braços da Mãe pelas ruas do Egypto, ao mesmo passo dentro dos templos, e derribados dos altares, iam caindo as imagens dos falsos deuses, em que o demonio era adorado, desfeitas em pó e em cinza.

É theologia certa, que quando Deus lançou do céu os anjos máus, uns foram parar no inferno, e outros ficaram nesta região do ar, aos quaes por isso chama S. Paulo *aereas potestates*. De sorte que neste mesmo logar nos estão ouvindo muitos demonios, e queira Deus que sejam só os que se não vêem. Dá razão deste conselho divino divinamente S. Bernardo : *Diabolus in pœnem suam locum in ære medium inter cœlum, et terram sortitus est, ut videat, et invideat, ipsaque invidia torqueatur*. Quer dizer : Para maior tormento do demonio lhe deu Deus este carcere livre do ar, elemento meio entre o céu e a terra, porque vendo subir os homens da terra ao céu, e desta egreja militante, onde os persegue, ir gosar da gloria na triumphante, a vista e inveja deste triumpho lhe sirva de maior inferno aos que ficaram, que aos que lá estão penando. Já ouvimos a S. Pedro Chrysologo, que menos pena davam ao rico avarento as labaredas do inferno, em que padecia, que as glorias que Lazaro gozava no seio de Abrahão : e este foi o castigo, mais que do proprio inferno, a que Deus condemnou o demonio, no mesmo desterro com que livrou de suas mãos a seu Filho, para que vendo-o entrar triumphante pelo Egypto, penasse mais e se desfizesse de inveja, assim como se desfizeram os marmores e bronzes das imagens e simulacros em que era adorado : *Et commovebuntur à facie ejus simulacra Ægypti*.

VII

Acabei. E supposto que tenho satisfeito ao evangelho e ao logar, alguma justiça parece que me fica para pedir ao auditorio a mesma satisfação. No evangelho temos a Christo triumphante em Jerusalem ; naquelle altar temos a Christo triumphante no Egypto : justo é, senhores, que entre tambem Christo triumphando, ou pelo Egypto ou pela Jerusalem de nossas almas. Que outra coisa é uma alma, onde está levantado altar a Venus, idolo da torpeza ; onde se fazem sacrificios a Marte, idolo da vingança ; onde é adorado Jupiter, idolo da vaidade : que coisa é, digo, uma alma destas, senão um Egypto idolatra ? Entre pois Christo trium-

phando pelo Egypto desta alma : *Et commovebuntur á facie ejus simulacra Egypti*, e cáiam e rendam-se a seus pés todos esses ídolos. Cáia a torpeza, cáia a vingança, cáia a vaidade, e acabem-se idolatrias tão pouco christãs. Que coisa é, por outro modo, uma alma onde reina a ambição, onde dá leis a inveja, onde manda tudo o odio, que coisa é, torno a dizer, uma alma destas, senão uma Jerusalem depravada e perdida, e onde por odio, por ambição e por inveja se dá sentença de morte contra o mesmo Christo ? Ora, pois, Jerusalem, Jerusalem, *convertere ad Dominum Deum tuum* ; acabem-se odios, acabem-se invejas, acabem-se ambições : cáiam todos esses vícios aos pés de Christo, e levantem-se palmas nas mãos em signal da victoria : *Acceperunt ramos palmarum, et exierunt obviam ei*.

Não duvido que o façam assim todos os que teem nome de christãos, não movidos da efficacia de minhas razões, mas obrigados da santidade do tempo. Entramos na semana santa, em que nenhum christão ha de tão fraca fé, e de tão fria piedade, que se não lance rendido aos pés de Christo. O que porém quizerá eu encommendar e saber persuadir a todos é, que nos não aconteça o que aconteceu aos que acompanharam a Christo no seu triumpho. E' advertencia de S. Bernardo. Quando o Senhor ia passando pelas ruas de Jerusalem, tiravam muitos as capas dos hombros, para que o Senhor passasse por cima dellas ; porém tanto que o mesmo Senhor tinha passado, tornava cada um a levantar a sua capa, e pol-a outra vez aos hombros como d' antes. O mesmo nos acontece a nós nesta semana. Despimos, ou parece que despimos, os máus habitos de nossos vícios, lançamol-os aos pés de Christo, para que passe por cima delles com a cruz ás costas ; porém tanto que passou, tanto que se acabou a semana santa, e chegou a paschoa, torna cada um aos mesmos vícios, e a revestir-se delles, como se já não foram peccados. Oh sepultemol-os para sempre com Christo morto, e deixemos esses máus habitos, como Christo deixou as mortalhas na sua sepultura. Façamos diante daquella Senhora uns propositos e resoluções muito firmes de ser perpetuos escravos seus e de seu bemditissimo Filho, seguindo-o e servindo-o sempre e em qualquer parte ; ou no Egypto, como

desterrados deste mundo, ou em Jerusalem, como mortos ao mesmo mundo; não havendo trabalho ou felicidade, nem fortuna tão prospera ou adversa, que nos aparte de seu serviço, de sua odediencia, de seu amor e de sua graça, para que vivendo e morrendo com elle, e por elle, o acompanhemos na vida, onde não ha morte, por toda a eternidade. Amen.

SERMÃO

DAS

EXEQUIAS DO SERENÍSSIMO INFANTE DE PORTUGAL

DOM DUARTE

DE DOLOROSA MEMORIA

Morto no castello de Milão

*Frater ejus mortuus est, et ipse remansi
solus. — Gen. XLII.*

Em fim, reino de Portugal, que tambem os nossos principes são mortaes ! Em fim, côrte de Lisboa, prelados, religiões, titulos, nobreza, povo, que tambem para nós se fizeram os luctos ! E ninguem se espante de eu fallar com esta singularidade dos nossos principes, do nosso reino, e da nossa côrte ; porque era um engano este, a que quasi nos tinha persuadido a morte, mas em fim, desenganou-nos. Se lançarmos os olhos por todos os reis do mundo, no espaço destes nove annos, depois que vimos resuscitados os nossos, acharemos que tendo dado tão repetidos exemplos da mortalidade todos os outros principes, só os nossos pareciam immortaes. Vimos neste tempo em França a morte de Luiz

XIII, em Iglatterra a infelicissima d'el-rei Carlos, em Dinamarca a de Segismundo, em Polonia a de Ladisláu IV, e antes delle a da rainha Cécilia Renata, e o primogenito Segismundo; em Allemanha a da imperatriz Maria de Austria, e dentro em tres annos a de outra imperatriz Maria; em Castella a da rainha Dona Isabel de Bourbon, a do infante D. Fernando, e a do principe Balthasar. E no meio de tantas mortes reaes, de que se viu quasi em continuados luctos toda Europa, só a casa de Portugal, sendo a mais dilatada em numero de principes, que todas as outras, passava isenta o curso dos annos, sem pagar este tributo, como se tivera a vida de juro, e gosára privilegios de immortalidade. Mas, oh morte cruel, quem se fiará da dissimulada lisonja de teus enganos! Nove annos esteve duvidando a morte, e armando juntamente arco para despedir a setta com maior força, e a empregar com maior golpe. Trophéo são desta façanha as columnas, os arcos, as luzes dessa pyramide triste, que levantou a dor, o amor, e a obrigação do nosso monarcha, que muitos annos viva, á morte, á ausencia, á memoria do serenissimo infante D. Duarte, irmão muito prezado seu, e gloria defuncta nossa; principe digno de mais larga vida, e de melhor fortuna, cujo nome será sempre aos portuguezes amavel, á lembrança lastimosa, e eterna saudade.

Para fallar neste lastimoso caso sobre o fundamento da escriptura, que se costuma, lancei os olhos por toda a historia sagrada: e sendo tão abundante de exemplares grandes, ou os busquemos nas virtudes, ou nas desgraças nenhum achei em toda ella, que igualasse o presente; as idéas não teem exemplares. Pintou a natureza no nosso infante um principe original, e nenhum houve antes delle, de que pudesse ser cópia, nem haverá depois delle outro que o seja sua. Havendo pois de prégar com esta gloriosa impropriedade, escolhi entre todos a Jose, de quem se disseram as palavras do thema, não pelo mais parecido, mas pelo menos dessimilhante, José, o sabio, o generoso, o adorado principe, o bom irmão: José, o perseguido, o vendido, o desterrado, o encarcerado, o morto: *Mortuus est frater ejus, et ipse remansit solus.*

As obrigações desta acção, seguindo os exemplos dos padres

da egreja e ainda dos oradores mais antigos que elles, são tres : sentir a morte, louvar o defunto, consolar os vivos. Desta maneira occupamos toda a alma nesta ultima saudade dos que amamos : os affectos de sentimento pertencem á vontade ; a narração dos louvores á memoria ; e os motivos da consolação, que sempre são mais difficultosos de achar em quem devêras padecer, correm por conta do intendimento. Para satisfazer a todas estas obrigações, viera eu de boa vontade em um partido, que era trocar as palavras em lagrimas, e que em lugar de eu dizer e vós ouvirdes, choráramos todos. Se as obrigações deste dia são sentir, louvar e consolar, melhor fizeram tudo isto as lagrimas, que as vozes. As lagrimas são o mais vivo do sentimento, porque são o destillado da dor ; são o mais encarecido dos louvores, porque são o preço da estimação ; são o mais effectivo da consolação, porque são o allivio da natureza. Ordenou a natureza que as lagrimas, assim como são effeito, fossem juntamente allivio da mesma dôr, para que se pudesse conservar o mundo : se assim não fôra, uma só morte como esta nos levára a todos. Deste conselho de chorar e calar usaram aquelles amigos de Job na sua calamidade ; mas pois o costume ha de prevalecer á razão, e é forçoso o dizer, onde fôra mais facil o chorar, em seguimento destas tres obrigações, consideraremos tres vezes as palavras que propuz, nas quaes não me atrevo a prometter, nem ordem, nem discurso, nem concerto, porque em semelhantes occasiões a desordem do discurso, o desconcerto das palavras, o desasseio das razões é a harmonia da dôr.

I.

Frater ejus mortuus est, et ipse remansit solus.

Abrindo passo á nossa dor, dêmos principio ás nossas lagrimas : mas por onde lhes daremos principio ? Nesta mesma suspensão se achou o grande padre Santo Ambrosio, prégando as honras do imperador Valentiniano ; e depois de duvidar por onde começaria a chorar : *Quid primum deſeamus ?* Começou assim : *Converſi ſunt dies nobis votorum noſtrorum in lacrymas, ſiqui-*

dem Valentinianus noster, sed non talis, qualis sperabatur, advenit. Bem mostram estas palavras serem escriptas em Milão, pois tão medidas veem com as circumstancias da nossa dor. Para estes mesmos dias em que estamos, esperava a nossa imaginação, que concluidos os tratados da paz geral na dieta de Munster, teriamos livre em Portugal o nosso desejado infante; mas *conversantur dies nobis votorum nostrorum in lacrymas*: os dias que imaginavamos nos haviam de amanhecer mais alegres, esses mesmos nos anoiteceram os mais tristes: *Siquidem Valentinianus* (digamos nós *Eduardus noster*) *sed non talis, qualis sperabatur, advenit.* Quantas vezes imaginavamos despovoar-se Lisboa, e correremos todos a essas praias de Belem a receber o nosso captivo, ou o nosso libertado infante, com o mais alegre, e com o mais formoso triumpho, que jámais se viu em Portugal? E que diferente concurso é este que estão vendo os nossos olhos! Ajuntamo-nos tambem hoje, mas para chorar sua morte, para lamentar suas exequias. Certo, senhor, que não era este o recebimento que apparelhava a vossa alteza o nosso desejo e o nosso amor; mas trocaram-se as nossas esperanças em lagrimas, os nossos laboriosos em tristezas, as nossas imaginações de festas em luctos, os nossos arcos triumphaes em tumulós, e os panegyricos, que já começavamos a estudar, em epitaphios. Esperavamos como Jacob a vinda do nosso suspirado José, e entrou-nos pelas portas, não José, mas a sua tunica despedaçada — a nova cruel da sua morte, escripta com o sangue da sua innocencia. Oh que contrarios effeitos tiveram nossas enganadas esperanças! *Non qualis sperabatur, advenit.* A consideração desta ultima palavra, *advenit*, faz ainda mais rigorosa a nossa dor, que a que Santo Ambrosio ponderava nos seus milanezes: elles quando esperavam vivo a Valentiniano, entrou lhes pelas portas morto; nós esperavamos o nosso infante vivo, e nem morto o temos.

Esta foi uma circumstancia que muito ponderou e muito lastimou a Jacob na perda do seu José: *Fera pessima a comedit eum: bestia devoravit Joseph*: (Genes. XXXVII — 33) O' filho meu (dizia Jacob) que unia fera cruel vos comeu, uma fera vos tragou! Notae: não disse que a fera o matára, senão que a fera o comêra:

a fera que somente mata, tira a vida e deixa o corpo : a fera que come e traga, tira a vida, e nem o corpo deixa. Foram tão feras para conosco as feras que nos mataram o nosso José, que não só lhe tiraram a vida, mas nem o corpo para nossa consolação nos deixaram. Não quizeram que lhe levantássemos a alliviada dor de um sepulchro, senão a dobrada desconolação de um cenotophio. Muito digno de reparo é, que fossem mais as lagrimas da Magdalena ás portas da sepultura de Christo, que ao pé da cruz : deu a razão da differença Origenes, com estas palavras : *Prius dolebat defunctum, modò dolebat sublatum ; et hic dolor major erat.* Na cruz chorava a Christo defunto ; no sepulchro chorava a Christo roubado ; e esta segunda dor era maior que a primeira ; porque a primeira era dor com algum allivio, a segunda era dor sem nenhuma consolação : na cruz perdêra a Christo vivo, mas consolava-se com que o tinha morto ; no sepulchro não lhe restava com que se consolar, porque nem vivo, nem morto o tinha. Uma differença, que desconsoava muito Magdalena na sepultura de Christo, é a que eu considero nesta : nas outras sepulturas dizem os epitaphios por fóra : *Hic jacet* : Aqui jaz ; na sepultura de Christo diziam as vozes de dentro : *Non est hic* : Não está aqui. Oh que cruel epitaphio ! Tristissima palavra é *aqui jaz* : mas *non est hic* : não está aqui ; ainda é mais triste : não termos a quem amavamos, nem ainda na sepultura ; vêrmos a sepultura, e carecermos do sepultado, é o rigor mais lastimoso de todos.

Assim o considerava e o sentia Jacob ; mas a causa da nossa dor ainda é maior que a sua. Jacob carecia de José morto, mas lograra-o vivo por muitos annos ; nós pelo contrario, ao nosso infante nem o temos morto, nem o lográmos vivo. Oh que genero de dor tão inconsolavel ! S. Bernardo na morte de seu irmão Gerardo ; antes de S. Bernardo, Santo Ambrosio, na morte de seu irmão Satyro ; antes de Santo Ambrosio Seneca na morte de um irmão de Polibio ; todos estes grandes intendimentos, buscando remedio á dor, dizem que nos havemos de consolar na falta do bem que perdemos, com a memoria do tempo em que o lográmos. Se esta é a consolação, bem nos podemos despedir de nos

consolar : o bem que no melhor tempo perdemos, em nenhum tempo o lográmos. Diz Boecio, que o mais infeliz genero de infelicidade é o ter sido feliz : *Infelicissimum genus est infortunii fuisse felicem*. Foi tão avara comnosco a nossa fortuna, que nem nos concedeu a desgraça o ter sido felizes. Toda a ordem que costuma guardar nas mesmas infelicidades, trocou a fortuna comnosco : nas felicidades que se malogram, ao esperar segue-se o possuir, e ao possuir segue-se o perder : em nós não foi assim : perdemos antes de possuir, e ajuntando um extremo com outro extremo, passámos da esperança á perda, e do desejo á saudade : hontem esperavamos, hoje choramos. A ultima coisa que se perde nas calamidades, é a esperança, e essa foi a primeira que nós perdemos, porque não tivemos outra.

Mas sobre todas as circumstancias, a que mais nos deve magoar é, que da mesma perda que choramos, se bem o considerarmos, nós fomos a causa. Assim foi, senhor, assim foi, que se Portugal se não vira coroadado, nunca tão cedo vos chorára morto, porque nós fomos ditosos, fostes vós infeliz : esta é a consideração que mais vivamente nos magoa. Se buscarmos aos trabalhos de José a ultima disposição que tiveram, acharemos que foi a prosperidade da casa de seu pae. O recado que José levava quando o prenderam e venderam os irmãos, era este : *Vide, si cuncta prospera sunt* : (Genes. XXXVII — 14) Vêde se vae tudo prospero. De sorte que o desejo que Jacob teve da prosperidade de sua casa, foi a occasião, sem o pretender, porque elle e mais a casa perderam a José. Na nossa prosperidade perdeu o infante a sua ; da nossa bonança se levantou a sua tormenta : elle morreu, porque nós resuscitámos ; quebrou o reino venturosamente as prizões do nosso captiveiro, e sem sabermos o que faziamos, as cadêas que tirámos das nossas mãos, passámol-as ás vossas. Alfim achou a fortuna com que nos fazer ingrata a liberdade.

II.

Já é tempo que se suspendam um pouco as lagrimas, e que apartando-as da consideração da nossa perda, as detenhamos na

admiração da mesma causa dellas. Impossivel assumpto fôra querer eu reduzir a este discurso as muitas virtudes verdadeiramente reaes, em que este grande principe, assim na paz, como na guerra, foi admiravel. Fique esta materia inteira para quem escrever ao mundo os exemplos da sua vida, que eu, seguindo as palavras que propuz, não quero para admiração e suspensão nossa, mais que os da sua morte : *Mortuus est.*

Esta morte de sua alteza ou a podemos considerar da parte do sugeito, ou da parte da causa, ou da parte da providencia. Da parte do sugeito, considerando-a no infante que a padeceu ; da parte da causa, considerando-a no inimigo que a executou ; da parte da providencia, considerando-a em Deus que a permittiu. Em todas estas considerações se descobrem admiravelmente as grandezas deste principe, em tudo admiravel, e em tudo grande. Comecemos pelo testemunho dos inimigos, que é sempre o menos suspeito, e o mais qualificado.

Quereis saber, portuguezes (já que vos não foi licito vel-o) quereis saber quão grande principe era o vosso infante? Vêde os empenhos, vêde os extremos que fez Castella, para que vós o não lograsseis. Notavel politica foi a de Castella no caso da restituição de sua magestade. Chegam as novas a Madrid, faz-se consello sobre Portugal : e que resultou ? Que logo logo se despachem postas a Allemanha, que se prenda D. Duarte de Bragança a todo custar. As difficuldades que tinha a prizão de um principe livre, em uma côrte livre ; o direito das gentes, a fé da hospitalidade, os beneficios passados com nome de serviços, para serem ainda mais relevantes ; a innocencia do caso, provada com o tempo, com a distancia, e muito mais com a presença da pessoa ; o escandalo da fama aos mesmos interessados injuriosa ; todos estes respeitos, divinos e humanos, se atravessavam diante, a todos se haviam de fechar os olhos, todos se haviam de vencer, e todos se arrastaram e venceram á força de diligencias, á força de instancias, á força de negociações publicas e secretas, e á força da maior de todas as forças, que, em seculo tão corrupto, é a do dinheiro. Vendido e prezo o infante, em nenhum logar o davam por seguro as cautelas dos que o guardavam. Do quartel de Lopen o passa-

ram a Ratisbonna, de Ratisbonna a Passaw, de Passaw outra vez a Ratisbonna; de Ratisbonna outra vez a Passaw, de Passaw a Gratz, de Gratz, finalmente, a Milão. Em todos estes caminhos ia o infante cercado de grandes tropas de soldados, e no ultimo, para maior segurança, atado a cadeas: tão esquecidos estavam de quem era; hontem lembrados do que era. No fortissimo castello de Milão o metteram na casa mais forte, com guardas dobradas, e mudadas, com sentinella sempre á vista, com rondas, e sobre rondas que as vigiassem, com interdicto perpetuo de não ver, de não ouvir, de não fallar, de não escrever.

Agora quizera eu perguntar a Castella, que conselho foi o seu em uma prisão tão cheia de tantos excessos. Se Portugal está todo levantado (como então se dizia) se não ha cidade, nem villa, nem lugar, nem casa, que não reconheça ao nosso rei: se em todas as fortalezas do reino presidiadas por Castella, não ha uma só ameaça por sua parte; que importa que Portugal tenha mais um homem? E ainda que importára muito, muito mais importava ao credito da mesma monarchia. Por um homem ha de fazer tantos extremos? Por um homem ha de chegar a tractos tão indecorosos uma monarchia como a de Hespanha? Aqui vereis quão grande homem era o infante D. Duarte: mas vamos primeiro a José, que nos servem muito as suas circumstancias para o vermos. Uma das coisas que muito se admira em José, é o muito caso que seus irmãos fizeram delle e dos seus sonhos. Os irmãos não eram onze, e todos homens? José não era um, e o menor de todos? Pois que importa que José sonhasse ou não sonhasse, para se fazerem tantos conselhos sobre elle; para uns dizerem que morra, outros que seja prezo, outros que seja vendido, e, finalmente, para concordarem todos, em que não torne mais a casa de seu pae? Por ventura temiam que viesse a ser verdade o que José sonhára? O que elles temiam, elles o disseram: *Ecce somniator venit*. (Genes. XXXVII — 19) Não se temiam dos sonhos, mas temiam-se do sonhador. O que José sonhára foi, que no dia da segna as paveas dos seus irmãos caíam aos pés da sua; e ainda que os irmãos eram onze, e José o irmão menor, viam nelle tal saber, tal prudencia, tal generosidade, tal valor, em fim, uns espiritos tão

grandes e tão superiores á fortuna em que estava, que para tudo o que significasse o sonho havia nelle capacidade, e que o faria melhor accordado, do que o sonhára dormindo. De maneira, que o conhecimento e conceito grande que tinha de José, era o que fazia a tantos temer a um só : elle sonhava com os irmãos, e os irmãos sonhavam-no a elle. E como não ha affecto mais cruel que o temor este temor aconselhado foi, esquecido de todos os respeitos, o que o vendeu que o prendeu, e o quiz matar e publicar por morto : *Mortuus est*.

Ah perseguido José nosso ! Que o muito que conheceram em vós e de vós vossos emulos (sangue também vosso) foi o que a tanto preço e desprezo vos vendeu e comprou a liberdade, e o que a tão apertadas e dilatadas prizões vos martyrisou e tirou a vida. Conhecia Castella melhor que nós quanto havia que temer, no peito, na cabeça e no braço do infante : e este conhecimento, e este temor foram as culpas que se provaram contra sua innocencia, e as que o condemnaram. Não me atrevêra eu ao afirmar (posto que sempre o entendesse assim) se a mesma Castella o não confessára e publicára ao mundo, em um manifesto que novamente mandou imprimir, e cedo andarâ nas mãos de todos. Refere-se alli uma consulta dos deputados que se deram á causa de sua alteza : e concordando todos em que se lhe não devia dar liberdade, ainda em caso em que estivesse innocente, dizem estas palavras : *El miedo es justo, el rezelo prudente, el remedio necessario*. Ha tal encarecer de temor ! Assim o confessam publicamente : e era tal a pessoa do infante, que não tem por menos credito o confessal-o. Mas vêde como lhe mudava as cores o medo ! Parecia-lhe justiça : *El miedo es justo* ; parecia-lhe prudencia : *El rezelo prudente* ; parecia-lhe necessidade : *El remedio necesario* : uma côr era de justiça, outra côr era de prudencia, outra côr era de necessidade ; é tudo era medo. Oh cega razão de estado humana e muito cega, quando te guia a ambição ; mas muito mais cega quando te precipita o temor ! De sorte, que ter em prizões o innocente era justiça ; temer mais a um homem, que a Deus, era prudencia ; comprar uma liberdade por um thesouro era necessidade ; e todos estes precipicios fazia faltar o temor que tinham tantos homens a um homem.

III.

Dizia David a Deus : *A timore inimici eripit animam meam* : (Psal. LXIII — 2) Senhor, livrae a minha vida do temor de meu inimigo. Estas palavras podem ter dois sentidos, e ambos os explica Hugo Cardeal : Ou pedir David a Deus que o livre do temor que elle tinha a seus inimigos ; ou pedir que o livre do temor que seus inimigos lhe tinham a elle. Este segundo sentido é mais conforme ao que soam as palavras ; porque o temor que eu tenho a meu inimigo, é temor meu ; e o temor que meu inimigo me tem a mim, é temor seu : *A timore inimici*. Mas como pôde ser, que peça David a Deus que o livre do temor de seu inimigo ? Que o livre do seu poder, que o livre do seu valor, que o livre das suas traições, que o livre do seu odio, sim ; mas que o livre do seu medo, que o livre do seu temor ? Com muito maior razão ; porque não ha mais cruel inimigo, que o inimigo com medo. O inimigo sem medo muitas vezes é piedoso ; o inimigo com medo é inimigo sem piedade ; o inimigo sem medo satisfaz-se muitas vezes sem chegar á vida ; o inimigo com medo só com a morte se dá por seguro : a razão e a experiencia é, porque o inimigo sem medo tracta da sua satisfação ; o inimigo com medo tracta da sua segurança e odio. Assim lhe aconteceu ao nosso infante, que não soccegou o medo de seus inimigos, até que o passou do carcere á sepultura : *Mortuus est*.

Oh que cruel foi este temor ! Mas que glorioso para sua alteza ! Muito glorioso fez a David a victoria do Goliath, mas muito mais glorioso o medo de Saul ; muito gloriosas foram para Samsão as victorias dos philisteus ; mas muito mais glorioso o temor que os mesmos philisteus lhe tiveram. Que David, sendo um só homem, peregrino, fóra da sua patria, como então era, desse tanto cuidado a Saul ; e que sendo um rei tão grande, tão poderoso, armasse tantos soldados, e fizesse tão extraordinarias diligencias para o prender ! Grande argumento de quão grande pessoa era David. Mais o honrou Saul com a prisão, que não chegou a fazer, que com a inveja que lhe tinha. E que Samsão, sendo tambem um homem só, e desarmado, mettesse em tanto temor e per-

turbação a todo o senado e republica dos philisteus ; e que os philisteus sendo os que tanto dominavam naquelle tempo, multiplicassem guardas, cercassem cidades, armassem exercitos, buscassem tantos outros meios, ainda indecentes, para o prender! Grande prova de quão grande sargeito era Samsão : mais o honraram os philisteus com o seu temor, do que o honrara o leão que elle desqueixara, e não temêra. Muito glorioso fez a David e a Samsão o temor de seus inimigos : e se a gloria se ha de medir pelo temor, maiores circumstancias ainda de temor se acham na prisão de sua alteza, que nas de Samsão e David.

Saul fez tantas diligencias por prender a David, mas sempre por meio das armas : soldados a sua casa, soldados a Ceila, soldados a Engadi, soldados a Ziph, soldados a toda a parte onde sabia que estava ; mas ainda que tanto o procurou prender, nunca tratou de o comprar : preço sim, mas não vendido : não, que não se abatia a tanto o temor de Saul. Para prender o infante não só se armaram soldados, mas armou-se o interesse, armou-se a infidelidade, armou-se a traição, e não houve trato feio e cruel, que se não armasse : tanto era o temor que obrigava a tanto ! A prisão e entrega de Samsão é verdade que foi compra com o preço que se deu a Dalila ; mas depois de os philisteus o terem em suas mãos, contentaram-se com lhe tirar a vista ; a lingua, e os ouvidos deixaram-lh'os livres, e ainda que nos cabellos tinha toda a fortaleza, tambem lhe deixaram crescer os cabellos. Ao infante depois de preço, tiraram-lhe o vêr, tiraram-lhe o ouvir, tiraram-lhe o fallar ; e se os cabellos significam os pensamentos, até os pensamentos lhe prenderam, porque tambem os instrumentos de communicar, que era o escrever, lhe tiraram : tanto era o temor que obrigava a tanto !

Ainda que seja com agravo nosso, não hei de deixar de dizer onde chegava este temor. Naquelle conselho, que já referi, em que se resolveu a prisão de sua alteza, houve voto (e grande voto) que se aceitasse aos catalães a sujeição que offereciam, e que o exercito de Catalupha, assim inteiro como estava, se passasse a Portugal, antes que tivesse tempo de mais prevenções. Respondeu-se a este voto, que Portugal não dava cuidado ; que es-

tava seguro. De maneira, que Portugal, em Portugal, não dava cuidado, e o infante em, Allemanha, dava-lhe tanto cuidado ! Por certo que esta pouca estimação de Portugal não sei em que a fundava Castella. Se os exemplos do valor portuguez estiveram só além do Cabo da Boa Esperança, não fôra muito que Castella se não visse por distantes ; e se estiveram só nos tempos d'elrei D. João o I, e do conde D. Nuno Alvares, não é muito os esquecesse por antigos : mas bem sabia Castella pelos mesmos correios que lhe levaram a nova, que para lhe tirarem o nome em uma hora e o reino em oito dias, bastaram só quarenta portuguezes : quanto mais, que pelas reliquias delles, que lá tinha, podia julgar quaes eram os que cá ficavam. Todos os postos grandes que tem Castella, occuparam portuguezes nestes nove annos : a armada, as galés, a frota, a embaixada de Roma, e a de Allemanha, as armas de Flandres, e as de Catalunha, tudo nestes nove annos esteve a cargo dos poucos portuguezes que em Castella se acharam. Pois se Portugal é um reino tanto para dar cuidado, como o tinha Castella por tão seguro e todo o seu cuidado punha na prisão do infante ? Para que nos não admire este pensamento de Castella, e delle infirmos melhor quem o infante era, oiçamos o que fez um tão grande soldado, e tão grande politico, como David, em semelhante caso.

Acclamou-se Absalão rei de Israel em Hebron, e foi logo acclamado e recebido em todas as cidades do reino, sem ficar uma só. Chegou a nova a David, pelo primeiro aviso, dizendo, que todo o reino com todo o coração seguia a Absalão por seu rei : *Veni nuntius ad David dicens, toto corde universus Israel sequitur Absalon.* (2 Reg. XV — 13) Chegou d'ahi a poucas horas segundo aviso, e accrescentou, que tambem Achitofel seguia as partes de Absalão : *Nuntiatum est autem David, quod te Achitophel esset cum Absalon.* (Ibid. — 31) Tanto que David ouviu dizer que Achitofel seguia as partes de Absalão, no mesmo ponto levantou as mãos ao céu, e fez oração a Deus, pedindo que o livrasse do conselho de Achitofel : *Dixitque David, infatus, quæso, Domine, consilium Achitophel.* Notavel orar, e não orar de David ! Quando lhe dizem que está levantado em rei Absalão,

e que todo o reino unido em um coração o segue, não ora David a Deus, nem pede que o livre do rei, nem do reino; e tanto que lhe dizem, que também Achitofel tomou a voz de Absolão, então ora, então pede a Deus que o livre delle e do seu conselho! Sim: porque era homem Achitofel de tanta cabeça, de tantas auctoridade, de tanta industria, de tanto talento, que em ordem á recuperação do reino contrapezava mais aquelle homem só, que todo o reino-junto. O reino, ainda que unido, sem Achitofel parecia-lhe a David que o poderia restaurar; mas unido, e Achitofel com elle, julgava-o por irrestauravel. Este é o conceito que de Achitofel fazia David; este o que do infante D. Duarte fazia Castella e seus conselhos. Se nós chegarmos a vêr aquelle grande irmão fóra daquelle castello, Castella nós respeitára mais: *Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris, et jam me nemo despiciet!* (Cant. VIII — 1) O respeitar menos Castella a Portugal, é pelo grande conceito que tem de si; e respeitar e temer tanto ao infante, é pelo grande conceito que tinha delle. Não podemos negar que na largueza das terras, e no numero da gente, excede Castella muito a Portugal: media-se pois Castella com Portugal sem o infante, e olhando para a sua grandeza, dava a Portugal por seguro: tornava-se a medir outra vez com Portugal junto com o infante, e olhando para o talento do infante, dava a Portugal por perdido; por isso lhe dava menos cuidado Portugal, e o infante lhe dava tanto cuidado, e tantos cuidados. Se os emullos de José o sonhavam, mais sonhava Castella ao infante: aquelle desvelo, com que, dormindo e acordado, o velavam, que era, senão sonhal-o? Cuidavam que nelle nos tinham presos também a nós; cuidavam que com os muros de Milão, estavam sitiando a Portugal: cuidavam que Portugal sem o infante, era seu, e com o infante, nosso. Eu não sei que maior elogio se pôde dizer do infante, que este temor de Castella. Não digo mais. Se contarmos os reinos sujeitos a Castella, acharemos que são tantos como ha cidades em Portugal; e estando tão desiguaes as balanças, intendeu Castella que para se trocar a desigualdade, bastava que se pozesse da parte de Portugal a espada do seu infante. Não faz fim a escriptura de encarecer o peso das armas do gigante Goliath,

e comtudo é certo, que não pezavam tanto da parte dos philisteus as armas do gigante, quanto da parte de Israel a funda de David. Os vassallos de David avaliavam a sua pessoa em dez mil homens: *Tu unus por decem millibus computaris.* (2 Reg. XVIII — 3) E em quantos mil avaliava Castella o nosso infante, pois se persuadiu que com elle não podia vencer-nos? Nenhum principe alcançou jámais tão grande victoria de tão poderoso inimigo: não venceu o infante a Castella na campanha, venceu-a em seu proprio conceito; tirou-lhe por despojos o que nenhum vencedor tirou jámais ao vencido — a esperança de poder ser vencedora. Só uma coisa havia em Castella maior que o infante, que era o seu temor, e por isso esse só o pôde matar: *Mortuus est.*

IV.

Mas passando da causa ao sugeito, e considerando esta morte da parte do mesmo senhor infante, não é menos de ponderar e de admirar, que tambem concorresse para ella sua alteza. Quando chegaram á côrte de Allemanha as primeiras noticias da restauração de Portugal, teve tempo sua alteza para logo passar-se a terras de outra jurisdicção, e não se passou logo. Estando já para se partir, teve recado do imperador, em que o chamava, e foi, podendo não ir: nesta detença, posto que breve, se lhe embargou a liberdade, a que depois se seguiu declaradamente a prisão. Dava por razão sua alteza depois do successo, que se fizesse no seguro da palavra imperial, que tinha, de que em terras do imperio não consentiria fazer-se lhe violencia. Mas dizem os politicos, que nem sua alteza, havia de crêr tal palavra, nem se havia fiar de tal seguro. Na historia de José se vê retratada esta politica em uma bem notavel allegoria della. Estando Jacob para morrer no Egypto, chamou a seu filho José, que naquelle tempo era logar-tenente d'el-rei Pharaó, e tomando-lhe da mão a insignia real, ou o sceptro, que nella trazia, pediu-lhe que lhe promettesse e jurasse de fazer levar seus ossos á terra de promissão á sepultura de seus avós; e depois que assim o prometteu e jurou José, encostado Jacob sobre o sceptro, que lhe tirára da mão

adorou a Deus, e deu-lhe graças. Este é o sentido em que explica Santo Agostinho aquelle texto, difficiloso dos Setenta: *Adoravit Israel super cacumen virgæ ejus. Quid est* (Diz o grande doutor) *adoravit super cacumen virgæ ejus, id est, Joseph? An fortè Jacob tulerat ab eo virgam, quando ei jurabat idem filius, et dum eam tenet post verba jurantis, non dum illa reddita, mox adoravit Deum?* De maneira, que quando José houve de prometter e jurar, tirou-lhe Jacob da mão o sceptro e não lh'o deu senão depois do promettido e jurado. Oh que grande pintura da falsa politica dos principes, que hoje mais que nunca se usa no mundo! Para que José prometta e jure o que lhe pede Jacob seu pae, tira-lhe primeiro da mão o sceptro, que trazia nella; porque as promessas, e ainda os juramentos que se fazem com o sceptro na mão, por mais que sejam jurados em grandes obrigações, nem costumam levar verdade, nem tem firmeza.

Que bem intendeu esta grande lição David. No dia em que David perdoou a vida a Saul, avistando-se ambos, conheceu Saul o grande beneficio que d'elle tinha recebido; chamou-lhe filho, chorou com elle, disse-lhe que sabia de certo que havia de reinar, reconciliou-se e capitulou com elle debaixo de juramento, que não extinguiria sua casa: e acabados estes concertos, diz o texto que: *Ascendit David ad tutiora loca*: (1 Reg. XXIV — 23) Que fugiu David de Saul, e que buscou logares ainda mais seguros para se pôr em salvo. Pois, David, quando Saul vos deve a vida, e o conhece; quando chega a chorar um rei; quando vos chama filho, quando faz concertos jurados comvosco, então fugis mais depressa, então temeis, e vos receiades mais, e vos pondeis outra vez em cobro? Sim; porque em materias de reis e reinos, não ha que fiar em lagrimas, nem em palavras, nem em promessas, nem em seguros, nem em juramentos. Um só seguro teem as palavras dos reis, em quem se teme, que é desaparecer a toda a pressa, e pôr-se em seguro, como fez David; e assim dizem os politicos, que o devêra fazer o infante de Portugal: mas não o fez, porque era o infante de Portugal D. Duarte. A verdade do seu trato, a generosidade do seu animo, a realza do seu coração, a honra dos seus pensamentos, o entregaram a seus inimigos.

Não fôra o infante quem era, se não crêra a palavra que lhe deram, e se presumira antes, ou lhe entrára no pensamento, o que aconteceu depois. Os pensamentos são os primogenitos da alma; sempre se parecem á origem d'onde nasceram: assim como ninguém é o que cuida de si, assim é certo que cada um é o que cuida dos outros. Ha uns pensamentos que nascem pelo que entra pelos sentidos; e ha outros que nascem do que se considera com o discurso: os que são filhos dos sentidos, parecem-se com os objectos; os que são filhos do discurso, parecem-se com o sujeito: cada um costuma discorrer como costuma obrar; e o que cuida o que os outros hão de fazer, é o que elle fizera: as obras e as imaginações dos homens não teem mais differença que serem umas por dentro, outras por fóra; as obras são imaginações por fóra, as imaginações são obras por dentro: e se são menos as obras que as imaginações, não é pela differença, senão pela difficuldade. Se o infante discorrêra com o coração dos que lhe faltaram á fé, elle antevira que lhe haviam de faltar; mas discorrendo com o seu coração, como podia tal presumir, e muito menos crêr?

Acuda pelo seu prisioneiro o grande arcebispo de Milão: *Quis hoc apprehendat in sanctis, qui alios de suo affectu cœstimant? Et quia ipsis amica est veritas, mentiri neminem putant; fallere quid sit, ignorant; libenter credunt, quod ipsi sunt; nec possunt suspectum habere, quod non sunt.* Quem reprehenderá aos bons (diz Santo Ambrosio) porque avaliam aos outros por si mesmos? Como não sabem senão fallar verdade, cuidam que lhe não hão de mentir; e como nelles não tem logar o engano, não crêem o que são, e não podem suspeitar o que não são: *Libenter credunt, quod ipsi sunt; nec possunt suspectum habere, quod non sunt.* Queriam os politicos, que o infante não cresse o que lhe disseram, e que suspeitasse o que lhe não disseram: o que sua alteza creu, foi natural; o que queriam que suspeitasse, era impossivel: o que creu foi natural; porque creu o que ella era, e o que elle fizera: *Libenter credunt, quod ipsi sunt*: o que queriam que suspeitasse era impossivel; porque havia de suspeitar o que era impossivel que elle fosse, e era impossivel que elle fi-

resse : *Nec possunt suspectum habere, quod non sunt*. Como havia de suspeitar infidelidade um animo tão sincero ? Como havia de imaginar engano um coração tão verdadeiro ? Como havia de receiar mudanças um peito tão constante ? Como havia de presumir vileza uma condição tão generosa ? Como havia de imaginar interesses um espirito tão magnanimo ? Como havia de cuidar, e de entender, e de crêr, senão realezas, um animo, um espirito, um coração tão real ? Fôra não ser o infante quem era, se tal crêra, se tal presumira, se tal imaginára. Cada um imagina com os seus pensamentos ; e seriam pensamentos muito alheios do infante, os que taes imaginassem. E já que os politicos allegam com as historias de José, e de David, com os mesmos lhes quero responder, e com dobrados exemplos em cada um.

Mandou Jacob a José com um recado a seus irmãos. Foi, e não os achando onde cuidava, diz o texto, que o encaminhou um homem, andando errado pelo campo : *Invenit eum vir errantem in agro* : (Genes. XXXVII — 15) assim encaminhado por este homem, que muitos querem que fosse anjo, chegou ; e esta foi a occasião com que o prenderam e venderam. José sabia que lhe tinham grande odio seus irmãos, e lh'o mostravam nas palavras : *Oderant eum, nec poterant ei quidquam pacifice loqui*. (Ibid. — 4) Sabia tambem que os tinha accusado gravemente diante do pae : *Accusavit fratres suos crimine pessimo*. (Ibid. — 2) Sabia mais, que o sonho que lhes contára, fôra delles mal recebido, e peor interpretado : *Nunquid rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tuæ*? (Ibid. — 8) Pois se José tinha tantas razões, e tantos indicios da sua parte, e da de seus irmãos, para cuidar que tomando-o fôra da casa do pae lhe fizessem algum aggravo, porque foi comtudo ao recado de Jacob ? Porque não presumiu que o quereriam matar ; porque não anteviu que o prenderiam, e que o venderiam, como succedeu. Tinha José uma agudeza de vista tão superior, que penetrava os futuros ; e não previu nem imaginou que o poderiam matar, que o poderiam prender, que o poderiam vender seus irmãos ? Não, que semelhantes imaginações não entram em intendimento tão nobre, e tão generoso, como o de José ; das estrelas do céu, e das palhas do campo, adivinhava José os futuros;

mas taes futuros como esses, que envolvem uma maldade, e uma crueldade tão grande, não cabem no entendimento de José, nem entram em tão honrado pensamento, como o seu. Por isso foi ao recado de Jacob, e insistiu em ir, e o ir não foi erro, senão acerto. Quando tomou por outro caminho (como queriam os políticos que o infante tomasse) então é que ia errado, e errado a juizo dos homens, e dos anjos: *Invenit eum vir errantem*. Se José crêra ou imaginára a traição que depois lhe fizeram os irmãos, não fôra José, fôra como elles; e senão, diga-o a experiencia. Tanto que morreu Jacob no Egypto, sendo passados mais de trinta annos, entraram em pensamento os irmãos, que José se queria vingar da injuria que lhe tinham feito; e não se atrevendo a apparecer diante d'elle, mandaram-lhe um memorial em nome do pae defuncto, em que elle e elles lhe pediam, que se não quizesse lembrar daquelle seu erro: *Quo mortuo, timentes fratres ejus, et mutuo colloquentes: Ne forte memor sit injuriæ, quam passus est, et reddat nobis omne malum quod fecimus. Mandaverunt ei dicentes, etc.* (Gen. L—15 e 16). Ora notae a grande differença de animos entre José e seus irmãos. Estes na mesma hora em que acaba de espirar o pae, em que não ha irmão tanto de féra que deixe de estar enternecido e humano; e depois de passados tantos annos, em que o tempo digere os maiores aggravos; e depois de ouvirem da sua boca a José, que todo aquelle caso fôra ordenado por Deus, para remedio da casa de seu pae, e exaltação sua; e depois de os abraçar, e chorar com elles, e os pôr á sua meza, e os apresentar a Pharaó, e os honrar, e enriquecer, e se prezear muito de os ter por irmãos, sobre todos estes argumentos de verdade, amizade, e irmandade, ainda lhes entrou no pensamento, que José se quzeria vingar delles, e não se atreveram a apparecer em sua presença; e José, pelo contrario, sobre tantos motivos de odio, de inveja, de vingança, nem temeu ir-se entregar aos irmãos em um despovoado, nem lhe passou pela imaginação, nem por sonhos, que elles lhe furiar o que lhe fizeram. E d'onde nasceu esta differença de pensamentos? Das causas, não; porque eram totalmente contrarias. Pois se não nasceu das causas, d'onde nasceu? Nasceu dos sujeitos, e dos animos de cada um; que cada

um como é, assim imagina. José, que tinha animo nobre, leal, generoso, imaginava lealdade, boa irmandade, e boas correspondencias; os irmãos, que eram rusticos, desleaes, vingativos, traidores, imaginavam traições, imaginavam vinganças, imaginavam deslealdades, imaginavam vilezas. E sendo isto assim verdade, que os pensamentos são espelhos dos corações, em um coração tão leal, tão generoso, qual era o do infante, como se haviam de representar tão baixos pensamentos? Estes pensamentos ou se haviam de conformar com os objectos, ou com os sujeitos: os objectos era um monarcha, uma palavra real dada, a fé e hospitalidade publica, e muitos beneficios recebidos; o sujeito era o infante D. Duarte: pois de taes objectos, e por tal sujeito, como se podiam formar pensamentos, que não fossem de verdade, de generosidade, de fé, de firmeza, e de confiança, que foram os que entregarin ao infante?

V.

Mas vamos a David. David é verdade que se não fiou das palavras de Saul; mas quando se não fiou? Depois de averiguado e declarando o odio, e tenção de Saul; e depois de ter repetidamente experimentado, que não valiam com elle nenhuns beneficios, nem tinham fé, nem firmeza suas promessas. Antes de todas estas experiencias, e anatomias do coração de Saul, vêde o que delle, e de sua palavra real presumia o mesmo David: é caso notavel. Desde o dia da victoria do gigante, e em que as donzellas de Jerusalem cantaram aquella letra fatal, logo David conheceu nos olhos de Saul o odio e inveja mortal que no seu coração ardia: tinha-lhe promettido sua filha Merob, e a seu despoito deu-a a Adriel: em todas as occasiões de guerra perigosa o mandava, para que lá morresse: deu-lhe a filha segunda, Michol, com condição que a havia de dotar com cem cabeças de philistens, para que uma dellas fosse a sua: descobertamente o mandou cercar e prender a sua casa, com ordem que fosse morto nella, como sem duvida fôra, se uma industria da mesma Michol o não livrara: sobretudo duas vezes em differentes dias lhe ati-

rou a David com a lança que tinha na mão, dentro em seu proprio paço ; e por ser ainda maior a ira que o cegava, o não pregou juntamente com a parede. Podia haver maiores e mais multiplicadas demonstraões de odio ? Podia haver mais qualificadas razões para um vassallo que tinha tanto que perder na vida, que não tractasse somente de a pôr em salvo, e se não fiasse mais de um rei tão declaradamente inimigo ? Pois lede o capit. 15 do segundo livro dos Reis, e achareis que sobre tantas experiencias e demonstraões estava disposto David a se tornar a fiar de Saul sobre uma só palavra sua, que elle dissesse a Jonathas. Eu me ausentarei, diz David a Jonathas ; se el-rei á meza perguntar por mim, dizei-lhe que fui sacrificar a Belem ; e se responder : bem está, eu me dou por satisfeito : *Si dixerit : Bené, pax erit servo tuo.* (1 Reg. XX — 7) De sorte que era o coração de David tão generoso, e o conceito que fazia de uma palavra real, tão grande, que depois de tantos desenganos e experiencias, estava ainda persuadido a se fiar de Saul, e que bastava um *Bené est* da boca de um rei, para lhe não poder vir mal nenhum da sua mão : diga o rei : *Bené est* e não quero outro salvo conducto, que esta só palavra : *Si dixerit, pax erit servo tuo.* Eis aqui quão naturalmente crêem o bem, e quão difficultosamente se persuadem a presumir o mal, corações como o de David, que são feitos á medida do coração de Deus. David no seu caso, e o infante no seu, ambos imaginaram o que cada um delles fizera ; e se ambos se enganaram no successo, não foi erro do intendimento, senão generosidade do coração : David em presumir que Saul obraria como rei, fez sua obrigação ; e se Saul faltou á sua, porque ha de ser culpa, senão louvor de David ? E quando na credulidade e confiança de David conbera alguma culpa ou demasia, na do infante nenhuma se podia considerar ; porque a palavra do principe, em que se fiou, pela grandeza, pela fé, pela religião, pela amisade, pelas obrigações, pelos exemplos dos maiores, em fim por tudo, promettia firmeza, segurança, e a confiança que delle se fez.

Razão e muitas razões tinha sua alteza para receiar que procurasse a fera pessima comer a José ; mas muito maior razão, e

razões tinha para querer que quando quizesse comer o leão, sairia ao defender a aguia. Para tragar um infante, filho daquella illustre mulher do Apocalypse, saiu em campo um dragão fero: e porque o não tragou a elle, nem a ella? Porque teve por si o amparo das azas de uma aguia grande: *Datae sunt mulieri duæ alæ aquilæ magnæ, ut volaret in locum suum*: (Apoc. XII — 14) Com o favor das duas azas de uma aguia grande teve logar para ir seguramente para a sua terra. Se esta é a obrigação das aguias grandes, ainda quando não devem obrigações, como havia de presumir o contrario da grandeza de outra aguia, e tão obrigada a um infante não menos illustremente nascido? Não digo eu de uma aguia, mas de outra ave menos real o deve presumir e esperar assim. Dentro em Portugal tinha o exemplo. Entregou-se o corpo de S. Vicente em confiança a um corvo, e sendo o deposito de tão grande tentação para a voracidade natural daquella ave, a mesma confiança que della se fez, a obrigou a tanto que se poz em campo aberto contra o lobo, e com as azas e as unhas o defendeu de seus dentes; e se este primor se acha nos corvos, porque se não havia de esperar das aguias? Uma dellas foi o grande imperador Carlos V, do qual se conta, que fazendo o ninho uma andorinha na tenda onde estava alojado, havendo de marchar para outra parte, mandou que se não desfizesse a tenda, até que a andorinha a não deixasse: tão sagrado lhe pareceu áquelle imperador o direito da hospitalidade, que até com uma avezinha de tão inferiores respeito quiz que se guardasse. Sendo pois o sagrado das azas imperiaes tão sagrado, como havia de presumir, nem imaginar, e muito menos crêr, que devido por tantos titulos e ainda promettido, lhe faltasse? Para tal crêr, para tal presumir, para tal imaginar, havia de obrar com outro entendimento menos verdadeiro, e com outro coração menos generoso e não com o seu.

VI.

O segundo exemplo que prometti de Dávid, seja do segundo Dávid, para que seja sem exemplo. Entraram pelo Horto de Gethsemani os soldados do imperio romano, capitaneados por Judas

para prender injuriosamente a Christo. São-lhes o Senhor ao encontro, e pergunta : *Quem quæritis ?* (Joan. XVIII — 4) A quem buscaes ? Antes destas palavras nota immediatamente S. João, para os que não soubessem que sabia o Senhor tudo que havia de vir sobre elle : *Jesus autem sciens omnia quæ ventura erant super eum.* (Ibid.) Pois se o Senhor sabia tudo o que havia de vir sobre elle, como pergunta a quem buscavam ? Ponderosamente Ruperto : *Non dixit : Ecce ego, quia me quæritis ; sed : Quem quæritis inquit ; quia re vera talem persecutionis modum veritas nescit :* Não se apresentou o Senhor aos que o vinham prender, dizendo, que bem sabia a quem buscavam ; mas pergunta-lhes : A quem buscaes ? como se o não não soubera ; porque tal modo de perseguição e de prisão, era tão alheio de todo o discurso e de todo o credito, que verdadeiramente, diz Ruperto, a mesma verdade de Deus, a quem na da se esconde, parece que a não podia acabar de crêr, e que a igno rava. Menos moderadamente fallam as palavras de Ruperto, mas assim se hão de entender. Christo em quanto Deus, pela sciencia divina, e em quanto homem, pela sciencia sobrenatural, conhecia e estava vendo tudo o que lhe havia de acontecer ; mas se postas estas duas sciencias á parte discorrera Christo naturalmente com todo o seu intendimento e saber, não crêra, nem se persuadira, que tal modo de perseguição lhe traçavam os homens, a quem elle tão differente tractamento tinha merecido. Christo foi preso sem culpa, e sobre muitos beneficios, e debaixo de falsa paz, e atado como malfeditor, e vendido por Judas, e desamparado dos que lhe tinham prometido fidelidade : e todas estas circumstancias (quanto a comparação o soffre) concor reram na prisão do infante. Pois se o intendimento e o conceito do mesmo Christo se não pudera persuadir a tal modo de prisão, tão enganosa e tão desmerecida, como a havia de crêr, nem imaginar, um animo tão leal e tão verdadeiro como o do infante ? *Talem persecutionis modum veritas nescit :* Christo foi vendido, e faltaram-lhe á promessa : a venda executou-a Judas : a promessa quebrou-a Pedro : e se estes defeitos se não acharam senão divididos em dois pescadores, com os havia de persuadir o infante juntos em um principe ? Mas o certo é

(para que diga o que ercio) que em tudo foi parecida uma prisão a outra : a prisão de Christo não foi mandada pelo imperador de Roma, senão executada por seus ministros, mandados por outros principes : *Missi à principibus sacerdotum, et senioribus populi* (Matth. XXVI — 47) Se não houvera máus ministros no lado dos principes, nunca a pureza de sua verdade, nem a fama de suas acções padecera eclipses. Mas o verdadeiramente eclipsado foi o nosso sol, que como sol correu por seus proprios passos ao seu occaso. Vendeu-o a cobiça, mas primeiro o vendeu a generosidade de seu animo ; entregou-o o engano, mas primeiro o entregou a verdade do seu coração ; prendeu-o a vileza e matou-o a crueldade, mas primeiro o prendeu e matou a nobreza da magnanimidade real de seus pensamentos. Dois conceitos concorreram á morte de sua alteza, ambos para elle mui gloriosos ; porque ambos mostravam, quem era : o conceito que Castella tinha do infante, com que tanto o temeu ; e o conceito que o infante teve dos que o entregaram, com que os não soube temer : morreu por muito temido : e morreu, porque não soube temer : o tremor alheio e o seu destemor o mataram : *Mortuus est.*

VII

Estas foram as causas que houve da parte de Castella e da parte do infante. Nella para concorrer, e nelle para não divergir sua morte : mas da parte da providencia, que é causa sobre todas as causas, que causa, ou que motivo haveria para não acudir, como costuma, pela innocencia, e deixar morrer n'um carcere um principe tão digno de vida ? De José diz a escriptura : *In vinculis non dereliquit illum* : (Sap. X — 14) Que o não deixou Deus nas prisões ; porque ainda que esteve preso dois annos o tirou della com tanta gloria. Pois se assim costuma Deus tractar a innocencia, se assim costuma acudir pela justiça, como neste caso trocou Deus o estylo ordinario de sua providencia, e não só negou á liberdade do infante os meios divinos, mas ainda lhe estorvou, como de proposito, todos os humanos ? Se houve

successo no mundo, que mereça nome de fatalidade, foi sem duvida o da prisão e morte do infante D. Duarte.

Dirá por ventura alguém, fundado na mesma historia de José, que a demasiada diligencia que se poz nos meios humanos, foi a que estorvou o effeito delles, porque assim lhe succedeu a José com a confiança que poz na valia do copeiro de Pharaó. Não nego que as diligencias summas humanas foram todas as que costuma o grande amor, quando se ajunta com o grande poder ; mas é certo que os meios e diligencias divinas se applicaram dobradamente ; porque se batia o castello por fóra, e mais por dentro ; pela nossa parte, e mais pela do infante. Era o infante mui devoto daquelle altissimo sacramento em que Christo se deixou preso com os homens nas cadêas de seu amor ; e se mostrava bem esta devoção nas offertas verdadeiramente de principe, com que enriquecia seus altares : não era menor a sua liberalidade, nem o seu affecto com a Mãe do mesmo Senhor e Senhora nossa a Virgem Maria : todos os dias lhe offerecia particular sacrificio de orações com grande pielade, e signaladamente se lhe tinha feito tributario na sua casa de Guadalupe, tão celebrada nos despojos de prisões, e cadêas rotas, que em testemunho de liberdades restituidas pendem de suas paredes. Offereceu este tributo sua alteza, quando estava livre em Hespanha, para que se veja, que foi affecto, e não necessidade. A esmola tão acreditada em romper carceres, e livrar captivos, foi sempre a maior inclinação deste principe. Em quanto esteve na cõrte do duque seu pae, tomava á sua conta o despacho das petições dos pobres, e nelle folgava muito de empregar toda a sua valia, que era muita, porque era elle o José do seu Jacob : este mesino amparo acharam sempre em sua alteza os pobres em todas as suas peregrinações : nas cõrtes e nas campanhas, e ainda na prisão não tinha para elles as mãos atadas, posto que menos cheias do que quizeram e podia, mas tambem para esta largueza lh'as estreitaram as prisões. Estes eram os instrumentos com que o infante por dentro batia e minava as muralhas do castello de Milão, e com que não cessava de limar os duros ferros do seu carcere que de nada se deixavam penetrar. Por fóra, não se pôde facilmente dizer, as orações, os sacrificios

as penitencias, as esmolas, os votos, que por ordem de suas magestades e por affecto sempre de todo o reino, e mui particularmente nas comunidades de todos os religiosos e religiosas, continuamente se offerciam ao ctm. Pois se tantas e tão efficazes intercessões, se tantas e tão poderosas valias se empenharam tanto com Deus, e perseveraram tantos tempos diante de sua divina piedade, que nos libertasse e desse o nosso infante; porque nos negou sempre Deus a sua liberdade, e por ultimo desengano, como para se livrar de nossas importunações, lho tirou a vida? Ponderação é esta digna de todo o reparo: e se é licito entrar nos segretos dos juizos de Deus, e de umas acções suas julgar outras, eu intendo que o estorvar Deus tantas diligencias humanas, e não se render sua piedade a tantas divinas, foram ciumes que teve Deus de que o infante D. Duarte viesse a Portugal. De maneira, que, resumindo as causas que concorreram na prisão e morte de sua alteza, da parte de Castella foi temor, da parte do infante foi generosidade, da parte de Deus foram ciumes.

Que a principal causa dos trabalhos de José fossem ciumes, é coisa manifesta. Duas vezes foi José preso, e de ambas o prenderam por ciumes. A primeira vez o prenderam os irmãos, invejosos de que o pae amasse mais a elle, que a elles: e essa é a differença que tem o ciume das outras invejas, ser inveja nascida de amor. A segunda vez foi preso José por accusação da falsa egypcia, que desordenadamente o amava; e quem o prendeu foi Putifar, a quem, como tocava a fe, tocavam tambem os ciumes. Para que se intenda, pois, que tambem o nosso José padeceu a mãos do ciume, e não de outros ciumes, senão os de Deus, supponho das escripturas, que o nome de que muito se preza Deus é de cioso: *Deus tuus fortis, zelotes*. (Exod. XX — 5) Como Deus se sujeitou, não é muito que fizesse ostentação até dos vocabulos que parece não cabiam em tamanha magestade, senão com meos decencia. A materia principal dos ciumes de Deus é a sua gloria, que elle quer que seja sempre toda, e só sua: *Gloriam meam alteri non dabo*: (Isai. XLVIII — 11) e como a maior gloria ou a mais gloriosa, que ha no mundo, é a gloria das armas e das batalhas, porque dellas se mede o poder dos princi-

pes; e se ganham ou defendem os reinos e as cidades, nesta gloria particular das armas e das victorias é que são mais delicados e mais vivos os ciúmes de Deus. Por esta causa, sendo Deus Senhor de todas as coisas, tomou por titulo particular o de Senhor dos exercitos : *Dominus exercituum*, (1 Reg. III — 14) para que entendessem os homens, que elle é o que dá as victorias, e o que as tira. Por esta causa talvez desbaratava poderosos exercitos por meio de uma mulher, como Judith, como Debora, como Jael, para que os capitães famosos de Israel se não levantassem com a gloria de terem vencido. Por esta causa promettia os successos prosperos, ou adversos, antes das batalhas, como a Moysés, a Samuel, a Micheus, e a todos os prophetas que os annunciavam aos reis, para que se conhecesse claramente, que eram as victorias suas, pois tão seguramente dispunha os futuros dellas. Por esta causa ensinava outras vezes o modo, o tempo e o lugar, em que se haviam de dar as batalhas, como a Josué na primeira conquista da terra de promissão; e a David na segunda rota que deu aos philisteus, para mostrar que a que se chama erradamente fortuna da guerra, é somente a sua vontade, e que os que nas batalhas parecem acasos, são acenos de seu poder, e ordens secretas de sua providencia. Finalmente, permittia muitas vezes, que grandes exercitos saíssem vencidos e que poucos homens, e mal disciplinados, fossem vencedores, como na guerra de Abrahão contra os cinco reis Amorreos, na de Judas Machabeo contra os exercitos de Seron, (1. Machab — 3) na de Acab contra Benadad, rei de Syria, e trinta e dois reis que o acompanhavam, (3. Reg. — 20) para que ninguem se atrevesse a attribuir a si a gloria da victoria, sendo a Deus, cuja era. Este foi sempre o pensamento de Deus, como notam os santos em todos estes lugares; e antes da famosa victoria de Gedeão o declarou assim o mesmo Senhor por termos notaveis.

Estava Gedeão com trinta e dois mil homens em campo para sair á defensa contra o exercito dos madianitas e amalecitas, que com exercito innumeravel vinham devastando sem resistencia todas as terras do povo de Israel; e diz-lhe Deus a Gedeão : *Multus tecum est populus; nec tradetur Madian in manus efus* : (Judic.

VII — 2) Capitão, tendes muita gente com vosco, e assim não podereis vencer. Diminuiu Gedeão o exercito, ficaram só dea mil. Ainda são muitos, diz Deus : diminuiu mais, até que ficaram só trezentos. Com esses lhe disse Deus que venceria, e com esses venceu. Notaveis consequencias de Deus ! Porque Gedeão tem muitos soldados não ha de vencer ; e para que vença um exercito innumeravel, ha de desfazer o seu, e ficar com tão pouco ! Sim, diz Deus, e deu a razão : *Ne gloriatur Israel, et dicat, meis viribus liberatus sum*. Porque havendo-se de libertar Israel, como pode se libertar dos medionitas, não cuide que deve a sua liberdade ás suas armas, e tome para si a gloria, que é só minha : *Ne gloriatur Israel, et dicat, meis viribus liberatus sum*. Faes estremos, como todos estes, faz o Senhor dos exercitos, quando se pica de ciumes de sua gloria. Mas o maior de todos foi o do exercito de Senacheryh, em que matou Deus uma noite cento e oitenta e cinco mil homens, só por estes ciumes : assim o diz a escriptura expressamente em dois logares — no capit. 19 do quarto livro dos Reis : *Zelus Domini exercituum cum faciet hoc* ; e no capit. 37 de Isaias : Os ciumes do Senhor dos exercitos foram os que fizeram uma coisa tão rara e tão notavel, como matar n'uma noite cento e oitenta e cinco mil homens : *Zelus Domini exercituum*. E se os ciumes de Deus matam tantos mil homens, que muito é que cuide eu que mataram um, e tão homem ? Assim o cuido, assim o intendo, assim o torno a dizer, que a morte do infante, considerada da parte de Deus, foi ciumes.

VIII.

Tão gloriosas foram para o infante as causas que concorreram em sua morte, e não o é menos para commigo a circumstancia do tempo, se bem se repara nella. Morreu sua alteza ao cabo de nove annos de prisão, e tal prisão : e é caso admiravel, que um principe do seu juizo, e dos seus pensamentos, durasse tanto nella, e morresse tão tarde. Pilatos admirava-se de que morresse tão cedo Christo : *Mirabatur, si jam obiisset* ; (Marc. XV — 44) e eu pelas mesmas causas porque Christo morreu tão cedo, me ad-

miro de que morresse o infante tão tarde. Ao lado de Christo estavam outros dois crucificados, que morreram mais tarde ; mas em Christo havia tres grandes causas para morrer, como morreu, mais cedo : a affronta nelle era maior ; era maior o seu entendimento ; e além da cruz, que os outros padeciam, tinha de mais a corôa de espinhos. Que cuidamos era para o infante a corôa de sua magestade, estando elle naquelle estado, senão uma perpetua corôa de espinhos, que continuamente lhe estava atormentando o pensamento com tudo o que em resolução tão grande e tão arriscada se podia imaginar e temer ? Tambem a sua cruz por sua era differente. Crucificado estava Christo, e crucificados os ladrões ; mas nos ladrões não havia mais que a pena da cruz ; em Christo a pena da cruz, e a affronta da Pess oa. Não debalde ponderou o Senhor tanto esta circumstancia na sua prisão : *Tanquam ad latronem existis comprehendere me.* (Matth. XXVI—55) Quando o infante passava preso pelos povos de Valtilina, tocavam-se os sinos a martello, como é uso naquellas partes nas prisões dos ladrões e malfeitos : e que tudo isto pezado em balança tão fiel, como era o juiso do infante, lhe não pasmasse o valor, e lhe não affogasse a alma, e lhe não tirasse muito brevemente a vida ! Oh exemplo de fortaleza, e de constancia admiravel !

Aquelle grande homem, que dissemos, Achitofel, cujo juiso no conceito da David pezava mais que todo o reino, vendo que Absalão não tomava seus conselhos, retirou-se a sua casa, dizpoz as coisrs della, e matou-se com suas proprias mãos. Viu Achitofel que uma vez que Absalão não tomava os verdadeiros conselhos, não podia conservar-se ; viu que não conservando-se, elle e todos os mais haviam de vir outra vez ás mãos de David : e considerando com aquelle grande juiso, que coisa era vêr-se um homem preso e affrontado em mãos de seus inimigos, preveniu a affronta com a morte, e não se atreveu a esperar vida. Grande caso, que mate a um homem seu proprio entendimento, e que morra de se não atrever a viver ! Mas é que tinha Achitofel grande entendimento, e não tão grande coração. Se Achitofel tivera um coração do infante D. Duarte de Portugal, elle não abafara na consideração de se vêr injuriosamente preso nas mãos de seus ini-

migos, elle se não matára, por não chegar áquelle ingrato genero de vida, nem morrerá, nelle; antes vivêra, e vivêra muitos annos, como viveu o infante. Mais costumado era á má vida, e mais profusão fazia de não temer a morte Elias; mas vêde o que lhe aconteceu em caso menor que o de sua alteza. Quiz Jesabel prender a Elias: foge Elias por esses desertos, que eram as partes de que elle era mais pratico, e assentando-se á sombra de uma arvore, começou a chamar pela morte, e a pedir a Deus que o tirasse de tal vida: *Petivit animam suam, ut moreretur*. Nota a escriptura, que quando Elias isto disse, e pediu, não havia mais que um dia que andava fugindo da prisão e perseguição de Jesabel: *Et perrexit in desertum, viam unius diei*. (3 Reg. XIX — 4) Pois se não havia mais que um dia que Elias padecia esta perseguição; se esse dia não era de prisão, senão de escapar della, estava solto, e em toda a sua liberdade: *Surgens abiit, quocumque cum ferebat voluntas*; (Ihid. — 3) como se não atrevia Elias a viver mais? Aqui vereis quanto fez sua alteza em viver na sua prisão tantos annos. Se um dia de escapar das mãos dos inimigos afflige tanto, um dia de cair nellas, e tantos dias de estar debaixo dellas, que tormento será? Elias era um anacoreta, e quiz morrer, por não supportar esta vida um só dia: Achitofel era um principe, e matou-se por não chegar a esta vida um só instante: e que aturasse a viver esta vida, quem era tão grande principe para o aggravo, e não era anacoreta para o soffrimento! Oh coração verdadeiramente forte! Oh heroe verdadeiramente grande! Oh valor! Oh constancia mais que humana!

Admirou-se Pilatos, de que Christo morresse tão cedo: mas de que se admirou, sendo os tormentos de Christo tanto para apoucar a vida, e apressar a morte? A razão mais literal de todas, é a que deu judiciosamente Euthimio: *Pilatos sperabat Christum tarde moriturum, tanquam divinum quendam hominem, qui ceteros excederet*: Admirou-se Pilatos de que Christo morresse tão depressa; porque como tinha ouvido delle tantas maravilhas, esperava que como um homem divino, e maior que os outros homens, morresse mais tarde. Assim o esperava Pilatos, e assim havia de ser, se a dilação da morte de Christo se

medira com o seu coração, e não com a sua obediência. Esta é a razão porque eu me admirava, e já me deixo de admirar, de que o nosso infante morresse tão tarde: comparando-o com os outros homens, admirava-me; comparando-o consigo mesmo, não me admiro, porque um homem a quem Deus fez tanto maior que os outros homens, que se havia de esperar do seu valor e constancia nos trabalhos, senão que morresse muito tarde? *Sperabat tarde moriturum, tanquam divinum quendam hominem, qui cæteros excederat.* Como homem era divida natural que morresse; mas como homem que excedia aos outros homens, era obrigação de seu valor que morresse tarde: *Tarde moriturum.*

IX.

Curto é o exemplo de José nesta circumstancia, porque os annos do seu carcere foram só dois; mas nesses dois annos, com ser tão grande homem José, vejo-o tão penetrado da dureza da prisão, que sem duvida, se durassem mais tempo as cadeas, não lhe poderia durar tambem a vida; porque os ferros gastavam mais a José, do que o tempo gastava os ferros. Quando os irmãos, depois das felicidades de José, o viram outra vez no Egypto, nenhum delles o conheceu, nem da primeira, nem da segunda vez; sendo que José os conheceu logo a todos: pois se o tempo da ausencia era o mesmo, como estavam os irmãos parecidos ao que sempre foram, e José tão outro que ninguém o conhecia? Eis ali o que lhe fizeram as suas prisões; tanto o penetraram, tanto o gastaram, tanto lhe adiantaram a idade, lhe mortificaram as côres, tanto lhe adelgaçaram os ossos, tanto lhe dobraram e inclinaram a estatura, tanto lhe descompuzeram a harmonia de todas as feições do rosto, tanto lhe quebraram os brios de todo o corpo, e ainda a viveza da mesma voz, que nem pelo fallar, nem pelo andar, nem por outro signal da presença o conheceram, nem ainda suspeitaram os mesmos que toda a vida se crearam com elle. Os irmãos que não tiveram mudança na liberdade da vida, posto que rustica, em tudo eram parecidos a si mesmos; porque

não é o trabalho, senão os trabalhos, os que em pouco tempo mudam muito : mas José que tinha sido vendido, e captivo de dois senhores, e amansado em seus ossos a dureza de tão estreitas prisões, estava tão mudado, tão outro, e ainda tão entrado da mesma idade, como se o numero dos seus annos igualára o de seus trabalhos. Oh valoroso e fortissimo principe, quem puzera agora o vosso retrato junto a este de José ! Dinem os que assistiram nos ultimos dias de sua alteza, que aquella sua gentileza verdadeiramente real, que tão bizarro e tão formoso principe o fazia aos olhos dos homens, estava então, esteve, e se conservou sempre no mesmo vigor, e na mesma frescura com que entrára naquello castello ; e que se havia alguma differença no infante, era estar um pouco mais avultado de corpo, por lhe faltar o exercicio da campanha. Tão pouco o gastavam as prisões, que nem parece passavam por elle os annos. Alguns menos que os de sua alteza, tinha David no tempo das suas perseguições ; e quando ao passar de algum ribeirão d'aquellas montanhas, por onde andava escondido, olhava para si, e se media consigo, não se conhecia de velho ou de envelhecido ; *Inveteravi inter omnes inimicos meos* : (Psal. VI — 8) Envelheci entre todos meus inimigos. David, sem chegar a quarenta annos, envelhece, por se ver entre seus inimigos ; e o infante D. Duarte passando de quarenta annos, e estando mais entre seus inimigos que David, não envelhece : David andava de cova em cova, de brenha em brenha ; andava de montanha em montanha, mas andava : a torre em que estava sua alteza, tinha poucos mais pés que uma sepultura. David andava entre seus inimigos, mas entre esses inimigos e David havia tulvez muitas leguas de distancia ; sua alteza estava tanto entre seus inimigos, que nunca lhe saiam da vista. David ainda que andava entre todos seus inimigos : *Inter omnes inimicos meos*, seus inimigos não eram todos ; porque quando menos Jonathas, filho do mesmo rei Saul, que o perseguia, amava a David, como a sua alma, e como a tal o defendia e avisava de tudo ; sua alteza estava entre seus inimigos, e eram seus inimigos todos, porque nenhum tinha que fizesse as partes da sua innocencia, nem de quem podesse fazer a menor confiança. David trazia consigo

quinhentos companheiros, todos iguaes na desgraça e na fortuna : *Omnes, qui erant amaro animo* ; (2 Reg. — 17) e tinha com quem consolar, ou quando menos, com quem chorar seus trabalhos, que é grande a *sympatia* de um triste com outro triste : sua alteza nem este desconsolado allivio tinha para suas tristezas : em si as consumia todas ; porque só as communicava consigo. Finalmente, David dizia por encarecimento, que neste tempo sempre trazia a sua vida nas suas mãos : *Anima mea in manibus meis semper* ; (Psal. CXVIII — 109) e sua alteza não trazia a sua vida nas suas mãos, porque a tinha sempre nas de seus inimigos, e por isso não lhe podia chamar sua, como David, nem ainda vida, porque o não era. De sorte que os trabalhos que padecia David entre seus inimigos, com serem tanto menores trabalhos, e tanto mais alliviados que os do infante, podiam mais que a força e vigor dos annos, e faziam velho a David, (a David que entre os tres fortes de Israel era o fortissimo) ; mas a fortaleza do animo do infante era tão superior a toda a fortuna, que sendo os seus trabalhos tanto maiores que os de David, e desacompanhados de todo o allivio ; e sendo os seus annos tambem maiores, os annos parece que estavam parados, e a idade parece que não corria, porque no meio de tantas tempestades, e tão furiosas, conservava sempre a mesma primavera : nove primaveras, e nove outonos se contaram sobre o infante (que assim falla a escriptura, quando mede os trabalhos com os annos) nove vezes se mudou o tempo, e a mesma natureza, em quanto o infante esteve na sua prisão ; e só nelle se não viu mudança, nem na parte superior do animo, nem na inferior e mortal. Gastava o tempo os ferros do carcere, mas nem os ferros, nem o carcere gastavam o infante. Confessava Job de si, que a sua fortaleza não era de pedra, ou a sua carne de bronze : *Nec fortitudo mea fortitudo lapidum, neque caro mea ænea est.* (Job. VI — 12) A fortaleza do infante era mais forte que as pedras, e a sua carne mais forte que o bronze : dentro naquelle castello que o tinha preso, não só parece que desafiava as mesmas pedras e bronzes delle, mas que as vencía : nas pedras e bronzes daquelle castello viam-se rastros do tempo, no infante não se viam. Oh desafio es-

tupendo ! Oh batalha inaudita ! Oh espectáculo verdadeiramente digno dos olhos de Deus.

Mas ainda naquelle estreito theatro havia outro maior, e mais digno de seus olhos, que era, não do infante com as pedras e com os bronzes, mas do infante com a sua fortuna. Pinta Seneca a idéa de um varão forte e constante, ou por melhor dizer, pinta Seneca ao infante D. Duarte na idade de um varão forte e constante, e conclue assim : *Ecce spectaculum dignum, ad quod respiciat intentus operi suo Deus ; ecce par dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus* : (1) Este é o espectáculo digno de que Deus detenha nelle os olhos, como no maior de suas obras ; esta é a parelha digna da vista de Deus, um varão forte, posto em campo com a sua fortuna, e composto nella. Um homem luctando com uma fera, era um espectáculo dos Cesares no amphitheatro de Roma ; um homem luctando com a má fortuna, é o espectáculo de Deus no amphitheatro do mundo. Esta foi a ultima representação do infante no terceiro acto da sua vida ; este foi o theatro de suas maiores batalhas, e de sua maior victoria. As victorias de Hercules, para se chamarem com nome maior, chamam-se trabalhos, não se chamam victorias. Cantem outros o que o infante D. Duarte venceu em Allemanha, que eu tenho por maiores victorias o que padeceu em Milão : nesta guerra os fossos eram mais altos, os muros mais fortes, os inimigos mais poderosos, as neves mais frias, o ferro mais duro e mais agudo, e até o fogo mais vivo e mais ardente. Com razão chama Seneca a este genero de batalha theatro, ou espectáculo digno de Deus, porque só Deus que vê os homens por dentro, póde vêr o que passa nelle. Quem poderá dignamente comprehender o que passou na alma do infante, luctando naquella prisão, e andando sempre a braços com a sua fortuna ? Mas sempre forte, sempre constante, sempre com o mesmo coração, e com o mesmo rosto, não mudando as côres com as da fortuna, senão fazendo a fortuna da sua côr : *Adversarum impetus rerum viri fortis non vertit animum : manet in statu, et quidquid evenit, in suum colorem trahit* ; e como

(1) Seneca lib. de Provid.

o infante fazia a fortuna da sua côr, que muito que ella lhe não mudasse as côres em tantos annos, nem lhe murchasse a gentileza, nem lhe adiantasse a velhice, nem lhe apressasse a morte! Morreu alfim, porque era mortal; e, ou fosse ás mãos da fortuna, ou da natureza, ou da malicia, ou de todas juntas, sempre é grande maravilha, que morresse tão tarde: nem da malicia se podia esperar tanta piedade, nem da natureza tanto vigor, nem contra a fortuna tanta resistencia: nunca tão resistida e tão vencida se viu a fortuna má: e que não poudes em nove annos a fortuna, poudes em um momento a morte: *Mortuus est.*

X.

Morreu sua alteza como quem não temia a morte, nem amava a vida; e para aca! ar imitando aquelle Senhor, que tantas imitações lhe concedera de sua paixão, e de sua paciencia, protestou antes de morrer, e declarou diante dos presentes, que elle perdoava aos auctores e executores de tudo o que tinha padecido; e que lhes não perdoava como a inimigos, porque não os tinha nem tivera nunca por taes. Oh principe verdadeiramente christão, e digno de que seus proprios inimigos lhe desejassem mais larga vida! O ponto mais alto da caridade christã é o amor dos inimigos; e o infante ainda o subiu mais de ponto: não só perdoou a seus inimigos o aggravo, mas tambem o nome; perdoou a seus inimigos, e não lhes quiz chamar inimigos. Pregado Christo na cruz, orou a seu eterno Pae, dizendo: *Pater, dimitte illis:* (Luc. XXIII — 34) Pae meu, perdoae-lhes. *Dimitte illis?* Perdoae-lhes? A quem? A quem havia de perdoar o Padre, e por quem orava Christo? É certo que orava Christo, e pedia perdão por seus inimigos, para nos dar exemplo na morte, da doutrina que prégara em vida: *Diligite inimicos vestros, et orate pro calumniatibus, et persequentibus vos.* (Matth. V — 44) Pois se Christo orava por seus inimigos, porque não diz: Perdoae a meus inimigos, senão: Perdoae-lhes? Porque quiz Christo perdoar a seus inimigos não só os aggravos, senão tambem o nome: era justo, que quando Christo dava exemplo de perdoar aos inimigos,

o dêsse no ponto mais alto e mais subido da caridade ; e a verdadeira e perfeita caridade não só perdoa os aggravos, senão também o nome de inimigos. Perdoar os aggravos, e não perdoar o nome, é dar só ametade do perdão ; antes é perdoar uma injuria, e fazer outra, perdoar a injuria do aggravo, e vingal-a com a injuria do nome : só quem perdoa o aggravo, e mais o nome, perdo-a inteiramente : e se hem se considera, mais é perdoar o nome que o aggravo ; porque no aggravo perdoa-se a acção, e no nome de inimigo perdoa-se o odio. Assim perdoou Christo a seus inimigos na hora em que mais subida esteve sua caridade ; e assim imitou a Christo o infante no perdão que deu aos seus, mostrando-se tão singular nas virtudes de Christo, como era excellente nas de príncipe.

Chamo singularidade a esta acção, porque difficulosamente se achará similhante exemplo de perdoar a inimigos. O mais celebrado perdoador de inimigos que se lê nas escripturas, é David : todas as línguas dos interpretes sagrados se desfazem em louvar nelle a excellencia desta virtude. Comtudo eu acho, que perdoou a seus inimigos os aggravos, mas não lhes perdoou o nome. No psalmo VII (v. 5) : *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritó ab inimicis meis inanis*. No psalmo XXIV (v. 19) : *Respice inimicos meos, quoniam multiplicati sunt*. No psalmo LIII (v. 7) : *Averte mala inimicis meis, et in veritate tua disperse illos*. Em uma parte protesta que nunca se vingou de seus inimigos ; em outra pede a Deus que ponha os olhos nelles ; em outra pede que os livre e defenda de todo o mal ; mas em todas lhes chama inimigos ; e apenas ha psalmo em todos os seus, em que lhes não dê este nome. Perdoae David a seus inimigos os aggravos, mas o nome de inimigos não lhes perdoava : ficou esta alta lição reservada para a cadeira da cruz, é, á imitação della, para o calvario de Milão. Só em José, como figura de Christo, e hoje do infante, se acha, posto que negativamente, este paralelo. Se lermos toda a historia de José, acharemos que nunca chamou inimigos a seus irmãos, sendo elles tão inimigos seus no affecto, nas obras e nas palavras, e ainda nos mesmos nomes com que o nomeavam : *Ecce somniator venit* : (Gen. XXXVII — 19) Lá vem o sonhador. Notam os in-

terpretes, que nem irmão, nem ainda José lhe chamaram. Pois se os irmãos assim tractavam a José; se eram tão inimigos seus, que até o nome de irmão, e até o de José lhe negavam, porque lhes não dá José em tantas occasiões o nome que tanto mereciam; porque lhes não chama inimigos? Porque esta é a differença que ha entre o amar e o aborrecer; o odio tira os nomes do amor, e o amor cala os nomes do odio: elles tiraram ao irmão o nome de irmão, porque o aborreciam, e era nome de amor; elle tirava aos inimigos o nome de inimigos, porque os amava, e era nome de odio. Tão inteiro, como isto, e tão plenario, foi o perdão que um e outro José deu aos que o venderam e o captivaram; não só lhes perdoou os aggravos, mas tambem o nome de inimigos.

Porém se advertirmos bem nas palavras do christianismo infante, havemos de achar, que ainda dizem e confessam mais. Não só não chamou inimigos aos que obras de tão inimigos lhe tinham feito, mas diz que nunca os tivera por taes. Este ponto é muito diverso, e que quasi parece impossivel. Não chamar inimigos aos inimigos, está no imperio da vontade, e na obediencia da lingua; mas não ter os inimigos por inimigos, parece que esta fóra da jurisdicção do intendimento. Serem inimigos, e conhecê-los por inimigos, e não os ter por inimigos? Sim: a tanto chega a fineza da philosophia christã. Na virtude da caridade christã, tomada em toda a largueza de sua perfeição, ha tres grãos: amar os amigos, como a amigos; amar os inimigos, como inimigos; amar os inimigos, como a amigos. Este é o grão altissimo de caridade, que nos deixou por ultimo exemplo de sua vida o infante. Não amou os inimigos, como inimigos; amou os inimigos, como a amigos, por isso os tinha por taes: *Maiorem hoc dilectionem nemo habete, at animam suam ponat quis pro amicis suis*: (Joan. XV — 13) Que a maior charidade é dar a vida pelos amigos. A intelligencia desta proposição de Christo tem grande difficuldade. Porque primeiramente os santos todos concordam em que o amor dos inimigos é o mais alto, o mais sublime, o mais heroico, o mais divino acto da caridade. Assim o diz Santo Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Gregorio papa, e communmente todos os

padres, entre os quaes S. Bernardo, depois de repetir a sentença: *Maiorem dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*, accrescenta, fallando com o mesmo Senhor: *Tu maiorem habuisti, Domine, ponens eam pro inimicis*: (Divus. Bern.) Dizeis, Senhor, que a maior caridade é morrer pelos amigos; e a vossa foi ainda maior, porque morrestes pelos inimigos. Os theologos que examinam os actos das virtudes em todo o rigor, teem neste ponto duas opiniões; mas os fundamentos dos que seguem que é maior caridade amar o inimigo, são muito mais fortes, muito mais solidos, e muito mais evidentes, e teem por sua parte a auctoridade de Santo Thomaz. Finalmente, o mesmo Christo fez tanta differença entre o amor dos amigos e o dos inimigos, quanto vae de ser filho de Deus a não o ser: *Ut sis filii patris vestri*. Quanta vae de ser christão a ser gentio: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonne, et ethnici hoc faciunt?* (Matth. V — 46 e 47) Pois se o amor dos inimigos é o maior e mais heroico acto da caridade, como se ha de intender a sentença divina de Christo, em que dá esta mesma maioria ao amor dos amigos? Digo, que de um e outro amor se ha de intender; porque a um e outro compete, não em diferentes actos, senão no mesmo. Ha um acto supremo de caridade, que é amor de amigos, e amor de inimigos juntamente; e como este acto é o supremo e o maior de todos, nelle se ajuntam as duas verdades que parecem encontradas, de ser maior o amor dos amigos, e maior o dos inimigos. E que acto é este, em que se ajuntam estes dois extremos? É o acto de caridade em que se amam os inimigos, não como inimigos, senão como amigos. Este acto, em quanto ama os inimigos, é amor de inimigos; e em quanto os ama, como amigos, é amor de amigos; e em ajuntar estes dois extremos consiste o sublime e o realçado deste supremo acto de caridade: *Maiorem dilectionem nemo habet*. O primeiro e menor acto de caridade é amar os amigos, como amigos; o segundo e mais, alto, é amar os inimigos, como inimigos; o terceiro, e altissimo, é amar os inimigos, como amigos; e este acto é a caridade, e estes são os amigos de que Christo fallava: *Ut animam ponat quis pro amicis suis*. E senão vamos á prova. Christo naquellas

palavras falla de si mesmo e da sua caridade, a qual o obrigou a dar a vida até por seus inimigos: e como deu Christo a vida por seus inimigos? Deu por ventura Christo a vida por seus inimigos, como por inimigos? Não por certo, senão como por amigos. Vede-o em Judas: *Amice, ad quid venisti?* (Matth. XXVI — 50) O maior inimigo de Christo era Judas, e a este maior de todos seus inimigos não tractou, nem morreu Christo por elle, como por inimigo, senão como por amigo: *Amice*; logo aquelles amigos, de quem Christo fallava, eram amigos e inimigos juntamente; porque eram inimigos amados, como amigos. Expressamente o entendeu assim S. Gregorio Magno: *Mori pro inimicis Dominus venerat, et tamen positurum se anemam pro amicis dicebat* (1): Veio Christo morrer por seus inimigos, e dizque havia de morrer por seus amigos, porque tudo eram. Da parte do odio com que perseguiam a Christo, eram inimigos; da parte do amor com que Christo os amava, eram amigos; e o affecto com que os tinha por amigos, sendo inimigos, é o acto de caridade, a que Christo chama o maior de todos: *Maiorem hac dilectionem nemo habet*. Esta foi a lição que Christo guardou para a sua morte, para acabar no ponto donde se não podia subir mais: na vida ensinou a amar os inimigos; na morte ensinou a amar os inimigos, como amigos: *Ut animam ponat quis pro amicis suis*. Com esta mesma lição na boca espirou o religiosissimo infante D. Duarte, não só guardando a lei de Christo, mas passando além dos preceitos, e imitando-o nos maiores exemplos. De outros principes seja morrer, como verdadeiros christãos; no infante D. Duarte foi pouco morrer como christão, porque morreu como Christo: *Mortuus est*.

XI.

Frater ejus.

Se tão grande nos tem parecido o infante nas considerações

(1) Greg. Hom. 27 in Evang.

de morto, eu fico, que não nos pareça menor nas de irmão : *Frater ejus*. Ficou a natureza tão desacreditada nos primeiros dois irmãos que houve no mundo, e ainda tão viciada, que vem hoje a ser como raro, e quasi sobre a mesma natureza, merecer nome de bom irmão. José chama-se irmão de Benjamin somente, e dos outros dez irmãos não se chama irmão ; porque os outros dez eram meios irmãos no sangue, e nas obras nem meios irmãos eram. Mas irmãos, ou irmãos de meias, alguns se acham no mundo ainda que poucos ; irmão inteiro, e verdadeiro irmão, que no amor, e nas obras encha a significação deste grande nome, foi tão raro nas idades antigas, que em toda a historia sagrada não há um exemplo de irmão perfeito : na de nossos tempos, com admiração dos viadouros, haverá o do irmão d'el-rei de Portugal. Acho-me neste ponto com grande cabedal de eloquencia ; porque tenho para todo elle palavras do mesmo serenissimo infante, dignas de immortal memoria. Naquelle processo, que referi, jura uma das principaes testemunhas, que sua alteza se queixára muito, por lhe haverem tirado seu confessor ; e que lhe ouvira dizer e repetir duas vezes, que se estivera em Barberia, fôra muito melhor tractado, como o duque seu pae e senhor o havia sido (O que agora se segue hei de repetir pelas mesmas palavras da testemunha, que é um tenente do castello : *Pero que estos trabajos, ò otros mayores, tenian de consuelo la causa porque los padecia, que era por el rei su hermano, por su casa y por su patria ; y que si tuvier a cien mil vidas, las perdiera de buena gana por tal causa ; y que si no teniamos otras armas, con que hazer guerra al rei su hermano, lo dava por bien empleado*. Atéqui o testemunho pelo qual, e por outros do mesmo processo, é declarado nelle o infante por digno de morte). Quem me dera agora saber ponderar dignamente todas aquellas palavras, que, ponderadas como suas, e como ditas dentro em um castello e a seus proprios inimigos, provam admiravelmente, quão irmão e quão verdadeiro irmão era sua alteza de sua magestade : *Frater ejus*.

Primeiramente, começando pelas ultimas, bem conhecia o infante que todos os rigores que nelle se executavam eram guerra que Castella fazia a el-rei seu irmão, e dava por bem empregado

que descarregassem nelle todos os tiros. Com verdade dizia eu logo, que era muro de sua magestade o infante ; mas agora vejo que era muro de diamante, em que o fino iguala o forte. O muro e o soldado defendem-se reciprocamente ; o muro defende o soldado, e o soldado defende o muro : aqui não era assim, tudo era fineza, porque não havia correspondencia : sua magestade com as suas armas não podia defender o infante ; e o infante tinha por bem empregado, que se empregassem nelle todas as de Castella e sem ser defendido, ser muro. Naquelle batalha dos montes de Gelboé, diz a historia sagrada que todos deixavam de atirar ao exercito, por atirar a Saul : *Totum pondus praeli versum est ad Saul*. (1 Reg. XXXI — 3) Era Saul mais alto que todos do hombro para cima : *Ab humero, et sursum eminebat super omnem populum*. (Ibid. IX — 2) Esta sua eminencia é a que chamava contra elle as settas de todos. Porque a eminencia do infante era tão avultada, e tão conhecida ; e porque Castella intendera que só daquella eminencia lhe podia resistir Portugal, por isso empregava todos os tiros : e era sua alteza tão bom irmão, que porque assim os divertia de nós, e de sua magestade, os dava por bem empregados. Eram os trabalhos que sua alteza padecia na sua prisão, tão grandes como temos ponderado, e ainda tinha feito o animo a outros maiores ; signal certo, como tambem discoriamos, que padecia o infante os que padecia, e padecia tambem os que imaginava : os que padecia eram os grandes ; os que imaginava os maiores. Em trabalhos tão sem remedio, e em prisão tão fechada, parece que não ficava porta por onde pudesse entrar a consolação ; mas entrou, porque entrou com o mesmo infante que a levava comsigo : tinha a consolação na causa, e a causa levava-a na alma. Oh principe verdadeiramente principe, verdadeiramente irmão, e verdadeiramente portuguez ! Muito vos deve, senhor, el-rei vosso irmão, que é o nome de que tanto se gloria vossa alteza : muito vos deve todo o reino de Portugal pela vossa morte ; muito mais pela causa : e sendo tanto o que padecestes por ella, muito mais vos devemos pela vossa consolação, que pelos vossos trabalhos. Por el-rei meu irmão, por sua casa e por sua patria, diz o grande infante, que padecia : a patria, a

casa e o rei irmão, parecem tres causas, e não era mais que uma só, porque no irmão tinha a casa, e no rei a patria ; assim que tudo parecia sua alteza como irmão ; *Frater ejus*. Por esta causa, tão generosa e tão unicamente presada, diz sua alteza, que daria de boa vontade cem mil vidas, se as tivera : e com ser este termo de fallar tão encarecido, ainda sua alteza fez mais do que disse : disse que daria cem mil vidas, se as tivera ; e deu-as, sem as ter. Uma só vida tinha sua alteza ; mas essa deu-a por aquella sua amada causa mais de cem mil vezes. No capitulo 23 dos Proverbios diz Salomão estas notaveis palavras : *Quando sederis, ut comedas cum principe, diligenter attende, quæ apposita sunt ante faciem tuam : et statue cultrum in gutture tuo, sciens, quia te oportet similia præparare*. (Prov. XXIII — 1 e 2) Assim se lê esta ultima clausula no texto dos Setenta ; Quando vos assentardes á meza com o principe, reparaes com advertencia no que se vos põe diante, e ponde um cutelo na garganta, para que faças outro tanto. Para intelligencia deste grande e escuro texto, é necessario saber de que principe falla aqui Salomão, e de que meza, e de que iguarias. Santo Agostinho diz que o principe é o Rei dos reis, Christo ; e a meza e iguarias o santissimo sacramento do altar ; e neste sentido diz Salomão, que quem houver de fazer o mesmo que Christo fez naquelle sacramento, que não tem outro meio senão pôr um cutelo na garganta. Só Salomão podia dizer, e só Santo Agostinho interpretar tão agudo pensamento. Ora notae, que ainda ambos hão mister bem explicados. O amor de Christo para com os homens foi tão grande, que não se contentava com dar uma só vida por elles, mas desejou dar muitos milhares de vidas ; e como a vida de Christo era uma só, buscou traça o seu amor para dar a mesma vida muitas e muitas vezes, que foi o sacramento e sacrificio do altar, onde Christo, sem morrer, está morrendo sempre. Este foi o meio que Christo inventou para com uma só vida dar muitas vidas. E os homens podem tambem ter algum meio para fazer o mesmo ? Sim, diz Salomão : tenham o cutelo sempre posto na garganta, e por este modo estarão tambem morrendo sempre sem morrer, e darão em uma só vida muitos milhares de vidas : *Statue cultrum in gutture tuo,*

quia te oportet similia præparare. A verdade desta philosophia já a deixámos provada : a praxe della, diz Santo Agostinho, que a exercitaram os martyres : *Hoc martyres fecerunt* : mas tambem este exemplo de Santo Agostinho ha mister distincção. Entre os martyres uns houve que deram logo a vida ao primeiro golpe da espada do tyranno ; e destes não se póde entender o texto de Salomão, porque deram uma só vida : houve outros martyres que não perderam a vida senão depois de muitos annos ; mas em todos elles andaram por carceres, por prisões e por desterrros, esperando todos os dias e todas as horas a morte, e trazendo sempre, como na garganta, o fio do cutelo do tyranno. Estes são os que foram semelhantes ao sacramento e sacrificio do altar, morrendo muitas vezes, sem morrer, e dando em uma só vida muitos milhores de vidas. Diga-o S. Paulo, que foi um delles : *Ut quid et nos periclitamur omni hora. Quotidie morior per vestram gloriam fratres* : (1. ad Cor. XV — 30 e 31) Meus irmãos, diz S. Paulo, todos os dias morro por vossa gloria ; e não morro uma só vez cada dia senão todas as horas, porque taes são os perigos em que a minha vida se vê cada hora : *Periclitamur omni hora.* S. Paulo, que isto dizia, teve annos de preso, e depois annos de livre ; e nos de livre estava quando escreveu aos corinthios. Com quanta razão podia logo affirmar o mesmo de si o infante, que, depois que uma vez cahiu nas mãos de seus inimigos, nunca mais se viu livre dellas. Podia-o dizer com a mesma, e ainda com maior razão ; e se fallasse com suas magestades, podia-o dizer com as mesmas, e não com melhores palavras : *Quotidie morior per vestram gloriam fratres* : Todos os dias dou a vida por vossa gloria, irmãos : porque vós subistes á gloria do throno, e da coroa, padeço eu a morte todos os dias : *Quotidie morior* ; mas não a padeço uma só vez cada dia, senão todas as horas, porque os perigos e receios são de cada hora : *Periclitamur omni hora.* E se sua alteza naquelle seu continuo e incruento sacrificio deu tantas vezes a vida, bem digo eu que fez mais do que disse ; porque disse que se tivera cem mil vidas, as dera, e deu-as, sem as ter : não tinha o infante mais que uma vida, mas essa deu-a em nove annos todos os dias : *Quotidie* ; e todas as horas : *Omni hora.*

Contae as horas que o infante esteve na sua prisão, e achareis que foram muito perto de cem mil horas : cem mil vidas deu logo, como desejava, quem dava a vida em todas as horas : e mais de cem mil vidas deu, porque não a dava uma só vez em cada hora, senão em todos os momentos della.

XII

E porque a este glorioso genero de martyrio não faltasse a confissão e protestaço do nome por que sua alteza dava a vida, e tantas vidas, duas vezes diz a testemunha que o repetiu : *Por el rey su hermano ; al rey su hermano*. Bem pudéra sua alteza accommodar-se á fortuna do tempo, e calar o nome de rei ; e a politica vulgar parece que o aconselhava assim naquellas circumstancias : mas a verdadeira fé não tem duas linguagens : houve-se sua alteza no respeito da fé real e humana, com os primores da divina, e ainda parece que mais escrupulosamente ; a fé divina tambem no silencio se guarda : raro é o caso em que seja necessario crêr e confessar : crêr, e não negar, basta. Não assim o valorosissimo infante : desconfiou do silencio, e teve por caso de menos fidelidade não apregoar a vozes o que tinha no coração. Arriscada linguagem era dizer dentro das terras d'el-rei Herodes : *Ubi est, qui natus est rex Judæorum ?* (Matth. II — 2) Comtudo, assim o disseram a publicas vozes os tres reis do oriente : porque a verdade e generosidade de corações reaes não sabe calar o nome do Rei verdadeiro, ainda que seja a pesar d'outro rei, e com risco da propria vida. Perdoe-me a resolução valorosa dos que em Lisboa acclamaram a sua magestade, que só do infante D. Duarte se pôde dizer devéras, que o acclamou. No Cenaculo todos os discipulos confessaram a Christo, e offereceram as vidas : *Si oportuerit me mori tecum ;* (Ibid. XXVI — 55) no horto á vista dos soldados e da prisão todos calaram : confessar o nome de Deus de Israel em Jerusalem, todos os que teem profissão de fieis o fazem ; confessal-o no lago dos leões é acção só de Daniel. Bem conhecia sua alteza que cada letra do nome d'el-rei seu irmão que pronunciava, era um novo voto que escrevia e firmava

contra sua vida ; mas como havia de reparar em dar uma vida, quem desejava ter cem mil para as dar todas por aquella causa ? Oh raro irmão ! Oh rara e inaudita irmandade ! Com razão se disse deste rei, e deste irmão : Não se sabe a irmandade, porque tal irmandade não se sabe.

E senão discorramos por todos os irmãos da escriptura em materia de vida e de corôa, e vejamos se ha algum que pela corôa de seu irmão expuzesse, como sua alteza, a vida. O morgado de Isaac era a corôa, não só do primeiro, senão do segundo David, que Deus tinha promettido a Abrahão seu pae ; e levava tão pouco gosto Jacob, de que esta corôa viesse á casa de seu irmão Esaú, que ainda antes de nascer lh'a procurou tirar por força, e depois lh'a tirou por engano. Ungiu Samuel por mandado de Deus a David em rei de Israel diante de seus irmãos : e Eliab, que era o maior delles, levou tão mal esta fortuna de David, que depois de o affrontar de palavra, o quiz tirar da guerra outra vez para as ovelhas, e lhe estorvou quanto poudes a victoria do gigante, que foi o primeiro degráu por onde David subiu á corôa. Adonias era irmão maior de Salomão, e Salomão sendo irmão, e menor, estimou tão pouco, ou sentio tanto, vêr a Adonias herdeiro da corôa de seu pae, que estando já quasi coroadado, lh'a procurou por sua mãe tirar da cabeça, e depois lhe tirou a mesma cabeça, só porque a quisera pôr nella : longe estava de dar a vida pela corôa de seu irmão, quem primeiro lhe tirou a corôa, e depois a vida. De sorte, que, irmãos maiores como Eliab, e menores como Salomão, e iguaes como Jacob, nenhum hoave que estimasse vêr a corôa na cabeça de seus irmãos, mas nem ainda que o soffresse ; e tão fóra estiveram de dar a vida por elles, que talvez lh'a tiraram. O maior caso de todos é o de Abimelech. Tinha Abimelech setenta irmãos, filhos do mesmo pae Jerobaal, os quaes todos lhe estavam diante para a herança ; e porque nenhum delles tivesse a corôa de Israel, os matou a todos : *Occidit septuaginta fratres suos* ; (Jud. IX — 5) por não soffrer a corôa na cabeça de um irmão, tira um irmão setenta vidas a setenta irmãos. Comparae agora estes irmãos, e esta irmandade, com aquelle raro irmão, que só por vêr a corôa na cabeça de ser ir-

mão, e só por nomear a seu irmão rei, não só dera de boa vontade uma vida, mas cem mil vidas.

Não fiquem de fóra os irmãos de José. José não sonhou que havia de ser rei, como verdadeiramente o não foi : os irmãos foram os que, interpretando o sonho, suspeitaram que a significação d'elle era, que José havia de ser rei : *Nunquid rex noster eris ?* (Gen. XXXVII — 8) Mas que effeitos causou este hom agoiro dos irmãos de José ? Deram-se por ventura os parabens a si, e a seu pae, e a elle ? Tão longe estiveram de estimarem a fortuna de seu irmão ; tão longe estiveram de o ajudarem nella ; tão longe estiveram de elles serem os que o acclamassem em rei, que, só porque não chegasse a esta corôa sonhada e suspeitada, o prenderam, o venderam, e lhe quizeram tirar a vida : *Ecce somniator venit, venite occidamus eum, et tunc apparebit, quid illi prosint somnia sua.* (Ibid. — 19 e 20) Um só irmão houve que não concorreu para esta resolução, posto que não teve outra em contrario, que foi Benjamin ; e posto que foi mais ommissão que virtude, elle só se chama irmão de José : *Frater ejus.* Oh irmãos de José, oh Jacob, oh Salomão, oh Abimelech ! Vós que esquecidos das leis do natural amor, fostes invejosos das glorias de vossos mesmos irmãos, e tão crueis com elles, vinde vêr vossos indignos corações e vossas obras á luz deste clarissimo espelho de verdadeira irmandade, e tirae eterna confusão e affronta, de que pudesse tão pouco com vossa ambição e inveja, não a lealdade, não a honra, não a razão, senão o sangue, senão a mesma natureza ! E vós, Benjamin, e os que na boca da fama tendes o nome de verdadeiros irmãos, vinde tambem a este novo exemplar de irmandade perfeita, e aqui notareis e apprendereis os defeitos que em vós não reprehendeu a antiguidade : aqui vereis quão livre de toda a inveja é o amor, quão delgado o fio da honra, quão escrupulosa a fidelidade, e quão puros os respeitos do sangue, quão sagrado o nome de rei, e quão menos para estimar, que qualquer destas obrigações, a vida, e cem mil vidas.

XIII

Et ipse remansit solus

Ficou sua magestade só, porque perdeu um irmão unico; e ficou só, porque perdeu um irmão, que, ainda que tivera muitos outros, sempre com a sua falta ficaria muito só. Notavel caso é o do nosso texto : *Et ipse remansit solus*. Falla-se aqui de José em respeito de Benjamin; e Benjamin naquelle tempo tinha dez irmãos vivos : pois se tinha dez irmãos, como diz Jacob que com a morte de José ficava só ? Porque era tal irmão José, que ainda onde havia dez irmãos, fazia falta ; ainda onde havia dez irmãos causava soledade : a presença dos outros irmãos, com serem dez, se José faltava, não bastava para fazer companhia ; a ausencia de José, com ser um só, ainda que estivessem presentes todos os outros irmãos, bastava para causar soledade. Não teve tantos irmãos sua magestade, em que fazer a comparação ; mas era tal irmão sua alteza, que sempre elle entre todos fôra o José. Alfim, José era um irmão entre dez ; e assim como o amor de Benjamin estava repartido, tambem a perda teve partes. Sua alteza era um irmão unico, e como o amor de sua magestade não tinha onde se dividir, nem a perda teve que deixar : Benjamin ficou só, mas só impropriamente, porque lhe ficaram dez irmãos com que acompanhar a soledade ; a morte de sua alteza não deixou a sua magestade outro irmão com que acompanhar, nem consolar a soledade do que perdêra, e assim ficou verdadeiramente só : *Et ipse solus remansit*.

Verdadeiramente ficou sua magestade só, e não porque lhe faltem muitos e prudentes conselheiros, não porque lhe faltem muitos e valorosos soldados, não porque lhe faltem muitos e mui experimentados capitães, não porque lhe faltem muitos e mui leaes vassallos ; mas ficou só, porque lhe faltou um irmão igual, e semelhante a si mesmo em tudo, que só quem póde fazer companhia causa soledade. Investido Adão no senhorio universal do mundo, estava assistido e servido de todos os viventes, os quaes, em quanto durou aquelle estado, intendiam ou percebiam seus

mandatos, e os executavam promptamente. Tinha Adão nesta primeira republica por seu modo tudo quanto hoje podem ter os grandes principes : tinha valentes e esforçados, porque tinha leões e tigres ; tinha prudentes e astutos, porque tinha serpentes e elefantes ; tinha agudos e perspicazes, porque tinha aguias e lincees ; tinha fieis e zelosos até dar o sangue, porque tinha os pelicanos ; tinha uns que lhe fallavam, outros que lhe cantavam, outros que o divertiam ; tinha outros de outras propriedades maiores, se lhes não quizermos chamar virtudes : uns insignes na lealdade, outros na providencia, outros na pureza, na astucia ; outros na piedade, outros na vigilancia, outros no continuo e incançavel trabalho, e todos em sujeição e obediência. Todos estes vassallos ou criados, que assim lhes chama Tertuliano, tinha Adão naquelle seu primeiro estado ; estando sempre servido e assistido de todos, diz a escriptura que estava só : *Non est bonum hominem esse solum.* (Genes. II — 18) Que não seja bom estar só, isso mesmo é o que estamos lamentando ; mas que Adão naquelle tempo em que estava servido, e assistido, e obedecido de todos os viventes do mundo, estivesse só ? Sim. A mesma escriptura deu a razão : *Adæ vero non inveniebatur adjutor similis ejus.* (Ibid. — 20) Entre todos esses viventes dos tres elementos, nenhum se achava que fosse semelhante a Adão para o ajudar, porque todos eram de diferente especie ; e os que não são semelhantes, os que são de diferente especie, ainda que sejam muitos, e de boas partes, fazem numero, não fazem companhia. Adão estava só, porque não tinha quem o ajudasse ; estava só, porque não tinha quem o acompanhasse : tinha muitos que o servissem, sim : mas uma coisa é servir, outra ajudar : só quem é similhate ajuda ; os que não são semelhantes servem : tinha muitos que o assistissem, sim ; mas uma coisa é assistir, outra acompanhar : os que são de diferente especie assistem ; só quem é da mesma especie acompanha. De maneira, que Adão porque não tinha um similhante a si, e da mesma especie ; porque não tinha um que fosse como elle, depois dizia, osso dos seus ossos, e carne da sua carne : *Non inveniebatur adjutor similis ejus* ; estando tão assistido, estava só, sem quem o acompanhasse : *Non est bonum hominem esse solum.*

Poderá parecer dura a applicação deste passo ; mas a quem não tiver intendido que os reis são de differente especie que os outros homens. No nascer e no morrer são os reis da mesma especie, e da mesma natureza que os outros homens : mas naquelle espaço, ou curto ou largo da vida, em que teem o sceptro nas mãos, são ainda mais que de differente especie. Não é dito este meu formado na ambição dos principes, nem inventado na adulação dos vassallos, senão pronunciado pela mesma Verdade divina, menos da qual eu o não allegára para prova de materia tão grande : *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes, vos autem sicut homines moriemini.* (Psal. LXXXI — 6 e 7) Vós, ó reis, na morte sois como os homens ; antes da morte não sois homens, sois deuses : e para que ninguém duvide desta verdade de fé, eu sou o que o digo : *Ego dixi, Dii estis.* Notae muito : não diz que os reis são homens como deuses, senão ; que são deuses como homens : *Dii estis, vos autem sicut homines.* De sorte, que no rei, em quanto rei, a deidade é natureza, a humanidade é propriedade. O homem definido por Aristoteles é animal racional mortal ; os reis definidos por Deus são deuses mortaes : *Dii estis, sicut homines moriemini.* Assim que na propriedade de morrer são semelhantes os reis e os homens ; no demais differem, como homens e Deus, que é a maior de todas as differenças : e como entre os reis e os vassallos, quaesquer que sejam, ha tanta differença, bem se deixa vêr quão só deixou a morte de sua alteza ao nosso monarcha, posto que tão servido e tão assistido de tantos : servido de muito grandes e fieis vassallos ; mas só, e sem quem o ajude, porque morreu quem era seu semelhante, que só o pudéra ajudar : *Non inveniebatur similis* : assistido de muito grandes e fieis ministros ; mas só, e sem quem o acompanhe, porque morreu quem era da sua especie ou jerarchia, que só o pudéra acompanhar : *Non est bonum hominem esse solum. Et ipse remansit solus.*

XIV.

Ficou só sua magestade, sem quem o ajude, e sem quem o acompanhe ; mas esta segunda soledade tem o reparo que tinha a de

José, se bem em differentes e maiores grãos de sangue : a primeira não tem nenhum reparo ; porque para ajudar a sua magestade era sua alteza singular, e sem semelhante ; porque só era semelhante a quem havia de ajudar : *Adjutor similis ejus*. Por mais que um rei ou pretenda ou affecte ser elle só o Atlante que sustente o pezo da monarchia : assim como o mesmo Atlante se houve de ajudar dos hombros de Hercules, é força que tenha o rei junto a si quem o ajude, e quem o descance, e em quem descance. Creu Deus, povooou e ordenou o governo do mundo em seis dias continuos ; e ao dia setimo, diz o texto sagrado, que descansou : *Requievit die septimo*. (Gen. II — 2) É certo, ainda em razão natural, que Deus ao dia setimo não deixou de obrar no mundo, como nem hoje desiste da mesma obra : *Usque modo operatur*. (Joan. V — 17) Pois se Deus no dia setimo, e d'ahi por diante, obrou na conservação do mundo, como até alli tinha obrado na criação d'elle, porque diz o texto que descansou Deus : *Requievit die septimo* ? A razão é, porque até áquelle dia obrou Deus só por si mesmo, d'alli por diante obrou juntamente com as causas segundas : e obrar a causa primeira junto com a causa segunda é descansar. Se Deus não chega a obrar só sete dias ; e se Deus tem causas segundas com que obra e em quem descansa ; os deuses, que são mortaes e passíveis, como hão de imaginar que podem sós, o que Deus fez acompanhado ? Em supposição, pois, que é força ter uma causa segunda que ajude, e em quem descance a primeira, que causa segunda, como um irmão segundo, e tão sem segundo ?

Ajudava-se Moysés de seu irmão Arão ; e era tão irmão e tão conforme o mesmo governo, que a vara de Moysés, que era o sceptro, umas vezes se chama vara de Moysés e outras vara de Arão. Libertaram ambos felizmente o povo de Israel, e conservaram a felicidade da empresa em tempos tão trabalhosos, e tão difficultosos como os quarenta annos do deserto ; e fallando desta acção a escriptura, diz assim : *Deduxisti sicuti oves populum tuum in manu Moysi, et Aaron* : (Ps. LXXVI — 21) Guiaste, Senhor, o vosso povo, como um rebanho de ovelhas, pela mão de Moyses e Arão. Notae aqui duas coisas : a primeira, que se chame ove-

lhas as doze tribus de Israel no tempo deste governo. O tribu de Juda chama-se na mesma escriptura leão; o de Ruben, serpente; o de Neptali, lobo; e assim estes tres, como todos doze, constavam de seiscentos mil homens de armas, bellicosos e vencedores: e comtudo, diz o texto, que foram governados, como um rebanho de ovelhas, pela mão de Moysés e Arão; porque quando dois irmãos se ajudam, quando dois irmãos se dão a mão, ninguém ha que se atreva, ninguém ha que se não sujeite; nem a serpente levanta o colo, nem o leão encrespa a juba, nem o lobo mostra o dente: o lobo, a serpente e o leão todos são ovelhas: *Deduxisti populum tuum sicut oves*. A outra coisa é, que a mão de Moysés e Arão não se chamam duas, senão uma só mão: *In manu Moysi, et Aaron*. Porque a mão do rei e a mão da pessoa de quem o rei se ajuda, ha de ser uma mão indivisivel, uma só e a mesma: só na subordinação ha de haver a differença: ha de ser mão de Moysés e Arão, e não mão de Arão e de Moysés: Moysés primeiro, Arão segundo; mas uma só mão a de ambos: e tanta mão não é bem que a tenha o criado: só irmão pôde ter tanta mão: *In manu Moysi et Aaron*.

Frater, qui adjuvatur á fratre, quasi urbs munita, diz Salomão nos Proverbios: (Prov. XVIII — 19. Ex.) Um irmão ajudado de outro irmão é uma cidade murada. A differença que faz uma cidade murada ou sem muros, é a que ha de um irmão com outro irmão, ou sem elle. Uma cidade murada é a defesa dos naturaes, é o respeito dos estranhos, é o terror dos inimigos: a mesma cidade sem muros, nem aos naturaes dá segurança, nem dos estranhos se faz respeitar, nem dos inimigos temer. Tal é, diz o Espirito Santo, um irmão com outro irmão, ou sem elle: irmão com irmão é cidade murada; irmão sem irmão é cidade sem muros. Ah, senhor, que vemos por terra os fortes muros em que a coroa de vossa magestade havia de ter a mais firme e a mais segura defesa! Quando a Marcello lhe chegaram as novas da morte de Scipião Africano, saiu de casa exclamando: *Concurrite, concurrite cives, mœnia urbis vestræ eversa sunt*: Acudi, acudi romanos, que caíram os muros de Roma. Que direi eu com tanta occasião? Choraes, choraes portuguezes, que caíram

os muros de Portugal. Cairam os muros da nossa patria, como os muros de Jericó : cercaram os israelitas a cidade de Jericó, e sem baterem, nem applicarem instrumentos militares aos muros, ao setimo dia caíram por si mesmos. Ó muro fortissimo de Portugal, hoje lamentavel ruina ! Não vimos applicar instrumentos de violencia á vossa vida, mas dentro em sete dias caistes por terra. Aquella foi a primeira victoria que os israelitas alcançaram da terra de promissão ; e esta é a primeira victoria que os castolhanos, tantas vezes vencidos, alcançaram de Portugal : não entraram, nem entrarão nunca no reino, mas já nos arrazaram os muros. Caso é muito de notar, que nestes mesmos nove annos, em que tantos rigores se executavam no infante, empenhasse Castella tanta arte e tanto poder contra Portugal, e contra a pessoa de sua magestade, e que sempre se frustrassem seus intentos ; mas é que estava Portugal murado por fóra (e tão por fóra), e todos os golpes de Castella descarregaram nos muros : cá se tiravam as balas, e em Milão se empregavam os tiros : ainda assim distante, assim cercado, assim sitiado e atalayado de sentinellas, era o nosso infante o nosso muro : e se quando este irmão parece que não ajudava, nem podia ajudar ao irmão, era muro tão firme seu, e lhe rebatia e recebia em si os golpes, que seria se chegasse ao assistir de mais perto ? E que bem defendida teria sua magestade a coroa sobre a cabeça, se tivesse um tal muro diante do peito ?

Frater, qui adjuvatur d fratre, quasi urbs munita.

Elegeu Deus a Moysés por cabeça e restaurador do povo de Israel, e deu-lhe por adjunto a seu irmão Arão. O que eu agora reparo, e me merece digno de grande ponderação, é o titulo e o sceptro que Deus deu a este seu libertador. O titulo que Deus deu a Moysés, não foi de rei, senão de Deus de Pharaó : *Constitui te Deum Pharaonis* : (Exod. VII — 1) o sceptro que lhe deu, foi aquella vara maravilhosa em que delegou Deus as vezes de seu infinito poder. Pois se Moysés (vêde se infirò bem) se a um principe que tem por titulo a divindade, e por sceptro a omnipotencia, põe Deus ao lado um irmão, para que o ajude, quando o fez restaurador de um povo ; que grande falta fará um irmão, e tal irmão, como o infante D. Duarte, a um rei cujo titulo ainda

que dado por Deus, é humano, e cujo sceptro, ainda que confirmado com tantos milagres, não é omnipotente? Não ha duvida que com a falta de tal irmão ficará muito mais alentada a emulação de nossos inimigos, e muito mais animadas suas armas, e suas esperanças. Assim lhe aconteceu a Moysés com a morte de seu irmão. Chega finalmente Moysés ao monte Or, morre alli Arão: e tendo noticia el-rei Arad, que os filhos de Israel se avinhavam ás terras de Canaan, tomou logo as armas para lhes impedir o passo. Pois donde nasceu este animo aos cananeos; donde concebeu esta ousadia el-rei Arad? Deu a razão Lyrano, como tão douto nas tradições dos hebreus: *Audivitque chanaanæus, scilicet, mortem Aaron, et adventum filiorum Israel, et ex morte Aaron, quæ acciderat, fuit audacior ad invadendum filios Israel.* (1) Chegou a el-rei Arad a nova de que era morto Arão, e esta noticia da morte de Arão resuscitou os animos dos cananeos, e foi a que accrescentou a ousadia ao rei Arad, para que respeitasse menos o poder de Moysés, e intentasse o que até alli se não atrevera. Tão depressa, e em materia tão importante, experimentou Moysés quanto tinha em seu irmão Arão, quanto perdera na sua morte, e quanta falta lhe fazia seu nome e sua presença. Mas quem era Arão? Era por ventura o general do exercito de Moysés? Era algum soldado de grande fama e experiencia? Não. Era um homem ecclesiastico, que vestia umas roupas largas, e nunca tomara espada na mão. Oh grande argumento da nossa perda? Se a morte de Arão, se a morte de um irmão, que só podia ajudar a seu irmão com o conselho, fez tanta falta a Moysés, ainda no respeito de suas armas para com os estrangeiros, que differente peso e preço será o da perda de irmão de tanto valor, de tanto juiso, de tanta auctoridade, de tanta experiencia, e, sobre tudo, de tanta opinião, que é a que mais que as armas defende e conserva as monarchias? Tanto nos levou a morte em tirar a sua magestade um tal irmão: *Prater ejus mortuus est*; e tantas razões nos deixou de sentirmos a nossa, e muito mais a sua soledade: *Et ipse remansit solus.*

(1) Num. XXXIII — 40. Lyr. hic.

- XV

Resta o terceiro e ultimo ponto, que é a consolação dos vivos : e dividindo-a conforme os tres respeitos com que ponderámos a dor, digo, que nem da parte do infante nos deve desconsolar a morte, nem da parte d'el-rei a soledade, nem da nossa parte a perda ; porque a morte foi descanso, a perda interesse, a soledade ha de ser companhia. Foi a morte para sua alteza descanso : e que bem figurado o temos no caso de José ! José faziam-lhe as exequias, e choravam-no em Palestina ; e no mesmo tempo estava elle reinando no Egypto com a maior grandeza e gloria a que subiu jámais a felicidade humana : o affecto com que se choravam as lagrimas, era verdadeiro ; mas a causa porque se choravam, era falsa ; porque se chorava como morto o que era vivo, e como infeliz, o que era ditoso. Para nos consolarmos no descanso de sua alteza, não é necessario recorrer ao que goza, basta considerar o que deixou de padecer. Como vivia sua alteza ? Desterado da patria e preso. A ausencia é meia morte, o carcere é meia sepultura ; e nove annos havia que sua alteza estava meio morto e meio sepultado. Se desta começada morte, se desta começada sepultura houvera esperanças que havia de resuscitar, razão tínhamos de consolar-nos ; mas sendo certo, como mostrou a experiencia, que o animo de nossos inimigos era, ou tirar-lhe a vida, ou perpetuar-lhe a morte, allivio foi seu, e o deve ser nosso, que acabasse de morrer, para que acabasse de penar. É tanto isto assim, que me parece tiveram sido mais bem considerados os nossos lutos, se os puzeramos com a nova da sua prisão e os tiramos com a da sua morte. Pregaram a Christo na cruz ao meio dia, e eclipsou o sol : morreu Christo ás tres horas da tarde, e em o mesmo ponto no céu acabou-se o eclipse ; e na terra começaram as pedras a quebrar-se, os montes a tremer, os monumentos a se abrir. É certo que assim as demonstrações da terra, como as do céu, foram sentimentos por amor de Christo. Pois se o céu acaba o seu sentimento no ponto em que Christo morre, como a terra pelo contrario começa o seu sentimento tambem no ponto em que Christo morre ? O mesmo ponto da morte

de Christo ha de ser fim do sentimento do céu e principio do sentimento da terra ? Sim, que cada um sente como intende. Christo na morte acabou o seu tormento, e começou o seu descanso ; e começar-se o sentimento dos vivos, quando começa o descanso dos mortos, é grosseria da terra mal considerada : porém o céu, como mais entendido, não faz assim ; poz os seus lutos, quando Christo começa a padecer, e tirou-os quando acabou de penar : conformemo-nos com o céu. Quando principiou a prisão de sua alteza, então deviamos sentir o seu trabalho ; agora que o acabou a morte, devemos consolar com o seu descanso. Sentil-o então, era sentir mais a sua pena ; sentil-o agora, parece que é sentir mais a nossa perda. ~

Mas ainda que seja assim, nessa mesma perda temos igual razão de nos consolar ; porque se foi grande para o sentimento, foi necessaria para o remedio : perdendo a sua assistencia, ganhámos o seu patrocínio. Em Milão, como estava ausente e preso, não nos podia acudir ; no céu, como está livre e poderoso, póde-nos patrocinar. Jacob chorava muito a imaginada morte de José, e nesta perda, que tinha pela maior de sua casa, consistiu o remedio e conservação della : tão admiraveis são as traças da providencia divina ! Naquelle calamidade, em que todos pereciam, perecera tambem a casa de Jacob, se não tivera a José no Egypto, que foi o seu remedio, e o seu sustento. De maneira, que foi necessario que a casa de Jacob perdesse a José, para que ella se não perdesse. O mesmo digo neste nosso caso. A calamidade não póde faltar ; mas ter ao nosso infante no céu, é ter a José no Egypto : a perda foi grande, mas era necessaria esta perda para nossa conservação : atégora podia estar duvidosa, de hoje por diante eu a tenho por segura, e dou a razão. A conservação de Portugal tem dois perigos, ou dois contrarios : por fóra nossos inimigos, por dentro nossos peccados ; e para ambos estes contrarios nos deixou defendidos o nosso infante : para expiação dos peccados com o sacrificio de sua morte ; para a victoria dos inimigos com a vingança da sua innocencia. Permittir Deus a morte. do nosso infante, grande argumento é de querer conservar Portugal ; e aceitou aquelle sacrificio em satisfação de

nossos peccados. Assim o considerou Santo Ambrosio na morte de Valentiniano, comparando-a nesta parte com a de Christo: *Occidit pro omnibus, quos diligebat, pro quo amici sui parum putabant, si omnes perirent.* (1) Morreu por todos, aquelle por quem todos dariam a vida. Esta foi a razão porque Deus quiz que o nosso infante fosse o sacrificio, porque era heim tocasse a todos a dor, pois a todos havia de abranger o remedio: onde estavam todos os corações, alli quiz que se fizesse o sacrificio; elle foi o morto, e todos os sacrificados.

Tal foi o sacrificio da sua morte. Da vingança da sua innocencia só se poderá duvidar, porque sua alteza como tão religioso, perdoou na morte a todos, e não só lhes perdoou os aggraves, mas ainda o nome de inimigos. Assim foi; mas a vingança que não pediu vivo, é certo que pede morto: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra*: (Genes. IV — 10) O sangue de vosso irmão está pedindo vingança da terra. Depois que esteve na terra, então pediu vingança: em quanto o sangue esteve nas veias, governado daquella alma generosa, pedia perdão; depois que esteve fóra das veias, depois que esteve na terra, deixado a seu alvedrio, pediu vingança. Assim ha de ser, e não póde faltar. Não quiz Castella ter contra si um infante vivo, e terá contra si um innocente morto: não quiz ter contra si um braço mortal armado, e terá contra si um braço immortal vingativo. Aquelles máus lavradores do evangelho diziam: *Hic est hæres, venite, occidamus eum, et habebimus hæreditatem*: (Matth. XXI — 38) Este é o herdeiro, matemol-o, e ficaremos senhores da herdade. Os nossos emulos ainda fizeram peor: para se fazerem senhores da herdade, mataram o que não era herdeiro; mas ha-lhes succeder como aos outros. Santo Agostinho: *Ut possiderent, occiderunt; et quia occiderunt, non possiderunt*: Mataram o innocente para possuir a herdade; e não possuiram a herdade, porque mataram o innocente. Vêde se temos com que consolar a perda.

(1) Ambros. tom. 5 pag. 9 in obit. Valent.

XVI

Esua magestade com que ha de consolar a soledade : *Et ipse remansit solus?* Ha de consolar a soledade com a companhia : com a companhia que ha de ter do céu, e com a companhia que lhe ficou na terra. Fôz tão grande homem José, que pôde testar de Deus : *Post mortem meam Deus visitabit vos.* (Genes. L—23) Irmãos meus, não vos desconsoleis com minha morte ; porque quando eu me ausentar de vós, Deus virá estar convosco. Ditosa soledade, que se substitue com tal companhia ! Só a companhia de Deus podia substituir a soledade do nosso José : não o digo só por accommodação ; mas prometto que ha de ser assim, porque assim o tem Deus promettido : *Et in ipsa attenuata, ego respiciam, et videbo.* Prometteu Deus a el-rei D. Affonso Henriques, que quando a sua decima sexta geração estivesse atenuada, elle poria nella os olhos de misericordia. Ainda isto se não intendeu até agora. A decima sexta geração eram os filhos do serenissimo duque D. Theodosio ; a linha desta geração era composta de tres fios : sua magestade, que Deus guarde, o senhor infante, e o senhor D. Alexandre. Morreu o senhor D. Alexandre, quebrou-se um fio ; morreu o senhor infante, quebrou-se outro fio. Já temos a linha da geração só por um fio ; e esse, segundo as leis da natureza, o mais delgado, que é o fio mais velho ; e é chegado o tempo de Deus abrir os olhos de sua misericordia : *Post mortem meam Deus visitabit vos.* E notem os doutos, que segundo phrase da escriptura, o mesmo é *Visitare*, que *Respicere, et videre*. Disse Anna a Deus : *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ.* (1 Reg. I — 11) Ouyiu-a Deus, e diz o texto : *Visitavit Dominus Annam. Post mortem meam Deus visitabit vos. Ego respiciam, et videbo.* (Ibid. II — 21)

E não só Deus ha de acompanhar a sua magestade d'aqui por diante com mais particular assistencia, mas o mesmo infante D. Duarte, se a necessidade o pedir, ha de descer do céu a assistir ao lado d'el-rei seu irmão, que assim o costumam fazer os principes portuguezes, ainda depois de mortos. No dia em que os portuguezes tomaram Ceuta, appareceram no côro de Santa Cruz

de Coimbra el-rei D. Affonso Henriques, e el-rei D. Sancho I, que alimpando as espadas, se iam recolhendo para as suas sepulturas, e declararam que vinham de acompanhar a el-rei D. João o I, e ao principe D. Duarte na conquista daquella cidade. Diz S. Gregorio Nisseno, que o anjo da guarda faz officio de irmão : *Frater quodam ministerio hominis angelus est*. A Judas Machabeu acompanhava-o nas batalhas armado o seu anjo, como se fôra seu irmão ; a sua magestade ha-o de acompanhar armado nas batalhas seu irmão, como se fôra seu anjo. Das palavras de Caim ha de formar a sua empresa o nosso Abel : *Custos fratris mei sum ego* : (Genes. IV — 9) Eu sou o Custodio de meu irmão. Atégora tinha sua magestade dois anjos da guarda, d'aquí por diante ha de ter tres : um em quanto homem, outro em quanto rei, outro em quanto irmão : *Custos fratris mei sum ego*. Diga embora Jacob de Benjamin : *Et ipse remansit solus*, que sua magestade, ainda que visivelmente sinta os affectos da soledade, invisivelmente ha de experimentar os effeitos da companhia. Esta é a companhia do céu : a da terra, é a que sua magestade tem ao lado do principe, que Deus guarde muitos annos. Parece que dilatou o infante a sua morte até o vêr naquella idade, como se dissera : Já agora não sou necessario. Só em um tão grande sobrinho se podia substituir um tão grande tio ; e o lugar de um tal Heitor só o podia encher um tal Ascanio : parece-me que o estou ouvindo desde aquelle tumulto dizer a sua alteza : *Disce puer virtutem ex me, verumque laborem, Fortunam ex aliis*. (Virgil.) Duas coisas pretendeu Castella : a primeira, por meio da traição que vimos, que sua magestade não ficasse : *Et ipse remansit* ; a segunda, por meio da morte de sua alteza, que ao menos ficasse só : *Et ipse remansit solus*. Mas succedeu-lhe tanto pelo contrario, que Castella é a que deve lamentar a sua soledade : *Quomodo sedet sola* ? (Jerem. Thren. I — 1) Hoje faz nove annos havia em Castella cinco pessoas reaes, e em Portugal outras cinco ; hoje em Castella ha duas, e em Portugal sete. Oh que grande argumento da estabilidade de Portugal, e da ruina de Castella ! Que Samsão, lançando os braços a duas columnas do templo dos philisteus, as derribasse, grande fortaleza foi ; mas que derri-

hadas só duas columnas, viesse todo o templo a terra, como se póde isto intender? A razão é porque as abobedas de todo o templo viam-se a se rematar no meio, e descansava sobre aquellas duas columnas o edificio: e edificio que está fundado só em duas columnas, basta um homem para o derribar. Isto é o estado em que está Castella; porém Portugal está firmissimo, porque está fundado sobre tantas columnas. Quis a Sabedoria divina fundar uma casa que fosse eterna; e que fez? Fundou-a sobre sete columnas: *Sapientia edificavit sibi domum, excidit columnas septem.* (Prov. IX — 1) A casa que Deus fundou para si, é a casa de Portugal: *Imperium mihi stabilire*; e tem-no fundado hoje sobre sete columnas.

Este sermão é dos que se encontraram entre os manuscritos do Auctor depois de sua morte, e saiu publicado pelo Padre André de Barros. Estava todo em papeis soltos, e da restante apenas se achou o final, que é como se segue: —

Em fim, serenissimo infante D. Duarte, no céu estaes já; acanharam-se as nossas esperanças, e lograram-se, senhor, as vossas. Muito sentimos, principe grande, que Deus vos não fizesse para nós; mas consolamo-nos, com que vos fez para si. Já se acabou o desterro, gosae a patria; já se acabaram os trabalhos, gosae a corda. Oh quanto gosareis os amores de Deus no céu, pois lhe soubestes dar ciúmes na terra! Os homens vos temerem vivo, credito é do novo estado, que vos temam immortel: não vos lembreis de que vos apressaram a gloria, lembrae-vos de que vos tiraram a vida: se lhes perdoastes as vossas injurias, repare, senhor, que não lhes podeis perdoar as nossas. Offerecei por nós o sacrificio de vosso sangue, e se se calar, como vosso, permiti-lhe que clame como innocente. Justiça, infante D. Duarte, justiça, principe de Portugal. Justiça. Com estas vozes acabo, porque estas são as da patria, que vos ama: mostrae-lhe do céu quanto a amaes: experimente a terra quanto podeis: a que vos matou na justiça, a que eternamente vos amará na graça, etc.

SERMAO

DO MANDATO.

Pregado na capella real, no anno de 1645.

*Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut tran-
seat ex hoc mundo ad patrem, cum dilexisset
suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*
— Joan. XIII.

Considerando eu com alguma attenção os termos tão singula-
res deste ameroso evangelho, e ponderando a harmonia e cortes-
pendencia de todo seu discurso, tantas vezes e por tão ingenho-
sos modos deducido; vim a reparar finalmente (não sei se com
tanta razão como novidade) que o principal intento do evangelho
foi mostrar a sciencia de Christo, e o principal intento de Christo
mostrar a ignorancia dos homens.

Sabia Christo (diz S. João) que era chegada a sua hora de pas-
sar deste mundo ao Padre: *Sciens quia venit hora ejus, ut tran-
seat ex hoc mundo ad Patrem.* (Joan. XIII — 1) Sabia que ti-

nha depositados em sua mão os thesouros da omnipotencia, e que de Deus viera e para Deus tornara : *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia a Deo exivit, et ad Deum vadit.* (Ibid.

— 3) Sabia que entre os doze que tinha assentados á sua mesa, estava um que lhe era infiel, e que o havia de entregar a seus inimigos : *Sciebat enim quismam esset qui traderet eum.* (Ibid.

— 11) Atéqui mostrou o evangelista a sabedoria de Christo. D'aqui adiante continúa Christo a mostrar a ignorancia dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés, declarou-lhe o Divino Mestre a sua ignorancia, dizendo : *Quod ego facio, tu nescis* : (Ibid. — 7) O que eu faço, Pedro, tu não o sabes. Depois de acabado aquelle tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, e voltando-se para os discipulos, disse-lhes : *Scitis quid fecerim vobis ?* (Ibid. — 12) Sabeis por ventura o que acabei agora de vos fazer ? Aquella interrogação emphatica tinha força de affirmacão ; e perguntar *sabeis ?* foi dizer que não sabiam. De maneira, que na primeira parte do evangelho o evangelista attendeu a mostrar a sabedoria de Christo, e Christo na segunda, a mostrar a ignorancia dos homens.

Mas se o fim e intento de ambos era o mesmo : se o fim e o intento de Christo e do evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as finezas do seu amor, porque razão o evangelista se emprega todo em ponderar a sabedoria de Christo, e Christo em advertir a ignorancia dos homens ? A razão que a mim me occorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas supposições em que mais apuradamente se afinou o amor de Christo hoje, foram : da parte de Christo a sua sciencia, e da parte dos homens a nossa ignorancia. Se da parte de Christo, amando, pudéra haver ignorancia, e da parte dos homens, sendo amados, houvera sciencia, ainda que o Senhor obrára por nós os mesmos excessos, ficariam elles e o seu amor (não no preço mas na estimacão) de muito inferiores quilates. Pois para que o mundo levante o pensamento de considerações vulgares, e comece a sentir tão altamente das finezas do amor de Christo, como ellas merecem, advirta-se (diz o evangelista) que Christo amou, sabendo :

Sciens Jesus : (Ibid. — 1) e advirta-se (diz Christo) que os homens foram amados, ignorando : *Tu nescis* (Ibid. — 7).

Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação delle pretendo mostrar hoje, que só Christo amou finamente; porque amou sabendo : *Sciens* : e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando : *Nescis* : Unindo-se, porém, e trocando-se de tal sorte o *sciens* com o *nescis*, e o *nescis* com o *sciens*; que estando a ignorancia da parte dos homens, e a sciencia da parte de Christo, Christo amou, sabendo, como se amara, ignorando : e os homens foram amados, ignorando, como se foram amados, sabendo. Vá agora o amor destorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza delles.

II.

Primeiramente só Christo amou, porque amou sabendo : *Sciens*. Para intelligencia desta amorosa verdade, havemos de suppor outra não menos certa, e é, que no mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor, não é amor, é ignorancia. Pintaram os antigos ao amor menino; e a razão, dizia eu o anno passado, que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Rachel, o de Jonatas com David, e outros grandes, ainda que poucos. Pois se ha tambem amor que dure muitos annos, porque nol-o pintam os sabios sempre menino? Desta vez cuido que hei de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre menino, porque ainda que passe dos sete annos, como o de Jacob, nunca chega á idade de uzo de razão. Uzar de razão, e amar, são duas coisas que não se ajuntam. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com affectos, e um intendimento sem uzo. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o intendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que não tivesse o intendimento frenetico. O amor deixará de variar, se fôr firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abraçou a vontade, que o fumo não cegasse o intendimento. Nunca houve enfermidade no

coração, que não houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro effeito, ou a ultima disposição do amor, é cegar o entendimento, d'aqui vem, que isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia: e quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltam de amor. Quem ama, porque conhece, é amante; quem ama, porque ignora, é nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminhe o delicto, assim no amor diminhe o merecimento. Quem, ignorando, offendeu, em rigor não é delinquente; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.

E' tal a dependencia que tem o amor destas duas supposições, que o que parece fineza, fundado em ignorancia, não é amor; e o que não parece amor, fundado em sciencia, é grande fineza. As duas primeiras pessoas deste evangelho nos darão a prova: Christo e S. Pedro. Transfigurou-se Christo no Monte Tabor, e vendo S. Pedro que o Senhor tratava com Moysés e Elias de ir morrer a Jerusalem, para o desviar da morte, deu-lhe de conselho, que ficasse alli: *Domine, bonum est nos hic esse.* (Matt. XVII — 4) Esta resolução de S. Pedro considerada como a considerou Origenes, foi o maior acto de amor que se fez, nem pôde fazer no mundo, porque se Christo não ia morrer a Jerusalem, não se remia o genero humano; se não se remia o genero humano, S. Pedro não podia ir ao céu: e que quizesse o grande apóstolo privar-se da gloria do céu, porque Christo não morresse na terra: que antepuzesse a vida temporal de seu Senhor à vida eterna sua, foi a maior fineza de amor a que podia aspirar o coração mais alentado. Deixemos a S. Pedro, e assim vamos a Christo.

Em todas as coisas que Christo obrou neste mundo, manifestou sempre o muito que amava aos homens: contudo, uma palavra disse na cruz, em que parece se não mostrou muito amante: *Sitio*: (Joan. XIX — 28) Tenho sede. Padecer Christo aquella rigorosa sede, amor foi grande; mas dizer que a padecia, e significar que lhe dessem remedio, parece que não foi amor. Affecto natural sim, affecto amoroso não. Quem diz a vozes o que padece, ou busca o allivio na communicação, ou espera o remedio no soccorro: e é certo que não ama muito a sua dor, quem a

deseja diminuída, ou alliviada. Quem pede remédio ao que padece, não quer padecer, não quer padecer, não é amar: logo não foi acto de amor em Christo dizer: *Sitio*; (Ibid) Tenho sede. Contraponhamos agora esta acção de Christo na cruz, e a de S. Pedro no Tabor. A de S. Pedro, parece que tem muito de fineza, a de Christo, parece que não tem nada de amor. Se será isto assim?

Dois evangelistas o resolveram com duas palavras. O evangelista S. João com um *sciens*; e o evangelista S. Lucas com um *nesciens*. O que em S. Pedro parecia fineza, não era amor, porque estava fundado em ignorancia: *Nesciens quid diceret*. (Luc. IX — 33) O que em Christo não parecia amor, era fineza, porque estava fundado em sciencia: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit*; *Sitio*. (Joan. XIX — 28) Appliquemos por cada parte. Quando S. Pedro disse: *Bonum est mihi hic esse*, não sabia o que dizia: *Nesciens quid diceret*, (Luc. IX — 33) porque estava transportado e fóra de si. E assim todas aquellas finezas que consideravamos, pareciam amor, e eram ignorancias; pareciam affectos da vontade, e eram erros de entendimento. Se aquella resolução de S. Pedro se fundara no conhecimento das consequencias que dissemos, não ha duvida que fóra o mais excellente acto de amor a que podia chegar a bazarria de um coração amoroso; mas como a resolução se fundava na ignorancia do mesmo que dizia, em vez de sair com titulo de amante, saiu com nome de nescio, porque amar, ignorando, não é amar, é não saber.

Não assim Christo. Porque quando disse *Sitio* (Joan. XIX — 28) sabia mui bem que acabados já todos os outros tormentos, faltava só por cumprir a prophesia do fel: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit*; *Sitio*, (Ibid.) E assim aquellas finezas que consideravamos, parecia que não eram amor, e eram as maiores finezas; parecia que eram desejo natural, e eram o mais amoroso e requintado affecto. Se Christo dissera, tenho sede, cuidando que lhe haviam de dar agua, era pedir allivio; mas dizer, tenho sede, sabendo que lhe haviam de dar fel, era pedir nova tormenta. E não pôde chegar

a mais um amor ambicioso de padecer, que pedir os tormentos por allivios, e para remediar uma pena, dizer que lhe acudam com outra. Dizer Christo que tinha sede, não foi sollicitar remedio á necessidade propria ; foi fazer lembrança á crueldade alheia. Como se dissera : Lembrae-vos, homens do sel, que vos esquece : *Sitio*. (Ibid. Ita S. Aug.) Tão differente era a sede de Christo do que parecia. Parecia desejo de allivios, e era hydropisia de tormentos. De sorte, que a sciencia com que obrava Christo, e a ignorancia com que obrava Pedro, trocaram estes dois affectos de maneira, que o que em Pedro parecia fineza, por ser fundado em ignorancia não era amor ; e o que em Christo não parecia amor, por ser fundado em sciencia, era fineza. E como a sciencia ou ignorancia é a que dá ou tira o ser, e a que diminue ou accrescenta a perfeição do amor ; por isso o evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Christo sabia, para provar o que amava : *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos*. (Joan. XIII — 1)

III

Quatro ignorancias podem concorrer em um amante, que diminuem muito a perfeição e merecimento de seu amor. Ou porque não se conhece a si : ou porque não conhecesse a quem amava : ou porque não conhecesse o amor : ou porque não conhecesse o fim onde fha de parar, amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecesse. Se não conhecesse a quem amava, talvez quereria com grandes finezas, a quem havia de aborrecer, se o não ignorára. Se não conhecesse o amor, talvez se empenharia cegamente no que não havia de emprender, se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar, amando, talvez chegaria a padecer os damnos a que não havia de chegar se os previra. Todas estas ignorancias que se acham nos homens, em Christo foram sciencias, e em todas e cada uma crescem os quilates de seu estremado amor. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor, e conhecia o fim onde havia de parar, amando. Tudo notou o evangelista. Conhecia-se a si ; por-

que sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre: *Sciens quia d Deo exivit.* (Joan. XIII — 3) Conhecía a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens, e quão crueis haviam de ser para com elle: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* (Ibid. — 11) Conhecía o amor, e bem á custa do seu coração, pela larga experiencia do que tinha amado: *Cum dilexisset suos.* (Ibid. — 1) Conhecía, finalmente, o fim em que havia de parar, amando, que era a morte, e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus.* (Ibid.) E que conhecendo-se Christo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor, e conhecendo o fim cruel em que havia de parar, amando; amasse com-tudo? Grande excesso de amor: *In finem dilexit!* (Ibid.) Para que conheçamos quão grande e quão excessivo foi, vamos-o ponderando por partes em cada uma destas circumstancias de sciencia.

Primeiramente foi grande o amor de Christo, porque nos amou, conhecendo-se: *Sciens quia d Deo exivit.* (Ibid. — 3) Que conhecendo-se Christo a si, nos amasse a nós, grande e desuzado amor! Em quanto Paris, ignorante de si, e da fortuna de seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as historias humanas, que era objecto dos seus cuidados Enone, uma formosura rustica daquelles valles. Mas quando o encuberto principe se conheceu, e soube que era filho de Priamo, rei de Troya, como deixou o cado, e o surrão, trocou tambem de pensamento. Amava humildemente, em quanto se teve por humilde; tanto que conheceu qnem era, logo desconheceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorancia de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorancia, acabou tambem o amor. Desamou principe, o que tinha amado pastor: porque, como é falta de conhecimento proprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é affronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah principe da gloria, que assim parece vos havia de succeder comvosco; mas não foi assim! Quem ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanto extremo, parece que poderia pôr em duvida, se o Senhor se conhecia ou vivia ignorante de quem era? Pois para que a verdade de nossa fé não

perigue nos extremos de seu amor, e para que o mundo não caia em tal engano, saibam todos (diz o evangelista) que Christo amou e amou tanto : *In finem dilexit* ; (Ibid.—1) mas saibam também, que juntamente conhecia quem era : *Sciens quia a Deo ex'vit.* (Ibid. — 3)

Se Christo não se conhecera, não fora muito que nos amasse; mas amar-nos, conhecendo-se, foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos, foi desconhecer-se. Disse uma vez a Esposa dos cantares a seu Esposo, que o amava muito : *Quem diligit anima mea.* (Cant. I — 6) E nelle que lhe responderia ? *Si ignoras te ó pulcherrima inter mulieres* : (Ibid.—7) Formosissima de todas as mulheres, desconheceis-vos ? Notavel resposta ! De maneira, que quando a Esposa affirma ao Esposo que o ama, o Esposo pergunta á Esposa se se desconhece : *Si ignoras te ?* Esposo discreto e amado, que modo de responder é esse ; e que consequencia tem esta vossa resposta ? Quando a Esposa vos assegura o seu amor, vós duvidaes-lhe o seu conhecimento : e quando affirma que vos ama, perguntaes-lhe se se desconhece : *Si ignoras te ?* Sim. Porque conforme a alta estimação que o Esposo fazia dos merecimentos da Esposa, affirmar ella que o amava tanto, era grande razão para duvidar se se não conhecia. Como se dissera o Esposo : Vós dizeis que me amaes : *Quem diligit anima mea ?* Pois eu digo que vos não conheceis : *Si ignoras te ó pulcherrima.* Porque se vos conheceis a vós, como é possível que me ameis a mim ? Foi necessario que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a ventura. O amor de minha indignidade, vem a parecer ignorancia de vossa grandeza : *Si ignoras te* ; por que se não deixareis de vos conhecer, como vos abaterieis a me amar.

Isto que antigamente disse Salomão á princeza do Egypto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Christo, á vista dos extremos de seu amor, *Si ignoras te.* (Ibid. — 7) E isto amor, Deus meu, ou ignorancia ? Amaes-nos, ou desconheceis-vos ? Verdadeiramente parece que vos esqueceis de quem sois, e que vos tiraes da memoria, para nos metter na vontade. Oh que alta e que profundamente considerou hoje S. Pe-

dro estes dois extremos, quando com assombro do céu, vos viu diante de si com os joelhos em terra : *Tu mihi!* (Joan. XIII—6) ♦
 Vós a mim ? Vós a Pedro ? Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo é que a vós vos conheceis, e a mim amaes. E é tão grande vossa sahedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amor em ajuntar estas distancias. Mas em amor infinito bem podem caber distancias infinitas. Assim o provam as mãos de Deus juntas com os pés dos homens. *Sciens quia omnia delit ei Pater in manus.* Eis ahí as mãos de Deus : *Cæpit lavare pedes discipulorum.* (Ibid. —5) Eis ahí os pés dos homens.

Appareceu Deus na çarça a Moysés, e mandou-lhe descalçar os çapatos : *Solve calceamenta de pedibus tuis.* (Exod. III — 5) Quando eu lia este passo, admirava-me certo muito, de que a magestade e grandeza de Deus intendesse com os pés de Moysés. Mas quem puzer os olhos na çarça, deixará logo de se admirar. A çarça em que Deus appareceu, estava ardendo toda em chammass vivas, e um Deus abrasado em fogo, que muito que se abalance aos pés dos homens ? Fallando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor, que quando estava na çarça, porque alli definiu sua essencia : *Ego sum qui sum.* (Ibid.—14) E que definindo-se Deus, o fogo não se apagasse ? Que conhecendo se Deus essencialmente, as labaredas, em que ardia, não se diminuissem ? Grande amor ! Definir-se e esfriar-se, fora tibieza : definir-se e arder, isso é amar. Não fora Deus quem é, se não amára como amou. O definir-se foi declarar a sua essencia : o arder foi provar a definição. O mesmo aconteceu a Christo hoje : *Sciens qui d Deo exivit, ponit vestimenta sua.* (Joan. XIII — 3 e 4) Sabendo que era Filho de Deus, começou a despir as roupas. Quem sabia que era Filho de Deus, conhecia-se : quem lançava de si as roupas, abrasava-se : e conhecer-se e abrasar-se, isso é amor : *In finem dilexit.*

IV.

A segunda ignorancia que tira o merecimento ao amor, é não conhecer quem ama, a quem ama. Quantas coisas ha no mundo

muito amadas, que se as conhecera quem as ama, haviam de ser muito aborrecidas ! Graças logo ao engano, e não ao amor. Serviu Jacob os primeiros sete annos a Labão, e ao cabo delles em vez de lhe darem a Rachel, deram-lhe a Lia. Ah enganado pastor, e mais enganado amante ! Se perguntarmos á imaginação de Jacob por quem servia ? Responderá que por Rachel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é, e o que ha de ser, dirá com toda a certeza, que serve por Lia : e assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidaes. Cuidaes que os vossos trabalhos, e os vossos desvelos, são por Rachel, a amada, e trabalhaes e desvelaes-vos por Lia, aborrecida. Se Jacob soubera que servia por Lia, não servira sete annos, nem sete dias. Serviu logo ao engano, e não ao amor, porque serviu por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta historia no theatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma ! A mesma que na imaginação é Rachel, na realidade é Lia : e não é Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante Christo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Rachel ; mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorancia lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou e padeceu por todos, e por cada um, não como era bem que elles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo, sabendo que era inimigo ; pelo ingrato, sabendo que era ingrato ; e pelo traidor, sabendo que era traidor : *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* (Joan. XIII—11)

Deste discurso se segue uma conclusão tão certa, como ignorada ; e é, que os homens não amam aquillo que cuidam que amam. Porque ? Ou porque o que amam não é o que cuidam : ou porque amam o que verdadeiramente não ha. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros : quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos. Cuidaes que amaes diamantes de firmeza, e amaes vidros de fragilidade : cuidaes que amaes perfeições angelicas, e amaes imperfeições humanas. Logo os homens não amam o que cuidam que amam. D'onde tambem se segue, que amam

o que verdadeiramente não ha ; porque amam as coisas, não como são, senão como as imaginam, e o que se imagina, e não é, não o ha no mundo. Não assim o amor de Christo, sabio sem engano : *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo.* (Ibid. — 1) Nota o texto, e a ultima clausula delle, que parece superflua e ociosa, — Como amasse aos seus que havia no mundo —. Pois onde os havia de haver ? Fóra do mundo ? Claro está que não. Logo se bastava dizer — como amasse aos seus — porque accrescenta o evangelista, — os seus que havia no mundo — ? *Suos, qui erant in mundo.* Foi para que intendessemos o conhecimento com que Christo amava aos homens, mui differente do que os homens amam. Os homens amam muitas coisas que as não ha no mundo : amam as coisas como as imaginam ; e as coisas como elles as imaginam, havel-as-ha na imaginação, mas no mundo não as ha. Pelo contrario, Christo amou os homens como verdadeiramente eram no mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação : *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo.* (Ibid.) Não amou Christo os seus, como vós amaes os vossos. Vós amael-os, como são na vossa imaginação, e não como são no mundo. No mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos : no mundo são traidores, na vossa imaginação são leaes : no mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo, cuidando que é amigo, e ao traidor, cuidando que é leal, e ao ingrato, cuidando que é agradecido, não é fineza, é ignorancia. Por isso o vosso amor não tem merecimento, nem é senão engano. Se o de Christo foi verdadeiro amor, e verdadeira fineza ; porque amou os seus como eram, e com inteira sciencia do que eram : ao inimigo, sabendo o seu odio, ao ingrato, sabendo a sua ingratitude, e ao traidor, sabendo a sua deslealdade ; *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* (Ibid. — 11)

Mas se esta sciencia de Christo era universal, em respeito de todos os discipulos (que eram os seus, que havia no mundo) porque nota mais particularmente o evangelista o conhecimento desta mesma sciencia, em respeito de Judas, advertindo que sabia o Senhor qual era o que o havia de entregar : *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum* ? Tão inteiramente conhecia Christo

a Judas, como a Pedro, e aos demais; mas notou o evangelista com especialidade a sciencia do Senhor, em respeito de Judas; porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Ora vêde. Definindo S. Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor non quærit causam, nec fructum*. O amor finò não busca causa nem fructo. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fructo: e amor fino não ha de ter porquê, nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo: se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como ha de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo, amo, ut amem*: amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido, quem ama, para que o amem, é interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Christo, em respeito de Judas, fundada na sciencia que tinha delle e dos demais discipulos.

Na pratica desta ultima cea, disse Christo aos discipulos: *Jam non dicam vos servos, sed amicos*: (Ibid. XV — 15) Discipulos meus: d'aqui em diante não vos hei de chamar servos, senão amigos. Sendo isto assim, lêde todos os evangelistas, e achareis que só a Judas chamou amigo, quando disse: *Amice, ad quid venisti*. (Matt. XXVI — 50) Pois, Senhor, não está ahí Pedro, não está ahí João, que merecem mais que todos o nome de amigos? Porque lhes não daes a elles este nome, senão a Judas? A Judas o inimigo? A Judas o falsario? A Judas o traidor o nome de amigo: *Amice*? Hoje sim. Porque Christo neste dia não buscava motivos ao amor, buscava circumstancias á fineza. Os outros discipulos sabiam Christo que o amavam, e sabiam que o haviam de amar até dar a vida por elle. Porque o amavam, tinha o seu amor causa, e porque o haviam de amar, tinha fructo. Pelo contrario Judas, nem amava a Christo, porque o vendia, nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até á morte: e amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, era amar sem causa, e sem fructo, e por isso a maior fineza. Amar ingratições conhecidas, coisa é que algumas vezes se acha no amor. Mas ninguém amou uma ingratidão sabida, que ahí mesmo não amasse

um agradecimento esperado. Só Christo foi tão fino e tão amante que amou sem correspondencia, porque amou a quem sabia que o não amava : e sem esperança, porque amou a quem sabia que o não havia de amar. Por isso dá o titulo de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amor, mas porque lhe acreditava a fineza. Amar por razões de amar, isso fazem todos ; mas amar com razões de aborrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigações, e dos aggravos ; motivos porque era obrigação do seu amor chegar á maior fineza : *In finem dilexit*.

V.

A terceira circumstancia de sciencia, que grandemente subiu de ponto o amor de Christo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Christo conhecia todas as coisas com tres sciencias altissimas : com a sciencia divina, como Deus ; com a sciencia beata, como bemaventurado ; com a sciencia infusa, como cabeça do genero humano e redemptor do mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta sciencia, que foi a experimental e adquirida ; porque assim como diz S. Paulo, que aprendeu a obedecer, padecendo, assim aprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo, que amou, tendo amado : *Cum dilexisset, dilexit*.

Questão é curiosa nesta philosophia, qual seja mais precioso e de maiores quilates : se o primeiro amor, ou o segundo ? Ao primeiro ninguem pôde negar que é o primogenito do coração, o morgado dos affectos, a flor do desejo, e as primicias da vontade. Comtudo, eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bizonho, o segundo é experimental : o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre : o primeiro pôde ser impeto, o segundo do não pôde ser senão amor. Emfim, o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor. E' verdade que o primeiro amor é o primogenito do coração ; porém a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o maior.

A primeira vez que Jonatas se affeiçoou a David, diz a escriptura sagrada, que lhe fez juramento de perpetuo amor : *Interunt autem David et Jonatas fœdus, diligebat enim eum, quasi animam suam.* (1. Reg. XVIII — 3) Passaram depois disto alguns tempos de firme vontade, posto que de varia fortuna, torna a dizer o texto, que Jonatas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor : *Et addidit Jonatas dejerare David, eo quod diligeret illum.* (Ibid. XX — 17) Pois se Jonatas tinha já feito um juramento de amar a David, porque faz agora outro? Por ventura quebrou o primeiro, para que fosse necessario o segundo? E' certo que o não quebrou, porque não fôra Jonatas o exemplo maior da amisade, se o não fora tambem da firmeza. Pois se o amor estava jurado ao principio, porque o jura outra vez agora? Porque foi mui differente materia jurar o amor antes de conhecido, ou jural-o depois de experimentado. Quando Jonatas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentara : quando jurou a segunda vez já tinha larga experiencia do que era e do que custava, pelo muito que padeceu por David : e era tão differente o conceito que Jonatas fazia agora de um amor a outro, que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorancia passada não diminuise o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deixasse de amar algum hora mas porque era pouco o que d'antes promettera, em comparação do muito que hoje amava. Então prometteu como conhecia, agora promettia como o experimentara. Que Jonatas se resolvesse a amar a David, quando não conhecia as paixões deste tyranno affecto, não foi muita fineza ; mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas sem-razões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tyrannias, depois de sentir ausencias, depois de chorar saudades, depois de resistir contradicções, depois de atropellar difficuldades, depois de vencer impossiveis ; arriscando a vida, despresando a honra, abastendo a auctoridade, revelando secretos, encobrimdo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, captivando o alvedrio, morrendo dentro em si, por tormento e

vivendo em seu amigo, por cuidado: sempre triste, sempre afligido, sempre inquieto, sempre constante, apesar de seu pae e da fortuna de ambos (que todas essas finezas, diz a escriptura fez Jonatas por David) que depois, digo, de tão qualificadas experiencias de seu coração e de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto sim, isto é amor.

O mesmo digo do nosso fino amante, com a vantagem que vae de Filho de Deus a filho de Saul. Se Christo podéra não conhecer o amor, ou o não conhecera por experiencia, menos fôra que nos amasse; porém conhecendo experimentalmente o amor, e o amor seu, e sabendo que este fôra tão rigoroso, que o arrancou do peito de seu pae; que foi tão deshumano, que o lançou na terra em um presepio, que foi tão cruel que a oito dias de nascido lhe tirou o sangue das veias; que foi tão desamoroso, que antes de dois mezes de idade, o desterrou sete annos para Egypto, e que era tão tyranno, que se lhe não tirou a vida a mãos de Herodes, foi porque se não contentava com tão pouco sangue: que conhecendo Christo, que este era o seu amor, não desistisse, nem se arrependesse, antes continuasse a amar, grande amor! Grande, porque amou; mas muito maior, porque amou sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Bem vejo que me replicam os theologos, que o amor de Christo desde o primeiro instante até o último, sempre foi igual, e nunca cresceu. Assim o pedia a razão. Se o diminuir no amor é descredito, tambem é descredito o crescer. Quem diz que ama mais, desacredita o seu amor, porque ainda que o crescer seja augmento, é augmento que suppõe imperfeição. Amor que pôde crescer, não é amor perfeito. Pois se o amor perfectissimo de Christo, sempre foi igual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior? Todos respondem e bem, que foi maior nos effeitos. Mas eu como mais grosseiro, ainda na mesma substancia do amor, não posso deixar de reconhecer alguma consideração de maioria. Confesso que não cresceu, mas bem se pôde ser maior sem crescer. Uma columna sobre a base, uma estatua sobre a peanha, cresce sem crescer. Assim o amor de Christo hoje, porque foi amor sobre amor. E como a base e a peanha, não só era da mesma subs-

tancia, senão a mesma substancia do amor de Chrsito, não só fica hoje mais subido, senão, em certo modo, maior. É tanto isto assim, que, a meu vêr, não podem ter outro sentido as palavras do evangelista: *Cum dilexisset, dilexit*. Como amasse, amou. Estas palavras dizem mais do que soam. Amasse, e amou, não teem mais differença, que no tempo: na significação, não teem diversidade. Que nos diz logo de novo o evangelista? Se dissera — como amasse muito, agora amou mais —, bem estava: isso é o que queria provar. Mas se queria dizer, que amou mais; como diz sómente, que amou? Porque o diz com taes termos, que dizendo só, que amou, fica provado; que amou mais: *Cum dilexisset, dilexit*. Como amasse, amou: e isto de amor sobre haver amado, não é só amar depois, senão amar mais. Não diz só relação de tempo, senão excesso de amor. E como o evangelista, queria subir de ponto o muito que o Senhor amou hoje, intendeu que para encarecer o amor presente, bastava suppor o passado.

Quando Deus mandou a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho, em todo o rigor da propriedade hebreá, diz o texto assim: *Tolle filium tuum, quem dilexisti Isaac*: (Genes. XXII — 2) Sacrifica-me teu filho Isaac, a quem amaste. A quem amas, parece que havia de dizer, porque todo o intento de Deus, foi encarecer o amor, para difficultar o sacrificio. Pois porque não diz, sacrifica-me o filho que amas, senão o filho que amaste? Por isso mesmo. Queria Deus encarecer o amor, para difficultar o sacrificio, e em nenhuma coisa podia encarecer mais o amor presente, que na supposição do passado. Sacrifica-me o filho não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, é o maior amor. Por isso o evangelista hoje comparando amor com amor, não fez comparação de grande a excessivo, senão de primeiro a segundo: *Cum dilexisset, dilexit*. Esta foi a primeira e segunda ferida do coração, de que o nosso divino Amante, muito antes de o amor lhe tirar as setas, já se gloriava: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*. (Cant. IV — 9) A primeira ferida, foi a do amor passado, a segunda, a do amor presente: e para prova de qual foi maior e mais penetrante, se não basta ser ferida sobre ferida, basta saber, que com a primeira

viveu, e que a segunda lhe tirou a vida : *Cum dilexisset, in finem dilexit*. E somos entrados sem o pretender na quarta consideração.

VI.

A quarta e ultima circumstancia em que a sciencia de Christo afinou muito os extremos de seu amor, foi saber e conhecer o fim onde havia parar, amando : *Sciens quia venit hora ejus*. De muitos contam as historias que morreram, porque amaram ; mas porque o amor foi só a occasião, e a ignorancia a causa, falsamente lhe deu a morte o epitaphio de amantes. Não é amante, quem morre porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notavel é neste genero o exemplo do principe Sichem. Amou Sichem a Dina, filha de Jacob, e rendeu-se tanto aos imperios de seu affecto, que sendo principe soberano, se sujeitou a taes condições e partidos, que a poucos dias de desposado lhe poderam tirar a vida, Simeão e Levi, irmãos de Dina. Amou Sichem, e morreu ; mas a morte não foi tropheo de seu amor, foi castigo de sua ignorancia. Foi caso, e não merecimento ; porque não amou para morrer, ainda que morreu porque amou. Deveu-lhe Dina o amor, mas não lhe deveu a morte ; antes por isso nem o amor lhe deveu. Que quem amou porque não sabia que havia de morrer, se o soubera não amára. Não está o merecimento do amor, na morte, senão no conhecimento della.

Vede-o em Abrahão e Isaac claramente. Naquelles tres dias em que Abrahão foi caminhando para o monte do sacrificio com seu filho Isaac, ambos iam igualmente perigosos, mas não iam igualmente finos. Iam igualmente perigosos, porque um ia a morrer, outro a matar, ou a matar-se : mas não iam igualmente finos, porque um sabia aonde caminhavam, o outro não o sabia. O caminho era o mesmo, os passos eram iguaes, mas o conhecimento era muito diverso, e por isso tambem o merecimento. Abrahão merecia muito, Isaac não merecia nada ; porque Abrahão caminhava com sciencia, Isaac com ignorancia : Abrahão ao sacrificio sabido, Isaac ao sacrificio ignorado. Esta é a differença que faz o sacrificio de Christo a todos os que sacrificou a morte,

por culpas do amor. Só Christo caminhou voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada. (Genes. Judic. Reg.) A Sichem, a Samsão, a Amon, e aos demais que morreram, porque amaram, levou-os o amor á morte, com os olhos cubertos, como condemnados: só a Christo, como triumphador, com os olhos abertos (Tomara ter mais honradas authiteses: mas estas são as que lemos na escriptura). Nem Sichem amára a Dina, nem Samsão a Dalila, nem Amon a Thamar se anteviram a morte que os aguardava. Só a sciencia de Christo conheceu que o seu amor o levava á morte, e só Christo conhecendo-a, e vendo-a vir para si, caminhou animosamente a ella: *Sciens quia venit hora ejus*.

Que bem, e que poeticamente o cantou David: *Sol cognovit occasum suum*. (Psal. CIII — 19) O sol conheceu o seu occaso. Poucas palavras, mas difficultosas. O sol é uma creatura irracional e insensivel (Porque ainda que alguns philosophos creram o contrario, é erro condemnado). Pois se o sol não tem entendimento, nem sentidos, como diz o propheta que o sol conheceu o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é (diz Agostinho) que debaixo da metaphora do sol material, fallou David do sol divino, Christo, que só é sol com entendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu occaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do sol fôra verdadeira luz de conhecimento; e o occidente, onde se vae pôr o sol, fôra verdadeira morte: não nos causára grande admiração vêr que o sol conhecendo o lugar de sua morte, com a mesma velocidade com que sobe ao zenith, se precipitasse ao occidente? Pois isto foi o que fez aquelle Sol divino: *Sol cognovit occasum suum*. Conheceu verdadeiramente o Sol divino o seu occaso, porque sabia determinadamente a hora em que chegando aos ultimos horisontes da vida, havia de passar deste ao outro hemispherio: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo*. E que sobre este conhecimento certo do fim cruel a que o levava seu amor, caminhasse sem fazer pé atrás, tão animoso ao verdadeiro e conhecido occaso, como o mesmo sol material, que não morre, nem conhece; grande resolução, e valentia de

amor ! Não só conhecer a morte, e ir a morrer ; mas ir a morrer, conhecendo-a, como se a ignorára.

Só S. João que nos deu o pensamento, poderá dar a prova. Quando vieram a prender a Christo seus inimigos, diz assim o evangelista : *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit, et dixit : quem quæritis ?* (Joan. XVIII — 4) Sabendo o Senhor tudo o que havia de vir sobre elle, saiu a encontrar-se com os que o vinham prender, e disse-lhes : A quem buscaes ? Parece que se implica nos termos esta narração. Quem sabe, não pergunta. Pois se Christo sabia tudo, e sabia que o buscavam a elle, e o evangelista nota que o sabia ; porque pergunta como se o não soubera ? A razão e o mysterio é, porque desde este ponto começava Christo a caminhar para a morte, e esse foi o modo com que seu amor o levava. Levava-o á morte, sabendo, como se o levára, ignorando. Quem lêr o que diz o evangelista, dirá que Christo sabia : quem ouvir o que Christo pergunta, cuidará que Christo ignorava : e, ou na verdade, ou na apparencia, tudo era. Na verdade sabia, e na apparencia ignorava ; porque de tal maneira amou, e foi a morrer, sabendo, como se amára, e morrerá, ignorando.

Este é o segredo que encobria aquelle véo, ou aquelle mysterioso eclipse com que o amor hoje cobriu os olhos a Christo, por mãos de seus inimigos : *Velaverunt eum, et percutiebant facient ejus.* (Luc. XXII — 64) Que soffresse o Senhor outros muitos tromentos, não me espanto, que a tudo se offerece, quem sobre tudo ama. Mas de permittir que lhe cobrissem os olhos, parece que não só se podia offender a sua paciencia, senão muito mais seu amor. S. João hoje naquelle repetido *sciens*, não tirou as vendas ao amor de Christo, para que soubesse o mundo que amava com os olhos abertos ? Pois porque permite no mesmo dia, que lhe cubram e vendem os olhos ? Porque esta foi a destreza com que o amor de Christo soube equivocar a sciencia com a ignorancia. Fez que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amára com os olhos fechados. Que amasse do tal maneira, sabendo, como se amára, ignorando. Desaffrontou-se o amor com aquelle véo que parecia affrontoso, e vingou-se para

maior honra sua, do que lhe tinha feito S. João. S. João tirou as vendas ao amor de Christo, e o mesmo amor tornou-as a pôr em Christo; para que advertissemos, que de tal maneira amou, sabendo, e com os olhos abertos, como se amára, ignorando, e com os olhos fechados: *Valaverunt eum*. (Ibid.) Conhecia-se Christo a si, e amou como se não se conhecêra: sabia o que amava, e amou como se o não soubera: tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentára: previu o fim a que havia de chegar, amando, e amou como se o não previra. E porque amou, sabendo, como se amára, ignorando; por isso só elle amou, e soube amar finalmente: *Sciens, sciens, sciens, sciens in finem dilexit eos*.

VII

Temos considerado o amor de Christo, pelas advertencias de S. João. Consideremol-o agora pelas advertencias do mesmo Christo, que, como quem o conhecia melhor, serão as mais bem ponderadas e mais profundas. Apostaram hoje o maior amante, e o maior Amado — Christo e S. João — apostaram, digo, a encarecer os extremos do mesmo amor: e depois que S. João disse quanto soube, advertindo que Christo amára, sabendo: Tã (diz Christo) que não é essa a maior circumstancia que sobe de ponto o meu amor. Se os homens querem saber a fineza com que os amei, não a ponderem pela minha sabedoria, ponderem-na pela sua ignorancia. Amei muito aos homens, porque os amei, sabendo Eu tudo, mas muito maior foi meu amor, porque os amei ignorando elles quanto Eu os amava: *Quod ego facio, tu nescis*. Por mais que os homens façam discursos, e levantem pensamentos, nunca poderão chegar a conhecer o amor com que os amou Christo, nem em quanto Deus, nem em quanto homem: e que se resolva Christo a amar a quem não só lhe não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor, não só a satisfação de pago, mas nem ainda o allivio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Christo, e esta a maior difficuldade, porque rompeu a força do seu amor.

E senão façamos esta questão. Que é o que mais deseja, e mais estima o amor : ver-se conhecido, ou ver-se pago ? É certo que o amor não pôde ser pago, sem ser primeiro conhecido : mas pôde ser conhecido, sem ser pago : e considerando divididos estes dois termos, não ha duvida que mais estima o amor, e melhor lhe está ver-se conhecido, que pago. Porque o que o amor mais pretende, é obrigar : o conhecimento obriga, a paga des-empenha : logo muito melhor lhe está ao amor, ver-se conhecido, que pago ; porque o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desata-as. O conhecimento é satisfação do amor proprio : a paga é satisfação do amor alheio : na satisfação do que o amor recebe, pôde ser o affecto interessado ; na satisfação do que communica, não pôde ser senão liberal : logo mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que ver duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro credito de quem ama, é a confissão da vida no amado : mas como ha de confessar a divida, quem a não conhece ? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento, que a paga ; porque a sua maior riqueza é ter sempre indvidado a quem ama. Quando o amor deixa de ser acredor, só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor que se não possa pagar, é a maior gloria de quem ama : se esta grandeza se conhece, é gloria manifesta : se não se conhece, fica escurecida, e não é gloria : logo muito mais estima o amor, e muito mais deseja, e muito mais lhe convem a gloria de conhecido, que a satisfação de pago. Baste de razões, vamos á escriptura.

A maior façanha do amor humano, foi aquella animosa resolução, com que o patriarcha Abrahão antepondo o amor divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu proprio filho. Teve Deus mão na espada ao desamorado e amorosissimo servo seu ; e o que lhe disse immediatamente, foi : *Nunc cognovi quod timeas Deum.* (Genes. XXII — 12) Agora conheço, Abrahão, que me amas. Isto quer dizer aquelle *timeas*, em phrase da escriptura, e assim o trasladam muitos, e interpretam todos : *Nunc cognovi quod diligis Deum.* Depois disto appareceu alli um cordeiro grande embaraçado entre umas çarças, que deu ale-

gre fim ao não imaginado sacrificio : o qual acabado, tornou Deus a fallar a Abrahão, e disse-lhe : *Quia fecisti hanc rem, benedicam tibi, et multiplicabo semen tuum sicut stellæ cæli*. Em premio desta acção que fizeste, será tua geração bemdita, multiplicarei teus descendentes como as estrellas, nascerá de ti o Messias. Este foi historialmente o caso : reparemos agora nelle. Duas vezes fallou Deus aqui com Abrahão, e duas coisas lhe disse ; uma logo, quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo, foi, que conhecia que o amava : *Nunc cognovi quod diligis Deum*. A que lhe disse depois, foi, que lhe premiaria liberalmente aquella acção : *Quia fecisti rem hanc*, etc. Pois pergunto : porque diz Deus a Abrahão em primeiro lugar, que conhecia seu amor, e no seundo, que o premiaria ? E já que dilatou para depois as promessas do premio, porque não dilatou também as certificações do conhecimento : *Nunc cognovi* ? Fallou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro certificou a Abrahão, de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegurar-lhe que o havia de premiar, porque como Abrahão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava ver o seu amor conhecido, que pago. As promessas do premio, dilatam-se embora ; mas as certificações do conhecimento, deem-se logo e no mesmo instante. Porque mais facilmente soffrerá um grande amor as dilações ou esperanças de pago, que as duvidas de conhecido. Antes digo, que foi necessaria a consequencia de dizer Deus a Abrahão, que conhecia seu amor, quando lhe mandava suspender a espada, porque se Abrahão não ficára certo de que seu amor estava já conhecido, sem duvida executára o golpe, para que o sangue de melhor parte de seu coração, dissesse a gritos, quão verdadeiramente amava. E que estimando o amor sobre tudo ver-se conhecido ; e não conhecendo os homens o amor de Christo (antes sendo impossivel conhecê-lo como elle é) vencesse seu amor esta difficuldade, e atropelasse este impossivel, e apesar d'elle e de si mesmo amasse : estupenda resolução de amor !

VIII.

Muito custou a Christo amar-nos, muito padeceu, amando-nos ; porém a mais rigorosa pena a que o condemnou seu amor, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é o que mais lastima a quem ama. Dois desmaios, ou dois accidentes grandes padeceu a Esposa dos Cantares, causados ambos do seu amor. Um foi logo no principio d'elle, que se escreve no capitulo segundo : outro foi depois de haver já amado muitos e se refere no capitulo quinto. Houve-se porém a Esposa nestes dois accidentes com differença mui digna de consideração e reparo. No primeiro accidente disse : *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo* : (Cant. II — 5) Acudi-me com confortativos, trouxe-me rosas e flores, porque estou enferma de amor. No segundo diz : *Adjuro vos filiæ Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei, quia amore langueo* : (Ibid. V — 8) Pelo que vos mereço, filhas de Jerusalem, que busqueis a meu Amado, e lhe façaes a saber que estou enferma de amor. Notavel differença ! Se a Esposa em ambos os casos estava igualmente enferma de amor : *Quia amore langueo* ; porque razão no primeiro accidente pediu remedios e confortativos, e no segundo não ? E se no segundo não teve cuidado de pedir remedios, porque *commendam* com tanto encarecimento ás amigas, e lhe pede juramento de que o façam a saber a seu Esposo : *Adjuro vos, ut nuntietis dilecto* ? Não se podia melhor pintar a verdade do que dizem. No primeiro accidente, em que a Esposa era ainda principiante no amor, pediu somente remedios para a enfermidade, porque os effeitos penosos que experimentava seu coração, eram os que mais lhe doiam. Porém no segundo accidente, em que o amor era já perfeito e consumado, em vez de dizer que acudam com remedios a seu mal, diz que acudam com noticias a seu Amado, porque não lhe doia tanto a sua dor, porque ella a padecia, quanto porque elle a ignorava. Acudiu a Esposa primeiro, ao que lhe doia mais ; e mais lhe doiam os affectos do seu amor, porque os ignorava a causa, que porque os padecia o sujeito. Por isso em vez de dizer, trouxe-me remedios, dizia, leve-lhe noti-

cias. Tanto a affligiam as penas do seu amor, muito mais por ignoradas, que por padecidas ! O mesmo foi em Christo.

No psalmo 34 conforme o texto grego, diz assim o Filho de Deus : *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt* : (Psal. XXXIV — 15) Cairam sobre mim tantos açoites e ignoraram. Para intelligencia deste affecto, havemos de suppor que de todos os tormentos de sua paixão, nenhum sentiu Christo tanto, como o dos açoites. Bastava a razão por prova ; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discipulos o que havia de padecer : *Tradetur gentibus, et illu'letur, et flagellabitur, et conspuetur, et postquam flagellaverint, occident eum*. (Luc. XVIII — 32 e 33) Em todos os outros tormentos, e na mesma morte, fallou só uma vez ; porém o tormento dos açoites repetiu-o duas vezes : *Flagellabitur, et postquam flagellaverint*, (Ibid) porque o que mais sente o coração, naturalmente são mais vezes á boca. Diz pois o Senhor : *Congregata sunt super mea flagella, et ignoraverunt* : (Psal. XXXIV — 15) Cairam sobre mim tantos açoites e ignoraram. Affligido Jesus ; que terinos de fallar são estes ? Se foram os açoites o tormento de vós mais sentido, parece que haviéis de dizer : Cairam sobre mim os açoites. Oh como os senti ! Oh como me atormentaram ! Mas em vez de dizer que os senti, e que o atormentaram, queixa-se somente o Senhor, de que os ignoraram ; porque, no meio dos maiores excessos do seu amor, o que mais atormentava o coração de Christo não era o que elle padecia, senão o que os homens ignoravam ; *Et ignoraverunt*. Não se queixa dos açoites, e queixa-se da ignorancia ; porque os açoites affrontavam a Pessoa, a ignorancia desacreditava o amor. E quera amava com tanto extremo, que quiz comprar os creditos de seu amor à custa das affrontas de sua Pessoa, que visse emfim a Pessoa affrontada, e o amor não conhecido, oh que insofrivel dor ! E porque esta falta de conhecimento é o que mais sente e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Christo a fineza de seu amor, não pela circumstancia da sua sciencia, senão pela de nossa ignorancia : *Quod ego facio, tu nescis*. Muito mais realça o amor de Christo este *nescis*, que o *sciens* de S. João, tantas vezes repetido. Porque se foram grandes circumstancias de amor,

amar, conhecendo-se a si, e conhecendo a quem amava, e conhecendo o amor, e conhecendo o fim em que havia de parar, amando; sobre todas estas considerações se levanta, e remonta incomparavelmente empregar todos esses conhecimentos e todo esse amor por quem o não havia de conhecer : *Tu nescis* (Joan. XIII — 7).

IX

Mas sendo assim que as ignorancias dos homens eram por uma parte o maior sentimento, e por outra o maior credito do amor de Christo, usou o mesmo amor tão finamente dellas, que tomou estas mesmas ignorancias por instrumento de nos acreditar a nós, sem reparar nas consequencias, com que se podia desacreditar a si. Su indo Christo á cruz, isto é, ao throno de seu amor, no mais publico theatro delle, que foi o Calvario, a primeira palavra que fallou, foi esta : *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt* : (Luc. XXIII — 34) Eterno Pae, perdoe aos homens, porque não sabem o que fazem. Porque não sabem o que fazem, P'rdoador amoroso ? E sabe vosso amor o que vos obriga a fazer nesta razão que allegaes ? Se a nossa ignorancia nos faz menos ingratos, tambem vos faz a vós menos amante, porque na pedra da ingratidão afia o amor as suas settas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afina. Como formaes logo desculpas a nossas ingratidões d'onde podieis crescer motivos a vossas finezas ? Cuidei que tinha dito a maior de todas, mas esta foi a maior. Chegou Christo a diminuir o credito de seu amor, para dissimular e encobrir os defeitos do nosso, e quiz parecer menos amante, só para que nós parecessemos menos ingratos. Assim usou da ignorancia dos homens, sendo a consideração da nossa ignorancia o mais apurado motivo da sua fineza.

Mas por isso mesmo veio a não ser assim, e onde arriscou o amor de Christo a sua opinião, d'alli saiu com ella mais acreditada. Porque não pôde chegar a maior fineza um amante, que a estimar mais o credito do seu amado, que o credito do seu amor. Exemplo deste primor, só no mesmo Christo se pôde achar. Nasceu Christo em um presepio, e diz por boca do evangelista, que

nasceu alli, porque não havia logar na cidade: *Quia non erat ei locus in diversorio*. (Ibid. II — 7) Evangelista sagrado, não digaes tal coisa: seria essa a occasião, mas não foi essa a causa. Nasceu Christo em um presepio, porque foi tão amante dos homens, que logo quiz padecer por elles aquelle desamparo: e nasceu fóra da cidade, porque foram os homens tão duros e tão ingratos, que lhe não quizeram dar abrigo dentro em Belem. Pois se o amor de Christo e a ingratidão dos homens, foram a causa, porque se calla o merecimento de Christo; e a culpa, que era dos homens, se attribue á occasião e ao tempo: *Quia non erat ei locus in diversorio?* (Ibid.) O certo é, que mais amante se mostrou Christo na causa que apontou, que no desamparo que padeceu. O que era eleição sua quiz que parecesse necessidade; e o que era ingratidão nossa, quiz que parecesse contingencia, para que na contingencia ficasse dissimulada a ingratidão, e na necessidade o amor. A ingratidão accrescentava a fineza, a necessidade diminuia o amor, e quiz Christo parecer menos amante para que os homens parecessem menos ingratos. Assim amou no principio da vida, e assim acabou no fim della. Por isso desculpa a ingratidão dos homens com a sua ignorancia: *Non enim sciunt quid faciunt*, sendo a mesma ignorancia dos homens o maior credito de seu amor: *Quod ego facio, tu nescis*.

X.

Este foi, christãos, o amor de Christo, esta a sciencia e as sciencias, com que nos amou, e esta a ignorancia e ignorancias, sobre que somos amados. Tragamos sempre diante dos olhos este *sciens*, (Joan. XIII — 1) e este *nescis*: (Ibid. — 7) tenhamos sempre na memoria (que o mesmo Senhor tanto nos recommendou neste dia) a sua sciencia e a nossa ignorancia. Sirva-nos a sua sciencia de espertador, para nunca deixar de amar: sirva-nos a nossa ignorancia de estímulo, para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre, a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jámais o poderemos

alcançar, nem conhecer? Oh que confusão tão grande será a nossa se bem considerarmos a força e correspondencia deste *sciens*, e deste *nescis*? Quando Christo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu elle, attonito da pergunta: *Tu Domine scis; quia amo te*; (Ibid. XXI — 15) Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo. Comparaes agora este *tu scis* de Pedro, dito a Christo, com o *tu nescis* de Christo dito a Pedro. Quando Christo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Christo: *Tu nescis*. Mas quando Pedro ama a Christo, sabe Christo, quanto o ama Pedro: *Tu scis*. Oh que desproporção tão notavel de amor e de sciencia! O amor de Pedro, sabido: o amor de Christo, ignorado. O amor de Christo padece a nossa ignorancia: o nosso padece a sua sciencia: e ambos podem estar igualmente queixosos. O de Christo queixoso, porque o não conhecem os homens: *Tu nescis*: o dos homens queixoso, porque o conhece Christo: *Tu scis*. Se Christo não conhecera o amor dos homens, tivera o nosso amor essa consolação nas suas tibiezas: e se os homens conheceram o amor de Christo, tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amor de Christo tão excessivo, não o conheçam os homens! E que sendo o amor dos homens tão imperfeito o conheça Christo! Mui igual e mui desigual sorte é a de ambos. O remedio que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocássemos os corações. Se vós nos amásseis com o nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento, e bastaria a nossa ignorancia para o conhecer. E se nós vos amássemos com o vosso, amar-vos-híamos quanto mereceis, e só a vossa sciencia conheceria o nosso amor. Mas já que isto não pôde ser, Vos, que só vós conheceis, Vós amae: vós, que só conheceis vosso amor, o pagae. E seja unica gloria vossa e sua, saber-se que só de vós pôde ser pago, e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o confessamos, e prostrados aos pés de vosso amor lhe offerecemos uma eterna coroa, tecida deste *nescis*, e deste *sciens*: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos*.

SERMÃO

DAS

CADEAS DE S. PEDRO

EM ROMA.

Prégado na egreja de S. Pedro, no qual sermão é obrigado, por estatuto, o prégador a tratar da Providencia, no anno de 1674.

Traduzido de italiano em portuguez

Tibi dabo claves regni cælorum — Matth. XVI.
Vinctus catenis dunbus. — Act. XII.

I

Lá viu S. João uo seu Apocalypse um anjo, o qual em uma mão tinha uma chave, e na outra uma cadea : *Habentem clavem abyssi, et catenam magnam in manu sua.* (Apoc. XX — 1) E que anjo é este, ó Roma, senão o teu grande Custodio. Pedro ? Pedro com as chaves nas mãos : *Tibi dabo claves regni cælorum* : (Matth. XVI — 19) e Pedro com as mãos nas cadeas : *Vinctus catenis duabus.* (Act. XII — 6) Lá foi visto com a chave em uma mão, e a cadea na outra, porque assim devia ser ; mas hoje o vemos

com as chaves em ambas as mãos, e com ambas as mãos nas cadeias, porque havia de vir tempo em que assim fosse.

Este é, senhores, o maior espectáculo da sem-razão que jamais viu o mundo : e este o que eu ao longe com dor, e vós ao perto com admiração, estamos vendo : Pedro com as chaves nas mãos, e Pedro com as mãos atadas. Cuidas tu, ó Herodes, que deu Christo ao seu vigario as chaves para padecer juntamente com ellas a servidão das cadeias ? Senhor, e captivo ? Livre, e atado ? Poderoso, e sem poder ? Não : não. Eu bem sei que as chaves de Pedro também são cadeias ; mas cadeias para atar e desatar, e não para ser atado. Notae o texto : *Tibi dabo claves regni cælorum, et quodcumque ligaveris, erit ligatum : quodcumque solveris, erit solutum* : (Matt. XVI — 19) Eu te darei, diz Christo, as chaves do meu reino, e o que tu atares, será atado, e o que desatares, desatado. Tal quiz o supremo Legislador que fosse o governo do seu reino : governa que atasse e desatasse ; e não governos que nem atam nem desatam. Mas se os poderes de Pedro eram chaves : *Tibi dabo claves* ; parece que havia de dizer o Senhor : tudo o que abrires, será aberto ; e tudo o que fechares, será fechado ; porque não diz logo : o que fechares ou abrires, senão o que atares ou desatares ? Para mostrar que as chaves que dava a Pedro também eram cadeias ; mas cadeias para atar ou desatar a outros quando quizesse, e nas cadeias para estar elle atado, como hoje o vemos : *Vinctus catenis duabus*.

Ora eu, á vista destas chaves, e destas cadeias, que farei ? Se não estivera também atado, e me fôra livre a eleição do discurso, de boa vontade o dividiria em duas invectivas, armadas de justiça, de razão, e de ira, contra os dois monstros sacrilegos, que com a primeira e segunda cadeia em diferentes tempos e logares, se atreveram a prender e atar a Pedro. Uma invectiva contra ti, ó Herodes, que foste o Nero de Jerusalem : e outra contra ti, ó Nero, que foste o Herodes de Roma. Mas porque é obrigação desta cadeira neste dia, que o argumento do sermão seja da Providencia ; a mesma Providencia que entregou a Pedro as chaves, e o deixou atar nas cadeias, será a gloriosa soltura desta que nos parecia implicação. Com as cadeias atarei as chaves, com as cha-

ves abrirei as cadêas : e como a materia das cadêas e mais das chaves toda é de ferro ; se a imagem que eu formarei da providencia, não fôr preciosa e de lustre, ao menos será forte e solida. Deus, cuja é a idéa, me assista com sua graça : *Ave Maria.*

II.

Tibi dado claves regni cælorum.

A ordem gerarchica da providencia divina no governo de suas creaturas. é governar superiores e subditos ; mas os subditos por meio dos superiores, e os superiores immediatamente por si mesmo. Uma e outra coisa temos nas chaves, e nas cadeas de Pedro. Em todo o mundo christão não ha mais que um superior, e um subdito ; um Pedro, e uma egreja : e este superior, e este subdito ; este Pedro, e esta egreja, quem os governa ? A egreja governa a providencia de Pedro, que tem o poder das chaves : *Tibi dabo claves regni cælorum* : a Pedro governa-o a providencia de Christo, que o livrou das cadêas de Herodes : *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.* (Act. XII — 7) Este é o desenho altissimo, e esta a fabrica segurissima da suprema providencia. A egreja segura na providencia de Pedro, e Pedro seguro na providencia de Christo.

Caso foi verdadeiramente admiravel, e por isso notado e advertido pelo mesmo historiador sagrado, que, cercado S. Pedro de guardas, e atado a duas cadêas, na mesma noite daquelle dia em que havia de sair a morrer, como homem, sem nenhum temor nem cuidado estivesse dormindo : *In ipsa nocte erat Petrus dormiens.* (Ibid. — 6) E se passarmos da terra ao mar, não é caso menos digno de admiração, que correndo fortuna a barca de Pedro com uma terrivel tempestade, Christo que ia na mesma barca, tambem estivesse dormindo : *Ipse vero dormiebat.* (Matth. VIII — 24) Christo e o vigario de Christo ambos dormindo ? Christo dormindo no meio da tempestade, e Pedro dormindo no meio das guardas, e das cadêas, e ambos com a morte á vista, sem nenhum cuidado ? Sim. Na tempestade dorme Christo, porque a barca está

segura na providencia de Pedro ; e nas cadêas dorme Pedro, porque Pedro está seguro na providencia de Christo. Debaixo da providencia de Christo dorme Pedro ao som das cadêas, e debaixo da providencia de Pedro dorme Christo ao som da tempestade, e das ondas.

E se isto que digo vos parece só metaphora, voltemos a scena e o theatro, e troquem-se as figuras: seja Christo o que esteja nas cadêas, e Pedro na tempestade. Naquelle escurissima noite em que prenderam a Christo seus inimigos, e naquelle mesmo lugar em que foi preso, correu tão furiosa tormenta a mesma barca de Pedro, que a barca, o piloto, e os companheiros, todos estiveram a pique de naufragar, e faltou pouco que não perecessem de todo. E que fez a providencia de Christo em tão extremo perigo, e tão universal? *Ego autem rogavi pro te*: (Luc. XXII — 32) Eu, diz o Senhor, roguei por ti, ó Pedro. Por ti, Senhor meu? E pelos outros, porque não? Vós não dissestes a todos: *Omnes vos scandalum patiemini in me, in ista nocte*? (Matth. XXVI — 31) Pois se o perigo e a borrasca ameaça todos, e a todos tem derrotado, porque fazeis oração, e rogaes só por Pedro? Porque Pedro estava á providencia de Christo os outros ficavam á providencia de Pedro. O mesmo texto o diz: *Ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus, confirma fratres tuos*, (Luc. XXII — 32) No'ae muito aquelle *ego*, e aquelle *tu*. Eu tive cuidado de ti; tu o terás dos outros: *Ego autem rogavi pro te*; eis ahi a providencia de Christo para com Pedro: *Tu confirma fratres tuos*; eis ahi a providencia de Pedro para com os demais.

E se ainda quizermos vêr uma e outra providencia, a de Christo, e a de Pedro, maravilhosamente praticada; entremos no golfo do mar, e observemos o que faz Christo, e o que faz Pedro, ambos na mesma barca, ou na mesma náu, que assim lhe chamam os evangelistas, quando se engolfa: *Erat navis in medio mari*. (Marc. VI — 47) Estava pois Christo na náu de S. Pedro, um pouco afastada da terra, e depois de prégar ás turbas, que em confusa multidão o ouviam desde a ribeira, mandou o Senhor zarpar ou levar a ancora, e disse a Pedro que guiasse ao alto:

Duc in altum. (Luc. V — 4) Não é justo que eu passe em silencio o que aqui advertiu S. Chrysostomo, pois esta cadeira, no lugar em que está, é sua(1). Quem se engolfa, e se mette no alto do mar, perde a terra de vista; e por isso (diz Chrysostomo) manda Christo a Pedro que guie ao alto: *Duc in altum.* Porque quando a náu de Pedro perder a vista da terra, então navegará felizmente. Assim o prégou o santo arcebispo em Constantinopla, quando o mundo secular tinha duas cabeças, e tambem o pudéra prégær ecclesiasticamente em Roma. Mas tornando ao meu intento, o que eu pondero no *Duc in altum*, é aquella palavrinha *duc*. Se Christo está na mesma náu, porque manda a Pedro que guie, e não guia elle por sua propria Pessoa? Assim como Christo na officina de José tirava com as suas proprias mãos pela serra, assim na náu de Pedro podia elle tambem pegar no leme sem perigo de indecencia. Porque faz pois Christo aqui o officio de mandador, e não Christo, senão Pedro, o de timoneiro? Porque esta é a ordem, e esta a subordinação de uma e da outra providencia. A náu subordinada á providencia de Pedro, e Pedro subordinado á providencia de Christo. Pedro o piloto da náu, e Christo o piloto do piloto: *Duc in altum.* Oh admiravel providencia do governo universal da egreja! A náu uma, e os mandadores dois. Os apostolos manejavam os remos; mas debaixo do mando de Pedro; e Pedro sustentava o leme; mas debaixo do mando de Christo, Pedro era o que governava, sim; mas governava governado. A náu governada pela direcção de Pedro; mas Pedro governado pela direcção de Christo: *Duc in altum.* Dirá porém alguém, e com razão, ou apparencia della, que naquelle tempo Christo e Pedro estavam ambos na mesma náu, e não é maravilha que então fosse ella bem guiada por Pedro. Mas depois que Christo subiu ao céu, e Pedro ficou só no mar, como haverá na náu e no piloto esta dobrada providencia? As mesmas palavras o dizem, *Duc in altum.* A navegação do mar alto, verdadeiramente é admiravel: *Maria undique, et undique cælum.* Não se vê alli

(1) A capella da egreja de S. Pedro, em que se prega neste dia, é de S. João Chrysostomo.

mais que mar e céu. E comtudo, naquella campanha immensa sem rasto, sem estrada, nem baliza, o piloto leva a náu como por um fio, não só aos horisontes mais remotos deste hemisferio, mas ao porto mais incognito dos antipodas. E como faz ou pôde fazer isto o piloto? Governando elle no mar, e sendo governado do céu. Toma o piloto o astrolabio na mão, mede a altura do polo, ou peza o sol, como elles dizem; e deste modo o piloto governa a náu, e o sol governa o piloto. De sorte que o que governa a náu. está no mar, e o que governa o piloto, está no céu. Pois isto mesmo é o que passa no governo da egreja. Ainda que Christo subiu ao céu, e Pedro ficou no mundo, Pedro da pôpa da náu governa o mundo, e Christo do zodiaco do céu governa a Pedro.

Vede-o nas mesmas chaves, e nas mesmas cadêas de Pedro. Quando deu Christo a Pedro as chaves, e quando o livrou das cadêas? As chaves deu-lh'as Christo antes de partir deste mundo; porque a providencia de Pedro para com a egreja ficou na terra; e das cadêas livrou-o, quando havia já muito tempo que estava assentado á dextra do padre; porque a providencia de Christo para com Pedro está no céu. Em summa, que esta é a dobrada providencia com que o monarcha e a monarchia de egreja se governa no mundo, e sobre o mundo. No mundo, immediatamente por Pedro, como se mostra no poder das suas chaves: *Tibi dabo claves regni cælorum*. E sobre o mundo, immediatamente por Christo, como se prova na soltura das suas cadêas: *Ceciderunt calenæ de manibus ejus*.

III.

Mas em um auditorio tão douto, e de tanta perspicacia, vejo quasi vacillante a firmeza deste meu discurso, e que das mesmas chaves, e das mesmas cadêas se formam dois argumentos fortissimos, um contra a providencia de Christo, em respeito de Pedro, e outro contra a providencia de Pedro, em respeito da egreja.

Começando pelas cadêas, para acabar pelas chaves; é certo que Christo livrou a S. Pedro das cadêas de Herodes em Jerusalem;

mas também é certo que o não livrou das cadêas de Nero em Roma. Logo a providencia que suppomos de Christo para com S. Pedro, ao menos é duvidosa e mal segura, e tal, que não parece sua. Porque providencia que não é de todo tempo, de todo lugar, e de todo perigo — providencia que uma vez se lembra, outra se esquece; uma vez acode, outra desampara; uma vez provê, e outra não provê; não é providencia. Assim é; mas não foi assim. Tudo concedo, e tudo nego. Concedo que a providencia que não é continuada, nem permanente, não é providencia. Mas nego que a providencia de Christo, que começou e resplandeceu nas cadêas de Herodes, não se continuasse igualmente, e não permanecesse a mesma nas cadêas de Nero. E porque? Porque tanta providencia foi não livrar Christo a Pedro das cadêas de Nero, como livral-o das cadêas de Herodes. Vede se o provo.

José foi duas vezes preso, uma vez em Canaan, por inveja e odio de seus irmãos, e outra vez no Egypto, por castigo e ignorancia de seu senhor. Destas segundas prisões o livrou Deus; mas das primeiras não o livrou; porque prezo e manietado, foi vendido, e entregue aos ismaelitas. E que se segue d'aqui? Segue-se por ventura que em umas prisões o assistiu a providencia divina, e nas outras o deixou? De nenhum modo, diz o texto sagrado. E dá a razão: *In vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni.* (Sap. X — 14) Nunca a providencia de Deus deixou nem desamparou a José nas suas cadêas, até que por meio de umas e outras o sublimou ao imperio. De sorte, que os effeitos da providencia não se hão de medir pela diversidade dos meios, senão pela unidade do fim. O fim da providencia divina era levantar a José ao imperio do Egypto, para o qual o tinha destinado: e tanto dependia a fortuna de José de ser livre de umas prisões, como de não ser livre das outras. Se Deus o livrasse das prisões de Canaan, nunca havia de ir ao Egypto; e se o não livrasse das prisões do Egypto, não havia de subir ao imperio. Necessario foi logo que José fosse livre de umas cadêas, e não fosse livre das outras. Para que? Para que Deus e José conseguissem juntamente, José; or Deus os meios da sua fortuna, e Deus em José os fins da sua providencia. E se a mesma

providencia livrou, e não livrou a Josê, de umas e outras cadêas, porque não creremos outro tanto das cadêas de Pedro?

Só do fim se pôde duvidar, o qual para mim é evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a S. Pedro, como tinha feito a Santiago; *Occidit autem Jacobum fratrem Joannis gladio*; (Act. XII — 2) e não quiz a providencia de Christo que morresse Pedro á espada, porque o quiz exaltar comsigo á morte de cruz. Na cruz, estava o mesmo Senhor encravado, quando os judeus o blasphemavam, dizendo: *Confidit in Deo, liberet nunc, si vult, eum*: (Matth. XXVII — 34) Já que tem tanta confiança em Deus, porque o não livra agora Deus de nossas mãos? Isto disse a infidelidade, e o mesmo pudêra dizer ainda mais apertadamente a fé. Quando a ambição cruel de Herodes quiz assegurar em si a corôa com a morte do rei novamente nascido, andou tão vigilante a providencia do Eterno Padre sobre a vida de seu Filho, que daquelle diluvio de sangue em que pereceram tantos mil innocentes, só a elle livrou, e poz em salvo. Pois se o livrou então, porque o não livrou também agora? Dizer-se que o livrou, porque o quiz isentar da morte, não pôde ser: porque desde o instante da sua encarnação, antes desde o principio sem principio da eternidade, tinha decretado o mesmo Pae que morresse. Pois se havia de morrer uma vez, porque o não deixa morrer em Belem a mãos de Herodes? E se o havia de livrar outra vez, porque o não livra em Jerusalem das mãos dos judeus, como elles diziam: *Libere eum*? Porque a mesma providencia que livrou a Christo a primeira vez, não o livrou para lhe impedir a morte, senão para o guardar de uma morte menos illustre, para outra morte mais gloriosa. Em Belem, como notou Santo Agostinho, havia de morrer Christo á espada, em Jerusalem morria na cruz: e porque a providencia do Padre, para mais exaltar o Filho, tinha decretado que morresse em cruz: *Mortem autem crucis: propter quod exaltavit illum*: (Phil. II — 8 e 6) por isso o livrou em Belem das mãos de Herodes, e o não livrou em Jerusalem das mãos dos judeus.

Tal foi a providencia de Christo para com S. Pedro, quando o livrou, e quando o não livrou. Livrou-o das cadêas de Hero-

des, para que não morresse á espada como Jacobo ; e não o livrou das cadêas de Nero, para que morresse em cruz como o mesmo Chirto. A espada e a cruz ambas saíram ao theatro no mesmo dia, e na mesma Roma, ambas foram os instrumentos sacrilegos da impiedade de Nero, ambas tiraram cruelmente a vida aos dois maiores atlantes da egreja : mas a espada a Paulo, a cruz a Pedro. Paulo degolado, para que conhecesse a herezia, ainda hoje obstinada, que em Roma e na egreja não póde haver duas cabeças : e para que o mesmo Paulo : *Capite imminutus* ; prégasse e desenganasse o mundo, que na terra é menor que Pedro. Quando eu agora passei a ponte do Tibre, adverti que Paulo com a espada está á mão direita, e Pedro com as chaves á esquerda ; mas isso mesmo é prova do que digo. Dar Pedro a Paulo o melhor lugar, é mostrar Pedro que elle é o dono da casa. Este foi o mysterio, como dizia, porque Paulo perdeu, ou depoz a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre porém Pedro na cruz, inteiro, e em nada diminuido, como aquelle de quem estava escripto : *Os non comminuetis ex eo* ; (Joan. XIX — 36) para que a cabeça visivel da egreja se parecesse em tudo com a invisivel. Christo porém na cruz com a cabeça inclinada para baixo, e Pedro na cruz ás avessas com a cabeça levantada para cima : porque a cabeça de Christo, e a de Pedro, reciproca e reflexamente se retratam, e se vêem uma na outra : bem assim como a mesma cabeça vista e multiplicada no espelho parecem duas cabeças, e é uma só. E como Christo queria fazer a seu primeiro successor tão semelhante a si em tudo, essa foi á providencia continuada e permanente, e não contraria ou diversa, senão a mesma, com que, rotas as cadêas de Herodes, o livrou da espada, e não rotas as de Nero, o levou á cruz.

IV.

Mas para que é defender ou interpretar eu a unidade desta providencia em umas e outras cadêas, se as mesmas cadêas a provam, e com milagrosa demonstração a fizeram evidente aos olhos ? Estavam conservadas e veneradas em Roma as cadêas de

Nero, quando á imperatriz Eudoxia, peregrina de Constantinopla a Jerusalem, foram apresentadas, con o igual thezouro as de Herodes : vieram estas d'alli a Roma, mandadas pela mesma Eudoxia a outra tambem Eudoxia e tambem imperatriz : e não faltando quem duvidasse, se verdadeiramente eram as mesmas, que succedeu ? Toma o pontifice nas mãos umas e outras cadêas, e cotejando as que certamente eram de Nero com as que se dizia serem de Herodes, no mesmo ponto aquelles sagrados ferros, como se tiveram sentidos e uso de razão, por si mesmos se abraçaram entre si, e se uniram e ligaram de tal sorte, como se nunca tiveram sido duas, senão uma só cadêa fabricada pelo mesmo artifice. Oh admiravel, e portentoso testemunho da providencia de Christo para com seu vigario ! Oh admiravel e portentosa confirmação de ser uma, continuada, e a mesma providencia, aquella que em Jerusalem rompeu as cadêas de Herodes, e livrou a Pedro, e aquella que em Roma conservou inteiras as cadêas de Nero, e o não quiz livrar dellas ! Se dividirmos esta providencia em duas providencias, e combinarmos uma com a outra pelos effeitos, não só parecem diversas, senão totalmente contrarias : uma de cuidado, outra de descuido : uma de estimação, outra de desprezo : uma de liberdade, outra de captiveiro : uma de vida, outra de morte : uma que affrontou e illudiu os intentos de Herodes, e outra que ajudou e fez triumphar os de Nero. Mas assim como as cadêas sendo duas, e tão diversas, se uniam em uma só cadêa, assim a providencia, que em Jerusalem as rompeu e livrou a Pedro, e em Roma as conservou inteiras e fortes, e o não quiz livrar, foi tambem uma e a mesma cadea, porque foi uma e a mesma providencia.

Boecio, a quem segue Santo Thomaz, e commummente os theologos, definindo a providencia, diz que é a serie de todas as coisas, e suas causas ordenadas na mente divina, e encadeadas e ligadas entre si com uns nós maravilhosos e secretos, que ninguem pôde desatar : *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quæ omnia suis necti ordinibus, miris, arctisque, sed arcanis nobis*. E Cornelio, commentando o mesmo Boecio, ainda o declara com maior expressão : *Deus per congruos providentiæ*

suæ modos, quos in thesauris sapientiæ suæ reconditos habet, facit ut omnes rerum, temporumque successus invicem apposite nectantur, ac velut ansulæ sibi invicem inserantur, et catenam elegantem efficiant. De sorte que os successos dos tempos e das coisas, ainda que pareçam diversos e encontrados, estão na mente e providencia divina, ordenados e atados entre si de tal modo, que como anneis, ou fuzis enlaçados uns nos outros, compoem uma uniforme e elegante cadeia. Tal foi em um e outro caso a do supremo Artifice, Christo, o qual livrando em diversos tempos, e não livrando a Pedro; soltando-o em Jerusalem, e deixando-o prender em Roma; tirando-o milagrosamente das mãos de Herodes, e consentindo que natural e cruelmente morresse a mãos de Nero; das cadeas rotas de um, e das cadeas não rotas de outro, formou uma uniforme e elegantissima cadeia de sua providencia para maior ornamento e gloria do mesmo Pedro.

A Arão, que era o Pedro da lei escripta, como Pedro o Arão da lei da graça, mandou Deus fazer para ornato das vestiduras pontificiaes duas cadeas de oiro, as quaes porém com dois anneis da mesma materia se uniam uma na outra, e sendo duas cadeas, formavam uma só: *Facies in rationali catenas sibi invicem coherentes ex auro purissimo: catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.* (Exod. XXVIII.—22 e 24) Não reparo em serem aquellas cadeas de oiro, e estas de ferro, porque já disse Chrysostomo, que por isso se honrava mais dellas, e se ornava mais com ellas o nosso pontifice: *His catenis apostolus ornabatur, et tanquam regalem aliquem ornatum circumferens exultabat.* O que só noto é a unidade, ou a união e coherencia de umas e outras cadeas: *Catenas sibi invicem coherentes.* Moysés andou coherente nas cadeas de Arão, porque as formou pelos mesmos moldes: Christo não andou coherente nas cadeas de Pedro, porque as traçou e dispoz com successos e effeitos contrarios. Isso é romper umas cadeas e não romper outras: isso é livrar a Pedro, e não o livrar. Mas assim como a coherencia daquellas cadeas a fazia a simillhança, assim a coherencia destas a fez a contrariedade. E que sendo tão contrarios os actos da providencia, saisse a providencia tão uniforme; e sendo uma cadeia

tão diversa da outra, saíssem ambas as cadêas entre si tão coherentes : *Catenas sibi invicem cohærentes* ? Essa foi a maravilha.

Mas nesta mesma uniformidade e coherencia da providencia de Christo, se alguma curiosidade douta perguntar qual foi maior providencia, se aquella que livrou a Pedro das cadêas em Jerusalem, ou aquella que o não livrou em Roma ; não faltará quem diga que a de Jerusalem foi maior, porque lá foi miraculosa e cá não ; lá quebrou as cadêas, cegou as guardas, abriu as portas, ou deu passo franco por ellas, sem as abrir (que é mais), cá não obrou milagre algum, antes totalmente não obrou, porque foi uma mera suspensão de todo o acto e concurso. Comtudo, digo, que foi maior e mais alta providencia não livrar Christo a Pedro das cadêas de Nero, que livral-o das cadêas de Herodes. E porque ? Porque nas cadêas de Herodes conseguiu a providencia o seu fim contra vontade de Herodes ; e nas cadêas de Nero conseguiu tambem o seu fim, mas não contra, senão pela vontade do mesmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da providencia divina, não é fazer a sua vontade violentando a minha, é deixar livre e absoluta a minha vontade, e com a minha e pela minha conseguir a sua.

A maior obra da providencia de Deus, foi a redempção do mundo por meio da morte de Christo. E como conseguiu a mesma providencia este altissimo fim, tão estupendo, como necessario ? Não de outro modo, que entregando o mesmo Christo, por decreto do injusto, juiz á vontade de todos aquelles que lhe queriam tirar a vida: *Jesum vero tradidit voluntati eorum*. (Luc. XXII —25) Fez a sua vontade Judas, fez a sua vontade Caifaz, fez a sua vontade Pilatos, fizeram a sua vontade os escribas e phariseus, fez finalmente a sua vontade o mesmo demonio, que os instigava. E que por meio de tantas vontades, e todas contrarias á divina, o fim da divina se conseguisse ? Esta foi a providencia mais nobre, esta a mais sabia, esta a mais sublime, esta a mais divina, esta a mais providencia. E qual é a razão ? A razão é, porque a providencia que violenta a vontade e poder humano, é providencia que se ajuda da omnipotencia ; porém a providencia que deixa obrar á potencia humana tudo quanto póde, e deixa exe-

cutar á vontade humana tudo quanto quer, é providencia sem ajuda de outro attributo, e por isso pura providencia. A potencia e a vontade, de que se serve a providencia em tal caso, não é a divina e sua, senão a humana e contraria : e quanto mais permite á contraria, tanto é mais providencia ; quanto mais concede á humana, tanto é mais divina. Tal foi pois a providencia de Christo em não livrar a Pedro das cadeas de Nero. Na prisão de Herodes, para que a providencia conseguisse o seu fim, rompeu a omnipotencia as cadeas ; porém na prisão de Nero deixou a providencia as cadeas inteiras sem usar da omnipotencia, e com tudo conseguiu o seu fim. Logo não só foi providencia, senão maior e mais gloriosa providencia, não livrar a Pedro das cadeas de Nero, que livral-o das cadeas de Herodes. E com as mesmas cadeas temos já solto ou atado o primeiro argumento.

V

O segundo, que é contra a providencia de Pedro, fundado nas suas chaves, e em respeito de todos aquelles que por ellas lhe são sujeitos, parece mais difficiloso. Assim como Deus deu a S. Pedro as chaves do céu, assim as tinha dado por seu modo antigamente a Elias, e com poder e auctoridade universal e privativa, de que só elle podesse abrir ou fechar os thesouros celestes, isto é, as chuvas e orvalhos do céu, com que se secunda a terra, e vive o mundo. Mas que fez Elias com estas chaves na mão, e como usou dellas ? *Vivit Dominus* (disse elle fallando com el-rei Achab) *si erit annis his ros, et pluvia, nisi juxta oris mei verba* : (3. Reg. XVII — 1) Eu tenho na minha mão as chaves do céu ; e tu, ó rei, desengana-te, que nestes annos do meu governo, nem uma só gota ha de cair de agua, ou estilar de orvalho sobre a terra, senão pelo imperio da minha voz. A terra abrazada e ardendo abrirá mil bocas, com que gemerá e gritará ao céu ; mas o céu debaixo das minhas chaves não se moverá a brados, nem a gemidos, e se mostrará tão seco e duro, como se fosse de bronze. Parece-vos boa providencia esta das chaves do céu entregues ao arbitrio de um homem ? Pois ainda não ouvistes outra circumstancia mais terri-

vel, por não dizer deshumana. No mesmo tempo, diz o texto, morava Elias mui descansado sobre as ribeiras do rio Carith, e um corvo, manhã e tarde, lhe trazia pão e carnes: *Panem, et carnes mane, panem, et carnes vespere*. De manciara, que nos mesmos annos em que o povo encomendado á providencia de Elias andava caindo e espirando á fome, Elias com provisão sempre nova e abundante, comia e se regalava duas vezes ao dia. Nos campos não se via uma folha, nas searas não se colhia uma espiga, e a Elias sobejava-lhe o pão. As aves não tinham mais que as pennas, nem os gados mais que os ossos, e a meza de Elias abastecida de carne sobre carne. As fontes secas e mudas, sem correr ou suar dellas uma só gota, e Elias com a agua a rios. É boa, ou será boa esta providencia das chaves do céu? E mais se as mãos que tiverem o dominio das chaves, não forem as de Elias? Logo (argumenta o herege e por ventura tambem o politico), logo o mesmo poderá acontecer ás chaves do céu entregues á providencia de Pedro.

Primeiramente digo, que não poderá. E porque? Porque se a providencia de Pedro saltasse ao officio de vigario de Christo, a providencia de Christo faria o officio de vigario de Pedro. Estava Christo na cruz pouco antes de render o espirito, quando o ladrão convertido lhe apresentou o seu memorial, dizendo: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum*. (Luc. XXIII — 42) Respondeu-lhe o Senhor em continente: *Hodie mecum eris in paradiso*. (Ibid. — 43) E esta foi a primeira vez que se abriram as portas do céu, até áquella hora cerradas. Mas vede como rep'ca e acode pela jurisdicção de Pedro. Arnaldo Carnotense. O officio e jurisdicção de abrir as portas do céu, vós Senhor, não a tendes dado a Pedro? Sim. Como logo não remetteis este memorial ao vosso vigario? Por ventura porque vos negou no atrio do pontífice, tendel-o privado do cargo? Não; que Pedro já estava arrependido, e emendado, e restituído á graça. Como logo usa Christo das chaves de Pedro, e abre por si mesmo a porta do céu? Agudamente o mesmo Arnaldo: *Absens eras, o Petre, et ministerii tui claves modo non profers: supplet vicem tuam* (notae as palavras) *supplet vicem tuam summus sacerdos; apertisque seris*

antiquis, aperiente Christo, introducitur latro in regnum cælarum. Quando o ladrão apresentou o seu memorial, estava Pedro ausente : e como o tempo era brevissimo, e o negocio tão urgente, que não soffria dilação, fez-se Christo substituto do seu vigario, e suppriu a ausencia de Pedro com a sua presença. Trocou o crucificado Senhor os cravos com as chaves, abriu as portas do paraíso ao repentino penitente. E porque Pedro não acudiu á obrigação de seu officio como vigario de Christo, acudiu Christo a ella como vigario de Pedro : *Supplet vicem tuam, o Petre.*

Eis aqui como nunca pôde faltar a providencia das chaves de Pedro, ainda no caso em que elle por si mesmo faltasse. Mas antes que desçamos em particular ao cuidado, vigilancia e admiravel circumspecção desta universal providencia, quero eu acudir pela honra de Pedro, e não refutando a sua improvidencia neste caso com a sua providencia em todos, mas sarando gloriosamente uma improvidencia com outra. Dae attenção ao successo, tão digno de ser ouvido como imitado.

Entrou Christo em casa de S. Pedro : *Introivit Jesus in domum Simonis.* (Luc. IV — 38) e havia muito tempo que estava na mesma casa a sogra do mesmo Pedro, tão enferma e prostrada de umas gravissimas febres, que nem para receber ao Senhor se pôde levantar. Essa força tem a palavra *tenebatur* do evangelista; *Sacræ autem Simonis tenebatur magnis febribus:* (Ibid.) Grande febre, e grande caso ! Quem haverá que não repare e note aqui muito a pouca providencia de S. Pedro, antes o demasiado descuido e negligencia de attender ao remedio de sua casa e á necessidade dos seus domesticos e parentes ? A sogra de Pedro em casa de Pedro ardendo em febres e sem cura, padecendo dores e sem allivio, atada tanto tempo a um leito, sem saude, nem sequer melhoria ? Não é este aquelle mesmo Pedro, que passando pelas ruas e pelas praças, só com a sombra sarava todos os enfermos ? Como logo abusa de tal modo do seu poder, que curando a todos, só aos seus domesticos não cura ? Tantos milagres para as casas dos outros, e só para a sua casa nenhum milagre ? Sim. E este creio eu que foi o maior milagre de S. Pedro. Entre todos os milagres deste grande prodigio do mundo, o maior mila-

gre foi não ser milagroso em sua casa. Fóra de casa, e ao sol, fazia sombra e obrava milagres, chegando a sua casa, não obrava milagres, porque já não tinha sombra.

Mas que farão em tal caso os domesticos de Pedro, e que será delles ? Vós, senhores, que servis a S. Pedro nesta sua casa, sois mais propriamente os seus domesticos. E que será de tantos que sómente vivem da sua sombra ? Não tenhaes medo. Porque como Christo nos casos de necessidade é vigario do seu vigario, se vos faltar a sombra de Pedro não vos faltar a mão de Christo. Assim foi. Chegase o Senhor ao leito da enferma : *Stans super illam* : (Ibid. — 39) dá-lhe e toma-lhe a mão : *Apprehensa manus ejus* : (Marc. I — 39) e no mesmo ponto não só ficou livre da febre, mas sã, e com todas as suas forças : *Surgens ministrabat illis*. (Luc. IV — 39) Assim prove a providencia de Christo milagrosamente, onde a providencia de Pedro, com maior milagre, não provê. Antes digo, que assim como o não prover, em Pedro foi milagre, porque é obrigação natural da providencia de Christo prover elle, onde Pedro não prove. Se Pedro, por excesso de generosidade, se descuidar dos seus domesticos, Christo por excesso de providencia tomará o cuidado delles ; e se Pedro, abusando gloriosamente do poder das suas chaves, fechar a porta da sua casa a todo o favor, Christo tomando-lhe as chaves, abrirá a mesma porta, e cheio de favores e graças entrará em casa de Pedro : *Introivit Jesus in domum Simonis*. Assim que seguros estão sempre os effeitos da providencia de Pedro, porque quando elle por qualquer accidente, ou como homem, ou como mais que homem, não usar dos poderes das chaves por si mesmo, fal-o-ha melhor por Christo, ou Christo por elle.

VI

E que se segue, ou se prova disto ? Segue-se e prova-se o que eu prometti dizer, posto que pareça que disse o contrario. Desta improvidencia de Pedro para com a sua casa, se prova altissimamente a providencia do mesmo Pedro para com a igreja que lhe foi encommendada. Era o espirito soberano de Pedro com o daquella excellentissima alma, que disse por boca de Salomão: Po-

suerunt me custodem in vineis : vineam meam non custodivi. (Can. I — 5) Puzeram-me por guarda das vinhas, e eu não guardei a minha vinha. Pois isto diz, e isto faz uma alma unicamente perfeita, que é a idéa e exemplar de todas as almas santas ? Se disse, puzeram-me por guarda das vinhas, parece que havia de accrescentar, e eu guardei-as com grande cuidado e vigilancia : mas em logar de dizer que guardou as vinhas que lhe encomendaram, diz que não guardou a sua vinha : *Vineam meam non custodivi* ? Sim. Porque o maior testemunho e a maior prova de guardar com todo o cuidado as vinhas que lhe encommendaram, era não ter nenhum cuidado de guardar a sua. A vinha (como Christo lhe chamou) composta de tantas vinhas, é a igreja universal : e porque a providencia de Pedro se descuidou totalmente da sua vinha, por isso teve tanto cuidado da de seu Senhor.

Notavel coisa é vêr o zelo e providencia universal; com que S. Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como se elle fôra todos, ou estivera em todos, e todos nelle. Mas por isso lhe entregou Christo as chaves, e o cuidado do universo. As duas maiores difficuldades, ou mais difficultosas questões, que se excitaram na escola do apostolado, foram a da divindade de Christo, e a da verdade do sacramento. Sobre a questão da divindade, depois de ouvidas varias opiniões, todas negativas, perguntou o Senhor : *Vos autem quem me esse dicitis* ? (Matth. XVI — 15) E fallando a pergunta com todos, Pedro responde por todos, como se fallára só com elle : *Tu es Christus Filius Dei vivi.* (Ibid. — 16) Na questão do sacramento parece-tão dura a doutrina, que muitos por amor, ou por horror della, deixaram a escola : então perguntou o Senhor aos demais : *Nunquid et vos vultis abire* ? (Joan. IV — 68) E fallando tambem a pergunta com todos, Pedro do mesmo modo respondeu por todos : *Domine, ad quem ibimus ? Verba vitæ æternæ habes.* (Ibid. — 69) E homem que toma por si o que se pergunta a todos, e responde por todos quando se não falla só com elle ; este homem tem zelo e providencia universal ; a este homem, e não a outro, hei de dar as chaves da minha igreja : *Tibi dudo claves regni cælorum.*

Mas não assentou a eleição de Pedro sobre estas duas experiencias somente. No monte Tabor quando viu a gloria, disse : *Bonum est nos hic esse* : (Matth. XVII — 4) e quando ouviu que para entrar na mesma gloria era necessario dar esmola, como elle tinha deixado tudo, instou dizendo : *Ecce nos reliquimus omnia : quid ergo erit nobis* ? (Ibid. XIX — 27) Não sei se repaeres neste *nobis*, e naquelle *nos*, uma e outra vez repetido ? Em tudo mostrou Pedro ser Pedro. Se allega serviços, allega por todos : *Ecce nos reliquimus* : se procura premios, procura por todos : *Quid erit nobis* : se deseja bens, deseja para todos : *Bonum est nos hic esse*. Uma vez falla do passado : *Reliquimus* ; outra vez do futuro : *Qui erit* : outra vez do presente : *Bonum est* ; mas sempre de todos, por todos, e para todos. Não se ouve da boca de Pedro, nem *ego*, nem *mihi*, nem *me* : senão *nos* no primeiro caso, *nobis* no terceiro, e *nos* no quarto : *Nos reliquimus, nobis erit, nos esse* ; porque a providencia de Pedro não sabe o nome a si, nem trata ou cuida de si, senão de todos. Se alguma vez se lembro Pedro só de si, é para elle só tirar a espada no horto, e defender a seu Mestre ; é para elle só o seguir até o atrio de Caifaz cercado de guardas ; é para elle só se lançar vestido ao mar, ou pizando as ondas com os pés, ou rompendo-as com os braços, para o ir buscar. Só para os perigos só ; mas nunca só, senão com todos, e como todos, para o bem e interesse de todos.

Todos digo, uma, e outra, e tantas vezes ; porque a providencia de Pedro, sem excepção nem limite, no universal e no particular, sempre se estendeu e abraçou a todos ; aos grandes e aos pequenos ; aos estranhos ; e aos estranhos ; aos fieis e aos infieis ; aos presentes e aos ausentes ; aos vivos e aos mortos. O primeiro acto da providencia de Pedro, tanto que pela morte de Christo lhe succedeu no pontificado, foi confirmar os outros apostolos na fé da resurreição. Em quanto o disseram outros, eram delirios : *Visa sunt, sicut deliramentum* : (Luc. XXIV — 11) tanto que o disse Pedro, foi verdade infallivel : *Surrexit Dominus veré, et apparuit Simoni*. (Ibid. — 34) Mandou-lhes Christo que esperassem pelo Espirito Santo, mas Pedro com providencia ante-

cipada e admiravel, não esperou pela vinda do Espirito Santo, para refazer a quebra de Judas, e inteirar o numero do apostolado. Quando Christo subiu ao céu, deixou onze apóstolos, e quando ldesceu o Espirito Santo, já achou doze. Com esta diligencia conseguiu Pedro que viesse o Espirito Santo antes de vir; porque antes de vir em linguas visiveis, já tinha vindo na lingua invisivel, com que declarou a Mathias: *dicidit sors super Mathiam.* (Act I — 26) Cheios todos os apóstolos do Espirito Santo, Pedro foi o primeiro que no mesmo dia, e na mesma hora, e na mesma Jerusalem, onde tinha sido crucificado Christo, prégau publicamente a fé da sua divindade; e com que effeitos? O mesmo Christo prégando em Judéa tres annos, deixou nella só quinhentos christãos, como consta da primeira epistola aos corinthios, e S. Pedro com a graça superabundante do mesmo Christo, naquella só dia, e naquella só prégção, converteu tres mil judeus, e n'outro dia, e n'outra prégção, cinco mil, cumprindo-se em Pedro o que o mesmo Senhor tinha promettido: *Majora faciet, quia ad Patrem vado.* (Joan. XIV — 12.)

Mas como se contentaria com o fructo que colhia em Jerusalem e Judéa, quem tinha a cargo da sua providencia o resto do mundo? De Jerusalem parte Pedro a Antiochia, e alli assentou a primeira vez a sua cadeira, não se despresando, sendo principe e pastor do universo, de ser e se chamar bispo de uma cidade. De Antiochia passou a Roma, que, como cabeça do imperio, o era tambem da superstição e idolatria; para que assim como tinha prégado em Jerusalem aos hebreus, e em Antiochia aos gregos, prégasse tambem em Roma aos latinos: e com as tres linguas universaes, em que foi escripto o titulo do Crucificado: *Hebraicè, græcè, e latinè*: (Joan. XIX — 20) levantasse o estandarte da mesma cruz nas tres metropoles mais conhecidas, e nos tres castellos mais eminentes do mundo, de que o dominante era Roma. Quando David derribou o gigante, diz o texto sagrado, que poz a pedra na funda, e dando uma e outra volta lh'a pregou na cabeça: *Circumducens percussit philistæum, et infixus est lapis in fronte ejus.* (1 Reg. XVII — 49) E que pedra é esta, senão Pedro? Ao redor de Jerusalem deu uma volta á Palestina

e ao redor de Antiochia deu outra volta á Grecia, e com esta dobrada força, como pedra de David, se veio metter e fixar na testa do gigante, que é Roma, cabeça do mundo. Aqui o derribou e prostrou por terra ; mas para d'aqui o subir da terra ao céu. De Roma, melhor que os Cesares aos Fabios, Metélllos e Scipiões, repartiu S. Pedro os Pancracios, os Berillos, os Marciaes, os Apolлинаres, os Prodocimos, os Hermagoras, os Maternos, os Torcatos, os Tesifontes, e outros famosos discipulos de sua fé e espirito, os quaes, ordenados de bispos e sacerdotes, penetrassem a Italia, as Gallias, as Hespanhas, a Numidia, a Mauritania, e as demais provincias da Europa e da Africa (como já tinha feito na Asia o mesmo S. Pedro) para que como raios do mesmo sol allumiassem, e como rios da mesma fonte, regassem e fecundassem aquellas terras.

Porém a verdadeira providencia que toda é olhos, não se contenta com mandar, senão com ir, nem com ser informada somente, senão com vêr. Por isso Pedro ainda que poz a cadeira em Roma, não a fez para si séde fixa, senão séde rodante. Lá viu Daniel a Deus assentado no seu throno, e diz que o mesmo throno era fundado sobre rodas : *Thronus ejus flammæ ignis : rotæ ejus ignis accensus*. (Dan. VII — 9) E porque tinha rodas o throno de Deus, sendo aquelle que *immutatus dat cuncta moveri* ? (Boet.) Para mostrar nesta figura visivel, que assim como com sua immensidade enche todo o mundo, assim com sua providencia o vê e rodêa todo. O mesmo fazia Pedro como vice-Deus na terra. Nem elle se podia apartar da séde pontifical, nem a séde delle ; mas levando-a sempre comsigo, como diz S. Lucas, visitava e via por si mesmo a todos : *Dum pertransiret universos*. (Act. IX—32) Tornou outra vez a Jerusalem, e outra vez a Antiochia : foi em pessoas a Galacia, a Capadocia, a Asia, a Bithynia, a Corintho, ao Egypto, e a outras partes da Africa : e até á barbarissima região do Ponto, que naquelle tempo era o degredo mais aspero dos romanos, e o horror, como diz Tertulliano, do mundo, não faltou a providencia e presença de Pedro. Em Napoles e Sicilia ha ainda hoje memorias suas. E é auctor Matafrastes, que tam-
bem passou á Hespanha, e prégoou em Inglaterra. Assim respon-

deu o primeiro apostolo, sendo o principe de todos, á sua primeira vocação. Como Christo o tinha chamado para pescador de homens, não só no Tiberiades, nem só no Mediterraneo, nem só no Euxino; mas tambem no Oceano, era bem que fosse lançar as redes, para que pescasse homens em todos os mares.

Bem quizerá a providencia de Pedro, assim como visitava a todos, assistir sempre com todos. Mas o que não podia com a presença e com a voz, fazia com a penna. Ninguém lerá as epistolas canonicas de S. Pedro, que com admiração e assombro o não veja, não só retratado, mas vivo nellas. Na magestade do estylo, no solido da doutrina, no profundo das sentenças, é no ardente do zelo. Por este meio se multiplicava Pedro em todas as partes, e se fazia presente no mesmo tempo a todos. Mas o que mais admiro naquellas sagradas escripturas, é o titulo: *Petrus apostolus, electis advenis dispersionis*. (1 Petr. I — 1) Não iam dirigidas estas letras pontificias, aos reis e monarchas do mundo, senão a uns pobres peregrinos a desterrados por todo elle. Lembrava-se S. Pedro que lhe encommendára Christo duas vezes os cordeiros, e uma só vez as ovelhas: *Pasce agnos meos, pasce agnos meos: pasce oves meas*. (Joan. XXI — 16 e 17) Nas ovelhas lhe encommendou os grandes, e nos cordeiros os pequenos: e por isso os pequenos duas vezes, e em primeiro logar, para que tivesse maior cuidado. Esta foi a confiança com que Cornelio, sendo ainda gentio, não duvidou em mandar chamar a S. Pedro, e que fosse a sua casa, distante sessenta milhas, como logo foi. Estava então S. Pedro em Jope, e este nome traz á memoria o propheta Jonas, o qual no mesmo ponto se embarcou, fugindo de Deus, por não ir a Ninive, sentindo e desprezando-se muito de ser mandado prégar a uma gente tão vil e aborrecida, como eram todos os gentios na estimação dos hebreus. E quando Jonas não quiz ir prégar á maior cidade do mundo, onde só os innocentes eram cento e vinte mil, vae o summo pontifice da egreja, e a pé, desde Jope a Cesaréa, só por catechizar um gentio.

VII.

Estas foram, senhores, não todas, mas uma pequena e abbre-

viada parte das obras maravilhosas de S. Pedro, e dos exemplos que deixou á egreja de sua universal providencia. Disse, deixou, e disse mal, porque os não deixou. Ainda os continua depois da morte, como insistiu nelles em toda a vida. Morreu Pedro, mas a sua providencia não acabou : porque foi, é, e será immortal. S. Pedro de Ravena em uma carta que escreveu a Eutiches, que anda junta ao Concilio Calcedonense, diz que S. Pedro vive sempre em todos seus successores : *Hortamur te, frater, et his, quæ a beato papa romanæ civitatis scripta sunt, obedienter attendas ; quoniam beatus Petrus, qui in propria sede et vivit, et præsidet, præstat quærentibus fidei veritatem.* Mas não é isto só o que quero dizer. Digo que no céu, onde está S. Pedro, vive e permanece immortal a sua mesma providencia sobre a egreja, não apartando jámais os olhos della, nem saltando, ou tardando em lhe acudir, todas as vezes que o ha mister. Assim o prometeu o mesmo Pedro a todos os fieis, quando se despediu delles na sua segunda epistola, por estas palavras : *Certus quod velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi : dabo autem operam, et frequenter habere vos post obitum meum.* (2 Petr. I — 14 e 15) Não promete aos fieis para depois da sua morte as suas orações, como fazem os outros santos, senão a sua manutencencia : *Frequenter habere vos.* Eu vos terei, eu vos mantereí, eu vos conservarei. E a palavra que responde a *frequenter*, no original grego, em que o santo apostolo escreveu, quer dizer : *Semper, quotidie, sigillatim* : sempre, todos os dias, e a todos, não só em commum, senão em particular.

Quão exactamente cumpriu S. Pedro esta sua promessa, não se póde comprehender nem contar, por serem occultas e invisiveis as ordinarias e continuas assistencias de sua providencia ; mas bastam para superabundante prova as manifestas e visiveis. S. Pedro foi o que pouco depois de sua morte appareceu ao mesmo Nero que o mandou matar, com um aspecto tão severo e terrivel, que, assombrado o tyranno (como refere Suetonio, sem saber a causa) os poucos dias que depois viveu, mais parecia já morto que vivo, com que cessou a perseguição da egreja. S. Pedro foi

o que appareceu ao imperador Constantino, e em logar do banho de sangue dos innocentes, o exhortou a que se banhasse no do sangue de Christo, com que baptisado e feito christão, os pontifices e sacerdotes que viviam nas grutas dos montes, puderam apparecer publicamente nas praças de Roma, e collocar as imagens de Christo nos templos, e prégar sua fé por todo o mendo, S. Pedro foi o que durando a perseguição em Inglaterra, e tendo fugido alguns bispos; para que não fugisse tambem o metropolitano de Cantuaria, como pretendia, o reprehendeu e castigou por suas proprias mãos de tal sorte, que bastou a vista das chagas que lhe ficaram em todo o corpo, para que os mesmos tyrannos o deixassem viver, e guardar as ovelhas do pastor, que tão asperamente punira os pensamentos só de as querer deixar. S. Pedro foi finalmente o que no seculo passado appareceu a Ignacio em Pamplona mortalmente ferido de uma bala, e o sarou com sua presença, e lhe infundiu o seu espirito, para que levantasse uma nova e forte companhia em defesa da igreja militante, contra Luther o e Calvino, e os outros heresiarchas de nossos tempos, como diz a mesma igreja: *Novo per beatum Ignatium subsidio militantem ecclesiam roborasti.*

Mas, glorioso defensor da fé e auctoridade romana, e tambem da mesma Roma, e desta vossa basilica, oitava maravilha do mundo: agora que as trombetas ottomanas quasi se ouvem dentro de seus muros, e já as meias luas turquescas se divisam das torres de Italia, e lhes estão batendo ás portas, tempo é de outros soccorros, e de outras armas. Lembrae-vos, ó Pedro, que não vos disse Christo que depozesseis a espada, senão que a mettesseis na bainha, para a tirar outra vez, e a empunhar, quando a honra de vosso Mestre já triumphante no céu, e a vossa providencia o pedisse na terra. Esta foi a espada com que assististes fulminante ao lado de vosso successor Leão, e destes tanta efficacia á sua eloquencia, e mettestes em tanto terror a Atila, que, não se atrevendo a dar um passo adiante, voltou as costas e as bandeiras, e confessou aos seus, tremendo ainda, o que vira. Com esta espada, e vestido de armas resplandecentes soccorrestes Alexandria: cidade da igreja romana, sitiada pelo imperador Frederico, e ca-

pitaneando os cercados no assalto, com que debaixo de falsa tre-goia os invadiu repentinamente, vós com immensa mortandade de todo o seu exercito, o obrigastes, fugiudo, a levantar o sitio. E quem assim acudiu por uma cidade da egreja romana, que fará pela mesma Roma, e pela mesma egreja? Mas avisinhemo-nos mais á officina capital, onde se está fabricando e dispondo o perigo, e entremos na mesma Constantinopla. Imperadores eram daquella sempre infensa e venenosa metropole, Bardas e Michael, os quaes tinham devastado com exquisitas crueldades toda a christandade do oriente, quando vós, apparecendo visivel aos affligidos catholicos, por um dos ministros de vossa justiça, que vos acompanhavam armados, não só os mandastes matar, mas fazer em postas a ambos; e assim se executou. Tambem era imperador de Constantinopla Alexandre Impiissimo, o qual olhando para as estatuas dos antigos idolos de Roma, que tinha no seu palacio, disse: *Quandiu istas colebant romani, potentissimi, et invicti perseveracunt*. Em quanto os romanos adoraram a estas, foram poderosissimos, e perseveraram invictos. Mas apenas o barbaro tinha lançado da boca esta blasphemia, quando vós, sempre vingador das injurias de Christo, vos presentastes diante, dizendo: *Ego sum romanorum princeps Petrus*. E ao trovão desta voz, vomitando todo o sangue pela mesma boco sacrilega, caiu morto Alexandre.

Assim venceis, assim triumphaes, gloriosissimo Pedro. E se um *ego sum* da vossa boca em Constantinopla é tão poderoso com outro *ego sum* (Joan. XVIII — 5) da boca de vosso Mestre e Senhor em Gethsemani, quando esta só vez derribou os esquadrões de seus inimigos; e quando a vossa espada, como então começou, os degolára a todos, se o mesmo Senhor vol-a não mandára metter na bainha. Agora, agora é o tempo de a desembainhar untra vez, ou de tornar a dizer *ego sum*: para que trem-a o turco, para que se acabe Mafoma, para que as suas luas se eclipssem, para que os seus exercitos desmaiem e se confundam; e para que em Constantinopla, como em Roma, e no imperio do oriente, como no do occidente, se conheçam, e se venerem só as chaves de Pedro, e com elle, e por elle, e nelle o nome de Christo. Amen.

SERMÃO

DA

PRIMEIRA SEXTA FEIRA

DA QUARESMA.

Pregado no convento de Odivellas, no anno de 1644.

Diligite inimicus vestros. — Matt. V.

I.

Temos hoje em controversia os dois mais poderosos affectos, e os dois mais perigosos da vontade humana. Tão pederosos, que se a vontade os vence, é senhora ; tão perigosos, que se elles vencem a vontade, é escrava. E que dois affectos são estes ? Amor e odio. O amor tem por objecto o bem para o abraçar, o odio tem por objecto o mal para o fugir, e este é o poder universal que se estende sem limite a quanto tem o mundo. Mas como o mal muitas vezes anda bem trajado, e o bem pelo contrario mal vestido, d'aqui vem, que, enganada a vontade com as apparencias, facilmente ama o mal, como se fôra bem, e aborrece o bem, como se fôra mal, e aqui está o perigo. Os antigos diziam : amae a quem vos ama, e aborrecei a quem vos aborrece, isto é, querei bem a

quem vos quer bem, e querei mal a quem vos quer mal. Mas este mesmo ditame, ainda hoje tão seguido, posto que parece fundado em igualdade e justiça, é o maior e mais perigoso erro que a sabedoria divina veio allumiar e reformar ao mundo. Neste evangelho nos manda Christo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos : neste nos manda amar aos que nos tem odio, em outro nos manda ter odio aos que nos amam : e sendo o mesmo Legislador divino o Auctor destes dois preceitos tão encontrados, d'aqui se deve persuadir a nossa pouca capacidade, que nem sabemos o que é amor, nem sabemos o que é odio ; nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer ; nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Engana-nos o mal com apparencias de bem, e leva-nos o amor : engana-nos o bem com apparencias de mal, e mette-nos no coração o odio. E que fará a triste vontade enganada assim e captiva ? O desengano destes dois erros é o que eu determino prégar hoje ; e ensinar, não ás más, senão ás boas vontades, como hão de saber amar, e como hão de saber aborrecer. É materia em que depois de disputada a controversia, vos hei de descobrir um admiravel segredo. Ajudae-me a pedir a graça. *Ave Maria.*

II

Dilige e inimicos vestros.

Amae vossos inimigos. (Math. V — 44) Santo Agostinho com o pezo do seu singular juizo, sondando a profundidade deste preceito, diz assim : *Recole in omnibus justificationibus Domini, nulla esse mirabiliora, nec difficiliora, quam ut suos quisque diligat inimicos.* (Aug. in ps. 118) Lede todas as escripturas sagradas, ponderae todos os preceitos, conselhos e documentos divinos, e nenhum achareis (diz Agostinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que mandar Deus a um homem de carne e sangue que ame a seus inimigos. Admiravel e difficultoso, diz o santo : e deixando o admiravel para depois (como prometti) reparemos primeiro no difficultoso. E' tão difficultoso este preceito, que os gentios o tiveram por impossivel, e muitos hereges tam-

bem, aos quaes refuta doutissimamente e convence S. Jeronymo. Porém em ser difficultoso e muito, o mesmo S. Jeronymo concorda com Santo Agostinho, e com Jeronymo e Agostinho todos os outros santos padres e doutores da egreja. Todos dizem e confessam, que este é o mais rigoroso preceito da lei evangelica, e esta a mais ardua e difficultosa empreza da religião christã. Se entre os homens se acham tão poucos que amem verdadeiramente a seus amigos, quão difficultosa e repugnante coisa será a natureza humana chegar a amar os proprios inimigos?

Ora com isto se representar e praticar assim, eu cuido que esta doutrina, quando menos, é muito duvidosa, e que padece uma grande instancia. Santo Agostinho nas mesmas palavras que já referi, diz que leamos todas as escripturas, e que em nenhuma dellas se achará preceito ou documento mais difficultoso; e eu digo, que para achar preceito e documento mais difficultoso, não é necessario ler todas as escripturas, nem muitas, porque basta só um texto do evangelho. O mesmo Christo, que disse: *Diligite inimicos vestros*, diz assim no capitulo quatorze de S. Lucas: *Qui non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus*: (Luc. XIV — 26) Quem não aborrece a seu pae e a sua mãe, a sua mulher, e a seus filhos, e a seus irmãos, e a suas irmãs, e, o que é mais, a si mesmo, não pôde ser meu discipulo. Este preceito obriga em todos aquelles casos em que o amor dos paes e parentes se encontra com a observancia da lei de Deus. E geralmente é obrigação de todo o christão não corresponder a quem o ama, se illicitamente é que amado, ainda não fosse com perda da graça, senão da perfeição que professa. De maneira, que, combinados os canones da lei de Christo, em uma parte manda-nos que amemos a quem nos aborrece: *Diligite inimicos vestros*; e em outra, que aborreamos a quem nos ama: *Qui non odit patrem, et matrem, non potest meus esse discipulus*. Agora pergunto eu: E qual destes dois preceitos é mais difficultoso: aborrecer um homem a quem o ama, ou amar a quem o aborrece? Responder com o odio ao amor, ou com amor ao odio? Antes de resolver a questão, disputemol-a primeiro, e

ouvi com attenção o que allegar por uma e outra parte ; porque vós haveis de ser os juizes.

III.

Primeiramente, parece que é mais difficultoso amar a quem me aborrece, do que aborrece a quem me ama. Provo. O ag-gravo com que me offende o inimigo, é dor no coração proprio ; a correspondencia com que salto ao amigo, é dor no coração alheio : e no remedio das dores sempre se acode primeiro á que mais lastima, e sempre é mais sensitiva a que está mais perto. Logo mais natural é no homem o odio ao inimigo, que o amor ao amigo ; porque no odio ao inimigo acode-se á dor propria com a vingança ; no amor ao amigo acode-se á dor alheia com a correspondencia. Mas Quando amamos a quem nos ama, governa-se a vontade pela razão ; quando aborrecemos a quem nos aborrece, move-se o appetite pela ira ; e os impetos da ira sempre são mais fortes que os impulsos da razão : sempre obram mais efficaçmente os offendidos, que os obrigados ; porque a offensa corre por conta da honra ; a obrigação por conta do agradecimento ; e mais soffri-vel é o nome de desagradecido, que a nota de affrontado. Mais ainda. Quando amo a quem me ama, pago o que devo ; quando me vingo de quem me offendeu, pagam-me o que me devem : e quem ha que não seja mais inclinado a receber a satisfação, que a pagar a divida ? Mais difficultoso é logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama. Só parece que está a experiencia contra esta resolução ; porque sendo no mundo mais as offensas que os beneficios, são mais as ingratidões que as vinganças : logo os homens naturalmente parece que são mais ingratos que vingativos. Mas não é assim. Porque para a vingança é necessario poder, e para a ingratidão basta a vontade. E se é menor o numero das vinganças, é por serem os homens menos poderosos, e não por serem menos inimigos.

Por outra parte parece que é mais difficultoso aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. Provo. Amar a quem me aborrece, é ser humano com quem o não é commigo : aborrecer a quem me ama, é ser cruel com quem m'o não me-

rece: o ser humano é ser homem: o ser cruel é ser fera: logo aborrecer a quem nos ama, tanto mais difficuloso é quando mais repugnante á natureza. Mais E é forte razão esta. Da parte do objecto tanto provoca o odio a aborrecer, como o amor a amar: porém da parte da potencia a vontade é mais inclidada a amar, que a aborrecer; porque o amar é acto natural; o aborrecer violento. D'onde se segue, que, convidada igualmente a vontade do odio do inimigo para aborrecer, e de amor do amigo para amar, naturalmente se ha de inclinar mais a amar ao amigo, que a aborrecer ao inimigo: logo maior violencia padece a vontade em aborrecer a quem nos ama, que em amar a quem nos aborrece. Mais. Amar a quem nos aborrece, é acto de generosidade; aborrecer a quem nos ama, é acto de ingratidão: e que coração haverá tão irracional, que queira antes ser ingrato, que generoso? Quem ha de trocar a nobreza e fidalguia de uma generosidade, pela vileza e baixeza de uma ingratidão? Finalmente. Mais difficuloso é aborrecer sem causa, que amar com razão. Em quem me aborrece, ha razão para o amar; porque se o aborrecer como inimigo, posso-o amar como proximo: em quem me ama, não ha causa para o aborrecer: porque se o devo amar por proximo, porque o hei de aborrecer por amigo? Logo mais difficuloso é aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece.

IV

Posta a questão nestes termos, para eu continuar o sermão, é necessario tomar primeiro os votos aos ouvintes; porque onde elles reconhecerem a maior difficuldade, abi se devem empregar todas as forças do discurso. Que dizeis, pois, nestes dois casos? Tendes por mais difficuloso o amor dos inimigos, ou o odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amam? Todos se callam: ninguem me responde. Mas já vejo que quereis que os votos sejam secretos, para serem mais livres e mais verdadeiros. Vede se os interpreto e distingo bem. Destas grades para fóra póde ser que haja alguns animos tão briosos ou vingativos, que tenham por mais difficuloso amar ini-

migos, e perdoar aggravos. Mas das mesmas grades para dentro (que é a melhor e principal parte do auditorio) como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor ha de ter por si os mais votos, e tanto mais e melhores, quanto mais bem entendidos. Do amor (dizem as almas mais discretas, e de melhor coração) do amor me livre a mim Deus, que pelo odio não me ha de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi é incapaz de odio; mas para o isentar do amor, que tem pennas e azas, não bastam cercas nem muros. Dado, pois, e não concedido, que algum amor modesto e commedido podesse aqui entrar, ou entrasse; não haver de amar neste caso, nem corresponder com amor um coração que é amado, não ha duvida que este é o ponto mais estreito e difficiloso, e este o preceito mais arduo da lei de Deus. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente, e concedendo o vosso silencio. Com que vem a distinguir subtilmente na segunda parte da nossa mesma questão outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso, quanto mais delicado; e tanto mais difficiloso quanto mais repugnante. Não amar, é menos que aborrecer a quem nos ama, e como no preceito de aborrecer se incluye tambem o de não amar, neste não amar, que é o menos, consiste o mais da difficuldade. Assim intendo que o intendem e estão votando os melhores juizos. E porque não pareça que dissimulo a força da vossa razão, para mais facilmente a desfazer; pondo-me primeiro da vossa parte, a quero fortificar e defender quanto ella merece.

Primeiramente, o mesmo legislador desta sagrada republica S. Bernardo, sobre aquellas palavras dos Canticos: *Dilectus meus mihi et ego illi*: (Cant. II — 16) ainda das telhas a cima diz que o amor com que a alma ama a Deus, nasce do amor com que Deus ama a alma: *Amor Dei amorem animæ parit*. (Bern. Serm. — 69) E accrescenta, que por isso a alma ama, porque sabe que é amada: *Nec dubitat se amari quæ amat*. No amor natural, e cá de terra passa o mesmo. Um amor naturalmente chama por outro; e não ha coração nem tão surdo, que, se é chamado, não oiça; nem tão mudo, que, se ouviu, não responda. Até as penhas dos desertos respondem ás vozes, e o mesmo ecco, que

parece que é repulsa, é correspondencia. A correspondencia não é outra coisa que a reflexão do mesmo amor, que torna dobrado para d'onde veio. E assim como não ha marmore nem bronze tão duro, que, ferido do raio do sol, não responda ao mesmo sol com a reflexão do seu raio, assim não ha coração tão de marmore na dureza, e tão de bronze na resistencia, que, prevenido no amor, o não redobre, e corresponda com outro.

É tão certa e experimentada esta força do amor, e tão constante no juizo de todos os sabios, que, poetas, oradores, philosophos, e os mesmos santos padres a confessam e encarecem. Entre os poetas, todos sabem o epigramma de Marcial : *Ut ameris, ama*. Deixo outras citações de auctores desta casta, porque são gente que mais professa a lisonja que a verdade. Entre os oradores, o principe de todos, Marco Tullio, escrevendo a Bruto, diz assim : *Clodius valde me amat, quod cum mihi persuasum sit, non dubito quin illum quoque iudices d me amari*. Quer dizer : Clodio me ama muito, e como eu estou persuadido a isso, não duvido que vós tambem julgareis que eu o amo. E porque ? *Nihil enim minus hominis est, quam non respondere in amore tui a quibus provocere* : Porque não ha coisa (diz) mais alheia do ser de homem, que não responder com amor a quem o amou primeiro. De maneira, que em sentença daquelle homem, de cuja lingua estavam pendentes as sentenças de todos, o homem que foi amado de outro, ou o ha de amar tambem, ou deixar de ser homem.

Entre os philosophos Hecaton, referido e seguido por Seneca (que é dobrada auctoridade), disse o mesmo ; mas com coturno philosophico, e confiança de mestre dos mestres. As suas palavras, como se apregoasse e vendesse amor, são estas : *Ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius venefici carmine*. Se algum deseja que o amem, não peçaervas á natureza, nem confeições á medicina, nem feitiços á arte magica, venha-se a mim, que eu lhe descobrirei um segredo de mais virtude que todas as hervas de mais efficacia, que todos os medicamentos, e de mais e maior força que todos os feitiços. E que segredo é este tão poderoso ? *Si vis amari, ama* : Se queres

ser amado, ama. Não disse mais o philosopho ; e nestas duas palavras comprehendeu toda a philosophia do amor. Amar, e ser amado, são relações mutuas e reciprocas, que, posta ou supposta uma, logo naturalmente resulta a outra. E assim como o amor só com amor se conquista, assim não ha amor tão forte, ou tão fortifiacado, que se não renda a outro amor. Vamos aos santos padres.

V

S. João Chrysostomo, sem allegar a Hecaton (tambem grego) disse como propria a sua mesma proposição : *Si vis amari, ama*. Mas provou o que elle não tinha provado com a natureza do mesmo amor. O amor essencialmente é união, e a união não pôde unir um extremo, sem que una tambem o outro. Por ventura se vos atardes a um homem, pôde elle deixar de ficar tambem atado comvosco ? Não. Pois da mesma maneira (diz Chrysostomo) se amastes, não podeis deixar de ser amado : *Quomodo enim si velis te ipsum alteri alligari, non aliter poteris, nisi ipsum quoque tibi ipsi alliges*. Assim se uniu e atou Jonatas a David, e David logo ficou unido e atado com Jonatas. Os mesmos termos com que o conta a escriptura declaram o amor, e mais a comparação : *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David*. (1 Reg. XVIII — 1) Não diz que Jonatas amou a David, e David a Jonatas : senão que a alma de Jonatas se grudou com a alma de David. Porque assim como uma taboa se não pôde grudar com outra, sem que ambas fiquem unidas, assim uma alma não pôde amar outra alma, sem que ambas se amem. O valor de David moveu a alma de Jonatas a que o amasse, e o amor de Jonatas obrigou a alma de David a que o correspondesse. Jonatas não amado, amou ; mas David depois de amado não poude deixar de amar. O primeiro amor foi livre ; o segundo necessario. Finalmente, conclue o mesmo S. Chrysostomo, que a vontade de cada um é a lei da vontade alheia : *Voluntas tibi sit lex* ; porque, segundo cada um quizer ou não quizer amar, assim será, ou não será amado. De sorte que o amar eu, é mandar e obrigar a que

me amem. O amor é o preceito ; a correspondencia a obrigação : o amar imperio ; o ser amado obediencia.

Santo Agostinho em menos palavras não disse menos : *Nulla major est ad amorem invitatio, quam amantem amore praevenire. Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere.* O maior e mais certo motivo de ser amado, é anticipar o seu amor quem quer alcançar o alheio. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçam, e por mais usados que sejam, conquistam vaidade e engano ; mas não verdadeiro amor. A formosura entretem os olhos ; as dadivas enchem as mãos ; a discrição lisongea os ouvidos ; os regalos saboream o gosto ; o poder, e a magestade faz dol:rar os joelhos ; mas sujeitar e render o coração, só o amor. E' o coração humano tão generoso, que não se rende senão a seu igual : nem ha outro interesse, força ou arte, com que se possa conquistar, senão amando : *Nulla major ad amorem invitatio, quam amore praevenire.* A palavra *invitatio* soa a invite, e o *praevenire* é ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. A razão é (diz Agostinho) porque se no mundo houver algum coração tão duro e durissimo, que nem ame, nem queira amar, nenhum haverá tão alheio de toda a humanidade (ainda que seja esse mesmo) o qual depois de amado não queira responder com amor : *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere.* Notae muito aquelle *nolebat*, e este *nolit*. Antes de o amarem poderá haver coração tão duro, que não ame, nem queira amar ; mas depois de se vêr amado, ha de amar, e querer amar, ainda que não quizesse.

E' tanto isto assim (para que eu tambem diga o meu encarecimento) é tanto isto assim, que se Deus creára um coração de ferro, e este coração fosse amado, natural, e necessariamente havia tambem de amar. Fallando Plinio da magnete, ou calamita, ou pedra iman (que me não cabe na boca o nome do nosso vulgo) descreve o seu amor com o ferro, ou os seus amores, desta maneira : *Quid ferri duritia pugnatius ? Sed cedit, et patitur amores. Trahitur namque à magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, teneturque, et*

complexu hæret. Que dureza mais dura que a do ferro? E tudo esta materia domadora de todas as coisas, tambem se deixa penetrar e padecer de amor. É o ferro amado da pedra iman (a quem os francezes discretamente chamam pedra amante) e é tão milagrosa, ou tão amorosa entre ambos a força desta natural *sympathia*, que a pedra como amante sempre está attrahindo, e o ferro como amado sempre correspondendo. Ella o chama, elle se move; ella o guia, elle a segue; ella o eleva, elle se suspende; ella o ata, elle se deixa prender; se ella pára, elle pára; se sobe, sobe; se desce, desce; se anda á roda, rodêa, sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos; e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. E se isto obra no ferro uma qualidade occulta, que seria no coração ainda que fosse de ferro um amor declarado? Um ferro amado de uma pedra, não pôde deixar de pagar amor com amor: e poderá um coração humano amado não amar? Todos estaes dizendo, que não: e parece que dizeis bem.

Só tem esta regra, ou opinião geral uma excepção contra si, a qual notou Santo Ambrosio, e depois d'elle Santo Agostinho, ambos pelas mesmas palavras. Ponderam o caso de José e o valor mais que de homem com que fugiu e largou a capa nas mãos da senhora, e o que sobre tudo encarecem, é que amado não amou: *Adamatus non redamavit*. Logo não é tão certa, nem tão universal a proposição que atégora pretendemos provar, nem tão repugnante, e quasi impossivel ao coração humano, não responder com amor, quando é prevenido com outro; ou deixar de amar, quando é amado. Bem podêra eu aqui responder, que a excepção de um exemplo, quando é um só, ou rarissimo, não desfaz a regra geral, antes a confirma. E a mesma admiração com que os santos celebram este caso, e lhe chamam prodigioso, vem a ser nova e maior prova de quão proprio e natural é da vontade e propensão humana seguir sempre e obrar o contrario. Mas, com licença de Ambrosio e Agostinho, eu não consinto em que José amado não amasse, antes digo, que não só amou, mas com muito maior excesso do que foi amado. A egypcia, como vil, accusou a José, e o que começou amor, degenerou em vingança: José pelo

contrario, como honrado, estando innocente, não se desculpou, e o que parecia desamor, mostrou que era fineza. Finto com Deus, porque não quiz peccar, fino com seu senhor, porque o não quiz offender; e mais fino com a mesma que o amou, porque prezo, carregado de ferros, e quasi condemnado á morte, não se desculpou a si pela não eulpar a ella. Pagou-lhe o amor com lhe encobrir o delicto. Ella cobriu-o com a capa, e elle com o silencio. Tão impossivel é que o amor, ainda na terra mais dura e mais esteril, e ainda regeitado e rebatido, não produza amor.

Mas admittido que a egypcia amasse e não fosse amada, e José fosse amado e não amasse, fallando em termos sómente naturaes e humanos, neste caso, ou n'outro similhante, qual estado, ou qual fortuna seria mais cruel e mais detestavel, a do que ama e não é amado, ou a do que é amado e não ama? Respondo, que no tal acontecimento (de que Deus livre a todo o coração humano) o que ama e não é amado, seria digno de maior compaixão, e o que é amado e não ama, de maior horror. Amar e não ser amado, é o maior tormento: ser amado e não amar, é a maior injustiça. Mas aquillo é padecer a sem-razão, isto é fazel-a; logo melhor é amar e não ser amado, que ser amado e não amar, porque amar e não ser amado é ser martyr; ser amado e não amar, é ser tyranno. Sendo pois um excesso tão alheio da razão, tão indigno da humanidade, e tão contrario a toda a inclinação natural, não pagar amor com amor, quem duvida ou pôde duvidar, que não só o aborrecer a quem nos ama (que é acto) mas ainda o não amar sómente (que é mera suspensão seja a maior violencia da liberdade humana, o maior aperto do coração, e a maior tyrannia da natureza?

VI

Ponderadas assim de qualquer modo as tres difficuldades em que atégora nos detivemos (cujo peso e energia mais se pôde sentir, que declarar) que faria a vontade humana, cercada ou sitiada por todas as partes, e combatida juntamente de tres violencias tão fortes? Um preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, e o terceiro, que deste se segue, lhe

manda não amar, nem corresponder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer destas obediências por si a fazer desmaiar e estremecer o mais animoso coração, todas juntas que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo, e pela parte do racional, se ve o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem o manda amar o inimigo, parece que o quer insensível; quem o manda aborrecer o amigo, parece que lhe tira o racional; e quem o manda que amado não ame, parece que o supõe pedra, ou morto. Que remedio logo para satisfazer a tantas e tão difficultosas obrigações juntas, e para que não fique nella o entendimento esmorecido, a vontade desesperada, e toda a alma opprimida. Não é tão pouco suave a lei de Deus, que, se difficulta os preceitos, não facilite os remedios. Todas estas difficultades, que, tão feias e tão medonhas se representam ao coração humano, assim como ellas são tres, assim se vencem com tres palavras, que são as que tomei por thema: *Diligite, inimicos, vestros*. Manda Christo, Senhor nosso, que amemos nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito, que tem alguma difficultade, se observam os outros dois, sem nenhuma difficultade. Disse só com a imitação, porque não é necessaria a observancia deste preceito para observar os outros. Mas se este preceito tracta dos inimigos, e os outros dois dos amigos: se este preceito manda amar, e um dos outros aborrecer: se este diz, amae a quem vos tem odio, e o outro diz, não ameis a quem vos ama, como póde ser que na imitação deste preceito consista a observancia dos outros? Não vos parece isto que digo, uma coisa muito maravilhosa? Pois este é o segredo admiravel que vos prometti.

Para intelligencia delle havemos de suppor em primeiro lugar, que ha dois generos de inimigos, uns inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com odio, e outros inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com amor. Os inimigos que nos querem e fazem mal com odio, são os que Christo nos manda amar, e estes todos sabemos quaes são. Os inimigos que nos querem e fazem mal com amor, são os que o mesmo Christo nos manda aborrecer, e estes por ventura não sabeis nem imaginaes quaes sejam, e agora o sabereis. Sabeis quem são estes inimigos? São

todos aquelles, que, por sangue e parentesco, mais ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por beneficios, ou por esperanças e dependencias, ou por graças e prendas pessoais, ou por qualquer outro motivo de afeição vos amam desordenadamente. A Esposa santa dizia : *Ordinavit in me charitatem*. (Cant. II — 4) O amor ordenado é caridade, e o amor desordenado, ainda que a desordem seja, ou pareça leve, nem é charidade, nem é amor, é odio. Como pôde ser amar, nem querer bem, o que me priva, ou aparta do summo bem ?

D'aqui se segue a segunda coisa que havemos de suppor, e é, que assim como ha dois generos de inimigos, assim ha dois generos de amar, e dois generos de aborrecer. Ha amar bem, e amar mal ; e ha aborrecer mal, e aborrecer bem. E em que se distinguem ou differencam este amor, e este aborrecer ? Distinguem-se pelos affectos, e tambem pelos effeitos, porque o amar mal, é aborrecer, e o aborrecer bem, é amar. Os antigos pintavam o amor e o odio igualmente armados, ambos com arco e aljava ; mas o amor diziam que atirava com settas de ouro, as quaes tinham por effeito dar vida, e o odio com settas de ferro, que tinham por effeito matar. Agora pergunto : e se o amor e o odio trocassem as aljavas ; que succederia neste caso ? Succederia sem duvida o que conta Anacreonte que succedeu ao mesmo amor com a morte. Caminhavam (diz) o amor e a morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a fazer noite e alvergar na mesma estalagem : levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos e como havia ainda pouca luz, succedeu que as aljavas se trocaram ; e porque o amor levou as settas da morte, d'aqui veio que d'alli por diante as suas feridas foram mortaes. O mesmo digo eu que succederia no nosso caso, não fabulosa, senão verdadeiramente. Se o amor atirasse com as settas do odio, o amar seria aborrecer ; e se o odio atirasse com as settas do amor, o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo que succederia, é o que succede, e isto mesmo que havia de ser, é o que é, diz Santo Agostinho. Porque o amor, amando mal, aborrece como se fôra odio, e o odio, aborrecendo bem, ama como se fôra amor : *Si male amaveris, tunc odisti : si bene oderis, tunc amasti* : Se amastes

mal, então aborreceste : se aborreceste bem, então amaste. É sentença expressa e sem variação alguma, tirada do mesmo texto de Christo. E porque não pareça que o nome de admiravel, que eu dei a este segredo, é posto por mim, o mesmo Agostinho lhe deu o mesmo nome : *Magna et mira sententia*.

Suppostas estas duas verdades, certas e evidentes, em que muitos corações andam tão enganados, e tão cegos, cuidando que amam, e são amados, quando aborrecem, e são aborrecidos, vêde quão facil fica a execução, e quão natural e leve o exercicio de todas aquellas que ao principio nos pareciam difficuldades, violencias, e tyrannias. Pergunto : Não é muito facil não amar eu a quem me não ama, e aborrecer a quem me aborrece ? Sim. Pois isto é o que Deus nos manda. Se os que me amam, me amam mal, d'aqui se segue, que tão facil é não amar eu a quem me ama, como não amar a quem me não ama ; porque quem me ama mal, não me ama. E do mesmo modo, tão facil é aborrecer a quem me ama, como aborrecer a quem me aborrece, porque o amor de quem me ama mal, tão fóra está de ser amor, que antes é aborrecimento e odio. E se alguém disser que ao menos por esta via não guardo o preceito de amar aos inimigos, tambem infere mal e se engana, porque esse mesmo aborrecel-os, e não os amar, é amal-os. A prova é manifesta, mas ha mister attenção. Amar mal, é aborrecer : *Si male amaveris, tunc odisti* : logo quem me ama mal, aborrece-me, e porque me aborrece, é meu inimigo. É meu inimigo ? Logo tenho obrigação de o amar : *Diligite inimicos vestros*. Tenho obrigação de o amar como inimigo ? Logo sou obrigado a o aborrecer bem, assim como elle me ama mal : e se eu o aborreço bem, já o amo, porque aborrecer bem, é amar : *Si bene oderis, tunc amasti*.

VII

Parece-me que temos philosophado assaz, posto que toda esta especulação foi necessaria para chegarmos ao ponto em que estamos. Agora desçamos á pratica delle, que é o que mais importa, e ponhamos o exemplo nas amizades, alfeições, e corresponden-

cias que no mundo se usam (e também nas que se abusam fóra do mundo) para que a doutrina chegue a todos. Nenhum amor ha mais natural, mais licito, e menos suspeito, que o dos paes para com os filhos; e comtudo é coisa que excede toda a admiração, dizer o Divino Mestre, como referimos no principio, que quem não aborrecer seu pae e sua mãe, não pôde ser seu discipulo: *Qui non odit patrem, et matrem, non potest meus esse discipulus*. Abaixo de Deus devemos amar os paes, que depois delle nos deram o ser: con.o diz logo o mesmo Deus, que para ser seu discipulo, é necessario aborrecer e ter odio aos proprios paes? Bem se está vendo que este texto ha mister declaração, e nenhum lh'a deu melhor que S. Gregorio Papa. Muitas vezes o amor dos paes é desordenado, e não conforme á lei e amor de Deus. Não são todos como Jepte, que sacrificou a filha unica: nem todos como Abrahão, que não duvidou levar também ao sacrificio o seu primogenito. Quantos por estabelecer a successão da casa, impedem o estado religioso ás filhas, e quantos por terem perto de si os filhos, não fazem caso de que elles andem muito longe de Deus? E paes que querem mais á sua casa, que á minha alma, paes que estimam mais o seu gosto, que a minha salvação, paes que porque me deram a vida temporal, me apartam de segurar eu a eterna: vede se são merecedores de amor, ou de odio? Ditasas vós, que por amor do Esposo do céu tivestes valor para deixar os paes da terra: ditosas, se por vontade sua os deixastes, e muito mais ditosas, se contra sua vontade fugistes delles. Elles voluntariamente deixados sacrificaram em vós o seu amor: e vós violentamente fugindo delles, consagrastes nelles o vosso odio. Este é o odio santo com que Christo manda aborrecer pae e mãe, aos que se quizerem fazer dignos de sua escola: e este o verdadeiro aborrecimento com que lhe devem pagar os filhos o seu falso amor. Nem se encontra o preceito de amar os mesmos paes com este preceito, ou conselho de os aborrecer (diz S. Gregorio) porque se elles me aborrecem com amor, justo é que eu os ame com odio: *Quasi enim per odium diligitur, qui dum prava non suggerit, non oditur*. Elles aborrecem-me com amor, porque me amam mal: *Si male amaveris,*

tunc odisti : e eu amo-os com odio, porque os aborreço bem : *Si bene oderis, tunc amasti*.

Depois do amor dos paes (em que se comprehendem todos os grãos do sangue) debaixo do nome commum de amigos, entram geralmente, e com maior decoro, todos os outros que amam e são amados. Quando os amigos eram verdadeiros amigos, era tambem o nome desta profissão sagrado e veneravel : *Illud amicitia sanctum, et venerabile nomen*. Mas depois que a sincera amisade, a qual entre o coro das virtudes tinha tão honrado lugar, se desceu de sua dignidade e acompanhou com os vícios, que, amigo, ou chamado amigo, ha hoje, que assim como é o maior inimigo de si mesmo, o não seja tambem do seu amigo ? Tertulliano, fallando de certos hereges que negavam a resurreição da carne, sendo porém grandes amadores della, chamou-lhes discretamente os amicissimos inimigos da carne : *Inimicos carnis, et nihilominus amicissimos ejus*. E posta de parte a heresia, que são os amigos do uso, sem lhe fazermos aggravo, serão amigos inimicissimos, ou amicissimos inimigos ? E senão, digei-me os mais moços (para que guardemos esse respeito ás câs) digei-me, e confessae sem rebuço : De que vos servem esses que tendes por amigos mais intimos, e que amisades são as suas ? Irem convosco ao passeio, e á comedia, levarem-vos á casa do jogo, e ás casas ou serralhos da ruim conversação : acompanhar-vos de noite aos frutos da honra alheia, ou ávingança occulta : serem vossos padrinhos no desafio, a que vos levam já excommungado, e vos trazem morto, ou mal ferido ; serem os secretarios de todos vossos cuidados e pensamentos, e os conselheiros de todas as traças, enredos, e execuções de vossas loucuras e appetites sem freio : em fim os cumplices inseparaveis de todos vossos vícios e peccados, e as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargam ; e asseguram , e tudo isto com tal esquecimento da fé, e desprezo da razão, como se não houvera outra vida, nem conta, nem consciencia, nem alma, nem Deus. E se quanto tenho dito é menos do que callo, e vós sabeis, julgae, se pôde haver algum inimigo mais cruel e mais inimigo que estes amigos ? Não só são os maiores inimigos, mas muito

maiores que o maior ; porque o maior inimigo pode-vos tirar uma vez a vida do corpo, e estes tiram-vos mil vezes a vida da alma. Ouvi o que lhes diz, e como os tracta o apostolo Santiago.

Adulteri, nescitis quia amicitia hujus munde inimica est Dei? (Jacob IV — 4) Adulteros, não sabeis que a amisade deste mundo, qual é a vossa, é inimiga de Deus? Amisade inimiga lhe chama, porque debaixo do nome de amigos, são os mais crueis inimigos: e não ha inimisade tão contraria, nem hostilidade tão feroz, tão nociva, e tão inimiga, como são estas amisades. Mas reparemos no nome extraordinario de adulteros, com que o apostolo, ou nomêa, ou affronta estes amigos. O qual nome não só parece improprio de amigos, ou inimigos, mas incapazes elles mesmos de se lhe poder applicar. O adulterio não se pôde commetter, ou executar, senão entre tres, o adultero, a mulher propria, a quem se nega o legitimo amor, e a estranha que illicitamente se busca e ama. Pois se este acto tragico se não pôde representar com menos de tres figuras: se o adulterio se não pôde commetter senão entre tres, como pôde haver adulterio entre dois amigos somente, e esses amados e conformes entre si, e nenhum offendido do outro, nem aborrecido? Por isso o apostolo quando lhes chamou adulteros, lhes chamou tambem ignorantes: *Adulteri, nescitis*; porque não sabem que o seu amor é aborrecimento, a sua união discórdia, a sua fidelidade traição, e todá a sua amisade o maior odio. O adultero divide os seus affectos, ou a sua paixão, entre duas: a uma aborrece, a outra ama, a uma despreza, a outra estima, a uma offende, a outra regala, a uma é infiel, a outra mostra fidelidade, a uma tracta em tudo como amiga, e a outra como inimiga. E estas mesmas contrariedades, que no adulterio se repartem por dois sujeitos; nesta falsa e adulterina amisade, todas se ajuntam e accumulam em um só, que é reciprocamente cada um dos falsos amigos. Como a sua amisade é inimiga; e o seu amor não é amor, senão odio, o mesmo que em quanto amigo é amado, estimado, defendido, favorecido e servido, e gosa apparentemente os bens do amor, esse mesmo em quanto inimigo, é aborrecido, offendido, perseguido, maltractado e destruido, e padece verdadeiramente todos os males do odio. E a razão destes effeitos tão encontrados

e tão unidos, não é outro, por ultima conclusão, senão a que temos dito. A amizade de taes amigos e o amor dos que assim se amam, porque se amam mal, é verdadeiro odio : que muito logo, que tendo-se verdadeiro odio, se queimar mal, e se façam mal ? O mesmo que se querem, isso se fazem, assim como se fariam bem, se se quizessem bem. Mas quem se quer mal e se faz mal, porque se ama mal, não se pôde querer bem, nem fazer bem, senão oborrecendo-se bem : *Si bene oderis, tunc amasti : si male amaveris, tunc odisti*

VIII.

Tempo é já de colhermos as redes. E quantos corações se acharão (pôde ser) enredados e prezos nellas ? Mas se os peixes, que entre todos os animaes são os mais brutos, fazem tanta força pelas romper, e se libertar, que alma haverá tão irracional, e tão insensível, que sendo a prisão mortal, como é, queira antes a prisão que a liberdade ? O que se possui com amor (diz o nosso S. Bernardo) não se pôde deixar sem dor. E que dor seria a de hoje (mas que lagrimas, tão venturosas e tão, alegres !) se de todos os corações que se amam, se houvesse de fazer um apartamento geral ? Este é, e este foi o meu intento em todo o discurso que ouvistes. E se lhe déstes a attenção que vos pedi, bem creio terreis intendido quão facil resolução será a que vos pertendo persuadir. Não digo que se deixem de amar os que se amavam, nem de querer-se bem os que se queriam bem : só digo que se se amavam, se amem, e se se queriam bem, não se queiram mal. Concedem-se logo em se amar os que se amam ; mas amem-se como devem, e como convem a ambas as partes. Quem diz que me ama, porque assim o cuida, ou me quer bem, ou me quer mal : Se me quer mal, quero-o amar como Christo : *Dilegite inimicos vestros : se me quer bem, quero-o amar como homem ; porque todo o homem, diz Christo, ainda que seja gentio, ama a quem o ama : Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonne, et ethnici hoc faciunt ?* (Matth. V — 46 e 47) Na nossa doutrina (que toda é do mesmo Christo) uma e outra coisa vem a ser muito mais facil. Se amar mal, é aborrecer ; que difficuldade tem abor-

recer a quem me aborrece? E se aborrecer bem é amar; que difficuldade ha em amar a quem me ama? Por isso digo, que se amem os que se amam; mas de modo que se queiram bem, e não se façam mal.

E porque neste apartamento (que é forçoso) das pessoas: e nesta troca (que ha de ser voluntaria) de um amar, ou modo de amar, em outro, nem os mal amados se queixem dos que bem os aborrecem, nem os bem aborrecidos dos que mal os amavam: consolem-se uns e outros com a queixa que faria David dos que pelo mesmo caso se queixavam d'elle: *Perfecto odio oderam illos, et inimici facti sunt mihi*: (Psal. CXXXVIII — 22) Aborreci com perfeito odio aos que devia aborrecer (Diz David) e elles entenderam isto tão mal, que por isso se fizeram meus inimigos. Pois se vós os aborrecestes, que muito é que elles vos aborream? E se vós lhes tivestes odio, que muito que elles tambem vos pagassem com odio, e de amigos vossos se trocassem em inimigos? Muito é (diz David) e de quem intende pouco, o que vae de odio a odio. O odio com que eu os aborreci, foi odio perfeito: *Perfecto odio oderam illos*: e odio perfeito é verdadeiro amor. Pois se eu os amei com verdadeiro amor, e essa é a perfeição do odio com que os aborreci; que causa tiveram elles para se fazerem meus inimigos: *Et inimici facti, sunt mihi*? Nenhumha causa tem logo de se queixar, ou aggravar deste odio perfeito, nem os que não professam perfeição, porque tambem elles são obrigados á consciencia: nem (e muito menos) os que a professam; porque seria commetter um sacrilegio, e consentir e concorrer para outro, com dobrada offensa e injuria (por não lhe chamar escandalo) da mesma perfeição. O que devem fazer nesta troca do amor imperfeito illicito, com o odio perfeito e santo, todos os que amando-se mal se aborreciam, é darem-se o parabem a si, e ao seu mesmo amor, pois não pôde haver parabem mais justo, e bem aceito, que quando o que era mal se trocou, em bem; e quando se começam a querer bem sem engano, os que enganados e cegos se queriam mal.

E se o nome de odio (que sempre é odioso) ainda com ser perfeito, lhes causa algum horror; oiçam a suavidade divina

com que a suprema verdade e sabedoria do mesmo Christo lhe tirou todo este medo com outro maior : *Qui amat animam suam, perdet eam : et qui odit animam suam, in vitam æternam custodit eam.* (Joan. XII — 25) Quem ama a sua alma, perdel-a-ha : e quem lhe tiver odio, salv-a-ha para sempre. Não é melhor o odio que me salva, que o amor que me perde ? Não é melhor a triaga amargosa, que me dá vida, que o veneno doce, que me mata ? Pois este é o amor e o veneno, que o Medico divino condemna, e este é odio e a triaga, que receita, approva, e persuade. Oh como é louco e sem juizo todo o amor desordenado ! Póde haver maior loucura, que estimar mais a enfermidade que a saude, e mais a morte que a vida ? Se vós amaes mal, ao menos não mateis a quem vos ama : *Animam suam*, na lingua em que falla Christo, quer dizer, a alma, a vida, e a pessoa. E porque se não contentará quem vos ama, de ser amado, como vós amaes a vossa alma, torno amaes a vossa vida, e como vos amaes a vós mesmo ? Não é isto desamar, nem pretendeu Christo, quando o disse, que nos amassemos menos ; mas que fizessemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos que se amam. Então amareis a quem vos ama como a vossa vida, como a vossa alma, e como a vós mesmo em alma e corpo, quando amardes e zelardes igualmente, tanto a sua salvação como a vossa, a qual se não consegue, nem póde conseguir, senão por beneficio deste odio : *Quid odit animam suam, in vitam æternam custodit eam.*

Reparaæ, se tendes fé, naquelle *æternam*. A vida que depende deste odio, não é outra que a eterna. Esta é a que se perde por quatro dias de amor ; e esta a que por outros tantos de odio se assegura para sempre. E então que digam e cuidem que se querem bem, os que só por se quererem, não querem o summo bem ? E que crêamos que nos amamos, e não nos aborrecemos, quando nos aborrecemos para o céu, e nos amamos para o inferno ? Se vos amaes, e estimaes tanto o ser amados, por amor do vosso mesmo amor deveis fazer estas treguas, e esta suspensão de affectos, entre vós, e com elle. Porque se fordes ao céu, os mesmos que agora vos amaes, lá vos haveis de amar eternamente : e pelo contrario se fordes ao inferno (o que Deus não perritta) lá vos ha-

veis de aborrecer com o odio immortal, em quanto o mesmo Deus fôr Deus. Será logo bem que por um falso amor de poucos dias, pecaes o verdadeiro amor de toda a eternidade, e que este mesmo amor com que vos amaes (e só porque vos amaes) se haja de converter em odio eterno?

IX.

Mas ainda que não houvera inferno, nem paraíso, nem christandade, nem religião, bastava só ter intendimento e juízo, para que esta apprehensão e chimera que se chama amor, fosse aborrecida e detestada como rematada loucura. Se no mundo houvera amor, ainda que acima do mesmo mundo (como dizia) não houvera céu, nem abaixo d'elle inferno, eu vos concedera que amasseis: mas perder, não digo já a alma, de que agora não fallo, mas a liberdade, a quietação, o socego, o descanso e a vida, e condemnar o triste coração ao perpetuo martyrio de cuidados, confusões, e tormentos, e a estar ou andar sempre penando fora de si, por uma imaginação phantastica do que não ha, nem é; nem o nome de loucura e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

E para que vos desenganeis que não ha amor, e que este nome especioso, ainda nos que parece mais fino, é falso, ponhamos o exemplo em ambos os sexos, para que chegue o desengano a todos, e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve por ventura algum amante mais perdido que Adão por Eva? Tão perdido, que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro, e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido que perdeu o paraíso, e se perdeu a si, e nos perdeu a nós, e todos seus descendentes, por não perder um leve agrado, de quem imaginava então que amava muito. Mas assim como Adão se enganou com o pomo, se enganou também com o seu proprio amor. Chegou a occasião de mostrar qual elle era e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente, que sendo o preceito sob pena de morte, para elle se livrar a si, accusou a Eva: *Mulier, quam de-*

disti mihi. (Gen. III — 12) Em quanto cuidou que a pena de lei era sómente comminação, grandes apparencias de fineza (que tudo o que dissemos foram só apparencias) mas tanto que viu que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça. Eva embora. Pois estes eram, Adão, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão affectuosos? Estes eram. Estes eram os de Adão, e estes são os de todos seus tilhos: para que na primeira mulher aprendam as mulheres, e no primeiro homem se desenganem de todos.

E os homens onde conhecerão o amor das mulheres? Não é necessario repetir o exemplo, porque já o vimos na amante de José. Não reparou na auctoridade, sendo princeza, nem na lealdade, sendo cusada, nem na desigualdade, sendo ella senhora, e elle escravo; porque nada disto via. Por isso diz a escriptura, não que poz os olhos em José, sendo que lh'os lançou, ou lhe atirou com elles: *Injecit oculos in Joseph*: (Ibid. XXXIX — 7) para significar que em tudo o que fez e pretendeu, obrou como cega. Mas tanto que recuperou a vista, logo viu a falsidade de seu amor; e como se quizesse vingar a Eva, o mesmo que Adão disse a Deus, disse ella ao marido: *Ingressus est servus hebræus, quem adduxisti, ut illuderet mihi*: (Ibid. — 17) Eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que elle se atrevesse a me querer descompôr. Oh falsa! Oh desleal! Oh fementida! Oh traidora! Agora, porém, só verdadeira, quando descobriste o avesso do teu coração, e nelle o interior inconstante, e já mudado, com que a José enganava, e a ti mesma mentias. Mas que muito é que mudasse tão de repente a scena o amor de uma mulher, quando o primeiro auctor de similhante tragedia foi o primeiro homem? Se os homens querem outro exemplo, lembrem-se do amor de Dalila para com Samsão. E se as mulheres quizerem tambem outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Tamar, no mesmo dia com os maiores extremos, amada, e no mesmo com muito maiores, aborrecida. Assim tractou um homem que tinha obrigações de ser honrado, a mulher mais illustre de Israel; e assim pagou uma mulher, de quem se tinha feito a maior confiança, ao homem mais famoso do mundo.

Eu bem oíço que as mulheres, e não os homens, teem a opinião da inconstancia ; mas elles são filhos dellas. Olhae que bem o notou Job, com ser homem : *Homo natus de muliere : nunquam in eodem statu permanet.* (Job. XIV — 1 e 2) O homem, filho da mulher, é tão vario, tão mudavel, e tão inconstante, que nunca permanece, nem dura no mesmo estado. Mas se todo o homem nasce de mulher, e de homem ; porque lhe chama Job neste caso só nascido de mulher : *Homo natus de muliere* ? Porque os homens no sexo saem aos paes, e na inconstancia às mães. Porém, d'aqui mesmo se colhe, que tão inconstantes são os homens, como as mulheres : os homens por filhos de taes mães, e as mulheres por mães de taes filhos : *Homo natus de muliere.* A mulher inconstante por condição ; o homem inconstante por nascimento : a mulher, como a lua, por natureza ; o homem, como o mar, por influencia. Vêde o que disse Christo a uma mulher, a Samaritana. Era ella não só a mais discreta, de que se lê no evangelho, senão tambem a mais sabia, pelas questões que altercou com o mesmo Christo. E que lhe disse o Senhor ? *Quinque viros habuisti : et nunc quem habes, non est tuus vir.* (Joan. IV — 18) Além do amigo que agora tens, já tiveste outros cinco. Pois cinco amigos, uns depois dos outros, uma só mulher, e não de muita idade ? Ahi vereis a inconstancia do amor humano. Mas reparaes no que por ventura não advertis. Ou a Samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaram a ella : se elles a deixaram a ella, fiaes-vos lá de amor de homens ? E se ella os deixou a elles, quem se fiará de amor de mulher ?

Bem digo eu logo, que isto que no mundo se chama amor, é uma coisa que não ha, nem é. É chimera, é mentira, é engano, é uma doença de imaginação, e por isso basta para ser tormento. Póde haver maior tormento que amar, quando menos, em perpetua duvida, amar em perpetua suspeita de ser, ou não ser amado ? Pois este é o inferno sem redempção, a que se condemnam todos os que amam humanamente, e tanto mais, quanto mais amarem. Ouí umas palavras, que tendes ouvido muitas vezes, mas com uma consideração, em que nunca reparastes : *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio.* (Cant.

VIII — 6) O amor é forte como a morte, e o ciúme cruel como o inferno. Assim declara o texto original hebreu, o grego, o syro, e o arabico: *Crudelis sicut infernus zelotipia*. Todos saibéis, que á morte, a qual é transito e passagem, se seguem outros dois termos, de que se não passa — ou inferno, ou paraíso. Pois se o amor é como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*; porque se não segue também depois do amor, ou paraíso ou inferno, senão inferno sómente: *Dura sicut infernus æmulatio*? Porque o amor desta vida e deste mundo é uma morte, que só tem precitos, e não tem predestinados: é uma morte, pela qual sempre se vae ao inferno, e nunca ao paraíso. O paraíso do amor (se o houvera) havia de ser amar e ser amado, e amado com certeza de nunca ser aborrecido. Mas como não ha, nem pôde haver no mundo, nem este amor, nem esta certeza, senão as duvidas, os escrupulos, as desconfianças, os receios e as suspeitas de se me amam, ou não me amam, ou de que já me amam menos que d'antes, ou de que trocam o meu amor por outro, ou de que outrem pretende o que eu amo; em que consiste por varios modos o tormento cruelissimo do ciúme, este ciúme sempre duvidoso, sempre credulo, sempre fixo da imaginação, e nunca satisfeito, este é o inferno inevitavel e sem redempção, a que todos os que amam, se condemnam e em que são atormentados duramente sem fim, e sem remedio: *Dura sicut infernus æmulatio*.

Pois se o que neste mundo se chama amor, bem considerado, e conhecido e visto com os olhos abertos, é um inferno, que será se a este inferno ajuntarmos o da outra vida, no qual estão ardendo e arderão por toda a eternidade tantas almas infelizes, que por amarem o que não deviam, e como não deviam, não repararam em se condemnar para sempre. Mas graças ao Divino Mestre, e luz de nossas cégueiras, que se quizermos sair do abysmo e labyrintho dellas, ainda estamos em tempo de trocarmos estes dois infernos por outros dois paraísos, um aqui, outro no céu. Aborreçamos com verdadeiro amor, o que amavamos com verdadeiro odio: queiram-se o verdadeiro bem os que verdadeiramente se queriam mal. E para que desde logo entremos no paraíso presente, livre de penas e cuidados, amemos só aquelle soberano

Amante (e mais os que o teem por Esposo) o qual é certo e de fê, que paga uma nossa vontade com duas suas, a divina e a humana : tão fiel, tão constante, tão amoroso, que a todos os que o amam com verdadeiro amor, posto que limitado, elle não deixou jámais de amar com amor immenso e infinito. *Ego diligentes me diligo* : (Prov. VIII — 17) diz o mesmo Christo : Eu Deus e Homem, amo a todos os que me amam. E o nosso S. Bernardo prégando aos seus religiosos, e ajuntando á certeza da fê as evidencias do que tinha experimentado, dizia : *Ego amans amari me dubitare non possum, non plusquam amare* : Eu quando amo a Jesus, de nenhum modo posso duvidar que tambem sou amado delle : tão seguro do seu amor, que não vejo com os olhos, como do meu que sinto no coração.

E sendo isto assim, e o mesmo Christo quem é, e nós christãos, e tendo fê ; que seja tal a nossa demencia, que o não amemos a elle, e empreguemos nosso coração em outro amor ! E que haja-almas racionais tão sem juizo, e tão inimigas de Deus e de si, que contra si commettam uma tal deshumanidade, e contra Deus um tão descomedido desprezo ! Desprezo digo, porque com nome de desprezado e engeitado, se lamenta de nós o mesmo Senhor. Apareceu Christo, Senhor nosso, a Santa Brigida, com o rosto compungido e cheio de confusão, e como envergonhado e corrido lhe disse estas sentidas palavras : *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum, quia nemo me in sua dilectione habere desiderat* : Não estranhes, Filha, que me saíam ao rosto estes signaes de magoa e sentimento, porque todos me desprezam, todos me engeitam, e lançam de si, e não ha quem aceite o meu amor. Verdadeiramente que quem se não enternece com estas palavras, e não se compadece do Filho de Deus, e não tem lastima ao seu amor, tão justamente queixoso e magoado, nem é christão, nem é homem. E que seria se nós entrássemos tambem neste numero dos que o engeitam e desprezam.

Senhor, Senhor, não permita vossa bondade tal, nem nos castigue tão severamente a justa indignação de vosso amor. Todos prostrados a vossos pés nos arrependemos, não de o ter desprezado, não, que sempre o estimámos e adoramos como nosso ; mas

de o ter tão cegamente offendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratição, só menor que vossa misericórdia. Ella nos valha com vosso piedosissimo coração. E nós com todos os nossos, desde esta hora para sempre, abjuramos, renunciemos, e condemnamos a perpetuo esquecimento todo o outro affecto, todo o outro desejo, e todo o outro pensamento, que não for de só a vós amar e querer. Morra nesta hora, e acabe-se nesta geral despedida para sempre todo o amor, que não for de Jesus. E desengane-se toda a outra afeição, vista, conversação, ou correspondencia humana, que só com o aborrecimento d'aqui por diante será amada na terra, para que o falso e breve amor, convertido em verdadeiro, se continue eternamente e dure sem fim no céu.

SERMÃO

DO

SANTÍSSIMO SACRAMENTO EM DIA DO CORPO DE DEUS

Prêgado na egreja e convento da Encarnação

Hic est panis, qui de cælo descendit. — Joan. VI.

I

Celebra hoje esta egreja o que celebram todas ; mas nenhuma com tanta obrigação, nenhuma com tanta propriedade. Nas outras é a solemnidade propria do dia, nesta é do dia, e do lugar. Andam tão ligados entre si estes dois soberanos mysterios — encarnação e sacramento — que a mesma sabedoria e eloquencia divina, para prêgar as grandezas do sacramento, se valeu das excellencias da encarnação : *Hic est panis, qui de cælo descendit.* (Joan. VI — 59) Este é o pão, diz Christo, que desceu do céu. Mas quando desceu do céu este pão ? Não no dia em que se ins-

tituiu o mysterio do sacramento, senão no dia em que se obrou o da encarnação. Assim o confessamos todos com os joelhos em terra: *Descendit de cœlis, et incarnatus est*. De maneira, que no mesmo texto do thema, temos dois dias, e dois mysterios. O dia, e o mysterio do sacramento: *Hic est panis*: e o dia, e o mysterio da encarnação: *Qui de cœlo descendit*: o dia e o mysterio do sacramento, conforme a celebridade; e o dia e mysterio da encarnação conforme o logar. Havendo pois de ser o sermão (como é bem que seja) não do corpo de Deus vagamente, senão do corpo de Deus na encarnação; e havendo de tomar as medidas ao discurso pelo mesmo corpo de Christo, não só em quanto corpo de Deus sacramentado, senão também em quanto corpo de Deus encarnado; digo que o dia da encarnação, e o dia do sacramento, ambos são dias do corpo de Deus; mas com grande differença. O dia da encarnação é dia do corpo de Deus, porque no dia da encarnação desceu Deus a tomar condições de corpo; e o dia do sacramento também é dia do corpo de Deus, porque no dia do sacramento subiu o mesmo corpo a tomar attributos de Deus. Isto é o que determino prégar hoje; mas ainda não acertei a o dizer com os termos grandes que pede a magestade da materia. Para que eu a saiba, e me saiba declarar melhor, recorramos á fonte da praça, que está presente: *Ave Maria*.

II.

Hic est panis, de cœlo descendit.

O apostolo S. Paulo, fallando da segunda parte deste texto, isto é, de quando o Verbo divino desceu do céu a vestir-se de nossa carne, diz estas notaveis palavras: *Cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo: sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo*. (Philip. II — 6 e 7) Quer dizer: Sendo o Eterno Verbo igual ao Padre em tudo, e não podendo deixar de o ser, fazendo-se porém homem, e semelhante em tudo aos outros homens, de tal maneira encolheu

e sumiu em si mesmo os attributos de sua divindade e grandeza, que não se viam nem appareciam nelle depois de encarnado mais que os vazios da mesma divindade. Esta é a propria e rigorosa significação daquelle *exinanivit semetipsum*: e assim foi. Era o Verbo pela divindade espirito, e pela encarnação teve corpo: era pela divindade immenso, e pela encarnação ficou limitado: era pela divindade infinito, e pela encarnação ficou finito: era pela divindade eterno, e pela encarnação ficou temporal: era pela divindade invisivel, e pela encarnação viam-no os olhos: era pela divindade immortal e impassivel, e pela encarnação já padecia e estava sujeito á morte. Não são grandes vazios da divindade estes? Tão grandes, e tão profundos, que só a comprehensão de Paulo os pôde de alguma maneira sondar: *Exinanivit semetipsum*. Mas aguarde trinta e tres annos a mesma divindade encarnada, e sairá com igual ou maior milagre ao mundo o sacramento do altar. Para que? Para que os vazios da divindade na encarnação se tornassem a encher no sacramento. Agora acertei a me declarar. Assim como pela encarnação a divindade de Christo se despiu dos attributos de Deus, e se vestiu das propriedades de corpo; assim o mesmo corpo de Christo pelo sacramento se despiu das propriedades de corpo, e se vestiu dos attributos de Deus. E este foi o modo mais que admiravel com que os vazios da divindade na encarnação, se encheram e restauraram pelo sacramento. Óra vede.

Pela encarnação (como diziamos), Deus que era espirital, ficou corporeo, com partes distinctas e extensas; pelo sacramento, Christo que era e é corporeo, ficou espirital todo em todo, e todo em qualquer parte, como espirito. Pela encarnação, Deus que era immenso, ficou limitado a um só logar; pelo sacramento, Christo que era limitado, ficou immenso, e está em todos os logares do mundo. Pela encarnação, Deus que era eterno, ficou temporal, e assim nasceu, viveu, e morreu em tempo; pelo sacramento, Christo que era temporal, se tornou a eternizar sem termo nem limite na duração. Pela encarnação, Deus que era infinito, ficou finito, como o são ambas as partes da humanidade: pelo sacramento, Christo que era finito, não tem

fim, porque está infinitamente multiplicado. Pela encarnação, Deus que era invisível, ficou visível, e assim o viam os homens; pelo sacramento, Christo que era visível, ficou invisível, porque nem o vemos, nem o podemos ver. Pela encarnação, finalmente, Deus que era immortal e impassível, ficou mortal e passível, e padeceu e morreu pelos homens; pelo sacramento, Christo que era mortal e passível, ficou impassível e immortal, porque no estado e vida de sacramentado, é incapaz de padecer nem morrer. E que é cada diferença destas, e muito mais todas juntas senão estarem hoje cheios no corpo de Christo pelo sacramento os vazios com que no mesmo corpo se occultou a divindade pela encarnação: e ser o corpo de Christo sacramentado por todos os attributos divinos corpo de Deus?

No capitulo quinto do Apocalypse viu S. João uma coisa notavel, e ouviu outra mais notavel. O que viu foi um throno de grande magestade, cercado de toda a côrte do céu, e sobre elle um Cordeiro em pé, mas como morto: *Agnus stantem tanquam occisum*. (Apocal. V — 6) O que ouviu foram as vozes de todos aquelles cortesãos, e de muitos coros de anjos, que cantando e aclamando, diziam: Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber a virtude e a divindade: *Dignus est Agnos, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem*. (Ibid. — 12) Este Cordeiro não jazendo como morto, senão em pé como vivo, é o Cordeiro de Deus, que tira os peccados do mundo, Christo Redemptor nosso: mas é Christo, e o mesmo Christo, não em outro estado, ou de qualquer outro modo, senão em quanto sacramentado. Assim o intendem commummente os interpretes deste logar: e as mesmas palavras do texto o declaram com grande propriedade, porque não dizem que o Cordeiro estava morto como vivo, senão vivo como morto: *Stantem tanquam occisum*. Isto é o que cremos propria e distinctamente, e o que nos ensina a fê no mysterio do sacramento. A palavra *stantem* significa representação, e não realidade: e o mesmo Christo sacramentado, que na realidade está no sacramento tão vivo como no céu, no mesmo sacramento por representação está tão morto como na cruz. Por isso as palavras da consagração na hostia poem o corpo como

dividido do sangue, e no calix o sangue como dividido do corpo, tudo em significação da morte, na qual (e de nenhum modo sem ella) se aperfeiçoa e consumma o sacrificio. E por isso tambem en fórma, e com nome de cordeiro; porque desde o cordeiro de Abel na lei da natureza, se sacrificava tambem na lei escripta em figura de cordeiro o mesmo Christo. Assim o ensinou S. André ao proconsul Egeas, dizendo: *Ego omnipotenti Deo, qui unus, et verus est, immolo quotidie immaculatum Agnum, cujus carnem postquam omnis populus credentium manducaverit, integer perseverat, et vivus.*

Supposto, pois, que o cordeiro vivo, e como morto, que S. João viu, era Christo, e Christo sacramentado; entrem agora as segundas e mais admiraveis palavras do texto, com que os applausos e acclamações de toda a cõrte celestial cantavam e diziam ao mesmo Cordeiro, que elle era digno de receber a virtude e divindade: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem.* O mesmo S. João nota que este cantico era novo: *Cantaband canticum novum*; e parece que não era novo; senão antigo, e que já tinha de antiguidade, quando menos, trinta e quatro annos, que tanto se podem contar desde o dia da encarnação do Verbo. até o dia da instituição do sacramento. Quando se fez o Filho de Deus homem, e quando se uniu á humanidade de Christo a divindade? Não ha duvida que no dia da encarnação. Pois se o receber Christo em quanto homem a divindade, pertence ao mesmo Christo em quanto encarnado; que novidade é agora a deste cantico, em que toda a corte do céu lhe dá o parabem de receber a divindade, não na encarnação, em quanto Deus encarnado, senão no sacramento, e em quanto Cordeiro sacramentado: *Dignus est Agnus accipere divinitatem?* A palavra *dignus* ainda uperta e accrescenta mais a duvida; porque *dignus* significa merecimento, e a união hypostatica, em que a natureza divino se uniu com a humana, nem a mereceu, nem a podia merecer a humanidade de Christo: pois se foi divindade, e divindade merecida, como se diz que Christo é digno de a receber, e que a recebeu como sacramentado? A razão altissima e nova, como

lhe chama S. João, é a que eu tenho dito, e vou provando. Porque duas vezes e por dois modos differentes recebeu Christo a divindade: a primeira na encarnação, em que Deus, do modo que era possível, se despiu dos attributos de Deus, vestindo-se do corpo humano: a segunda no sacramento, em que Christo, do modo tambem que podia ser, enchendo em si os vazios da divindade, revestiu o mesmo corpo das propriedades de Deus. Onde se deve muito notar a propriedade das palavras *accipere divinitatem*; porque no mysterio da encarnação não foi o corpo mais propriamente o que recebeu a divindade, senão a divindade a que recebeu o corpo: *Verbum caro factum est*: porém no mysterio do sacramento, assim como a divindade na encarnação foi a que propriamente recebeu o corpo, assim o corpo propriamente foi o que recebeu a divindade: *Dignus est Agnus accipere divinitatem*.

Prégando o mesmo Christo aos que tinha sustentado com o milagre dos cinco pães, alli começou a revelar o mysterio do sacramento, exhortando os a que comessem de outro melhor pão, que elle lhes daria, o qual era pão de vida, não temporal, mas eterna: *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis*. (Joan. VI — 27) E para que não duvidassem da virtude deste maravilhoso pão, accrescentou que Deus tinha impresso nelle o seu sigillo, ou sinete: *Hunc enim Pater signavit Deus*. (Ibid.) A palavra *signavit* val o mesmo que *sigillavit*: e assim se lê no texto original. Saibamos agora: e qual foi a figura, ou imagem que estava aberta neste sinete? Todos os santos padres concordam, em que era a figura e imagem da divindade: e essa força tem o nome de Deus accrescentado no de padre: *Hunc Pater signavit Deus*: modo de fallar em Christo singular nesta occasião. Mas se Christo falla de si em quanto homem, e em quanto sacramentado: em quanto homem, *quem Filius hominis dabit vobis*; e em quanto sacramentado, *cibum qui permanet in vitam æternam*, porque prova os poderes desta virtude com o sinete da divindade, que Deus imprimiu nelle? Não se pudéra melhor confirmar o altissimo pensamento em que estamos. Aquella hos-

tia, em que a nossa fé crê e adora o corpo de Christo, é uma obrêa consagrada, em que Deus imprimiu o seu sinete : e como neste sinete estava aberta a imagem e figura da divindade, com todos seus attributos, tambem na mesma hostia ficou impressa a similhança de todos elles, e por isso se acham todos no sacramento. Ainda falta a maior propriedade e energia da metâphora do sinete de que usou o Senhor, para que melhor intendessemos todo o mysterio. O que no sinete está cavado e vazio, é o que na materia em que se imprime fica relevado e cheio, e assim ficaram cheios no sacramento os vazios da encarnação : *Exinanivit semetipsum : hunc Pater sigillavit Deus*. Na encarnação todos os attributos divinos vazios, e no sacramento cheios : na encarnação todos sumidos, e no sacramento todos relevados.

III

Por este modo ficou o corpo de Christo no sacramento revestido dos attributos divinos, e com maior propriedade corpo de Deus. Corpo de Deus, porque espirital : corpo de Deus, porque immenso : corpo de Deus, porque eterno, corpo de Deus, porque infinito, corpo de Deus, porque invisivel, corpo de Deus, porque immortal, corpo de Deus, porque impossivel. E isto é o que agora, parte por parte, e attributo por attributo, ha de ir mostrando o nosso discurso. Mas porque todas estas maravilhas de seu corpo divinizado foram ordenadas por Christo para remedio e proveito, de tal maneira as irei provando no sacramento, que juntamente mostrarei, como o mesmo sacramento nol-as communica todas a nós. Elle se digne de me ajudar e assistir com nova graça, em materia tão alta e tão difficullosa.

A primeira propriedade, tão natural da divindade como alheia do corpo, que é ser Deus espirito, assim como foi o primeiro vazio com que o mesmo Deus se exinaniu na encarnação, assim é tambem o primeiro attributo com que Christo o restaurou e encheu no sacramento, no qual está seu corpo sacramentado sem occupar lugar, e com todas as condições de espirito. Assim o ensina a fé ; e para o provar com a escriptura, é ne-

cessario que nos engollemos em um pégo sem fundo, qual é o capítulo sexto de S. João, em que já começamos a entrar. Por occasião do milagre referido dos cinco pães, que é o principio deste capítulo, falla Christo na maior parte de todo elle, do pão que desceu do céu—o santissimo sacramento do altar. Uma vez diz: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*: (Joan. VI—54) Se não comerdes a minha carne, e beberdes o meu sangue, não tereis vida: outra vez mais brevemente: *Qui manducat me, ipse vivet propter me*: (Ibid. — 58) Quem me comer a mim, viverá por mim. E além destes dois logares do mesmo capítulo, nelle promette outras muitas vezes e por muitos modos a todos os que o comerem a mesma vida. Mas não se pôde encarecer o grande abalo, perturbação, e escandalo, que esta doutrina causou, não só nos ouvintes de fóra, senão nos mesmos discipulos da escola de Christo, muitos dos quaes só por este ponto se saíram della. Quando ouviam ao Senhor, que lhe haviam de comer a carne e beber o sangue, parecia-lhe coisa horrenda e barbara: quando ouviam por outra phrase, que o haviam de comer a elle, o que não significava parte do mesmo corpo de Christo, senão todo inteiro, parecia lhes impossivel, que um homem houvesse de metter dentro em si a outro: e quando em um e outro caso ouviam, que aquella carne, e aquelle corpo lhes havia de dar vida, parecia-lhes que este effeito era contra toda a razão natural, porque o que dá vida ao homem, não é a carne, nem o corpo, senão o espirito: como se viu no espirito que Deus infundiu no barro de Adão, e na vida que a alma dá aos nossos corpos, a qual em saltando, não vivem. Atéqui a murmuração, a duvida e o escandalo dos ouvintes; vamos agora á resposta do divino Mestre.

O que Christo respondeu, foram estas palavras: *Hoc vos scandalizat? Si ergo viderites Filium hominis ascendentem ubi erat prius? Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam*. (Ibid. — 62, 63 e 64) Isto vos scandalisa? Que seria se me visseis subir ao céu, d'onde desci? E quanto ás duvidas do que me ouvistes, o que vos digo é, que o espirito é o que dá a vida;

que a carne nenhuma coisa aproveita. Pois se Christo fallava de sua carne, e da mesma carne dizia, que havia de dar vida aos que a comessem, como agora diz, que a carne nenhuma coisa aproveita, e que o espirito é o que dá a vida? É tão difficullosa essa sentença, que deixados os delirios dos hereges, os santos padres, e doutores catholicos se dividem na exposição della em sete opiniões. A ultima e singular de Amonio, padre grego, é, a meu vêr, a que melhor penetrou o sentido de Christo, e resolve todas as duvidas dos incredulos, com a verdade do mesmo sacramento. O corpo de Christo no sacramento não está com as condições naturaes do corpo, senão com as sobrenaturaes e milagrosas de espirito; e por isso neste lugar chamou o Senhor espirito á sua propria carne: *Spiritum hic vocat plenam vivifici spiritus virtute carnem, manet enim caro*: são as palavras de Amonio. E como a carne de Christo no sacramento não deixando de ser carne, é carne com todas as condições de espirito; nem a carne comida deste modo podia causar horror, que era a primeira duvida, nem o corpo do mesmo modo podia ter impedimento para todo e inteiro entrar em outro corpo, que era a segunda; nem era contra a razão natural, senão muito conforme a ella, que sendo espirito vivificasse e dêsse vida, que era a terceira. E desta sorte, desleitas todas as difficuldades, se fica verificando com summa propriedade, e com adequada resposta a todas as objecções, a sentença de Christo: *Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam*. Porque a carne não obra alli como carne, o que só como carne não podia; mas obra como espirito e como carne espiritualizada, o que é proprio do espirito. E d'aqui fica declarada a grande e exacta correspondencia com que este primeiro vazio da encarnação se restaurou com o primeiro cheio do sacramento. Porque na encarnação a divindade do Verbo se vestiu da corporeidade da carne; e no sacramento a carne de Christo se vestiu da incorporeidade do espirito. A phrase particular de que usam os santos no mysterio da encarnação, é chamar a Deus incorporado, e da mesma usa a igreja cantando na festa da epiphania: *Ducem salutis cœlitus incorporatum gignere*. Pois assim

como na encarnação se contraiu o vacuo da divindade pelo incorporado, assim no sacramento restaurou e encheu o corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo.

Sobre as palavras : *Verbum caro factum est, et habitavit in nobis*, (Joan. I — 14) repara o cardeal Caetano em dizer o evangelista, que unindo-se o Verbo á nossa carne, habitou em nós. Parece que mais propriamente havia de dizer, que habitou com-nosco, ou entre nós, como verdadeiramente habitou Christo com os homens : pois porque não diz, que habitou entre nós, ou com-nosco, senão em nós ? Agudamente perguntado ; mas com muito maior agudeza respondido : *Dixit hoc, ne errares, existimando quod Verbum ex hoc quod factum est caro, impedimentum esse ad habitandum spiritualiter in animis nostris*. Deus em quanto Deus habita e sempre habitou em nós : *In ipso enim vivimus, movemur, et sumus*. (Act. XVII — 28) E antes de Deus se vestir de nossa carne, nenhuma duvida tinha, nem podia ter, que Deus sendo espirito, estivesse e habitasse dentro em nós ; porém depois que Deus se vestiu do nosso corpo, podia cuidar alguém que esse mesmo corpo podia ser impedimento para que deixasse de estar em nós, porquanto dois corpos não podem estar juntos no mesmo lugar : para tirar pois este erro, disse nomeadamente o evangelista, que o Verbo depois de fazer carne, não só habitou com-nosco, senão em nós : *Caro factum est, et habitavit in nobis*. Atéqui Caetano, o qual, porém, declara que isto se ha de entender, não corporalmente do seu corpo nos nossos corpos, senão espiritualmente da sua alma nas nossas almas : e assim foi o mysterio da encarnação precisamente. Mas depois que sobre o mysterio da encarnação o mesmo Verbo encarnado accrescentou o do sacramento, não só habita Christo em nós espiritualmente quanto á alma, senão corporalmente quanto ao corpo ; porque estando o mesmo corpo espiritualizado no sacramento, como espirito, póde estar juntamente o seu corpo dentro do nosso, sem o impedimento de um corpo excluir o outro. E esta é uma nova e altissima razão porque nas mesmas palavras não disse o evangelista, que o Verbo se fizera homem, senão que se fizera carne : *Verbum caro factum est* : porque sendo a carne a propria

e immediata materia do sacramento : *Caro mea vere est cibus* : por meio da mesma carne sacramentada havia Christo de habitar não só comnosco, senão propriamente em nós : *Et habitavit in nobis*.

Desta maneira encheu Christo no sacramento o primeiro vazio da divindade na encarnação, espiritualizando o seu corpo, e fazendo-o espirito, assim como Deus, que é espirito, se tinha feito corpo. Mas esta admiravel transformação, não só a obrou Christo em seu corpo sacramentado, senão que também, como prometti, por meio do mesmo corpo sacramentado nol-a communica a nós. Abre hem a boca, que eu t'a encherei, disse Deus a David : *Diraes e milagrosus est homo illud*. (Psal. LXXX — 11) Estas palavras do Senhor espirito á sua propriissima sacramento, do qual se diz no *vivifici spiritus virtute carnem, manducamenti*. (Ibid. — 17) Ediz vras de Amonio. E como a carne de *eu* : *Et ego implebo illud* : não deixando de ser carne, é carne com a nossa alma, e não de espirito ; nem a carne comida deste modo no sacramento : horror, que era a primeira duvida, nem o corpo ideal. Abriu modo podia ter impedimento para todo e inteiro que lhe succedesse outro corpo, que era a segunda ; nem era contra a natureza natural, senão muito conforme a ella, que sendo espirito, Deus ficasse e dêsse vida, que era a terceira. E desta sorte, desatando todas as difficuldades, se fica verificando com summa propriedade, e com adequada resposta a todas as objecções, a sentença de Christo : *Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quid ali* *quam*. Porque a carne não obra alli como carne, o que só como carne não podia ; mas obra como espirito e como carne espiritualizada, o que é proprio do espirito. E d'aqui fica declarada a grande e exacta correspondencia com que este primeiro vazio da encarnação se restaurou com o primeiro cheio do sacramento. Porque na encarnação a divindade do Verbo se vestiu da corporeidade da carne ; e no sacramento a carne de Christo se vestiu da incorporeidade do espirito. A phrase particular de que usam os santos no mysterio da encarnação, é chamar a Deus incorporado, e da mesma usa a igreja cantando na festa da epiphania : *Ducem salutis cœlitus incorporatum gignere*. Pois assim

caber sem a mesma extensão dentro dos corpos dos que o comungam: em si transformado de corpo em espirito, e em nós transformando-nos de corporaes em espirituaes. Expressamente S. Bernardo: *Transformatur manducans in naturam cibi: corpus enim Christi manducare nihil est aliud, quam corpus Christi effici.* E porque seria coisa muito dilatada confirmar a verdade destes maravilhosos effeitos, com os exemplos delle; basta por prova o mesmo S. Bernardo, que não só o disse, mas o experimentou em si mesmo, vivendo em corpo por virtude do mesmo corpo, como se não tivera corpo, andando vestido de carne, como se fôra espirito, podendo dizer com S. Pedro: *Spiritu vivimus, spiritu et ambulemus.* (Galat. V — 25)

IV

O segundo vazio da divindade, é a immensidade divina, a qual pelo mysterio da encarnação se limitou a um só lugar, qual era o que occupava a sagrada humanidade. Houve hereges, que, intendendo este mysterio ás avessas, tiveram para si, que pela união hypostatica a humanidade se fizera immensa, e estava como Deus em toda a parte, e por isso foram chamados ubiquitarios. Mas não foi a humanidade a que pela união com o Verbo se estendeu a immensidade divina, senão a immensidade divina a que pela communicacão dos idiomas se estreitou á limitação humana, sendo verdadeiro dizer, que Deus foi concebido em Nazareth, que nasceu em Belem, que prégou em tal e tal lugar de Judéa e Galiléa, e morreu em Jerusalem. Desta immensidade porém de que Deus se despiu pela encarnação, se revestiu outra vez pelo sacramento, no qual o corpo de Christo, ou reproduzido, ou multiplicando as presenças, sendo um só, e o mesmo, está no mesmo tempo em todas as partes do mundo.

No mesmo mundo, e na mesma hora em que Christo instituiu o sacramento, se estava vendo para confirmação da nossa fé, um milagre natural desta mesma multiplicação das suas presenças. A hora em que Christo instituiu o sacramento, era já a primeira

ou segunda da noite: *In qua nocte tradebatur*: (1 Cor. II — 23) e que é o que vêem então os nossos olhos neste hemispherio? Vêem que ausentando-se o sol de nós, por uma presença sua de que nos priva, se nos deixa multiplicado em tantas presenças, quanto é o numero sem numero das estrellas; porque cada uma dellas não é outra coisa, senão um espelho do mesmo sol, em que elle sendo um só e ausente, se nos torna a fazer presente, multiplicado tantas vezes, e em tantos logares, quando são desde o oriente a poente, e desde o septemtrião ao meio dia, os de todo o mundo que vemos. Isto mesmo é o que fez o nosso divino Sol Christo, sacramentando seu sacratissimo corpo. Ausentou-se de nós segundo a presença natural; mas por esta presença se deixou connosco em tantas outras, quantos são os logares e altares de todo o mundo, em que verdadeira e realmente sendo um só, e o mesmo, está multiplicado no sacramento. Vede a propriedade com que assim o escreveu o propheta Malachias.

Queixava-se Deus de os filhos de Israel, á imitação de Caím sacrificarem e offerecerem em seus altares, não o melhor e mais precioso, como era decente, senão o peor, e mais vil, e os confunde com estas notaveis palavras: *Non est mi voluntas in vobis; et munus non suscipiam de manu vestra: ab ortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus: et in omni loco sacrificatur, et offertur nomini meo oblatio munda.* (Malach. I — 10 e 11) Desenganae-vos, que não quero vossos sacrificios, nem aceitarei vossas offertas: e porque não caideis que me farão falta, sabeis, para confusão vossa, e da vossa Jerusalem, em que só tenho templo, e sou conhecido, que virá tempo em que desde o oriente até o poente, em todos os logares do mundo, e entre todas as gentes, se offerecerá e sacrificará a mea nome, não muitos sacrificios, e impuros, como os vossos, senão um purissimo e santissimo. E que sacrificio é este? Posto que todos os santos padres e doutores dizem, que é o santissimo sacramento da eucharistia, não temos necessidade de sua auctoridade, porque assim o tem definido (e é de fé) o sagrado concilio tridentino. Só accrescento, que a palavra hebréa, que responde a *oblatio munda*, significa uma offerta particular, chamada Min-

cha, a qual se fazia como as nossas hostias, da flor da farinha, e no Levitico se chama sacrificio. Este sacrificio, pois, a que não falta a propriedade das especies de pão, é o sacrificio de corpo de Christo sacramentado, o qual enchendo o vazio da immensidade divina, encolhida e escondida na encarnação, se estende immensamente desde o oriente ao occaso, por todas as partes e lugares do mundo: *Ab ortu enim solis usque ad occasum in omni loco sacrificatur, et offertur nomini meo oblatio munda.*

Assim como os soldados do Calvario partiram em quatro partes as vestiduras de Christo, assim as quatro partes do mundo (dis S. Cyrillo) repartiram entre si a carne do mesmo Christo sacramentado, da qual se tinha vestido o Verbo: *Quatuor orbis partes ad salutem reductæ indumentum Verbi, hoc est, carnem ejus impartibiliter partiti sunt.* (1) E nota elegantemente o santo padre, que nesta repartição, ou partição, não houve partir: *Impartibiliter partiti sunt*; porque communicando-se o Senhor, e santificando a todos e a cada um por meio de sua carne na alma e no corpo, e estando presente em todas as partes do mundo, não está nellas como parte, senão todo, sendo um só, e o mesmo: *In singulos enim partibiliter transiens, et animam, et corpus eorum per carnem suam sanctificans, impartibiliter at que integre in omnibus est; cum unus ubique sit nullo modo divisus.* Até aqui o grande Cyrillo; não se podendo mais largamente estender a immensidade que Christo tem no sacramento, que na brevidade daquellas duas palavras, *unus ubique*: um em toda a parte.

E para que se veja como o mesmo Senhor sacramentado communica esta immensidade aos homens, ponhamo-nos no conspecto de Jerusalem. O primeiro acto em que Christo começou a exercer esta sua immensidade, foi quando, entregando o pão consagrado nas mãos dos apóstolos, lhes disse, que o dividissem entre si: *Dividite inter vos*: (Luc. XXII — 17) Dividiram o pão e o sagrado corpo, que até então nas mãos do Senhor estava em um só lugar, logo ficou em doze lugares. Agora pergunto:

(1) Cyrill. lib. XII, in Joan. XXXII.

E assim como Christo communicou aos apóstolos seu corpo por aquelle modo immenso, communicou-lhes também a mesma immensidade? Creio e digo que sim. E essa foi a razão porque o Senhor não admittiu á primeira meza em que se consagrou o sacramento, senão aquelles mesmos doze a quem havia de encarregar a conversão de todo o mundo. Sendo coisa mui difficullosa de intender, que tão poucos homens, e de vidas que não foram largas, podessem em tão pouco tempo penetrar todas as terras, e prégá-las a todas as nações do mundo, senão fossem multiplicando as presenças como Christo no sacramento. Os evangelistas só dizem dos apóstolos, *Prædicaverunt ubique*; (Matt. XXVI — 13) mas assim como Christo sacramentado *unus ubique*, primeiro esteve em uma só parte, depois em todas, assim elles umas vezes estavam firmes em um só logar, e outras vezes multiplicados em muitos.

Atégora não é isto mais que conjectura minha, o que eu me não atrevera a dizer, se o não pudéra provar. Fallando David dos mesmos apóstolos, como afirma S. Pedro, e é de fé, diz, que as vozes de sua pregação se ouviram em todo o mundo até os ultimos fins delle: *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum*. (Psalm. XVIII — 5) E se pedir-mos ao mesmo David, que nos declare com alguma comparação, como sendo os apóstolos tão poucos, se póde estender a sua pregação a tão remotas distancias? Responde, que do mesmo modo com que os céus prégam e apregoam a gloria de Deus de dia e de noite: *Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum: dies diei eructat Verbum et nox nocti indicat scientiam*. (Ibid. — 2 e 3) E como prégam os céus de dia e de noite? De dia prégam de um só logar, que é o do sol: de noite prégam de muitos logares, que são os dos outros planetas e das estrellas. Pois assim prégavam os apóstolos, já cada um como um em um só logar, e já cada um como muitos em muitos logares, confirmando admiravelmente com esta similitude que a sua immensidade e multiplicação de presenças a tinham recebido de Christo sacramentado, o qual, como fica dito, na noite em que instituiu o santissimo sacramento,

ausentando-se de nós como sol, se deixou multiplicado no mesmo sacramento como nas estrelas.

E se alguém replicar, porque não dizem isto os historiadores que escreveram as vidas e peregrinações dos apóstolos? Respondo, que sim dizem, e que só na supposição do que digo se podem conciliar. Muitos auctores assignam a cada um dos apóstolos varias regiões e gentes a quem prégaram, o que outros porém negam, fundados sómente na chronologia dos tempos, por onde são julgadas por apocriphas aquellas historias. Mas se suppozermos, como devemos suppor, que no mesmo tempo por multiplicação das presenças assistiam os apóstolos em diversos logares, tudo facilmente se verifica com grande gloria do evangelho, nem causará grande admiração este milagre aos que considerarem a necessidade delle, porque se estando o mundo tão cheio de ministros do mesmo evangelho, sabemos que concedeu Deus esta graça de apparecer em partes muito distantes a S. Martinho, a S. Gemeniano, a S. Trontano, a S. Antonio de Padua, a S. Francisco de Assis, a S. Francisco Xavier, e a outros muitos para fins de muito menor importancia: (Nazian. orat. 20) quanto mais para a conversão universal do mundo, sendo os instrumentos della tão poucos? Finalmente, se a S. Basilio foi licito dizer de si mesmo *nullo loco circumscriptus sum*: e a Enodio chamar a Epiphanio *in opere vir immensus*, quem negará a participação desta immensidade á immensidade daquellas obras, que sem ella eram impossiveis?

Assim multiplicou Christo as suas presenças, assim multiplicaram os apóstolos as suas, e assim devemos nós multiplicar as nossas para assistir ao divinissimo sacramento em toda a parte. O nosso corpo não é capaz naturalmente desta multiplicação ou immensidade; mas a nossa alma sim, e a nossa memoria, a qual só nos pediu o mesmo Senhor na instituição deste immenso mysterio: *Obicumque fuerit corpus, illuc congregabuntur et aquilæ*: (Luc. XVII — 37) notae a palavra *ubicumque*, em toda a parte. Em toda a parte; diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias. E que corpo e que aguias são estas? O corpo, responde S. Ambrosio, é o corpo do mesmo Christo no sa-

cramento, e as aguias são as almas de sublime e levantado espirito, que com as azas do pensamento e do affecto o assistem, adoram e veneram em todas as partes do mundo: *Est corpus de quo dictum est, caro mea vere est cibus, circa hoc corpus aquilla sunt, quæ alis circumstant spiritualibus.* (Amb. in Luc. c. 17) Este é o modo com que nossas almas, pelo pensamento e memoria immensas hão de assistir, adorar e louvar sempre ao mesmo Senhor em todo lugar, como David exhortava á sua, que o fizesse: *In omni loco dominationis ejus, benedic anima mea Domino.* (Psalm. CII — 22).

V

O terceiro vasio da divindade na encarnação foi o da sua eternidade, fazendo-se temporal, nascendo, e vivendo em tempo o que era eterno. Mas desde a mesma eternidade jurou Deus de dar a seu Filho encarnado uma tal prerogativa com que pudesse maravilhosamente encher este grande vasio, que foi o sacerdocio eterno segundo a ordem de Melchisedech: *Juravit Dominus, et non ponitebit eum, tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech.* (Psal. CIX — 4) Chama-se o sacerdocio de Christo sacerdocio segundo a ordem de Melchisedech, não quanto á dignidade, como se Melchisedech (que foi sacerdote da lei da natureza) o instituisse, mas quanto á similitude da victima e materia do sacrificio, porque não sacrificava cordeiros como Abel, nem outras rezes ou aves, como Abrahão, senão pão e vinho, que é a materia de sacrificio da lei da graça e sacramento de Christo: *Melchisedech, proferens panem et vinum: erat enim sacerdos Dei altissimi.* (Genes. XIV — 18) E chama-se sacerdocio eterno, porque não acabou como o sacerdocio de Arão. No sacerdocio de Arão acabou o sacerdocio, e acabava o sacerdote: acabou o sacerdocio, porque se acabou aquella lei, a qual necessariamente ha de acabar quando o sacerdocio acaba, como doutamente define o apostolo S. Paulo: *Translatio enim sacerdotio, necesse est, ut te legis translatio fiat.* (Hebr. VII — 12) E acabava o sacerdote porque morrendo um sacerdote lhe succedia outro, como

succedeu a Adão seu filho Eleazaro, e a Eleazaro os demais : o que não foi, nem podia ser na pessoa immortal de Christo, como notou o mesmo S. Paulo : *Et alii quidem plures facti sunt sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere, hic autem eo quod maneat in æternum, sempiternum habet sacerdotium.* (Ibid. XXIII — 24)

Mas posto que o sacerdocio de Christo seja eterno, e eterno o mesmo sacerdote Christo, parece que se não segue, que o vazio da eternidade do Verbo na encarnação, se supprisse ou enchesse no sacramento, porque o sacramento não é, nem ha de ser eterno, e só dura, e ha de durar até o fim do mundo, e acabar juntamente com elle. Depois do fim do mundo só ha de haver céu e inferno : os do inferno não são capazes de sacrificio, nem de sacramento : os do céu não hão mister um, nem outro. Não hão mister o sacrificio, porque são justos, e já não podem crescer na graça : nem hão myster o sacramento, porque a presença de Christo, que criam e veneravam encuberta e invisivel, lá a teem descuberta aos olhos, e a gozam manifesta ; logo se o sacrificio e sacramento do altar não ha de durar mais que este mundo, e ha de ter fim como elle, segue-se que não é eterno. Esta mesma duvida excitou S. Thomaz na questão vinte e duas da terceira parte, e responde que no sacrificio se devem considerar duas coisas : a oblação e a consumação ; a oblação em que se offerece o sacrificio, e a consumação em que se consegue o fim, e se logram os effeitos delle.(1) A oblação pertencea este mundo, e a consumação ao outro. Por isso S. Paulo chamou a Christo, *Pontifex futurorum bonorum* : (Hebr. IX — 11) Pontifice e sacerdote dos bens futuros, porque os bens futuros, que são os que gozam e hão de gozar no céu, são os que Christo nos mereceu pelo seu sacrificio. E posto que a oblação neste mundo fosse temporal e em tempo, a consumação no céu ha de durar por toda a eternidade ; e por isso é eterna, como disse o mesmo S. Paulo : *Una oblatione consummavit in sempiternum sanctificatos.* (Hebr. X — 14)

(1) Div. Thom. p. 3. q. 22. art. 5.

No Levítico temos uma excellente figura desta differença e desta ordem no dia chamado das expiações. Mandava Deus que o summo sacerdote não entrasse no sancta sanctorum, sem primeiro fóra delle offerecer o sacrificio, que no mesmo logar dispõe a lei : *Ne ingreditur sanctuarium, quod est intra velum, nisi hæc ante fecerit : vitulum pro peccato offeret, et arietem in holocaustum : his rite celebratis, ultra velum intrabit in sancta.* (Lev. XVI — 2, 3, 11, 12) E porque razão, ou com que mysterio o sacrificio se havia de offerecer primeiro e fóra do sancta sanctorum, e não depois e dentro nelle ? Porque o summo sacerdote significava a Christo, o sancta sanctorum o céu, o sacrificio o da morte de Christo na cruz ou no altar, onde se representa a mesma morte : e este sacrificio não se havia de offerecer depois, senão antes, nem no sancta sanctorum, senão fóra delle. Não depois, isto é, na eternidade, senão antes e em tempo, em quanto dura o mundo : nem no sancta sanctorum, isto é, no céu, senão fóra delle, e na terra. Assim foi quanto á oblação, assim ha de ser quanto á consumação, não de outro, senão do mesmo sacrificio. Foi quanto á oblação, porque na terra offereceu Christo o sacrificio da cruz como hoje offerece o do altar, e offerecerá até o fim do mundo : e ha de ser quanto á consumação, porque no céu ha de consumir Christo o mesmo sacrificio, communicando-nos os effeitos delle, que consistem na vista clara de Deus por toda a eternidade : e por isso o sacerdote e o sacrificio, um e outro eterno.

Tudo isto viu S. João no céu, como já tinha visto o Cordeiro vivo depois de morto, e glorioso depois de sacrificado. Falla o evangelista propheta da cidade de Jerusalem triumphante, que é o céu, diz que a claridade de Deus a allumea, e que o lume são do Cordeiro : *Nam claritas Dei illuminavit eam, et lucerna ejus est Agnus.* Fallou S. João como o primeiro e maior theologo da egreja. Para os bemaventurados verem claramente a Deus é necessario que os seus intendimentos sejam elevados por uma claridade sobrenatural, a que os theologos chamam lume da gloria, e isto é o que viu e diz o evangelista. A claridade de Deus, que allumea a cidade de Jerusalem celeste, é a vista clara do mesmo

Deus : *Claritas Dei illuminavit eam* : e o lume da gloria, sem o qual se não pôde vêr a Deus, esse sâe do Cordeiro : *Ei lacerna ejus est Agnus*. Mas porque sâe o lume da gloria, não do objecto essencial da mesma gloria, que é Deus, e claramente visto, senão do cordeiro, que é Christo, o qual S. João viu como sacrificado ? Porque esse foi o fim e esses são os effeitos do mesmo sacrificio offerecido na terra e consumado no céu : offerecido em tempo, e consumado na eternidade, e por isso tão eterno como o mesmo sacerdote : *Tu es sacerdos in æternum*.

Esta eternidade é a que faz eterno o santissimo sacramento, ainda que a oblação do sacrificio em que se consagra o mesmo sacramento haja de ter fim, e acabar com o mundo. E posto que esta eternidade em que não ha duvida, basta para prova do meu intento ; e isto é o que ensina o doutor angelico, allegando os mesmos textos do Apocalypse e Levitico, proximaemente citados, eu comtudo accrescento, que o divinissimo sacramento não só é e será eterno no céu pela eternidade de seus effeitos, senão tambem de sua propria substancia ; porque depois do fim do mundo, quando já não haverá altares nem sacriarios na terra, se conservará eternamente no mesmo céu uma hostia consagrada. Assim o consideram e presumem muitos auctores asceticos e contemplativos, cuja opinião para mim não é menos provavel que pia. No dia do juizo ha de apparecer no céu com o mesmo supremo Juiz a sua cruz : *Tunc parebit signum Filii hominis in cælo*. E que cruz ha de ser esta ? S. João Chrysostomo, com muitos outros doutores, diz que ha de ser a mesma em que Christo foi crucificado no Calvario, é assim o prophetizou a Sibylla :

O' lignum felix, in quo Deus ipse pependit !

Nec te terra capit, sed cæli tecta videbis.

Cum renovata Dei facies ignita micabit.

Sibylla lib. 6. Carm.

Supposto, pois, que a cruz de Christo dividida hoje em infinitas partes, se ha de recolher outra vez de todo o mundo, e reunir-se com maior milagre, que o da resurreição dos mortos á sua

inteireza, e conservar-se eternamente no céu; porque se negará semelhante privilegio ao pão vivo e vital, que desceu do mesmo céu? Se um lenho morto, seco e duro mereceu ser sublimado a tanta dignidade, e eternizado, nella, só porque foi santificado com o contacto do corpo de Christo, e matizado com seu sangue; o sacramento, que contem todo o mesmo corpo e sangue, e foi instituido para dar vida eterna aos homens, porque carecerá da mesma eternidade? Foi tanto o respeito que o Verbo encarnado guardou áquella partesinha de carne e sangue, que recebeu das entranhas purissimas de sua mãe, que nunca consentiu, que o calor natural, como naturalmente costuma, a gastasse e consumisse, e, como diz S. Agostinho, ainda depois de resuscitado a conserva e conservará eternamente em si mesmo: *Caro Christi quamvis, gloria resurrectionis fuerit magnificata, eadem tamen mansit quæ sumpta est de Maria* (1) E que aggravariamos a este mesmo respeito e amor, se imaginássemos do mesmo Christo, que haja de permittir ao tempo, que assim como ha de consumir e acabar o mundo, assim consuma e acabe com elle um sacramento em que não só está uma parte da sua carne e sangue, senão toda em todo, e toda em qualquer parte? Digamos logo e creamos piamente, que assim como a historia consagrada se preservou muitas vezes de outros incendios, assim se preservará de incendio universal do mundo, para que, como pão dos anjos que comeram os homens, a adorem eternamente no céu homens e anjos.

Os mesmos auctores, e outros (e não com leve conjectura) attribuem semelhante prerogativa ao livro dos evangelhos; não porque os outros livros sagrados não contenham a palavra divina; mas porque esta foi pronunciada pelo proprio Filho de Deus; *Novissime loquutus est nobis in Filio*: (Hebr. 1 — 2) e assim como no dia do juizo apparecerá a cruz, assim estará aberto e patente o evangelho para serem julgados por elle, uns porque o não creram, outros porque o não guardaram. No seu Apocalypse diz S. João, que pelo meio do céu viu voar um anjo, o qual tinha na mão um evangelho eterno: *Habentem evangelium æter-*

(1) August. Serm. de Assumptione B. V.

num : (Apocal. XIV — 6) e com grandes vozes avisava a todo o genero humano, que temessem a Deus por ser chegado o dia do juizo : *Quia venit hora judicii ejus*. De sorte que tambem no dia do juizo apparecerá o evangelho. E se perguntarmos porque se chama evangelho eterno, responde S. Jeronymo que a razão e mysterio é, porque o evangelho neste mundo foi temporal e prégado temporalmente, mas no céu durará por toda a eternidade : *Sempiternum futurum in cælis, ad comparationem videlicet hujus nostri evangelii, quod temporale est, et in transituro mundo, ad sæculo prædicatum.* (1) Com o mesmo sentido disse David : *In æternum, Domine, Verbum tuum permanet in cælo* : (Psálm. CXVII — 89) onde o *Verbum tuum, Domine*, propria e particularmente significa o evangelho, ao qual tantas vezes chama S. Paulo *evangelium Christi*. E se o livro dos evangelhos por ser palavra de Christo merece juntamente ser perpetuado na eternidade do céu, quanto mais a maior obra d.s suas palavras e o sagrado e consagrado volume do divinissimo sacramento, que tambem Ezechiel recebeu da mão de outro anjo, o comeu em fórma de livro? S. João, que escreveu o seu evangelho depois dos outros evangelistas, confessa e protesta no fim, que as maravilhas que o Filho de Deus obrou neste mundo, foram tantas que se se houvessem de escrever, não caberiam no mesmo mundo os livros. Logo se no céu ha durar eternamente o evangelho, em que se contém parte somente das mesmas maravilhas, com maior razão, e em suplemento do mesmo evangelho, se deve lá eternizar o sacramento, em que estão resumidas todas : *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam delit timentibus se?* (Psal. CX — 4 e 5) Finalmente, o sacramento é o penhor da gloria que o céu nos deu nesta vida : e quando depois do fim do mundo se desempenhar e nos metter de posse da gloria, então se restituirá o mesmo céu, e tornará a receber o seu penhor. Em summa, que assim como a cruz de Christo e o livro dos evangelhos não hão de acabar com o mundo, mas ser eternos, assim e com mais justificada providencia o sacramento em uma hostia consagrada.

(1) Hieron, Epist. ad Auctum.

E para que não pareça que estas tres excepções são totalmente reservadas ao conhecimento divino e secreto, de nenhum modo revelado, ao menos naquella parte da escriptura sagrada, em que as figuras do futuro se pintavam na historia do passado ; lembremo-nos da arca do testamento, na qual conservou Deus tres coisas entre todas as daquelle tempo singulares : a vara de Moysés, as tafoas da lei, e, com maior milagre, a urna do manná, o qual era tão corruptivel, que não durava mais que um dia. E com que mysterio estas tres coisas somente, e todas na arca ? A arca encerrada no santa sanctorum, na qual residia Deus presencialmente sobre azas de cherubins, representava o que Dávid chama céu do céu, que é o empireo : *Cælum cæli Domino* : (Psal. CXIII — 16) e o mysterio mais proprio, e mais proporcionado de toda esta representação, ou não é, ou não parece que pôde ser outro, senão que conservará Deus eternamente no céu, a cruz significada na vara, o evangelho significado na lei, e o santissimo sacramento significado no manná Por isso o mesmo Christo, alludindo á arca do testamento, deu ao mesmo sacramento o nome de testamento, e eterno. *Novi, et æterni testamenti*. Ao mesmo fim podemos dizer, que está preparado no céu aquelle altar, que lá viu S. João : *Vidi subtus altare animas interfectorum propter Verbum Dei*. (Apocal. VI — 9) E que peças, pergunto eu, mais proprias, e mais dignas de ornar um altar, que uma cruz, o santissimo sacramento, e um livro dos evangelhos ?

Provado assim, por um modo com certeza, e por outro com probabilidade, como o corpo de Christo sacramentado logra e logrará para sempre o attributo de eterno ; só resta mostrar como o mesmo corpo, que por amor de nós se sacramentou, communica aos que o commungam a mesma eternidade. Esta é a segunda obrigação, e a mais difficultosa que acompanha todos os nossos assumptos ; mas neste carece de toda a difficultade pela asseveração tão clara e tão expressa com que o mesmo Senhornos certificou desta verdade, dizendo : *Quid manducat hunc panem, vivet in æternum*. (Joan. VI — 59) Mal cuidou Adão, que nunca elle, nem seus filhos, ouvissem tal oraculo, quando viu o caminho da arvore da vida defendido por um cherubim com uma es-

pada de fogo, só para impedir tótalmente, que comendo daquelle fructo, não vivesse eternamente : *Collocavit ante paradisum cherubim, et flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vitæ. Ne forte sumat etiam de ligno vitæ, et vivat in æternum.* (Gen. III — 24 e 22) Perguntam agora os expositores, se está ainda este cherubim guardando o que guardava : e se não está, quando embainhou ou apagou a espada ? Respondem communmente, que a apagaram as aguas, e inundação do diluvio, o qual também dizem, que destruiu e desbaratou o paraíso e suas arvores : mas tudo isto é incerto. Se o diluvio não derrocou nem secou a oliveira, d'onde a pomba trouxe o ramo verde ; porque havia de arrancar ou derribar as arvores do paraíso, e mais a da vida, que Deus quiz guardar ? Se o mesmo diluvio não affogou no mesmo paraíso a Enoch, como havia de tirar da sua estancia no cherubim, que não respira com ar, nem se affoga com agoa ? E se elle, como dizem os mesmos auctores, não só guardava dos homens aquelles fructos, senão também do demonio, para que com elles nos não tentasse ; como se havia de apagar com agoa o fogo da espada, que os mesmos demonios temiam mais que o do inferno ? Digam, pois, os interpretes, ou presumam adivinhar como quizerem, que eu só digo, e com toda a certeza affirmo, que o cherubim deixou a sua estancia, e embainhou ou apagou a sua espada na mesma hora ditosissima em que o saberano Restaurador das ruínas de Adão instituiu o santissimo sacramento ; porque então cessou o fim daquella prohibição, e daquella guarda. A guarda e a prohibição, era para que o homem comendo não vivesse eternamente : *Ne sumat de ligno vitæ, et vivat in æternum.* E como Christo instituindo o sacramento deu faculdade a todos os filhos de Adão, para que comendo vivessem eternamente ; então apagou o cherubim a espada, e deixou a sua estancia, e não só ficou franqueado o caminho da arvore da vida, senão a mesma arvore transplantada por todo o mundo, para que todos os que pelo que comeu o mesmo Adão, ficámos condemnados á morte, não de outro modo, senão também comendo, vivamos eternamente : *Qui manducat hunc panem, vivet in æternam.*

VI.

Muito me dilatei em encher estes primeiros tres vazios da divindade: e porque ainda nos restam quatro, será força, quando fôr possível, reduzi-los a maior bervidade. O quarto, é a immortalidade feita mortal, o quinto, a impassibilidade feita passivel; e de ambos pela mesma razão, e por serem tão connexos, tracta reinos juntamente. Digo, pois, que se na encarnação a immortalidade divina, do modo que podia ser, se fez mortal, e a impassibilidade passivel: o corpo de Christo no sacramento de tal sorte suppriu e encheu estes dois vazios da divindade, que sendo naturalmente corpo mortal, ficou immortal, e sendo naturalmente passivel, ficou impassivel.

Com serem tantas as figuras do santissimo sacramento, que se leem, e o precederam na sagrada escriptura, a primeira que nos propõe a egreja, é o do sacrificio de Isaac: *In figuris præsignatur, cum Isaac immolatur*. Mas se bem se considera a historia tão sabida do mesmo Isaac, parece que se não pôde representar nella o sacramento, porque verdadeiramente não foi sacrificio. Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho Isaac, e quando já a victima estava sobre o altar, a espada desembainhada, e entre o golpe e a garganta do filho só havia dois dedos de distancia, teve Deus mão no braço do pae. Logo, assim o golpe como o sacrificio, tudo ficou no ar. E o mesmo Deus o provou, porque alli e no mesmo instante appareceu atado um cordeiro, no qual Abrahão acabou de executar o golpe, e este foi o que morreu, e foi sacrificado. Pois se o cordeiro foi o morto, e Isaac ficou vivo, como foi Isaac figura do sacrificio de Christo? Por isso mesmo; e com a maior propriedade que se podia imaginar. Christo não foi uma só vez sacrificado, senão duas: uma vez na cruz, outra vez no sacramento; e primeiro no sacramento, e depois na cruz, assim como primeiro foi sacrificado Isaac, e depois o cordeiro. O cordeiro morreu e padeceu, porque foi figura do sacrificio da cruz, no qual o corpo natural de Christo, como mortal e passivel, padeceu e morreu: porém Isaac foi figura: do sacrificio do altar; e por isso, sendo sacrificado, não morren nem

padeceu; porque o corpo de Christo no sacramento está immorttal e impassivel. Excellentemete Ruperto: *Christus immolatur, et tamen impassibilis permanet et vivus, quemadmodum illic Isaac immolatus, et tamen gladio non est attactus*. Se em Isaac se executára o golpe, e morrêra, seria figura do sacrificio da cruz, em que o corpo natural de Christo padeceu e morreu: mas porque posto sobre o altar não padeceu nem morreu, por isso foi figura do sacrificio do altar, em que o mesmo corpo sacramentado se conserva immorttal e impassivel: *Impassibilis permanet et vivus*.

As palavras omnipotentes com que Christo instituiu e obrou um tão milagroso mysterio, foram: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur*: Este é o meu corpo, que por vós será entregue. E porque não disse o Senhor, que por vós será morto ou crucificado, senão entregue? A palavra *tradetur* significa entrega por traição, e tal foi a entrega que fez Judas do mesmo corpo de Christo aos judeus, uma vez em quanto corpo natural, e outra vez em quanto sacramentado. Muitos e graves auctores, entre os quaes é Santo Thomaz, intendem que quando Christo disse a todos os apostolos: *Accipite, et manducate*, Judas tomou nas mãos o pão sacramentado, mas não o comeu. E para que saibamos o que fez delle, accrescenta Theophilato, que o escondeu e levou aos principes dos sacerdotes, quando com elles foi ajustar a venda: *Panem accepit, et non comedit, sed occultavit, ut manifestaret Judæis, quod corpus suum vocaret*. Depois desta primeira traição, e entrega feita por Judas, então executou elle a segunda que foi a da prisão no Horto. O que supposto, pergunto: Porque razão, ou com que mysterio quiz Christo que duas vezes fosse entregue aos judeus seu corpo, uma no estado natural, e outra no de sacramentado? Sem duvida, para que posto de um e de outro modo nas mãos de seus inimigos, até elles, o seu odio, a sua raiva, e as suas mãos, experimentassem o que podiam ou não podiam sobre o corpo do Redemptor, que para o ser, se poz nellas. O corpo natural poderam-no atormentar e matar, e

(1) Ruper. lib. 6 in Genes. cap 32.
TOMO VI.

por isso o crucificaram, e lhe tiraram a vida: o corpo sacramentado também o quizeram crucificar e matar; mas não puderam. Ouvi agora o que por ventura nunca ouvistes. É caso que revelou o mesmo Christo por boca do propheta Jeremias, fallando dos judeus: *Cogitaverunt super me consilia, dicentes: Mittamus lignum in panem ejus, et eradamus eum de terra viventium.* (Jer. XI — 19) O *lignum*, é a cruz; o *panem ejus*, é o pão consagrado: e diz o Senhor, que resolveram em conselho, de pôr o seu pão na cruz, e o crucificar para lhe tirarem a vida. Assim intendem este texto pela figura Hypallage Tertulliano, Lactancio, S. Thomaz, Joachim, Maldonado, e outros. E quando esta execução, por se applicarem os principes dos sacerdotes á do Calvario, se não verificasse na occasião referida por Theophilato; é certo que em outros tempos depois, roubaram e esconderam os judeus como Judas a hostia consagrada, e lhe deram muitas punhaladas: mas com que effeito? Algumas vezes manou della copioso sangue, em prova de que debaixo daquellas especies exteriores se encerra realmente o verdadeiro corpo de Christo: e outras vezes cessou este prodigio, nem viram signal ou effeito algum da sua impiedade sacrilega, para que a cegueira judaica se desenganasse, que se na cruz lhe poderam tirar a vida, porque estava nella mortal e passivel, no sacramento lhe não pôdem fazer damno punhaes, cravos, nem lanças; porque está alli tão immortal e impassivel, como no céu. No céu immortal e impassivel: porque depois de morto se immortalisou pela resurreição; e no sacramento também immortal e impassivel; porque antes da morte se tinha já immortalisado pela consagração. Bem se encheu e suppriu logo nesta immortalidade e impassibilidade do corpo de Christo sacramentado, a immortalidade e impossibilidade divina de que o Verbo na encarnação se tinha exinando.

E que estes dois effeitos de immortal e impassivel nos comuniquem a nós no sacramento; um dos principaes motivos da sua instituição o prova quanto á immortalidade. Assim como Deus feito homem quiz morrer na arvore da cruz para se vingar do demonio, que com outra arvore tinha enganado aos primeiros homens, assim traçou com sua infinita sabedoria e omnipo-

tencia, que nós o comesseimos no sacramento, para continuar e consummar a mesma vingança, fazendo verdadeiros nelle as duas mentiras, com que o mesmo demonio falsamente tinha acreditado a virtude daquella fructa. O que o demonio prometteu a Eva, foi, que se comessem da fructa da arvore vedada, não só não morreriam, mas ficariam como deuses: *Nequaquam morte moriemini, et eritis sicut dii*. (Genes. III — 4 e 5) Ah, sim, demonio, diz Christo, pois isto mesmo que tu mentindo fingiste, farei eu verdadeiro, e inventarei um tal genero de manjar, que comendo-o os homens, não só fiquem endeusados, *sicut dii*, senão também immortaes: *Nequaquam morte moriemini*. Assim o fez a seu tempo o mesmo Senhor, e assim declarou, que este fôra o seu intento, quando tão expressamente disse: *Hic est pascuis de cælo descendens, ut si quis ex ipso manducaverit, non moriatur*. De sorte, que não ha duvida, em que o corpo de Christo commungado em quanto no sacramento está immortal e impassivel, destes dois soberanos attributos nos communica o primeiro, que é a immortalidade.

Sobre o segundo, porém, que é o da impassibilidade, se recorrerinos à experiencia, a mesma experiencia parece que o faz difficiloso. De todas as historias ecclesiasticas consta, que no tempo dos Neros e Dioclecianos, quando os christãos eram tirados dos carcerezes, ou para adorar os idolos, ou para padecer exquisitissimos tormentos; lembrados da sentença de David: *Parasti in conspectu meo mensam adversos eos, qui tribulant me*: (Psal. XXII — 5) primeiro se armavam com o santissimo sacramento. Assim armados entravam em tão perigosas batalhas, assim pelejavam, assim venciam; mas com tão differentes modos de vencer, que a mesma victoria parece que punha em duvida a fortaleza e virtude das armas. Uns martyres caminhavam sobre as espinhas, como sobre flores, outros a cada passo que davam, lhes brotavam dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos eram os espinhos: uns lançados com pedras ao pescoço no mar, respiravam debaixo das ondas, e saiam vivos ás praias; outros morriam afogados: uns vestidos de laminas ardentes, ou mettidos nas fornalhas, não lhes fazia mal o fogo; outros ardiam, e ficavam desfeitos

em cinza ; uns expostos no amphitheatro aos leões e tigres, eram reverenciados das feras, outros despedaçados e comidos da sua voracidade e fereza : uns estendidos nos eculeos, nas catastas, nas grelhas, riam-se dos tyrannos : outros invocavam o nome do Deus por quem padeciam, com o qual na boca exhalavam constantemente a vida. Pois se todos pelejavam armados com o mesmo santissimo sacramento, como a uns communicava o impassivel corpo de Christo a sua impassibilidade, não consentindo que padecessem, e a outros não, deixando-os padecer ?

Respondo, que a uns e a outros fazia o divinissimo sacramento impassiveis ; mas com differente milagre : a uns impassiveis pela impassibilidade ; a outros impassiveis pela paciencia. Oiçamos ao mestre de um dos mesmos tyrannos, e o maior delles, que foi Nero : *Ferte fortiter adversa : hoc est quo Deum anteceditis*, diz Seneca : Padecei forte e constantemente, advertindo, que isto é só aquillo em que podeis exceder ao mesmo Deus. E porque ? *Ille extra patientiam est, vos supra patientiam*. Porque Deus é impassivel por natureza, e vós sel-o-heis superiormente pela paciencia. No que toca ao exceder a Deus, falla Seneca como gentio ; mas na impassibilidade da paciencia oiçamos nós aos santos padres. S. Pedro Veronense poz em questão se ha de chamar impassivel a fortaleza, que padece tão constantemente, como se não padecêra : *Incertum est utrum impassibilis judicetur, cum aliquid passa, quasi nihil passa sit, inveniatur*, Porém S. João Chrysostomo sobre as palavras de S. Paulo : *Omnia suffert*, (1 Cor. XIII — 7) não com duvida, mas como proposição certa e evidente, affirma que o que assim soffre e padece, já tem passado de homem passivel á impassibilidade dos anjos : *Traductus est ad ipsam angelorum impatibilitatem*. Assim que, ou por impassibilidade, fazendo que não padeçam, ou por paciencia tão forte e invencivel como se não padeceram, faz o corpo de Christo sacramentado impassiveis aos que o comem. E já pôde ser em confirmação da primeira, e desta segunda prerogativa, que por isso David disse do mesmo sacramento : *Panem angelorum manducavit homo*. (Psal. LXXVII — 25) Se os anjos não consagram, nem comem, nem podem consagrar, nem comer este divino pão,

como lhes pôde convir o nome de pão de anjos ; senão porque faz immortaes e impassiveis, como anjos aos homens que o comem ?

VII

O sexto e grandissimo vazio da divindade do Verbo na encarnação, é a infinidade com que, sendo por natureza infinito, se fez finito. Mas tambem o corpo de Christo no sacramento, supriu e enche admiravelmente este vazio. Em todas as partes da quantidade da hostia, por minimas e imperceptiveis que sejam, está inteiramente todo o corpo de Christo. Perguntemos agora aos philosophos, quantas são as partes da quantidade ? As duas opiniões mais celebres concordam em que são infinitas ; e só differem em que genero de infinidade ; porque uns defendem que são actualmente infinitas, o qual infinito se chama categorematico, outros só admittem que sejam infinitas potencialmente, o qual infinito se chama syncategorematico. E porque esta segunda opinião é a mais commum, e as partes que admitte neste genero de infinito não podem ser menos infinitas que as do outro, conformando-me com ella, digo assim : *Infinatum est, cujus semper aliquid extra licet accipere*. O infinito, como define Aristoteles, é aquillo cujas partes, por mais e mais que se dividam, sempre restam outras mais em que se possa dividir. Estando pois o corpo de Christo todo em toda a hostia, e todo em qualquer parte della, por minima que seja, e sendo potencialmente na mesma hostia tantas as partes da quantidade, que, por mais que se divida, sempre se pôde dividir mais e mais sem fim, bem se segue, como concluem todos os theologos, que está o corpo de Christo no sacramento, não finita, senão infinitamente.

E posto que esta verdade a não alcancem os sentidos, antes se enganem nella, em um mesmo exemplo fez Christo, que a provasse ô gosto, que a apalpassem as mãos, e que a vissem os olhos. Deu o mesmo Senhor de comer a cinco mil homens (afóra a outra multidão de mulheres e meninos, porque o seguiam as familias inteiras) com cinco pães, sómente, os quaes cresceram de sorte, que depois de satisfeitos todos, recolheram os apóstolos das

sobras doze alcofas. Mas de que modo cresceu tanto este pão, sendo tão pouco? *Fragentis fragmenta succedunt, et fallun' semper per fracta frangentes*. Cresceu tanto aquella quantidade de pão, sendo tão pequena, diz S. Hylario, porque quanto mais e mais se dividia, tanto mais e mais se multiplicava. Tomou Christo o pão em suas sagradas mãos, partiu-o, e quanto maiso partia, tanto mais crescia nas mãos de Christo: deu-o Christo aos apóstolos, e quanto os apóstolos mais o partiam, tanto mais crescia nas mãos dos apóstolos: davam-no os apóstolos aos paes, partiam-no os paes, e tanto mais crescia nas mãos dos homens: davam-no os paes ás mães, partiam-no as mães, e tanto mais crescia nas mãos das mulheres: davam-no as mães aos filhos, partiam-no os filhos, e tanto mais crescia nas mãos dos meninos. Desta maneira partiam todos, e comeram todos: e porque o pão quanto mais e mais se partia, tanto mais e mais se multiplicava, por isso sendo tão pouco, sobejou tanto; e se o numero da gente fosse maior, sobejaria muito mais. Tanto assim, que quando os doze apóstolos repartiram entre si o mundo, se cada um levára consigo a sua alcofa, não seria necessario que os lavradores arassem a terra, nem semeassem, nem segassem, nem recolhessem, porque aquellas mesmas sobras de pão tantas vezes partidas, partindo-se mais e mais, bastariam a sustentar o mundo.

E porque ninguem duvide, que do mais partir nascia o mais crescer, combinemos este milagre com outro semelhante. Em outra occasião, e em outro deserto, deu o mesmo Christo de comer a quatro mil homens com sete pães: e recolbendo-se tambem as sobras, foram as alcofas que se encheram sete. Pouca arithmetica é necessaria para reparar na differença destes numeros em um e outro caso. No primeiro, os que comeram eram mais, e os pães eram menos; porque os que comeram eram cinco mil, e os pães cinco. No segundo, os que comeram eram menos, e os pães eram mais; porque os que comeram eram quatro mil, e os pães sete. Logo por boa conta parece, que mais havia de sobejar neste segundo milagre, que no primeiro. Qual foi pois a razão porque quando os que comeram, eram mais, e os pães menos, sobejou mais; e quando os que comeram, eram menos, e os pães mais,

subejou menos? A razão é manifesta, como eu dizia, porque do mais partir, nascia o mais crescer. No primeiro milagre, como os que comiam eram mais, e os pães menos, foi necessario partir mais, e por isso cresceu o pão mais: no segundo, como os que comiam eram menos, e os pães mais, foi necessario partir menos, e por isso cresceu menos. E que pertendeu Christo Senhor nosso com esta evidencia tão sensível aos olhos, ás mãos, e ao gosto? Egrejiamente S. Paulino? *Populos quinque panibus Christus implevit, esurientes fidem carnaliter satians, spiritaliter irrigans.* O milagre dos cinco pães foi o prologo com que o divino Mestre quiz dispor os animos dos homens para a sê do sacramento de seu corpo, do qual tractou naquella occasião tão largamente, que tudo o que ensina a egreja, e o mesmo evangelho que hoje canta, é uma só parte daquella doutrina. Por isso fez o Senhor, que o pão sendo tão pouco, sensível e palpavelmente crescesse sempre mais e mais entre as mãos dos mesmos que o partiam, para que não duvidassem crêr, que em tão pequena quantidade como a de uma hostia se podia comprehender toda a grandeza sem fim de um infinito, e que não só finita, senão infinitamente estava nella seu corpo. Esta é a infinidade, de que diz S. Thomaz: *Esse Christum in hostia semel in actu, infinities in impotentia* (1): porque estando todo Christo em toda a hostia, e todo em qualquer parte, se estas actualmente se dividirem, estará também actualmente em todas, e sempre mais, e mais sem fim, porque o não tem.

Sendo pois esta manifesta infinidade, a com que o corpo de Christo no sacramento suppriu a infinidade do Verbo escondida na encarnação; só resta saber (o que não pareça facil) como nos communica também a nós a mesma infinidade? Digo que nos communica Christo no sacramento a infinidade de seu corpo, fazendo que assim como é infinito o manjar que nos dá a comer, seja também infinita a fome, ou nós infinitos na fome com que o comeremos. O manjar syncategorematicè infinito, e a fome também infinita syncategorematicè. Texto expresso do Espirito

(1) D. Th. 4 Dist. 11 q. 1. A. t. 3. explicatus á Suario in 3. p. Dist. 48. Sec. 1.

Santo no capitulo vinte e quatro do Ecclesiastico : *Qui edum me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient.* (Eccl. XXIV — 29) Christo na hostia dá a comer seu corpo, e no calix dá a beber seu sangue : mas o mesmo corpo causa tal fome aos que o comem, e o mesmo sangue tal sede aos que o bebem, ambas syncategoremotice infinitas, que os que o comem, quanto mais e mais comem, tanto mais e mais desejam comer : *Qui edunt me, adhuc esurient* : e os que o bebem, quanto mais e mais bebem, tanto mais e mais desejam beber : *Et qui bibunt me, adhuc sitient.*

Não seria o divino sacramento manjar do ceu, senão causara estes efeitos tão contrarios aos da terra. Nos manjares da terra, (diz S. Gregorio) á fome succede o comer, ao comer a fartura, e á fartura o fastio : *In illis appetitus saturitatem, saturitas fastidium generat* (1) : porém, nos do céu, posto que também á fome succede o comer, e ao comer a fartura, á fartura não succede o fastio, senão outra vez a fome : *In istis autem appetitus saturitatem, saturitas appetitum parit* : d'onde se segue (conclue o santo) que aquelle que mais e quanto mais come, este mais e tanto mais fica faminto : *Tantoque amplius a comedente esuriuntur, quanto amplius ab esuriente comeduntur.* Notae a repetição e convexão de um e outro *amplius* : *amplius ab esuriente, amplius a comedente* : mais o que come, e mais o que tem fome, porque a comida e a fome successiva e reciprocamente se causam uma a outra. E deste *mais e mais* que crescendo sempre não póde ter fim, se fórma o infinito dos que assim comem ; porque como ao mais e mais da fome, se segue o mais e mais da fartura, e ao mais e mais da fartura, o mais e mais da fome ; ou estes fartos e famintos hão de deixar de comer, ou, se comem, hão de continuar mais e mais infinitamente. O milagre do deserto teve fim, porque sobejou o pão, e faltou a fome : sobejou o pão : *Superaverunt fragmenta* : (Joan. VI — 12) faltou a fome : *Saturati sunt.* (Marc. VIII — 8) Mas no milagre do sacramento, nem o pão póde sobejar, nem a fome faltar. A fome não póde faltar ;

(1) Gregor. Homil. 36 in Evang.

porque nasce do pão; e o pão não pôde sobejar, porque a mesma fome que delle nasce, o come. E por isso nem o milagre, nem a fome, nem o pão, nem os que o comem, podem chegar jámais a ter fim, nem a deixar de participar por este modo o modo de infinidade, que o corpo de Christo tem no sacramento. No seu altar mandava Deus que sempre ardesse fogo: *Ignis in altari semper ardebit*. (Levit. VI — 12) E porque? Porque o fogo nunca diz, basta: *Ignis nunquam dicit, sufficit*: (Prov. XXX — 16) e como a materia do altar era inconsumptivel, e o fogo que della se sustentava insaciavel; nem o insaciavel do que comia, nem o inconsumptivel do que se dava a comer, podiam deixar de ser perpetuos: *In altari semper ardebit*. Finalmente, este era o mysterio que depois se verificou no sacramento do altar, assim quanto ao corpo, como ao sangue de Christo; porque sendo os que o comem insaturavelmente famintos, e os que o bebem, insaciavelmente sequiosos; nem aos que comem pode faltar jámais a fome, nem aos que bebem a sede: *Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient*.

VIII

Finalmente, o ultimo attributo de que o Verbo se despiu, vestindo-se de nossa carne, foi a invisibilidade divina, fazendo-se de invisivel visivel. É o que disse o propheta Baruch: *Post hæc in terris visus est, et cum hominibus, conversatus est*: (Baruch. III — 38) e por isso o mesmo evangelista S. João tanto que disse: *Verbum caro factum est*; ajuntou logo; *et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti a Patre*. (Joan. I — 14) Mas se o Verbo vestindo-se de corpo humano, e manifestando-se a nossos olhos, de invisivel se fez visivel; o mesmo corpo, para recuperar a invisibilidade perdida na encarnação, depois de visivel e visto, encobrendo-se outra vez aos nossos olhos, se tornou a fazer invisivel no sacramento. Esta primeira parte do nosso assumpto não ha mister prova; porque a invisibilidade só se pôde vêr, não vendo, como nós não vemos ao mesmo Christo, que crêmos e adoramos

presente, mais firmemente que se o viramos. Mas a segunda parte do mesmo assumpto, em que atégora mostrámos que as mesmas propriedades da divindade exinanida, não só as recupera em si Christo sacramentado, mas também nol-as communica a nós, como se pôde verificar, ou provar no attributo da invisibilidad.:? Se fôra n'outro logar, seria difficultoso, neste em que estamos, é evidente.

Fallando a Esposa santa de Christo sacramentado, diz que está encuberto e invisível detraz daquella parede dos accidentes: *En ipse stat post parietem nostrum*. (Cant. II — 9) Assim intendem este logar communmente os interpretes. Olhae agora para aquella parede e para estas paredes. Detraz daquella parede está o Esposo: dentro destas paredes estão as Esposas: alli o Esposo invisível, aqui as Esposas também invisíveis. Que maior e mais estreita invisibilidade, que aquella que não por um dia, nem por muito, senão para sempre se negou e se escondeu aos olhos do mundo? Tal é a invisibilidade de Christo no sacramento, e tal a das Esposas do mesmo Christo. Essa é a grande energia com que a Esposa chamou parede áquelles accidentes: *Post parietem nostrum*. Podera-lhe chamar véu, podera-lhe chamar nuvem. No templo de Jerusalem o que fazia invisível o propiciatorio em que estava figurado Christo, era o véu que cobria o sancta sanctorum: *Sanctuarium quod est intra velum*: (Levit. XVI — 2) no monte Olivete a que também tirou dos olhos dos discipulos ao mesmo Christo subindo ao céu, foi uma nuvem: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum*. (Act. I — 9) Pois se os accidentes daquella hostia são os que nos tiram dos olhos e nos fazem invisível o Esposo sacramentado, porque lhe não chama a Esposa véu ou nuvem, senão parede, *post parietem*? Porque o véu pode-se correr, e a nuvem pôde-se mudar, porém a parede é impedimento firme, immovel e immudavel. E este é o modo e encerramento perpetuo com que naquella parede e nestas paredes o Esposo e as Esposas estão para sempre escondidas aos olhos humanos.

O propheta Isaias fallando com Christo no sacramento, diz: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*: (Isai. XLV — 15) Verdadeiramente, Senhor, vós sois Deus escondido, Deus,

escondido e Salvador. E follando do mysterio da encarnação, diz que a escondida conceberá : *Ecce abscondita concipiet*. (Ibid. VII — 15 text. heb.) Assim se lê no original hebreu, em cuja lingua escondida e virgem, tem o mesmo significado. Christo Deus escondido no sacramento, e as virgens consagradas a Christo, escondidas na encarnação. Nem é maravilha que debaixo deste sagrado nome já então fosse exemplar a Virgem das virgens ás que depois o haviam de seguir : *Adducentur regi virgines post eam*. (Psal. XLIV — 15) E pois estamos no ultimo attributo da divindade recuperado por Christo no sacramento, e communicado a estes generosos espiritos, que por seu amor em corpo se fizeram invisiveis, que lhe posso eu dizer por fim, senão o que lhe diz S. Paulo : *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo, in Deo* : (Col. III — 3) Estaes mortos, diz o apostolo, *Mortui estis*, e não diz demasiado, porque uma vida encerrada entre quatro paredes, nem vista, nem visivel, que outro nome lhe vem mais proprio, que o de morta e sepultada ? Assim encareceu Job o estado da sua sepultura, não tanto pelo enterrado, quanto pelo invisivel : *Nec aspiciet me visus hominis* : (Job. VII — 8) nem me verão jámais os olhos dos homens. Mas posto que esta vossa vida por escondida e invisivel pareça aos outros morta e sepultada, considereae-vos para vossa consolação, onde está escondida e com quem ; escondida com Christo e escondida em Deus : *Et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. Está escondida com Christo, porque tambem Christo está escondido no sacramento ; e está escondida em Deus, porque quanto mais retirada dos olhos humanos, tanto mais se não tiram nunca della os olhos divinos. E sendo esta tão grande consolação, ainda é maior a com que conclue S. Paulo : *Cum Christus apparuerit vita vestra, tunc et vos apparebitis cum ipso in gloria* : (Col. III — 4) Christo que agora é a vossa vida, e alli está como vós invisivel e escondido, virá aquelle dia ultimo, em que ha de apparecer e ser visto de todo o mundo ; e então tambem vós haveis de apparecer, e verão os olhos, a que agora vos negaes, quão precioso é, e quão agradavel aos divinos, que só vos vê, o invisivel desta vossa clausura ; porque assim como agora imitastes a Christo na sua invisibilidade, assim elle

visivelmente nos olhos de todo o mundo vos ha de coroar com a sua mesma gloria: *Et vos apparebitis cum ipso in gloria.*

IX

Bem acabava aqui o sermão; mas em dia e solemnidade tão universal, obrigação é precisa, que digamos uma palavra para todos. Se o corpo de Christo no sacramento enche os vasillos da divindade, quanto mais facilmente encherá os da nossa necessidade? Tudo Deus creou vazio, mas logo encheu tudo. Vazia creou a terra: *Terra autem erat inanis, et vacua*: (Genes. I — 2) mas logo a encheu por dentro de thesouros, e por fóra de plantas e animaes: vazio creou o céu, mas logo o encheu por dentro de jerarchias, e por fóra de sol, lua e estrellas; vazio creou o mare o ar, mas logo encheu o ar de tanta variedade de aves, e o mar de tão infinita multidão de peixes: vazios creou aos primeiros homens como vasos de barro; mas logo os encheu de justiça original e de tantos outros dotes e graças. Tão natural é a divina bondade, que foi, é, e será sempre a mesma, encher os vazios de suas creaturas: e assim encherá os da nossa necessidade e pobreza, muito melhor que o oleo de Eliseu, por muito que sejam, *vasa vacua non pauca*. (4. Reg. IV—3) Antigamente na lei, que era de rigor, mandava Deus que ninguém apparecesse em sua presença com as mãos vazias: *Non apparebis in conspectu meo vacuus*: (Exod. XXIII — 15) porém hoje que estamos na lei da graça, a todos nos exhorta o mesmo Senhor, que não só lhe presentemos vazias as mãos, senão também, e muito mais, os corações e os desejos, para nol-os encher abundantissimamente do que elle melhor sabe dar, que nós pedir. Quando os irmãos de José foram buscar pão ao Egypto, todos levavam os saccos vazios, e todos os trouxeram cheios, e nelles juntamente o preço, porque este divino pão, que naquelle se representava, era pão de graça. E depois que Deus pelo beneficio da encarnação se fez irmão nosso, não seria tão bom irmão como José, se recorrendo aos celleiros de sua liberdade, que no mesmo pão estão encerrados, nos não despachasse cheios e ricos de tudo o que a nossa necessidade lhe

presentasse vazio. Chegae, chegae (diz S. Thomaz arcebispo de Valença) chegae, não a esta fonte, senão a este oceano immenso de graças, que a todos está exposto, a todos deseja, a todos chama, a todos espera, e por maiores, e de maior fundo que sejam os vazios de vossa necessidade, cada um encherá os seus até não poder levar mais : *Oceanus est gratiarum immensus, vas suum quisque ad summum replet.*

Mas é tanta (de quem me queixarei?) é tanta a fraqueza da nossa fé, é tão pouca a estimação que fazemos dos bens do céu, que nem de graça os queremos. Ouvi o que diz a semelhantes almas até um poeta gentio : *O curvas animas hominum, et cœlestium inanes!* Oh almas dos homens, tão brutas e irracionaes como as dos mesmos brutos : *curvas*, porque sempre andaes encurvadas e inclinadas para a terra, e por isso vazias dos bens do céu, *et cœlestium inanes!* Por mais que uma alma fosse senhora de toda a terra, e desde a terra ao céu senhora de todo o mundo, sempre ficaria vazia, porque só Deus a pôde encher. E tendo nós a Deus tão perto, quantas almas ha indignas deste nome, que se não chegam a elle, senão por força e a mais não poder de anno em anno? Elle chamou-se pão de cada dia, para que todos os dias o comessemos, como faziam os primeiros christãos : e somos chegados a tempo em que se tem por grande christandade e devoção commungar todos os mezes. Que bem compete aos que nem isto fazem, as palavras de Job ! *Sic et ego habui menses vacuos.* (Job. VII — 3) Devendo ser os dias cheios, até os mezes são vazios. Passa-se um mez e outro mez, passa-se um jubileu e outro jubileu, e nem a importancia da graça, nem a conveniencia das graças (como se não houvera fé, nem outra vida ; como se não houvera inferno nem purgatorio) nos permittem os vicios, de que estão cheias as nossas almas, que por meio da contricção e confissão as presentemos áquella sagrada meza vazias.

Vazias assim dos peccados as nossas almas, (se somos christãos ou d'aqui por diante o queremos ser) o que deve procurar cada um de nós com verdadeira resolução, são duas coisas : a primeira, encher a alma com a graça, para que não esteja vazia : a segunda, encher a graça com obras christãs, para que persevere-

mos na mesma graça. Qual é a razão ou defeito, porque os que se confessam e commungam e se poem em graça de Deus, não perseveram na graça muitos dias, e talvez no mesmo dia a perdem? A razão e o defeito é, porque ainda que enchemos a alma com a graça, não enchemos a graça com as obras, sem as quaes elle não póde permenecer. Consideremos, e pesemos bem o que diz S. Paulo de si, e o que nos aconselha a nós. O que nos aconselha o apostolo, que foi ao céu e tornou, é, que não tenhamos a graça vazia: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis*: (2. Cor. VI — 1) e o que nos diz de si, é, que a graça que recebeu de Deus, nunca a teve vazia, e por isso permaneceu sempre nella: *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed gratia ejus semper in me manet*. (1) Sendo a graça tão contraria á natureza, só nisto se parece a natureza com a graça, ou a graça com a natureza. A natureza de nenhum modo admite, nem permite vacuo, d'onde nasceu o proloquio, *Non datur vacuum in rerum natura*. Essa é a philosophia, porque nos elementos e mixtos, ou espontaneamente e por si mesmas, ou obrigadas da arte, vêmos tantos effeitos, que parecem milagrosos, e verdadeiramente são naturaes. Vêmos subir a agua e a terra, vêmos descer o ar e o fogo, vêmos romperem-se os marmores e estalar os bronzes, tudo por acudirem a impedir o vacuo ou vazio, o qual se houvesse na natureza, pereceria o mundo. O mesmo aconteceria (e acontece) á graça, se nella houvesse vacuo: e por isso o devemos resistir com todas as forças: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis*. Se a graça em nós nunca estiver vazia, como em S. Paulo: *Gratia ejus in me vacua non fuit*: tambem será em nós como nelle sempre permanente: *Et gratia ejus semper in me manet*.

E se me perguntaes co. 1.º estará a graça sempre cheia e nunca via? Respondo, que enchendo os vazios que na alma occupavam os vicios, primeiro com os actos, e depois com os habitos das virtudes contrarias. Em logar da soberba entre em nossas almas a humildade, em logar da intemperança entre a pureza, em logar da inveja a caridade, em logar da ira a mansidão; em logar

(1) Cor. XV — 10. Ex adit Eccles.

da gula a sobriedade, em lugar da ambição o desprezo do mundo em lugar da vingança o perdão das injurias, em lugar do odio o amor do proximo, ainda que seja o maior inimigo: finalmente, em uma palavra, por mais que a natureza corrupta e mal habituada repugne, que o alto e leve desça, e o baixo e pesado suba: porque desta maneira nos conformaremos com todo o exemplar do nosso assumpto, imitando a Deus na encarnação, que desceu a tomar condições de corpo, e a Christo no sacramento, cujo corpo subiu a participar os attributos de Deus, os quaes nós tambem gosaremos eternamente na meza da gloria por graça do mesmo pão, que para nós subirmos desceu do céu: *Hic est panis, qui de cælo descendit.*

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA DO ADVENTO

*Factum est verbum Domini super Joannem,
et venit in omnem regionem Jordanis, prædi-
cans baptismum penitentia in remissionem pec-
catorum. — Luc. III.*

I

Sem que eu o diga, está dito por si mesmo, que havemos de ter hoje o quarto juiso. No primeiro sermão vimos o juiso de Deus para com os homens: no segundo vimos o juiso dos homens uns para com os outros: no terceiro vimos o juiso de cada um para comsigo mesmo. Mas qual será o quarto e ultimo juiso que nos resta hoje para vêr? Nem é juiso de si mesmo, nem é juiso dos homens, nem é juiso de Deus: é o juiso destes tres juisos. Todos os tres juisos que vimos, vem hoje chamados a juiso. Levanta neste evangelho o Baptista o tribunal supremo da penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum*; e assenta-o com grande propriedade e mysterio nas ribeiras do Jordão: *In omnem regionem Jordanis*; porque Jordão

quer dizer : *Fluvius judicii* : o rio do juizo. A vêr-se nas agoas deste rio, a apresentar-se diante deste tribunal, veem hoje os tres juisos, cada um por suas causas. O juizo de si mesmo, vem por suspeições, porque o damos por suspeito : o juizo dos homens, vem por aggravado, porque aggravamos delle : o juizo de Deus, vem por appellação, porque appellamos de Deus para a nossa penitencia. Todos estes juisos hão de ser julgados hoje, e espero que hão de sair bem julgados, porque debaixo do juizo da penitencia, o juizo de si mesmo emenda-se : o juizo dos homens despresase-se ; o juizo de Deus revoga-se. Assim que o juizo de si mesmo emendado ; o juizo dos homens despresado ; o juizo de Deus revogado ; é o que havemos de vêr hoje.

Tenho proposto (catholico e nobilissimo auditorio) a^a materia deste ultimo sermão. E se nos passados mereci alguma coisa a vossos intendimentos (*quod sentio quam sit exiguum*) quizera que m'o pagassem hoje vossos corações. Aos corações determino pregar hoje, e não aos intendimentos. Christo, soberano exemplar dos que pregam sua palavra, comparou os prégadores aos que lavram e semêam : *Exiit qui seminat seminare : semen est verbum Dei*, (Luc. VIII — 5 e 11) O ultimo sermão é o agosto dos prégadores : se se colhe algum fructo, neste sermão se colhe. Mas quando vejo que hoje nos torna a repetir o Baptista, que clamava em deserto : *Vox clamantis in deserto* ; (Luc. III — 4) que confiança pôde ficar a qualquer outro prégador, que não desmaie : que palavras podem ser tão fortes e efficazes ás suas, que antes de as pronunciar a voz, não emmudeçam ? Lembra-me, porém, que para Christo converter um homem que o tinha negado tres vezes, porque se dignou de lhe pôr os olhos, bastou a voz irracional e nocturna de uma ave, cujas azas apenas a levantam da terra, para o restituir outra vez ao caminho do céu. Tanto pôde um *respectu* dos olhos divinos. Assim é, Senhor, assim é, E posto que este indigno ministro de vossa palavra seja tão desproporcionado instrumento para obra tão grande ; se os olhos de vossa piedade e clemencia se puzerem nos que me ouvem, e um raio de vossa vista lhes scrir as almas : não desespero, antes confio de vossa graça, que as soberanas influencias de sua luz farão o que

podem, e o que costumam : *Qui respicit terram, et facit eam tremere* : (Psal. CIII — 32) olhae vós, Senhor, que ainda que sejamos de terra insensível e dura, nós termeremos de vos offender : *Aspexit, et dissolvit gentes* : (Hab. III — 6) olhae vós, Senhor, que ainda que fossemos gentios sem fé, e não christãos, os nossos corações se farão de cêra, e se derreterão. Neste dia, pois, em que nos não resta outro, accendei a frieza de minhas palavras, e allumiae as trevas de nossos entendimentos, de sorte, que, resolutamente desenganados, façamos hoje um inteiro e perfeito juiso de vós, de nós, e do mundo : de vós, para que vos conheçamos e vos amemos ; de nós, para que nos conheçamos e nos humilhemos ; do mundo, para que o conheçamos e o desprezemos.

II.

Ora venham entrando os tres juisos, para serem examinados e julgados no tribunal da penitencia : o juiso de si mesmo, para que se emende ; o juiso dos homens, para que se despreze ; o juiso de Deus, para que se revogue : e comecemos pelo que nos fica mais perto.

No tribunal dos areopagitas em Athenas, costumavam entrar os réos com os rostos cobertos. Assim entra e se presenta no tribunal da penitencia, o juiso de si mesmo. Entre com os olhos tapados, porque não ha juiso mais cego. A cegueira do juiso e amor proprio, é muito maior que a cegueira dos olhos ; a cegueira dos olhos, faz que não vejamos as coisas ; a cegueira do amor proprio, faz que as vejamos differentes do que são que é muito maior cegueira. Trouxeram um cego a Christo, para que o curasse ; poz lhe o Senhor as mãos nos olhos, e perguntou-lhe se via ? Respondeu : *Video homines velut arbores ambulantes* : (Marc. VIII — 24) que via andar os homens como arvores. Pergunto : e quando estava este homem mais cego, agora, ou antes ? Agora, não ha duvida, que tinha alguma vista, mas esta vista era maior cegueira, que a que d'antes tinha ; porque d'antes não via nada, agora via uma coisa por outra, homens por arvores ; e maior cegueira é vêr uma coisa por outra, que não vêr nada. Não vêr

nada, é privação; ver uma coisa por outra, é erro. Eis aqui porque sempre erra o juízo próprio: eis aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os olhos de um mais cego que os cegos, com uns olhos que sempre veem uma coisa por outra, e as pequenas lhes parecem grandes. Somos pouco maiores que as ervas, e fingimo-nos tão grandes como as arvores: somos a coisa mais inconstante do mundo, e cuidamos que temos raízes: se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nol-as ha de tornar a dar o verão; que sempre havemos de florescer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos.

E que faz a penitencia para emendar este juízo tão sem juízo? Que faz a penitencia para allumiar este cego tão cego? Duas coisas. Tira-lhe o véo dos olhos, e mette-lhe um espelho na mão. Tira-lhe o véo dos olhos, como pedia o peccador a Deus: *Revela oculos meus*: (Psal. CXVIII — 18) mette-lhe um espelho na mão, como dizia Deus ao peccador: *Statuam te contra faciem tuam*: (Ibid. XLIX — 21) Por-vos-hei a vós diante de vós. Nenhuma coisa trazemos os homens mais esquecida e desconhecida, nenhuma trazemos mais detraz de nós, que a nós mesmos. E que faz o juízo da penitencia? Põe-nos a nós diante de nós: *Statuam te contra faciem tuam*. Põe-nos a nós diante de nós, como a réos diante do tribunal, para que nos julgemos; põe-nos a nós diante de nós, como objecto diante do espelho, para que nos vejamos. Coisa difficultosa é, que homens tão derramados nas coisas exteriores, cheguem a se ver interiormente, como convém. Mas isso faz a penitencia por um de dois modos, ambos maravilhosos: ou voltando-nos os olhos de fóra para dentro, para que nos vejamos; ou virando-nos a nós mesmos de dentro para fóra, para que nos vejamos.

Quando Deus quiz converter aquelle tão desvanecido rei Nabucodonosor, para que se descesse de seus soberbissimos pensamentos, e conhecesse o que era; o primeiro passo por onde o encaminhou á penitencia, foi transformal-o em bruto. Sobre o modo desta transformação, ha variedade de pareceres entre os doutores: uns dizem que foi imaginaria, outros que foi verdadeira; e posto que este segundo modo é mais conforme ao texto; de am-

bo podia ser. Se foi transformação imaginaria, voltou Nabucodonosor os olhos para dentro de si mesmo, e viu tão vivamente o que era, que desde aquelle ponto se não teve mais por homem, senão por bruto, e como tal se tractava. Se foi transformação verdadeira, converter Deus em bruto a Nabucodonosor, não foi outra coisa que viral-o de dentro para fóra, para que mostrasse por fóra na figura, o que era por dentro na vida. Oh quão outro se imaginava este grande rei antes do que agora se via ! D'antes não se contentava com ser homem, e imaginava-se Deus : agora conhecia que era muito menos que homem, porque se via bruto entre os brutos. Se voltarmos os olhos para dentro de nós, ou se Deus nos virára a nós mesmos de dentro para fóra, que differente conceito havia de fazer cada um de si, do que agora fazemos ! Mas sigamos os passos deste novo monstro, e vel-o-hemos, e ver-nos-hemos. Andou pascendo aquelle bruto racional o primeiro dia de sua transformação entre os animaes : lá pela tarde teve sede : foi-se chegando sobre quatro pés á margem de um rio, e quando reconheceu no espelho das aguas a deformidade horrenda de sua figura, valha me Deus, que assombrado ficaria de si mesmo ! Provavia primeiro a fugir de si ; mas como se visse atado tão fortemente áquelle tronco bruto, remetteria a precipitar-se na corrente ; e se Deus o não tivesse mão, que o queria trazer por aquelles campos de Babilonia para exemplo eterno de soberbos, allí ficaria sepultado, primeiro em sua confusão, e depois na profundidade do rio. Que rio é este, senão o rio Jordão : *Fluvius judicii* : rio do juizo ? E quem é este Nabucodonosor assim transformado, senão o peccador, bruto com razão, e sem uso della, que anda pascendo nos campos deste mundo entre os outros animaes, mais animaes que elles ? Só uma differença ha entre nós e Nabucodonosor, que elle quiz fugir de si, e não pôde, nós ainda podemos, se quizermos. Chega em fim o peccador a ver-se nas aguas deste rio, espelhos naturaes, e sem adulação : vê de repente o que nunca tinha visto : ve-se a si mesmo. Oh que assombro ! E' possível que este sou eu ? Tal sealdade, tal horror, tal bruteza, taes deformidades ha em mim ? Sim ; e muito maiores. Esse sois, e não o que vós cuidaveis. Vede se diz esse retrato com o que vós

tinheis formado de vós mesmo no vosso pensamento ; vêde bem, e considerae muito devagar nesse espelho, o rosto e as feições interiores da vossa alma ; vêde bem esses olhos, que são as vossas intenções ; esses cabellos, que são vossos pensamentos ; essa boca, que são as vossas palavras ; essas mãos, que são as vossas acções e as vossas obras ; vêde bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idéa ; vêde se se parece o que vêdes com o que imaginaveis ; vêde se vos conheceis ; vêde se sois esse, ou outro : *Tu quis es ?*

III

Sabeis porque andamos tão vangloriosos, e tão desvanecidos de nós mesmos ? Porque trazemos os olhos por fóra, e a nós por dentro ; porque não nos vemos. Se nos viramos interiormente como somos, se considerarmos bem a deformidade de nossos peccados ; oh que differente conceito havíamos de formar de nós ! Tão desvanecidos de illustres, tão desvanecidos de senhores, tão desvanecidos de poderosos, tão desvanecidos de discretos, tão desvanecidos de gentis homens, tão desvanecidos de sábios, tão desvanecidos de valentes, tão desvanecidos de tudo ; porque ? Porque vos não vêdes por dentro. Dizei-me vós, que uma vez porzeissem bem os olhos em vossos peccados ; oh como haviéis de emendar todos estes epithetos ! Nenhum homem houve no mundo que mais se podesse prezar de si, que David ; porque nelle ajuntou a natureza a fortuna e a graça, tu-lo o que repartiu pelos grandes homens ; e comtudo, nenhum homem achareis mais humilde, nem menos presado de si mesmo, antes mais despresador de si, que David. E d'onde cuidaes que lhe vinha isto ? *Peccatum meum contra me est semper* : (Ibid. L — 5) estava David sempre olhando para seus peccados, e vendo-os, e vendo-se nelles : *Quasi peccatorum imagines contemplando*, commenta S. João Chrysostomo. Estava David contemplando os seus peccados, como se estivesse vendo e considerando as imagens e retratos de suas acções. Não ha duvida que muitas peças do palacio de David pelo verão nas pinturas, pelo inverno nos tapizes estariam ornadas com as famosas historias de suas façanhas. Não deu tanta materia ás artes

Hercules em seus trabalhos, como David em suas victorias. Mas não eram estas as vistas em que se entretinha aquelle grande rei, nem estas as galerias em que ia passear. Em contraposição daquellas pinturas (sigamos assim a consideração de Chrysostomo) mandou fabricar David outra galeria, chamada de suas fraquezas, e nella pintar em diversos quadros, não as famosas, mas as lastimosas historias de seus peccados. Aqui vinha passear David; aqui tinha o bom rei as suas meditações; e aqui alcançava a maior de todas suas victorias, que foi o conhecimento de si mesmo.

Quasi peccatorum imagines contemplando. Vamos com David considerando peccados, e mudando epithetos. Punha os olhos David em um quadro, via a historia de Bersabé, e dizia consigo: E' possivel que me tenha o mundo por propheta, e que não antevisse eu, que de uma vista se havia de seguir um pensamento, de um pensamento um desejo, e de um desejo uma execução tão indigna de minha pessoa, e de meu estado! Não me chamem mais propheta, chamem-me cego. E' possivel que sou eu tido no mundo pelo valente da fuma, e que bastou uma mulher para me vencer, e para que eu deixasse a guerra, e não saísse á campanha naquelle tempo em que costumavam andar os reis armados diante de seus exercitos: *Eo tempore, quo solent reges ad bella procedere!* (1. Paral. XX—1) Não me chame ninguém valente, chamem-me fraco. Dava dois passos adiante David, punha os olhos n'outro quadro; via a historia de Urias, como dava a carta a Joab, e como apparecia logo morto nos primeiros esquadrões, e victoriosos os inimigos. E' possivel que me prézo eu de principe verdadeiro, e que mandei commetter uma alevisia tão grande debaixo de minha firma; e que a um vassallo tão fiel, depois de lhe tirar a honra, lhe tirci tambem a vida enganosamente! Não me terei mais por verdadeiro, senão por fementido. E' possivel que me scz Deus rei do seu povo, para lh'o conservar e defender, e que consolo eu a nova da rota do meu exercito, com a nova de morte de Urias; e que pesa mais na minha estimação a liberdade de um appetite, que a perda de tão fieis e valorosos soldados! Não me chamem rei, chamem-me tyranno. Ia por diante

David ; contemplava outro quadro, via o caso de Nabal Carmello : como mandára tirar a vida a tudo o que em sua casa a tivesse, e como depois lhe concedia perdão pelos rogos de sua mulher Abigail. E' possível que eu sou o celebrado de benigno e piedoso, e mandò tirar a vida a um homem, porque não quiz dar sua fazenda aos fugitivos que me seguem ! Eu sou o que domei os leões e os ursos no deserto, e não pude domar um impeto de ira dentro em mim mesmo ! Não me chamarei mais humano, chamar-me-hei fero. E' possível que me preze eu de inteiro, e que sendo tão justificada a causa de Nabal, ao menos não digna de castigo, não bastasse para me applanar a sua justiça, patrocinada só de si mesma ; e que depois representada por Abigail, pudesse mais um memorial acompanhado do seu rosto, que da sua razão ! Não me chamarei inteiro, chamar-me-hei respectivo. Dava mais passos adiante David, via n'outro quadro a historia de Siba : como accusava a Misiboset seu senhor, como tomava posse da fazenda, e como depois de provada a calumnia, lhe mandára restituir só ametade. E' possível que me préso eu de considerado, e que pelo dito de um criado, sem mais informação nem figura de juiso, declare Misiboset filho do rei meu antecessor, por réo de lesa magestade, e lhe confisco a fazenda, e a dou ao mesmo accusador ! Não me terei mais por prudente, senão por temerario. E' possível que tenho eu opinião de recto, e que depois de averiguada a calumnia, e provada a innocencia, deixo ao traidor com ametade dos bens, e não mando que se restituam todos ao innocente ! Não me terei mais por recto, senão por injusto. Eis aqui como David pelos retratos de seus peccados ia mudando os seus epithetos, e emendando o juiso de si mesmo ; e tendo em si tanta materia para a vaidade, achava tanta para os desenganos.

Christãos (e não digo senhores, porque quizera que vos prezaes mais de christãos) ponha-se cada um diante das imagens de seus peccados : *Peccatorum imagines contemplando* : cuide e considere nellas um pouco, e verá como as idéas antigas que tinha na phantasia, se lhe vão despintando, e como muda e emenda o juiso errado que de si mesmo fazia. Todos vos prezaes de honrados, todos vos prezaes de valorosos, todos vos prezaes de inten-

didos, todos vos prezaes de sisudos : quereis emendar esses epithetos ? Virar os olhos para dentro aos peccados. Eu sou o que me tenho por honrado ; e commetti tantas vezes uma vileza tão grande, como ser ingrato e infiel a meu Senhor, e a meu Deus, que me creou, e me remiu com seu sangue ! Não sou honrado, sou vil. Eu sou o que me tenho por valoroso ; e commetti tantas vezes uma fraqueza tão baixa, como deixar-me vencer de qualquer tentação, e virar as costas a Christo, sem resistir por seu amor, nem a um pensamento ! Não sou valoroso, sou covarde. Eu sou o que me présó de intendido ; e commetti tantas vezes uma ignorancia tão feia, como antepôr a creatura ao Creador, a summa miseria, ao summo e infinito bem ! Não sou intendido, sou nescio. Eu sou o que me présó sisudo ; e commetti tantas vezes uma loucura tão rematada, como arriscar por um appetite leve, por um instante de gosto, uma eternidade de gloria, ou de inferno ! Não sou sisudo, sou louco. Desta maneira emenda o juiso da penitencia os erros e as cegueiras do nosso. Em lugar de sisudo, põe louco ; em lugar de discreto, nesciô ; em lugar de valoroso, covarde ; em lugar de honrado, vil : e aquillo era o que cuidavamos, isto o que somos. Ninguém nos diz melhor o que somos, que os nossos peccados.

IV

Ainda os nossos peccados postos diante dos olhos teem outro modo de convencer e emendar, mais apertado, e mais forçoso : que é convencer-nos a nós comnosco, e emendar o nosso juiso com o nosso proprio juiso. Cada um em seu juiso não se deve estimar mais que aquillo em que elle mesmo se avalia. E como se avalia cada um de nós ? Isto não se vê nos nossos pensamentos, vê-se nos nossos peccados. Todas as vezes que um homem pecca, vendo-se pelo seu peccado : *Vemundatus est, ut faceret malum*, diz a escriptura sagrada. (3 Reg. XXI — 25) Ora veja cada um de nós o preço porque se vende, e d'ahi julgará o que é. Prezaes-vos muito, e estimaes-vos muito, desvaneceis-vos muito : quereis saber o que sois por vossa mesma avaliação ? Vêde o preço

porque vos daes, vêde os vossos peccados. Daes-vos por um respeito, daes-vos por um interesse, daes-vos por um appetite, por um pensamento, por um aceno : muito pouco é o que por tão pouco se dá. Se nos vendemos por tão pouco, como nos prezamos tanto? Filhos de Adão em fim. Quem visse a Adão no paraíso com tantas presumpções de divino, mal cuidaria que em todo o mundo podesse haver preço porque se houvesse de dar. E que succedeu? Deu-se elle, e deu a todos seus filhos por uma maçã. Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? Já que vos estimaes tanto, não vos deis por tão pouco; e pois vos daes por tão pouco, não vos tenhaes por mais. Não é razão que se avalie tão alto no seu pensamento, quem se vende tão baixo no seu peccado.

Agora intendereis o espirito e a prudencia de David, em pôr diante dos olhos as imagens de seus peccados : *Peccatorum imagines contemplando* : quando para se excitar a contribuição e conhecimento de sua miseria, parece que como propheta pudéra representar diante de si outra imagem, que mais o movera. Não movera mais a David uma imagem de Christo crucificado, pois elle sabia mui bem, que Deus havia de morrer em uma cruz por aquelles mesmos peccados? Digo que não; e vêde a razão porque o digo. Muito melhor me conheço eu diante da imagem de um peccado, que diante da imagem de um Christo crucificado. Quando estou diante da imagem de Christo crucificado, parece que tenho razões de me ensobierbecer, porque vejo o preço porque Deus me comprou; mas quando me ponho diante da imagem de um peccado, não tenho senão razões de me humilhar, porque vejo o preço porque eu me vendi. Quando vejo que Deus me compra com todo o seu sangue, não posso deixar de cuidar que sou muito; mas quando vejo que eu me vendo pelos nada do mundo, não posso deixar de crêr que sou nada. Eis aqui a que se reduz, e como se desengana o juiso de si mesmo, quando se vê, como em espelho, na imagem de seus peccados; e assim na muda, assim o emenda o juiso da penitencia : *Prædicans baptismum pænitiæ*.

V

O juiso de si mesmo (como acabámos de vêr) emenda-se: e o juiso dos homens? Despresa-se. Entra pois o juiso dos homens a apresentar-se diante do tribunal da penitencia: e não vem com os olhos vendados, como o juiso de si mesmo; mas com todos os sentidos, e com todas as potencias livres, e muito livres; porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos, porque julga tudo o que vê; traz livres os ouvidos, porque julga tudo o que ouve; traz livre a lingua, porque publica tudo o que julga; e traz livre mais que tudo a imaginação, porque julga e condemna tudo o que imagina.

Mas que faz a penitencia para despresarmos este idolo tão adorado, tão temido, e tão respeitado no mundo? Que faz, ou que pôde fazer a penitencia, para que não façamos caso, sendo homens, do juiso dos homens? Com abrir ou fechar um sentido, faz a penitencia tudo isto. Para o juiso de si mesmo, abre-nos os olhos; para o juiso dos homens, fecha-nos os ouvidos. No dia da paixão choviam testemunhos e blasfemias contra Christo; e o Senhor, como se nada ouvira. Assim lh'o disse admirado Pilatos: *Non audis quanta adversum te dicunt testimonia?* (Matth. XXVII — 13) Não ouves quantos testemunhos dizem contra ti? Não ouves Christo, porque ouvia como se não ouvira. O Senhor naquelle dia ia satisfazer pelos peccados nossos, que fizera seus; e quem tracta de satisfazer a Deus por peccados, não tem ouvidos para o que contra elle dizem os homens: *Ego autem tanquam surdus non audiebam.* (Psal. XXXVII — 14) Digam os homens, julguem os homens, condemnem os homens o que quizerem, e quanto quizerem; que quem tracta déveras da satisfação de seus peccados, quem tracta déveras de ser bem julgado de Deus, não se lhe dá do juiso dos homens. Sabeis porque fazemos tanto caso dos juisos humanos? Porque não somos verdadeiros penitentes. Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento fôra verdadeiro, que pouco caso havíamos de fazer de todas as opiniões do mundo!

Peccou David o peccado de Bersabé e Urias: ao cabo de al-

— gum tempo veio o propheta Nathan a advertil-o do grande mal que tinha feito : reconheceu David sua culpa, disse : *Peccavi*. (2 Reg. XII — 13) Pequei ; e no mesmo ponto por parte de Deus o absolveu o propheta do peccado : *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. (Ibid.) Peccou Saul o peccado de desobediencia, reservando do despojo de Amalec para o sacrificio : veio tambem o propheta Samuel advertil-o de quanto Deus sentira aquella culpa ; conheceu-a Saul, disse : *Peccavi*, pequei ; mas nem o propheta respondeu que estava perdoado, nem Deus lhe concedeu perdão. E' este um dos notaveis casos que tem a escriptura, considerada a similhança de todas as circumstancias d'elle. David era rei, Saul tambem era rei ; David peccou, Saul peccou ; a David veio admoestar um propheta, a Saul veio admoestar outro propheta ; David disse : *Peccavi*, pequei ; Saul disse : *Peccavi*, pequei. Pois se os casos em tudo foram tão semelhantes, como perdoa Deus a David, e não perdoa a Saul ? Se um *peccavi* basta a David, a Saul porque lhe não bastou um *peccavi* ? A razão litteral que dão todos os doutores é, que o *peccavi* de David foi dito de todo o coração ; o *peccavi* de Saul foi dito somente de boca ; a penitencia de David, foi penitencia verdadeira ; a penitencia de Saul, foi penitencia falsa. Muito bem dito ; mas d'onde se prova ? D'onde se prova que foi falsa a penitencia de Saul, d'onde se prova que o seu *peccavi* foi dito de boca, e não de coração ? Não o dizem os doutores ; mas eu o direi ou o dirá o texto. Quando David disse : *Peccavi* ; não fallou mais nada. Quando Saul disse : *Peccavi*, accrescentou estas palavras : *Peccavi : sed honora me coram senioribus populi mei, ei coram Israel*. (1 Reg. XV — 30) Pequei ; mas vós, Samuel, tractae de minha reputação, e honrae-me com os grandes e povo de meu rei. Ah, sim, Saul, e vós depois de dizer *peccavi*, depois de vos pordes em estado de penitente, ainda vos lembra reputação, ainda fazeis caso do que dirão ou não dirão de vós os homens ? Signal é logo que não é verdadeira a vossa penitencia, e que aquelle *peccavi* nasceu na boca, e não no coração. Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava David, não lhe lembram mais que os seus peccados :

Peccavi : não se lhe dá do que julgam, nem do que dizem os homens.

VI

As razões desta verdade são muitas e grandes ; ouvi as da minha tibieza, que a quem tiver melhor espirito lhe occorrerão outras mais e maiores. O verdadeiro penitente, elle mesmo se accusa e se condemna : que se lhe dá logo que digam outros o que elle confessa de si ? Que importa que outros levem o pregão, quando eu mesmo executo o castigo ? Quem se confessa por réo, não lhe fazem aggravão as testemunhas. Se um homêh está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira e profundamente suas culpas, nunca ninguém dirá delle tanto mal, que elle se não julgue por muito peor. E quem se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem, antes tem razão de agradecer, que de queixar-se. Por isso os grandes penitentes não se queixavam das injurias. Julgue e diga o mundo o que quizer, que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu sei de certo que ha em mim.

Nenhuma coisa deseje mais um verdadeiro penitente, que tomar vingança em si das injurias de Deus ; e como o juiso dos homens se põe da parte desta vingança, antes nos ajuda, que nos offende. Quem se não aborrece a si, diz Christo, não me pôde servir a mim. Oh como se aborrece a si, e como se aborrece de si, um verdadeiro penitente ! E que se me dá a mim que seja bem ou mal julgado quem eu aborreço ? Se eu conheço verdadeiramente a deformidade de minhas culpas, não hei de aborrecer mais a quem as fez, que a quem as diz ?

O verdadeiro penitente só uma coisa estima, e só uma coisa teme nesta vida ; só estima o que pôde dar graça de Deus, e só teme o que a pôde tirar. E como o juiso dos homens não pôde dar nem tirar graça de Deus, que se lhe dá ao penitente do juiso dos homens ? O juiso dos homens, quando muito lhe dêmos, poderá fazer mal, mas não pôde fazer máus. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer máu ; se eu sou máu, por mais que me julguem bem os homens, não me podem fazer bom ; e como o juiso dos homens não tem poder

para fazer máus, nem bons, que caso ha de fazer deste juiso o verdadeiro penitente, o qual só uma coisa deseja, que é ser bom, e só de uma coisa lhe peza, que é ter sido máu.

Feche todas estas razões uma maior, que todas. O juiso dos homens, por mais que vos condemnem, pode-vos impedir o céu, ou levar-vos ao inferno? Não. Ponde agora de uma parte todos os juisos dos homens, e da outra os vossos peccados, e perguntae-vos a vós mesmo, quacs destes deveis mais temer. Os juisos dos homens, ainda que façam todo o mal que podem, nem podem dar inferno, nem tirar paraíso; os peccados ainda que acheis nelles todos os falsos bens que vos promettem, só elles tiram paraíso, e dão inferno. E como o verdadeiro penitente está vendo que só os seus peccados o podem tirar do paraíso, e leval-o ao inferno; que caso ha de fazer dos juisos dos homens? Dos peccados sim, e só dos peccados, porque só por elles o póde condemnar Deus. E quem teme que o póde condemnar Deus, não se lhe dá que o condemnem os homens.

VII

Supposta a verdade desta doutrina, que poucos, e que poucas penitentes verdadeiras deve haver hoje no mundo, onde tanto se tracta só de agradar e contentar nos homens! Vejam-no os homens em David, e as mulheres na Magdalena. David, que pouco caso fez das injurias de Semey! Disse Semey a el-rei David em seu proprio rosto, as injurias que se não poderam dizer ao mais vil homem; quizeram remetter logo a elle os que acompanhavam ao rei, para lhe tirarem a lingua e a vida: e que fez David? Teve mão nelles para que o deixassem dizer. As injurias são a musica dos penitentes; tal ia David naquella paço, descalço, e chorando seus peccados. Quem conhece que tem offendido a Deus, nenhuma coisa o offende. Assim despresava David o juiso dos homens.

Da Magdalena quem o poderá explicar com a ponderação que merece? Uma senhora tão principal em Jerusalem, tão servida, tão estimada, tão dada á vaidade e galas: quem a visse com o

toucado desprendido, com o vestido sem concerto, pela rua sem companhia, em casa do phariseu sem reparo, toda fóra de si (ou toda dentro em si, porque toda era coração naquella hora) os cabellos descompostos, o alabastro quebrado, os olhos feitos dois rios, lançada aos pés de Christo, abraçando-os, e abraçando-se com elles; que diria? Valha-me Deus, senhora, que mudança é esta? Não vedes quem sois? Não vedes o que fazeis? Não vedes o que dirão os homens? Não; nada vejo, que quem viu seus peccados, não lhe ficam olhos para ver outra coisa. Não vejo o que sou, porque vi o que fui; não vejo o que faço, porque vi o que fazia. Já vi tudo o que havia de ver nesta vida, e prouvera a Deus que não tivera visto tanto. Já não faço caso dos homens, nem dos seus juisos; digam o que quizerem.

Tres vezes foi a Magdalena julgada e condemnada dos homens. Julgou-a e condemnou-a o phariseu, chamando-lhe peccadora: *Quia peccatrix est*: (Luc. VII — 39) Julgaram-na e condemnaram-na os apóstolos, chamando-lhe desperdiçada: *Ut quid perditio hæc*. (Matth. XXVI — 8) Julgou-a e condemnou-a sua irmã, chamando-lhe ociosa: *Reliquit me solum ministrare*. (Luc. X — 40) Tudo isto ouviu sempre a Magdalena, mas nunca se lhe ouviu uma palavra: como se respondera com o seu silencio: Condemnem-me embora os phariseus, condemnem-me os apóstolos, condemnem-me os de que menos se podia esperar—os irmãos. Nos phariseus condemne-me a malicia, nos apóstolos condemne-me a virtude, na irmã condemne-me a mesma natureza, que a que tem maiores causas para sentir, não lhe dão cuidado essas. Quando as dores são iguaes, sentem-se todas, quando uma é maior, suspende as outras. A dor dos peccados, se é verdadeira, é a maior dor de todas, porque tem maiores causas, e a quem verdadeiramente lhe doem seus peccados, nenhuma outra coisa lhe doe. A setta que feriu o coração, defende de todas as settas; porque ainda que achem corpo, já não acham sentimento; faça os tiros que quizer o juiso dos homens, que se o coração está ferido de Deus, ou não offendem, ou não magoam. O amor é um sentimento que faz insensíveis; por isso se compara á morte. A morte faz insensível a quem mata; o amor insensível a quem

ama. Quem tracta só de amar Deus, só sente havel-o offendido : a tudo o mais é insensível.

Exemplos tinha em si mesma a Magdalena, e podera-se argumentar a si comsigo. Que importa parecer mal aos homens, se eu parecer bem a Deus? Que importa parecer mal aos demais, se eu parecer bem a quem amo? Quantas vezes nas minhas loucuras segui os despresos deste dictame? E será bem que seja agora menos animoso meu amor, e menos resoluto? Se eu não reparei no que diriam os homens para offender a Deus; repararei agora no que dizem, ou no que dirão para o buscar? Não reparei em que dissessem que era peccadora, e repararei em que digam que sou arrependida? Já que soffri que murmurassem o peccado, não é menos que calunniem a emenda?

Isto dizia o silencio da Magdalena, as tres vezes que a condemnaram os homens. E é muito de notar, que de todas estas tres vezes estava a Magdalena aos pés de Christo. Oh que grande remedio são os pés de um Christo, para um homem se lhe não dar dos juisos dos homens! E se isto faziam os pés de Christo vivo, quanto mais os pés de um Christo morto e crucificado! É possível, Senhor, que estejaes nessa cruz julgado e condemnado, sendo a mesma innocencia; e eu não soffrerei ser julgado e condemnado, sendo peccador?! Se a vós vos julgam e condemnam pelos meus peccados, porque hei de sentir eu que me julguem, e me condemnem pelos meus? Em vós estou adorando as injurias e as affrontas, e em mim não as hei de soffrer? Para vos offender e me perder, não reparei no que diriam os homens, e para vos amar e me salvar, repararei no que dirão? Não é isso o que vós me ensinaes nessa cruz?

Ouvi uma coisa grande, em que parece que mudou de condição Deus. Quando Deus quiz castigar o povo no deserto, allegou-lhe Moysés o que diriam os egypcios : *Ne quæso dicant Aegyptii*; (Exod. XXXII — 12) e deixou o Senhor de os castigar. Quando Josué teve a primeira rota da terra de promissão, allegou a Deus o que diriam os cananeos : *Quid facies magno nomini tuo*; (Josué VII — 9) e continuou o Senhor a favorecerel-o. Quando o reino de Israel estava mais afflicto, representou David a Deus o que

diriam as gentes : *Ne forte dicant in gentibus* ; (Psal. LXXXVIII — 10) e cessou a afflicção. De maneira, que o remedio que tinham os patriarchas antigos para alcançar de Deus o que queriam, era allegar-lhe um *Ne dicant*, o que dirão os homens. Determina Deus de vir á terra a remir e salvar o mundo ; e se alli se achasse Moysés, Josué, ou David, com o espirito prophético que tinham, parece que poderam fazer a Deus a mesma replica. Como assim, Senhor ? Quereis ir ao mundo ? Quereis apparecer entre os homens ? E não repares no que dirão, e é certo que hão de dizer de vós ? Hão de dizer que sois um samaritano e endemoninhado ; *Sumaritanus est tu, et dæmonium habes* ; (Joan. VIII — 48) hão de dizer que sois um blasphemo : *Blasphemavit* ; (Matth. XXVI — 65) hão de dizer que sois um enganador : *Seductor ille* ; (Ibid. XXVII — 63) hão de dizer que sois um perturbador da republica : *Subvertentem gentem nostram* ; (Luc. XXIII — 2) hão de dizer que tendes pacto com o demonio : *In Beelzebub principe dæmoniorum ejicit dæmonia* ; (Ibid. XI — 15) hão de dizer que vos não podeis salvar : *Se ipsum non potest salvum facere* ; (Matth. XXVII — 42) hão de dizer, finalmente, infinitos opprobrios contra vós : *Satarabitur opprobriis*. (Thren. III — 30) Mais. Ha se de levantar um Arrio, que ha de dizer, que não sois consubstancial ao Padre ; ha se de levantar um Manicheo, que ha de dizer que não sois homem ; ha se de levantar um Nestorio, que ha de dizer que não sois Deus ; ha se de levantar um Calvino, que ha de dizer que não estaes no Santissimo Sacramento ; hão se de levantar infinitos heresiarchas, outros que hão de dizer contra vossa divindade e humanidade infinitas blasfemias. Pois se Deus estava prevendo tudo isto, e se antigamente podia tanto com Deus, o que diriam os homens ; porque agora faz tão pouco caso do que dirão ? Porque antigamente encontrava-se o que dirão dos homens com o nosso castigo, agora encontrava-se com o nosso remedio ; e quando o que dirão dos homens se encontra com o nosso castigo, deixa Deus de castigar pelo que dirão ; mas quando o que dirão dos homens se encontra com o nosso remedio ; pelo que dirão os homens, não deixa Deus de salvar. Vá por diante o negocio da salvação, e digam os

homens o que quizerem. Christãos ha alguns de nós tão pusillânimos, que, por medo do *que dirão* os homens, deixamos de fazer muitas coisas que importam à nossa salvação. Deus nos livre de uma covardia como esta. Façamos por nossa salvação, o que Deus fez pela nossa. Deus por me salvar a mim, não fez caso do juizo dos homens, e será bem que o faça eu? Faça-se tudo o que fôr necessário à salvação, e digam os homens o que quizerem. Que importa ser bem julgado dos homens, se vós não vos salvaes? E se vós vos salvaes, que importa ser mal julgado dos homens? Eis aqui como o juizo dos homens se despreza no juizo da penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ*.

VIII.

Emendado ao juizo da penitencia o juizo de si mesmo, e despresado o juizo dos homens, resta só por julgar o juizo de Deus, que, como temos dito, ha de sair revogado neste juizo. Os outros dois juizos entrarão a ser julgados, e apparecerão diante do tribunal da penitencia. Do juizo de Deus não sei como me atreva a dizer outro tanto. Não é o juizo de Deus aquelle juizo supremo, que não só não reconhece superior, mas nem pôde ter igual no céu, nem na terra? Não é o juizo de Deus, de que fallamos, aquelle ultimo e universal juizo, onde sem appellação nem agravo, se hão de absolver ou condemnar para toda a eternidade, aquelles que nelle forem julgados, que hão de ser todos os homens? Pois como pôde ser que haja outro tribunal no mundo, em que a sentença deste juizo se revogue; ou como pôde ser revogar-se?

O como, veremos logo: agora vejamos entrar o juizo de Deus, e apresentar-se diante do tribunal da penitencia, acompanhado de toda aquella grandeza, e temerosa magestade, que no ultimo dia do mundo o fará horrivel e tremendo. Não traz diante as varas e secures romanas, insignias da suprema justiça e auctoridade: mas traz aquella espada do dois gumes: *Gladius ex utraque parte acutus*: (Apoc. I — 16) que significam as duas penas de damno e de sentido, a que só o juizo de Deus, e nenhum humano, pôde condemnar não só os corpos, mas tambem os espiritos. Oh que

auctoridade tão severa ! Oh que jurisdicção tão horrenda ! Oh que instrumentos tão formidaveis ! Se assim faz tremer o juiso de Deus quando apparece a ser julgado, que será quando vier a julgar !

Mas que faz a penitencia, ou que póde fazer, para revogar este tão absoluto e tão independente juiso ? Faz quasi o mesmo que para os demais. Para emendar o juiso de si mesmo, abre-nos os olhos : para desprezar o juiso dos homens, tapa-nos os ouvidos : para revogar o juiso de Deus, volta-nos o coração. Em dando uma volta o coração, está o juiso de Deus revogado. Falla o propheta Joel á letra do juiso final de Deus : descreve o sol, a lua e as estrellas escurecidas, e o céu e a terra tremendo á sua vista : *A facie ejus contremuit terra, moti sunt cæli : sol et luna obtenebrati sunt, et stellæ retraxerunt splendor em suum* : (Joel II — 10) descreve os exercitos innumeraveis de anjos armados de rigor e obediencia, de que o Senhor sairá acompanhado como executores de sua justiça e vingança : *Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, et facientia verbum ejus* : (Ibid. — 11) descreve, finalmente, a grandeza e terribilidade daquelle temeroso dia : *Magnus enim dies Domini, et terribilis valde* : (Ibid.) e perguntando quem haverá no mundo que o possa supportar : *Et quis sustinebit eum ?* conclue com estas palavras : *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. (Ibid. — 12) Vêdes todos estes apparatus, todos estes rigores, todos estes assombros de ira, de justiça, de vingança ? Com dar uma volta ao coração está tudo acabado. Voltae o coração a mim, ou voltae-vos a mim com o coração, diz Deus, e toda a sentença que estiver fulminada contra vós neste meu juiso, ficará revogada : *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Notae o *nunc ergo* : pelo que agora : de maneira que a penitencia ha de ser agora, e o juiso ha de ser depois. Esta differença ha entre o juiso de Deus e o juiso dos homens : no juiso dos homens appella-se depois, no juiso de Deus appella-se antes : *Nunc ergo* : Agora, agora, christãos, que agora é o tempo : e porque agora sim e depois não ? Porque depois não póde haver penitencia. Se depois do dia do juiso pudera

haver penitencia, podera-se revogar a sentença do juizo de Deus ; mas a razão porque aquella sentença se não poderá revogar então, é porque não ha tribunal da penitencia senão agora : *Nunc ergo*. Mas vejamos já os poderes deste tribunal, por um exemplo, e seja o maior que houve no mundo : dae-me attenção.

IX

Entra o propheta Jonas prégando, ou apregoando pela cidade de Ninive : *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur* : (Jon. III — 4) D'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive. Era esta a sentença, que estava dada no tribunal da divina justiça pelos peccados daquella cidade ; e o propheta não fazia mais que officio de um notario de Deus, que a publicava. Com este pregão andou Jonas por toda a cidade, a qual era tão desmedidamente grande, que não pode chegar á praça onde estava o paço, menos que ao cabo de tres dias. Soou a sentença nos ouvidos do rei ; e que vos parece que faria ? Desce-se do throno real em que se assentavam sempre os reis, conforme o costume daquelles tempos, rasga a purpura, veste-se de um aspero cilicio ; tira a coroa ; lança da mão o sceptro ; cobre a cabeça de cinza ; e manda que vão seguindo a Jonas com outro pregão, em que se diga, que faça toda a cidade o que el-rei fazia. O pregão de Deus ia diante, o pregão do rei ia atraz : o pregão de Deus para se executar d'alli a quareuta dias, o pregão do rei para que se executasse logo : e assim se fez. Vestiu-se de cilicio a rainha, vestiram-se de cilicio as damas, vestiram-se de cilicio os cortesãos, vestiu-se de cilicio todo o povo, e, o que se não podéra crêr se o não dissera a escriptura, vestiram-se e cubriram-se tambem de cilicio, para horror e assombro dos homens, até os mesmos animaes. Desta maneira foi passado a cidade todos aquelles quarenta dias em continua jejum, em continue oração, em continuas lagrimas e clamores ao céu. Chegado o ultimo dia, retirou-se Jonas a um monte, para vêr como Ninive se subvertia : aportára elle ás praias de Ninive, supponhamos, que ás nove horas da manhã, e quando ouviu dar as oito daquelle dia : Ah misera cidade, que

já não te resta mais que uma hora de duração ! Já se vê a suspensão em que passaria o propheta toda aquella hora. Tocam às nove : eis lá vae Ninive. Assim se lhe figurou a Jonas, quasi deslumbrado entre o lume dos olhos e o da prophecia ; mas Ninive ainda se tinha na mão. As suas torres estavam mui direitas ; os muros estavam mui firmes ; e nem a casa que d'antes estava para cair fez movimento algum. Passou assim a primeira hora, passou a segunda, passou o dia todo, e Jonag a benzer-se e a pasmar. Que é isto, Senhor ? Que é da fé de vossas palavras ? Que é da verdade de vossos prophetas ? Não estava determinado no tribunal de vossa divina justiça, que Ninive fosse subvertida por seus enormes peccados ? Não estava assignado o termo preciso de quarenta dias para a execução ? Não estava notificada por vosso mandado esta sentença ? Não sou eu o que a publiquei ? Pois como agora falta tudo isto ? Como passam os quarenta dias ? Como fica a minha prophecia sem cumprimento ? Como fica Ninive em pé, e a vossa palavra por terra ? Se o dissestes, foi porque o tinheis decretado, e se o tinheis decretado, porque não se executou ? Porque o rei e povo de Ninive foram tão discretos, que sendo-lhes notificada a sentença do juiso de Deus, appellaram para o tribunal da penitencia. E é tão superior a jurisdicção do tribunal da penitencia, que o que no juiso de Deus se sentença, no juiso da penitencia se revoga. Disse *superior*, porque se estes dois juisos foram iguaes, assim como no juiso da penitencia se absolve o que no juiso de Deus se condemna, assim no juiso de Deus se poderá condemnar o que no juiso da penitencia se absolvesse : mas é tão superior o juiso da penitencia sobre o mesmo juiso de Deus (por excesso de misericordia sua) que o que no juiso de Deus se condemna, no juiso da penitencia pôde-se absolver ; mas o que no juiso da penitencia se absolve, no juiso de Deus não se pôde condemnar. Bemdito seja elle : *Qui dedit potestatem talem hominibus.* (Mat. IX — 8)

Tudo o que tenho dito é litteral ; mas oiçamos para maior confirmação a S. Paulino : *Ninivite merverunt denuntiaturum evadere excidium, quia se spontaneis luctibus cruciando divinam sententiam prævenerunt sua.* Os ninivitas, diz S. Paulino, impedi-

ram a execução do castigo, que já lhes estava denunciado, porque condemnando-se a voluntaria penitencia, preveniram a sentença de Deus com a sua. De maneira, que por beneficio da penitencia pôde mais a sentença que os ninivitas deram contra si, que a sentença que Deus tinha dado contra elles : *Divinam sententiam prævenerunt sua*. Oh grande dignidade ! Oh grande soberania da penitencia ! No juiso final de Deus (ide notando comigo grandes differenças e grandes excellencias do juiso da penitencia sobre o juiso de Deus) no juiso final de Deus, não é licito appellar de um attributo divino para outro attributo. Não é licito appellar da justiça de Deus para sua misericórdia : no juiso da penitencia, é licito appellar da justiça de Deus para a minha justiça. No juiso final de Deus não se pôde appellar do Filho para o Padre, nem do Padre para o Filho, nem do Padre e do Filho para o Espirito Santo : em summa, no juiso de Deus não se pôde appellar de Deus para Deus : no juiso da penitencia posso appellar de Deus para mim. No juiso final de Deus são condemnados os peccadores a não vêr a Deus : no juiso da penitencia são condemnados os peccadores a não o offender : que suave condemnação ! No juiso final de Deus não aproveitam lagrimas, nem prantos ; no juiso da penitencia basta uma só lagrima para todos os peccados do mundo. No juiso final de Deus não valem intercessões ; no juiso da penitencia não são necessarias. No juiso final de Deus condemnam-se os peccadores pelos peccados ; no juiso da penitencia condemnam-se os peccados, e salvam-se os peccadores. No juiso final de Deus uns sãem absoltos, outros sãem condemnados ; no juiso da penitencia ninguem se condemna, todos sãem absoltos. No juiso final de Deus manifestam-se os peccados a todos os homens ; no juiso da penitencia manifestam-se a um só homem. Finalmente no juiso final de Deus, Christo ha de ser o juiz ; no juiso da penitencia, Christo é o advogado : *Si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum justum*. (Joan. Ep. 1.^a — II — 1) Vêde com tal advogado no tribunal da penitencia, que differença haverá do advogar ao revogar ! Como não será revogado o juiso, aonde é advogado o juiz ! Assim se revoga o juiso de Deus no juiso da penitencia : *Prædicans baptismum*

pœnitentia. E temos o juizo de Deus revogado, o juizo dos homens despresado, e o juizo de si mesmo emendado.

X.

Ora, christãos, supposto que todos os males e perigos que temos visto nestes juizos tem o remedio na penitencia; e supposto que elles são tão grandes que abraçam todos os bens da vida e todos os da eternidade; que resta a quem tem fé, e a quem tem esperanza, senão tractar de fazer penitencia? *Agite pœnitentiam appropinquavit enim regnum cœlorum*: (Matth. III — 2) fazei penitencia, porque é chegado o reino do céu. Ha mil e seiscentos annos, que o Baptista disse estas palavras, e nós estamos dizendo todos os dias: *Adveniat regnum tuum*. Pois se o reino já então era chegado, como pedimos nós ainda agora, que venha? O reino dos céus em todos os tempos tem tres estados: um em que tem chegado, outro em que chega, outro em que vem chegando. Para os que estão mortos tem chegado; para os que estão morrendo chega; para os que estão vivos vem chegando. A uns chegará mais cedo, a outros mais tarde; mas a todos muito brevemente. Esta é a consideração mais poderosa de todas, para nos mover á penitencia. Façamos penitencia, christãos, não nos ache a morte impenitentes. Nenhum christão há que não diga que ha de fazer penitencia, mas nenhum a quer começar logo, todos a deixam para o fim da vida: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum*. O Baptista prégava baptismo de penitencia para remissão dos peccados. Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como baptismo. Todos queremos a penitencia como extrema unção, lá para o fim da vida: não se ha de tomar senão como baptismo, que não é licito dilatal-o a quem tem fé. Se tendes fé como não fazeis penitencia? E se tendes proposito de a fazer e de vos converter a Deus, para quando a dilataes? *Si aliquando cur non modo*, dizia S. Agostinho. Se me hei de converter em algum tempo, esse tempo porque não será hoje? Esta pergunta não tem resposta: nem o mesmo Santo Agostinho lh'a achou, nem os Aristoteles

nem os Platões, nem os anjos do céu, nem o mesmo demónio do inferno lh'a pôde achar jámais para nos enganar.

Christãos da minha alma, sobre tantos juisos bem é que venhamos a contas. Se meouve algum que esteja resoluto de não se converter jámais, não fallo com elle; mas se tendes propositos de vos converter: *Si aliquando cur non modo?* Se tendes propositos, e dizeis que vos haveis de converter depois, porque o não fazeis agora? Que motivos haveis de ter depois, que agora não tenhaes. Apertemos bem este ponto: estae comigo. Que motivos de vos converter haveis de ter depois, que agora não tenhaes? Se depois haveis de fazer verdadeira penitencia, a qual não pôde ser verdadeira, sem verdadeira contricção, ha-vos de pesar de ter offendido a Deus por ser elle quem é: pois Deus hoje não é o mesmo que ha de ser depois? Não é a mesma magestade, não é a mesma grandeza, não é a mesma omnipotencia? Não é tão bom, não é tão amavel, como ha de ser então? Pois se então o haveis de amar, porque o não amaes agora? De maneira, peccador, que Deus então ha de ser digno de ser amado sobre todas as coisas, e agora é digno de ser offendido em todas? *Si aliquando cur non modo?* Mais: se depois vos haveis de arrepender bem e verdadeiramente, é força que vos peze de todo o coração de vos não haverem arrependido agora: pois que loucura é estardes agora fazendo por vosso gosto e por vossa vontade aquillo mesmo que nesta hora estaes propondo de vos pesar depois de todo coração? Ou então vos ha de pesar, ou não: se vos não ha de pesar, condemnaes-vos; e se vos ha de pesar, e propondes de vos pesar, porque o fazeis? Se vos ha de pesar depois do presente, porque vos não pesa agora do passado? *Si aliquando cur non modo?* Mais: se os motivos de vosso arrependimento não hão de ser contricção perfeita, nem amor de Deus sobre todas as coisas, senão temor das penas do inferno sómente: *Si aliquando cur non modo?* Se por temor do inferno vos haveis de arrepender então, porque vos não arrependeis agora por temor do inferno? Por ventura fostes já ao inferno e perguntastes pela idade dos que lá estão ardendo? Se no inferno não ardem senão os homens de setenta e de oitenta annos, guardae embora a vossa

emenda para essa idade ; mas se ao inferno se vae de sete annos, porque se ha de guardar a emenda para os setenta ? Pois se as mesmas razões, e os mesmos motivos, que havemos de ter depois, temos agora, se então não havemos de ter nenhuma coisa mais que agora, salvo mais peccados que chorar, e mais culpas de que nos arrepender : *Si aliquando cur non modo ?*

Mas atégora imos argumentando em uma supposição que eu não quero conceder d'aqui por diante, porque vos quero enganar de todo. Quem diz : *Si aliquando cur non modo* : se vos haveis de converter depois, porque vos não converteis agora : suppõe que se vos não converterdes agora, que vos haveis de converter depois. Eu não quero admittir tal supposição ; porque quero mostrar o contrario. Christãos, se vos não converterdes agora, ordinariamente fallando, não vos haveis de converter depois. Dê-me licença S. Agostinho para trocar a sua pergunta, e apertar mais a difficuldade. S. Agostinho diz : *Si aliquando cur non modo* : se nos havemos de converter depois, porque não nos convertemos agora ? Eu digo : *Si non modo cur aliquando ?* Se não nos convertemos agora, porque cuidamos que nos havemos de converter depois ? As razões que haveis de ter depois para vos converter, todas essas, e muito maiores, tendes agora : pois se estas razões não bastam para vos converter agora, como hão de bastar humanamente para vos converter depois ? A força desta razão fez enforcar a Judas. Fez Judas comsigo este discurso : maiores motivos do que eu tive para me converter, não são possiveis, porque tive o mesmo Christo a meus pés : pois se Christo a meus pés não foi bastante motivo para me converter, não me fica que esperar, venha um laço. Christãos, eu não quero desesperar a ninguem, nem quero dizer que a salvação não é possivel em todo tempo : o que só vos quero persuadir é o que dizem todas as escripturas, e todos os santos. Que os deixam a penitencia para a hora da morte, ou para o fim da vida, teem muito arriscada sua salvação, porque raramente se salvam : *Si non modo cur aliquando ?* Se não vos converteis agora, que tendes vida, como vos haveis de converter depois, quando póde ser que a não tenhaes ? Dizeis que vos não converteis agora, mas que vos haveis de con-

verter depois : e se o depois fôr agora ? Se morrerdes no estado presente, se não chegardes a esse depois, que ha de ser de vós ? Quantos amanheceram e não anoiteceram ! Quantos se deitaram á noite, e não se levantaram pela manhã ! Quantos postos á meza os afogou um bocado ! Quantos indo por uma rua os sepultou uma ruina ! A quantos levou uma balla não esperada ! Quantos endoideceram de repente ! A quantos veio a febre junta com o delirio ! A quantos um espasmo, a quantos uma apoplexia, a quantos infinitos accidentes outros, que, ou tiram o uso da razão, ou a vida ! Todos estes cuidavam que haviam de morrer uma morte ordinaria, como vós cuidaes : e quem vos deu a vós seguro, de que vos não ha de succeder o mesmo ? *Si non modo cur aliquando ?* Se agora que estaes sãos com o uso livre de vossos sentidos e potencias, vos não converteis, como cuidaes que vos haveis de converter na hora da morte, cercado de tantas angustias e de tantos estorvos, a mulher, os filhos, os criados, o testamento, as dividas, os acredores, o confessor, os medicos, a febre, as dores, os remedios, a vida passada, a conta quasi presente ! Quando todas estas coisas juntas e cada uma dellas bastaram para perturbar e pasmear uma alma, e não a deixar com o juiso e com a liberdade que pede a materia de maior importancia ; quando já as potencias estarão fóra de seu logar e vós mesmo não estareis em vós, como cuidaes, que vos podereis converter então ?

Mas eu vos dou de barato a vida e a saude, e o vigor das potencias e dos sentidos : mais ha que isto. Para um homem se converter, não basta só vida e saude e juiso ; mas é principalmente necessaria a graça de Deus. Pois *sinon modo cur aliquando ?* Se agora que tendes offendido menos a Deus, Deus vos não dá graça efficaz para vos converterdes, que será quando o tiverdes offendido mais ? Parece-vos que é boa diligencia multiplicar as affensas de Deus para grangear a graça de Deus ? Se ides continuando assim, não ha duvida que depois haveis de ser muito peor ainda do que sois agora : pois se agora que sois melhor, ou menos máu, vos não converteis, como o haveis de fazer depois, quando fordes peor ? Os peccados quanto mais

continuosos, tanto mais endurecem e obstinam ao peccador : pois *si non modo cur aliquando*? Se agora quando o vosso coração não está ainda tão endurecido, e tão obstinado, não ha pré-gações, nem inspirações, nem exemplos, nem mortes repentinas e desastradas, que vos abrandem, que será quando estiver feito de marmore, e de diamante? Os peccados com a continuação, e com os habitos, tomam cada vez mais forças, e fazem-se cada dia mais robustos; e a alma, pelo contrario, com o costume mais fraca: pois *si non modo cur aliquando*? diz a escriptura: *Beatus qui occidit parvulos tuos ad petram*: (Psal. CXXXVI — 9). b. maventurado o que quebra a cabeça a seus peccados, quando p. quenos: *Et tu*, diz S. Bachiaro, *expectas donec inimicus tuus gigas efficiatur*? E nós para vencer estes inimigos somos tão loucos que esperamos que elles se façam gigantes? Se agora que os peccados estão menos robustos e crescidos, e a alma tem ainda algum vigor, os não podemos derribar e vencer; que será quando os peccados estiverem gigantes, e a triste alma tão envelhecida neilles, e tão enfraquecida, que se não possa mover? Finalmente, christãos, não vamos mais longe: se Deus nesta mesma hora vos está chamando, e vos está dando golpes ao coração, e vós não lhe quereis abrir, nem o quereis ouvir; como esperaes que Deus vos chama depois, ou que vos oiça quando o chamardes, ou que o possaes chamar como convém? *Si non modo cur aliquando*! O mesmo Deus por suas palavras quero que vos desengane desta vã esperança, em que vos confiaes e vos precipiteis ao inferno: ouvi a Deus no capitulo primeiro dos Proverbios: *Vocavi, et renuistis*: (Prov. I — 24) chamei-vos, e não acudistes: *Extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret*: estendi a minha mão, e não houve quem fizesse caso: *Despexistis omne consilium meum*, (Ibid. — 25) desprezastes todos os meus conselhos: e que se seguirá d'aqui? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, et subsannabo*: (Ibid. — 26) eu tambem, diz Deus, quando vier a hora de vossa morte, zombarei, e não farei caso de vós; e assim como agora eu vos chamo, e vós não me ouvis, assim então eu não ouvirei, ainda que vós me chameis: *Tunc invocabunt me, et non exaudiam*. Christãos, nós fiam-nos em que Deus tem promet-

tido, que todas as vezes que o peccador o chamar de todo o coração, o ha de ouvir; e esta promessa anda muito mal entendida entre os homens. É necessario advertir o que Deus tem promettido nella, e o que não tem promettido. Deus tem promettido que todas as vezes que o peccador o chamar de todo seu coração, o ha de ouvir: mas não tem promettido, que todas as vezes que o peccador quizer, o ha de chamar de todo o seu coração. Vae muito de uma coisa a outra: Se chamardes a Deus de todo o coração, ha-vos de ouvir Deus: mas se vós agora não ouvirdes a Deus; depois não o haveis de chamar de todo o coração. O chamar de todo o coração, não depende só de nosso alvedrio, depende de nosso alvedrio, e mais da graça de Deus: e tem Deus decretado conforme os juizos altissimos de sua justiça, que o não possa chamar de coração na morte, quem lhe não quiz dar o coração na vida. Que faz Deus em toda a vida, senão estar-nos pedindo o coração: *Fili præbe mihi cor tuum*: (Prov. XXIII—26) e como vós agora negaes a Deus o coração que vos pede, assim Deus então vos negará justissimamente, que lhe peçaes de toda o coração. Deus agora busca-nos, e não nos acha; então buscaremos nós a Deus, e não o acharemos. O mesmo Deus o prometteu, e ameaçou assim: *Quæretis, et non invenietis me, et in peccato vestro moriemini*: buscar-me-heis, e não me achareis, e morrereis em vosso peccado. Não diz menos que isto.

Ora, christãos, pelas chagas de Christo, e pelo que deveis a vossas almas, que não queiraes que vos aconteça tão grande infelicidade. Desenganae-vos, e seja este o ultimo desengano; que se vos não converteis desde logo, e continuaes pelo caminho que ides, vos haveis de perder e condemnar sem remedio. O remedio é: *Baptismus penitentiae*: uma contricção de coração muito verdadeira, uma confissão mui inteira, e mui apostada, com firme resolução de não offender mais a Deus. Em fim, fazei agora áquillo que dizeis que haveis de fazer depois. Se vos haveis de converter no fim da vida, imaginae que chegou já esse fim, que não é imaginação. Mas que importa, Senhor, que eu o diga, se a vossa graça não ajuda a tibieza de minhas palavras? Soccorrei-nos, Senhor, com o auxilio efficaz desses olhos de misericor-

dia e piedade ; allumiae estes intendimentos, acendei estas vontades, abrazae e abrandae estes endurecidos corações, para que vos não sejam ingratos, e se aproveitem nelles os merecimentos infinitos de vossa encarnação : *Per adventum tuum*, Senhor, pelo amor com que viestes ao mundo a salvar as almas, que salveis hoje nossas almas : ao menos uma alma, Senhor, á honra de vosso santissimo nascimento : *Per nativitatem tuam* : pelo amor, e pela misericordia com que nascestes em um presepio ; por aquelles desamparos, por aquelle frio, por aquellas palhinhas, por aquellas lagrimas, por aquella estremada pobreza, e por aquelle affecto ardentissimo com que tudo isto padecestes por amor de nós. Virgem Santissima, hoje é o dia dos encendidissimos desejos de vossa expectação, parti connosco, Senhora, desses affectos, para que nasça tambem Christo em nossas almas. Converttei os suspiros em inspirações, pedi a vosso querido Esposo, o Espirito Santo, trespasse nossos corações com um raio efficaz de sua luz, para que o amemos, para que o servimos, e para que mereçamos a sua graça, e por meio della a gloria.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DO CARMO.

Prégado na festa da sua religião com o santíssimo sacramento exposto na egreja e convento da mesma senhora, na cidade de S. Luiz do Maranhão, no anno de 1659,

*Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ
suxisti: quinimo beati, qui audiunt verbum
Dei, et custodiunt illud. — Luc. XI.*

I

Notavel coisa é (e não sei se notada) na historia evangelica, que todas as vezes que a Christo lhe fallaram no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae. Pediu a mãe dos Zebedeos as duas cadeiras para os filhos, pelo parentesco que tinham com Christo por parte de sua Mãe; e logo o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo:* (Matth. XX — 23) Não está em mim dar-vos o que pedis, porque já esse despacho está decretado por meu Pae. Prégando Christo outra hora no templo de Jerusalem, disseram-lhe ao Senhor, que estava fóra sua Mãe, e que o buscava, e logo respondeu da mesma maneira, com o nascimento de seu Pae: *Quicumque fecerit vo-*

luntatem Patris mei, qui in cælis est, ipse meus frater, et soror, et Mater est. (Ibid. XII — 50) Quem fizer a vontade de meu Pae, que está no céu, esse é minha Mãe e todos os meus parentes. Quando a mesma Senhora achou a seu Filho, perdido de tres dias, entre os doutores, declarou-lhe o amor e a dor com que o buscava, dizendo: *Fili, quid fecisti nobis sic?* (Luc. II — 48) Filho, porque nos tratastes assim? E até nesta occasião respondeu tambem o Senhor com o nascimento de seu Pae? *Nesciebatis, quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?* (Ibid. — 49) Não sabeis, que me importava assistir ao serviço de meu Pae? Deste estylo, ou desta razão de estado de Christo, se entenderá, em não vulgar sentido, a consequencia da resposta do mesmo Senhor sobre as vozes da mulher do evangelho. Acabava Christo de convencer com razões as calumnias de seus emulos, os escribas e phariseus: achou-se no auditorio uma mulher de qualidade ordinaria, mas de grande intendimento e coração grande: levantou a voz no meio de todos e disse: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti:* (Ibid. XI — 25) Bemaventurada a Mãe, que trouxe em suas entranhas e sustentou a seus peitos tal Filho. Não parece que o prégador e em publico, devia responder semelhantes palavras e a semelhante pessoa: mas como lhe fallaram no nascimento de sua Mãe, respondeu o Senhor, e respondeu como costumava, com o nascimento de seu Pae: *Quinimo beati, qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud:* (Ibid. — 28) Antes te digo, que bemaventurados são os que ouvem o Verbo de Deus e guardam o que ouvem. Notae o *Verbum Dei*. Como lhe fallaram a Christo no nascimento da Mãe, acudiu ao nascimento do Pae, advertindo, que se por uma parte era parto de Maria, por outra era Verbo do Padre. Assim declara altamente esta resposta o veneravel Beda, não intendendo no *Verbum Dei*, a palavra de Christo, senão o mesmo Christo, que, segundo a Divindade, é o Verbo e a palavra do Padre: *Non autem tantummodo eam, quæ Verbum Dei corporaliter generare meruerat, sed omnes, qui idem Verbum spiritualiter audire, fide concipere, et boni operis custodia, vel in suo, vel in proximorum corde purere, et quasi aliter et usduerint, asserit esse beatos.*

Oh sagrada religião do monte Carmelo, como vos fez semelhante a si, quem vos fez só para si, e para que levasseis tantos a elle? Tudo isto fazia Christo para introduzir nos animos dos homens a fé de sua divindade, e ensinar ao mundo, que assim como havia nelle duas naturezas, assim tinha dois nascimentos : um nascimento antiquissimo e eterno, em que era Filho de seu Pae, e outro nascimento novo e em tempo, em que era Filho de sua Mãe. E assim como Christo teve dois nascimentos, e ambos virginaes (como lhe chamou S. Gregorio Nazianzeno) um antiquissimo e eterno, em que nasceu de Pae, sem Mãe, outro novo e em tempo, em que nasceu de Mãe sem Pae ; assim a sagrada religião carmelitana teve dois nascimentos tambem virginaes : um antiquissimo na lei escripta, em que nasceu de Elias Virgem, que foi nascimento de Pae sem Mãe : outro menos antigo na lei da graça, em que nasceu da Virgem Maria, que foi nascimento de Mãe sem pae. As duas cores e as duas peças do habito carmelitano, são a prova e a herança destes dois nascimentos. A prova e a herança do nascimento do Pae sem Mãe é o manto branco dado por Elias nas mãos de Eliseu Carmelita : a prova e a herança do nascimento de Mãe sem pae, é o escapulario pardo dado pela Virgem Maria nas mãos de Simão, tambem cormelita, e geral santo dos carmelitas. Só parece differença entre os dois nascimentos de Christo e desta sagrada religião, que no nascimento de Christo o Pae era do céu e a Mãe da terra : no nascimento dos carmelitas, o pae era da terra e a Mãe do céu. Mas nesta troca do céu e a terra, tinham tanto de celestiaes estes nascimentos, e tanto de celestiaes estas duas peças ou divisas do habito carmelitano, que a Mãe trouxe o escapulario descendo do céu á terra ; e o Pae lançou o manto subindo da terra ao céu:

Não ha religião (posto que todos sejam santissimas) que tivesse taes principios, nem se possa gloriar de taes progenitores. E como estes bermditos filhos foram duas vezes nascidos, e por duas gerações, ambas miraculosas, ambas singulares, ambas celestiaes e divinas ; não será excesso de devação, nem encarecimento do louvor, que com as mesmas vozes do evangelho os

acclamemos neste dia duas vezes bemaventurados: bemaventurados por filhos de tal Mãe: *Beatus venter, qui te portavit*: e bemaventurados por filhos de tal Pae: *Beati qui audiunt Verbum, et custodiunt illud*. Estas duas clausulas do texto, e estes dois nascimentos serão o fundamento e materia do nosso discurso. Dae-me attenção, e ajudae-me a pedir graça, *Ave Maria*.

II.

Beatus venter, qui te portavit.

A maior excellencia da Virgem Maria, é ser Mãe do Filho de Deus: a maior excellencia da sagrada religião carmelitana, é serem os seus filhos, filhos da Mãe de Deus. Para esta gloriosa applicação não temos necessidade de mudar as palavras do evangelho, senão de as estender mais um pouco: não de as mudar de Mãe a Mãe, porque a Mãe é a mesma; sómente de as estender de Filho a filhos, porque os filhos são diversos, posto que tão parecidos, como em seu logar veremos.

Fallando o Espirito Santo do mesmo ventre virginal, de quem exclamou a voz do evangelho: *Beatus venter*: diz assim no capitulo setimo dos Canticos: *Venter tuus sicut acervus tricit, valatus liliis*: (Cant. VII — 2) O vosso bemdito ventre, Senhora, é como um monte de trigo cercado de lirios. Não reparo nos lirios, nem no trigo; reparo no monte. Os lirios (diz S. Ambrosio) denotam a pureza virginal do ventre santissimo: o trigo é o Filho que nelle e delle nasceu, como disse o mesmo Christo: *Nisi granum frumenti cadens in terram*. (Joan. XII — 24) Mas d'aqui mesmo nasce a duvida. Porque se o trigo é um só grão: *Granum frumenti*; como é um monte de trigo: *Acervus tritici*? O ventre bemaventurado e o ventre cercado de lirios, de que falla um e outro testamento, é o mesmo ventre virginal. Pois se o trigo que nelle e delle nasceu, é um só grão, como é um monte? E se o grão é Christo, o monte que monte é? É o monte do Carmo; porque o grão de trigo, e o monte de trigo, ambos são partos do mesmo ventre, ambos são filhos da mesma Mãe. Assim

o definiu e declarou o supremo oraculo da egreja o papa Xisto IV. Ouvi as palavras, que são notaveis: *Venustissima Virgo Maria, quæ Dominum nostrum Jesum Christum admirabili cooperante virtute Spiritus Sancti genuit, ipsa produxit ordinem Beatæ Mariæ de Monte Carmelo*: A formosissima Virgem Maria, que por virtude admiravel do Espirito Santo gerou a Nosso Senhor Jesus Christo, essa mesma Virgem produziu a ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo. De sorte, que o grão de trigo e o monte, ambos são parto do mesmo ventre, porque a mesma e unica Mãe que gerou um Filho, produziu os outros. Quando gerou a Christo: *Beatus venter, qui te portavit*: quando produziu a religião do Carmo: *Venter tuus, sicut acercus tritici*. Alli um só Filho, aqui muitos filhos; mas no Filho que gerou, e nos filhos que produziu, sempre a mesma Mãe: *Ipsa, ipsa produxit ordinem Beatæ Mariæ de Monte Carmelo*.

D'aqui se entenderá aquelle texto de S. Lucas, em que tropeçou Elvidio, não só como máu theologo, senão tambem como ruim grammatico. Descrevendo S. Lucas o admiravel parto da Virgem Maria em Belem, diz que pariu a Senhora a seu Filho primogenito: *Peperit Filium suum primogenitum*. (Luc. II — 7) Primogenito? Logo a Virgem Maria teve outros filhos? Elvidio dizia blasfema e hereticamente que sim; e eu tambem digo que sim catholicamente. A Virgem Maria tem Filho primogenito, e filhos segundos: o Filho primogenito é Christo: os filhos segundos são os seus carmelitas. Onde Deus é o primeiro, bem se pôde ser segundo. Neste sentido refutaram a Elvidio, S. Anselmo, Rupperto, e Guerrico abbade. Mas porque a applicação destes auctores é mais universal, tomemos as palavras de Xisto, que não só nos deram o fundamento desta soberana prerogativa, mas tambem nos darão a razão della. A Christo, diz o pontifice, que o gerou a Virgem Maria; *Genuit*: a ordem e familia carmelitana, diz que a produziu: *Produxit*. E esta é a differença de Filho a filhos, e do Primogenito aos segundos. O Primogenito é Filho gerado: os segundos são filhos produzidos. Subamos um ponto mais acima, para melhor intender este. O Eterno Padre depois que gerou o Verbo, não pôde gerar outro filho: mas ainda que

não pôde gerar, pôde produzir : *Ad intra*, pôde produzir, e produz o Espirito Santo igual ao Filho : *Ad extra*, pôde produzir filhos, mas não iguaes, que são os filhos adoptivos, a que faz participantes do mesmo Espirito : *Ut adoptionem filiorum recipere-mus, misit Deus Spiritum Filii sui in corda vestra.* (Galat. IV — 5) O mesmo passa na Virgem Santissima, a quem S. Agostinho por isso chamou idéa de Deus : *Si formam Dei te appellem, digna existis.* Filho propriamente gerado e natural, não tem nem pôde ter a Virgem Maria mais que um, aquelle que juntamente é Filho unigenito do Padre : filhos porém, produzidos e adoptivos, pôde a mesma soberana Mãe ter muitos, e estes são por especial prerogativa e filiação os religiosos carmelitas, aos quaes produziu *ad extra*, dando-lhe o nome e adopção de filhos : *et ad intra* (que assim se pôde dizer) communicando-lhes e produzindo nelles seu proprio espirito (como veremos) *ipsa produxit.*

III

Eu bem sei que entre o Filho natural, e os filhos adoptivos da Virgem, ha distancia infinita ; mas nestes mesmos termos se me transluz uma certa excellencia, que ainda na comparação de filhos a Filho, quasi parece vantajosa. Pergunto : Qual é maior prerogativa, e maior excellencia, ser filho natural, ou filho adoptivo ? A adopção é supplemento da natureza ; logo parece que maior coisa e mais excellente é ser filho por natureza, que por adopção ? Comtudo, absoluta e precisamente fallando, digo, que alguma coisa tem de maior prerogativa ser filho adoptivo, que filho natural. No filho natural funda-se a preferencia na filiação : no adoptivo, funda-se a filiação na preferencia. O filho natural ama-se, porque é filho : o filho adoptivo é filho, porque se ama. Ser natural, é fortuna : ser adoptivo, é merecimento. A razão de toda esta differença, é porque os filhos naturaes são partes da natureza : os adoptivos são filhos da eleição. Nos primeiros não tem parte a vontade nem o juizo : nos segundos tudo é juizo, e tudo vontade. Assim o notou advertidamente Santo Ambrosio na epistola *ad Fisinium.* *Aut natura filios suscipimus, aut electione : in*

natura, casus est : in electione, iudicium. Os filhos ou são por natureza, ou por eleição : se por natureza, é caso : se por eleição, é juiso. Quanto vae da sorte á escolha, tanto vae de uns filhos a outros. Se os paes escolheram os filhos, muitos haviam de trocar os seus pelos alheios, e talvez antes não quereriam ter filhos, que taes filhos. Parece-vos que escolheria Adão a Caim, Noé a Cham, Isaac a Ismael, Jacob a Ruben, David a Absalão ? Claro está que não. Mas contenta-se cada um com aquelles filhos que lhe couberam em sorte ; porque nesta parte tambem os filhos entram em conta de bens de fortuna. Nos filhos adoptivos, é pelo contrario ; porque como o escolher este ou aquelle, depende da nossa eleição, da nossa vontade, do nosso juiso ; muito errado será o juiso e a vontade de quem não escolher o melhor de todos, o mais excellente, e o mais digno : *Non est dignus adoptari, nisi qui fortissimus meretur agnosci*, disse Cassiodoro. E a razão que logo dá, é a mesma differença que diziamos : *In sobole frequenter fallimur, ignavi autem esse nesciunt, quos iudicia pepererunt.* Nos filhos naturaes não se satisfaz muitas vezes o desejo, porque ainda que são partos da natureza, dá-os a fortuna : nos adoptivos sempre o acerto e a satisfação é segura ; porque são filhos da eleição, e partos do juiso : *Quos iudicia pepererunt.*

Tal é, ou quasi tal, (com ser infinita a distancia das pessoas) a differença que se acha gloriosamente entre o Filho natural, e estes filhos adoptivos da Virgem Maria. O natural e os adoptivos, um e outros são filhos da mesma Mãe ; mas Christo, Filho das entranhas de seu corpo : *Beatus venter, qui te portavit* ; os carmelitas, filhos das entranhas do seu Filho : *Quos iudicia pepererunt.* A maior excellencia da Virgem Maria, e, como lhe chama Santo Anselmo, estupenda, é que Maria e Deus sejam Paes do mesmo Filho ; e a maior que se pôde dizer desta sagrada religião, é que os carmelitas e Christo sejam filhos da mesma Mãe. Nem Deus podia fazer mais a Maria, que dar-lhe a seu Filho por Filho ; nem Maria podia fazer mais aos carmelitas, que dar-lhe a seu Filho por Irmão. E ainda que Christo é Filho natural da mesma Mãe, e elles filhos adoptivos, a filiação natural é parto do corpo : *Beatus venter* ; a filiação adoptiva, parto do juiso :

Quos judicia pepererunt. Não sei se me atreva a dizer nesta differença: *Quinimo Beati.* Mas vêde, bemditos padres, de que juiso sois filhos. Não filhos do juiso de Jacob, como Manassés, e Efraim, nem do juiso de Augusto ou Trajano, como os seus adoptivos; mas filhos do juiso da Mãe de Deus. Vós e os pensamentos da Mãe de Deus, sois filhos do mesmo juiso. Vêde se vos pôde faltar a sua memoria, sendo irmãos legitimos de seus pensamentos. Só o Verbo Eterno é Filho de melhor juiso que vós, porque elle é gerado pelo intendimento de seu Pae, e vós pelo juiso de sua Mãe.

IV

Mas passemos do juiso á vontade, que é a outra parte da alma que concorre para a adopção ou geração dos filhos adoptivos. Fallando Santiago na adopção e dignidade de Filhos de Deus, a que somos levantados pelos merecimentos de Christo, nota muito o apostolo, e pondera como coisa particular, que neste modo de geração nos gera Deus voluntariamente: *Voluntarie genuit nos Verbo veritatis.* (Jacob. I — 18) A circumstancia de voluntaria é transcendente e universal em todas as obras de Deus, e em todos os beneficios naturaes e sobrenaturaes, que de sua liberalidade recebem os homens. Voluntariamente nos creou, voluntariamente nos remiu, voluntariamente nos conserva, sustenta, e governa, e tudo quanto faz ou não faz, é voluntariamente. Pois se a vontade e o voluntario de Deus, é tão inseparavel de todas suas acções; como nesta da geração dos filhos adoptivos faz tanta reflexão Santiago, e carrega com tanto pezo em ser voluntaria: *Voluntarie genuit nos?* Das mesmas palavras do apostolo tirou S. Fulgencio a razão da differença. Já antes a tinha tocado S. Athanasio, e é digna de ambos. De tres coisas fez menção o apostolo naquellas palavras: do voluntario, da geração, e do Verbo: *Voluntarie genuit nos Verbo veritatis.* Diz agora S. Fulgencio: *Nos Deus vocuntarie genuit, quia voluntas generationem præcessit: in unigeniti autem generatione nulla generantis præcessit voluntas, ubi sine initio naturali permanet æterna nativitas.* A geração eterna com que o Padre gera o Verbo, não é, nem pôde

ser voluntaria ; porque o Filho é gerado pelo acto de intendimento, com que o Padre se conhece e comprehende a si mesmo, antecedente a todo acto da vontade. E como a geração do Filho natural não é voluntaria, nem livre, senão necessaria, por isso o apostolo quando fallou na geração dos filhos adoptivos, carregou tanto na circumstancia de ser voluntaria : *Voluntarie genuit nos*; mostrando a differença, e contrapezando a desigualdade, como se dissera : Ainda que Deus não pôde gerar mais que um Filho natural, pôde comtudo gerar, e gera, muitos filhos adoptivos : e posto que estes não tenham o mesmo ser, os mesmos attributos, e a mesma igualdade com Deus ; teem porém uma circumstancia, com que muito se contrapeza essa desigualdade ; porque se a geração adoptiva tem de menos o não ser natural, teem de mais o ser voluntaria. E esta circumstancia de ser voluntaria é de tanto pezo, e tanto preço, que quasi se suppre o excesso da primeira geração com o voluntario da segunda. Na primeira dá o Padre ao Filho natural todo o ser divino ; mas sem concurso da vontade : na segunda dá o mesmo Padre aos filhos adoptivos só a participação desse ser, mas voluntariamente : *Voluntarie genuit nos*. Não me detenho em applicar á Mãe, o que tenho dito do Pae, porque vou por diante.

Perguntam os theologos, se Christo é Filho natural de Deus, ou Filho adoptivo ? Em quanto Deus, e em quanto Verbo, não ha duvida que é Filho natural. Em quanto homem, Scoto e muitos outros, disseram que era Filho adoptivo. Mas a conclusão mais commum, mais recebida, e mais certa com S. Thomaz, é que tambem em quanto homem é Filho natural. D'aqui se segue, que Christo é duas vezes, e por dois modos, Filho natural de Deus, uma pela geração eterna, outra pela geração temporal. Mas porque razão quiz Deus que o seu Filho unigenito e natural, fosse duas vezes seu Filho, e como não contente com o ter gerado uma vez, o quiz gerar outra ? Porque ainda que na primeira geração estava satisfeita a natureza, parece que não estava satisfeito o amor : e para satisfação do mesmo amor, não só quiz que fosse Filho seu por natureza, senão Filho por natureza e por eleição : uma vez Filho natural com todas as propriedades de natural : e outra vez

Filho natural, mas com alguma propriedade de adoptivo. Na primeira geração do Filho de Deus, como vimos, não teve parte alguma a vontade, porque foi geração necessaria, e não livre. Pois para que a vontade e o amor tenha tambem parte na geração do Filho, torne-se o Filho a gerar outra vez, e assim como é Filho natural por natureza, seja tambem Filho natural por eleição. Foi pensamento altissimo de S. Hypolito em umas difficultosas palavras, em que parece que ainda diz mais; mas só isto é o que disse, e quiz dizer : *Qualem igitur Filium suum Deus per carnem misit, nisi Verbum; quod a principio, scilicet; Filium vocavit, quia futurum erat, ut ortum caperet. Et cum Filius vocatur, commune nomen amoris erga homines sumit. Nec enim Verbum per se, et sine carne perfectus Filius erat, cum tamen perfectum esset Verbum unigenitus.* O Filho unigenito de Deus, (diz Hypolito) antes de encarnar, e ab æternò, sempre foi perfeito Filho, quanto á perfeição e inteireza infinita da natureza; mas quanto a satisfação e nome do amor, faltava-lhe o concurso da vontade, porque era gerado necessaria, e não livremente; por natureza, e não por eleição: e por isso desde a mesma eternidade lhe decretou, e como adoptou Deus outra geração em tempo; para que se suprisse, e como aperfeiçoasse na segunda, o que sem imperfeição (antes com summa perfeição) não pôde ter na primeira. Na primeira foi o Verbo Filho da natureza secundissima do Padre, mas sem affecto, como diz S. Gregorio Nisseno : *Pater Filium genuit sine affectu.* Na segunda uniu-se o affecto á natureza, e não contente o Padre com amar o Filho, depois que o gerou, quillo gerar outra vez amando-o, e porque o amava: e que assim como d'antes se chamava Filho do seu intendimento, se chamasse tambem Filho do seu amor: *Filii dilectionis sue*, diz S. Paulo. (Colos. I — 13)

Estas são as vossas prerogativas, filhos da Virgem do Carmo, que parece competiu a Mãe com o Pae, como Rebecca com Jacob; elle no amor do filho primeiro, e ella no amor dos segundos. Sois filhos da Virgem Maria; mas que filhos? Filhos do seu intendimento, e da sua vontade, do seu juizo, e do seu amor. O seu juizo vos preferiu, e o seu amor vos elegeu: o seu juizo vos

concebeu, e o seu amor vos gerou. Não sois filhos do ventre virginal de Maria, porque esse é privilegio singular do Filho de Deus, e seu : *Beatus venter, qui te portavit*. Mas com prerogativa, que não parece menor, antes em certo modo mais sublime, sois filhos das entranhas da sua alma : na sua alma concebidos, na sua alma gerados, e da sua alma nascidos. E quem negará precisamente considerado, que é mais nobre, e mais excellente modo de geração, ser concebido e gerado na alma, que concebido e gerado no corpo ? O mesmo Christo fez a comparação neste mesmo caso, e o mesmo Christo o decidiu e resolveu assim. Beatificou Marcella o ventre santissimo da Virgem, por haver concebido e gerado o Christo : *Beatus venter, qui te portavit*. E que respondeu o divino Mestre ? *Quinimo beati, qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud*. Antes te digo, que mais bemaventurados são os que me concebem e geram no coração e na alma, ou seja a minha mesma Mãe, ou qualquer outro. Este é o natural sentido daquellas palavras, como expõe S. Agostinho, e todos os interpretes. De sorte, que de dois modos concebeu e gerou a Virgem Maria a Christo : concebeu-o no ventre, e concebeu-o no coração : gerou-o no corpo, e gerou-o na alma ; e este segundo modo de conceber e gerar, foi muito mais nobre, e muito mais excellente que o primeiro : *Felicius Christum corde, quam ventre gestavit*, diz S. Agostinho. Licença nos dá logo o mesmo Christo, para dizermos destes segundos filhos de sua Mãe, ainda em comparação do *beatus venter, quinimo beati*. Porque sendo Christo e os carmelitas filhos da mesma Senhora, elle nesta consideração é Filho natural, e elles filhos adoptivos : elle concebido no ventre de Maria, e elles no coração ; elle no corpo, e elles na alma, porque são filhos do seu juizo, e do seu amor.

V.

Muito parece que tínhamos dito, se a universalidade deste grande privilegio lhe não tirára o preço de raro, e a estimação de singular. Vejo que me estão dizendo os doutos, e muito mais os interessados, que ser filhos adoptivos da Virgem Maria, não

é prerogativa particular desta só religião, senão de muitas outras congregações e communidades, approvadas tambem pela sé apostolica, que debaixo do mesmo nome servem e veneram a Mãe de Deus. Estes são os primeiros e maiores oppositores. Os segundos são todos os devotos da mesma Senhora, que com particular affecto e obsequio se lhe tem dedicado ; porque ninguem a quiz receber por Mãe, que ella o não acceitasse por filho. Quando Christo na cruz disse a S. João : *Ecce Mater tua* : (Joan. XIX — 27) accrescenta logo o mes no evangelista : *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua*. Ou, como outros lêem : *In suam*. Que desde aquella hora a recebeu o discipulo por sua. Onde é muito de notar, que da parte de João diz o texto, que recebeu a Senhora por Mãe, mas da parte da Senhora não diz que o aceitou por Filho. Pois se diz que elle a recebeu, porque não diz que ella o aceitou ? Porque não era necessario dizer-se. Tanto que recebermos a Virgem Maria por Mãe, logo ella nos accita por filhos, sem ser necessaria outra declaração : *Expressit, quod magis dubium esse poterat : tacuit quod minus erat dubium*, commenta Salmeirão. A duvida está em nós a querermos por Mãe ; em a benignissima Senhora nos acceitar por filhos, não ha duvida. Oh que grande consolação para todo o peccador ! Mas ainda temos mais oppositores que são todos os fieis, quaesquer que sejam, porque todos os christãos são filhos da Mãe de Christo. Assim o dizem S. Agostinho, Origines, S. Anselmo, Ruperto, e outros muitos padres. A razão é porque pela união da fé, e pela regeneração do baptismo, todos os fieis somos membros de Christo, que é a cabeça deste corpo mystico ; e a Mãe de Christo é Mãe de todos seus membros : *Ipsa unica Virgo Mater, quæ se Patris unicum genuisse gloriatur, eundem unicum suum in omnibus membris ejus amplectitur, omniumque, in quibus Christum suum formatum, vel formari cognoscit. Matrem se vocari non confunditur* : diz Guerrico. E Geliberto Abbade, ainda com palavras mais breves, e mais vivas : *Mater Christi, Mater est membrorum Christi : unde etiam ab omnibus Mater appellatur, et ab omnibus cultu debito, ut Mater honoratur*. Pois se todos os christãos, se todos os devotos da Virgem, se todos os que por instituto se

dedicam a seu serviço debaixo do nome e patrocínio de Maria Santíssima, são, e se chamam verdadeiramente filhos desta Senhora ; que prerogativa é esta da religião carmelitana, que tanto atégora encarecemos ? Se elles só foram filhos da Mãe de Deus, era uma soberania singularissima, e serem a excepção de todos os homens : porém, sendo esta mesma graça de tantos ; é grande, é excellente, é gloriosa, sim ; mas parece que não tem nada de singular ? Antes por isso mesmo digo, que é singular, e singularissima. Porque serem elles os filhos da Senhora, quando a Senhora é Mãe de tantos e tão illustres filhos, essa é a prerogativa que não tem par.

Não ha coisa que mais me admire na historia evangelica, que ver a pompa amorosa, e estylo singular, com que S. João Evangelista calando o nome proprio com que nomêa aos outros apostolos, quando falla de si, se chama sempre o discipulo amado : *Discipulum, quem diligebat Jesus*. (Joan. XIX — 20) Tende mão, aguia divina. E Pedro, e André, e os demais, não são discipulos de Jesus ? Sim, são ; e primeiro discipulos que vós. E Pedro e André não são tambem amados ? Sim, são ; e primeiro amados, primeiro escolhidos, primeiro chamados. Pois se os outros apostolos tambem são discipulos, e discipulos amados, que excepção, ou que prerogativa é esta, de que tanto vos prezacs ? É a maior e a mais singular que podia ser. Se não houvera outros discipulos, e outros amados, não era tão excessivo louvor ; mas havendo tantos discipulos, e tantos amados ; que João seja o discipulo amado, essa é a gloria singularissima de João. Não está a singularidade em ser só, nem a grandeza em ser grande ; entre muitos ser o só, entre grandes ser o grande, essa é a singularidade. O mesmo digo dos filhos de Maria ; mas quero que primeiro nol-o diga o mesmo S. João. A ultima clausula do testamento de Christo na morte, foi deixar sua Mãe a S. João, e S. João a sua Mãe ; ella por Mãe, e elle por filho : *Ecce filius tuus ; ecce Mater tua*. (Ibid. — 26) Pergunto ; E por esta clausula ficaram excluidos os outros apostolos ? Não. E assim o declarou o mesmo testador Christo depois de sua resurreição, quando mandou as Marias aos apostolos, dizendo : *Ite, nun:iate fratribus meis* :

(Matth. XXVIII — 10) Ide, levae as novas a meus irmãos. Pois se os apóstolos depois desta nomeação de filho em S. João ficaram também irmãos de Christo, e filhos de sua Mãe; que mais lhe deu Christo a elle que aos outros? E se em João foi privilegio especial; porque o estendeu aos demais? Para que fosse mais seu, e mais excellente a especialidade. Deu-lhe a companhia para fazer singular, e a comparação para o fazer incomparavel. Os outros apóstolos também irmãos de Christo: os outros apóstolos também filhos de Maria; mas João entre todos esses filhos, o filho; *Ecce filius tuus*. Assim como S. João em respeito de Christo entre os discipulos, é o discipulo, e entre os amados, o amado, assim em respeito da Virgem, entre os filhos, é o filho. Aos outros deu Christo o nome, a João a autonomia: aos outros a filiação, João a especialidade de filho: *Ecce filius tuus ecce Mater tua*.

Já agora me haveis intendido, e quão proprio e particular é desta bendita religião o privilegio singular de filhos de Maria. Filhos com os demais, mas não filhos como os demais: com especial eleição, com especial amor, com especial nome, com especial prerogativa, em fim, com especial filiação, como entre os demais filhos, elles os filhos. Em tres gerarchias particulares dividimos os filhos desta Senhora, cada um de maior a maior excellencia. Na primeira e infima entram todos os christos, na segunda e meia, todos os devotos da Virgem, na terceira e suprema, todos os dedicados a seu serviço com particular instituto. Mas sobre todas estas gerarchias, verdadeiramente angelicas, e especialmente escolhida, e como escolhida amada da Rainha dos anjos, é a sua familia carmelitana. O mesmo Christo Auctor desta graça (como de todas) nos ha de dar a confirmação della. Por boca e em figura de Salomão no cap. 9.^o dos Canticos, diz assim: *Sexaginta sunt reginæ: et octoginta, concubinæ, et adolescentularum non est numerus: una est columba mea, perfecta mea: una est Matri suæ, electa genitrici suæ*. (Cant. VI — 7 e 8) Todos os padres e expositores concordam em que nas tres differenças desta divisão, rainhas, mulheres segundas, e damas, se comprehendem tres estados, ou ordens de almas, as quaes em maior

ou menor grau de perfeição e união com Christo, todas são esposas suas e filhas de sua Mãe. E atéqui temos bem distinctas, e expressas as tres gerarchias, que diziamos, de filhos adoptivos da Senhora. O que mais accrescenta Salomão, é, que entre estas tres gerarchias, ou ordens, e sobre todas ellas, ha uma, que é a unica e singularmente escolhida de sua Mãe: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ*. Mas qual é esta unica e singularmente escolhida? Ponderae bem as palavras, e vereis como não é, nem pôde ser outra, que a religião carmelitana: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ*. Não diz só, que é unica, e escolhida de sua Mãe: *Matri suæ*: senão nomeadamente de sua Mãe, que a gerou: *Genitrici suæ*: distinguindo na mesma maternidade dois nomes, e dois modos de ser Mãe. De todas as outras ordens de filhos seus, é Mãe a Virgem santissima; mas da ordem carmelitana, é Mãe e genetrix; porque a gerou e produziu, como dissemos: *Ipsa produxit ordinem Beatæ Mariæ de monte Carmelo*. E porque o modo de produzir e gerar estes filhos, foi a eleição especial, que delles fez; por isso ajuntou logo e declarou a mesma eleição: *Electa genitrici suæ*. Dos outros é Mãe, porque elles por sua devoção e affecto elegaram a Senhora: dos carmelitas é Mãe e genetrix, porque ella por especial eleição os elegeu: *Electa genitrici suæ*. E por isso unicos filhos entre tantos filhos, e unica ordem entre tantos institutos: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ*.

Houve-se a Senhora na eleição da ordem carmelitana, houve-se esta Mãe na eleição destes filhos, como se houve Deus na eleição de sua Mãe. Para Deus eleger por Mãe a Virgem Maria, fez primeiro tres eleições e tres separações de melhor que havia no mundo. De todos os povos elegeu e separou primeiro um povo, que foi o povo hebreu em Abrahão: de todas as tribus desse povo elegeu e separou logo uma tribu, que foi a de Judá: de todas as familias dessa tribu elegeu e separou depois uma familia, que foi a familia de David: ultimamente dessa familia elegeu uma pessoa a mais digna, que foi a Virgem Maria: *Ad Virginem desponsatam viro, de domo David*. (Luc. I — 27) O mesmo fez a Mãe de Deus na eleição destes filhos, para que entre todos os seus fi-

lhos, elles fossem os unicos, e o escolhido dos escolhidos : *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ*. De todos os povos e gentes do mundo escolheu o povo christão, que são os seus filhos por fé : de todos os christãos escolheu os seus devotos, que são os seus filhos por affecto : de todos os seus devotos escolheu as congregações, que a servem de baixo de seu nome e patrocínio, que são os seus filhos por instituto : e, finalmente, de todos os institutos passados, presentes e futuros escolheu a ordem do monte Carmelo, para que ella fosse a unica e escolhida entre todos os outros filhos, e sobre todos elles sua : *Matri suæ, electa genitrici suæ*. Todos os outros com mais ou menos prerogativa, e sempre com grande dignidade, são filhos da Virgem Maria, mas os carmelitas são os seus filhos, os seus : *Matri suæ : genitrici suæ*.

Em respeito dos mesmos paes uma coisa é ser filho seu, e outra muito differente ser o seu filho. Jacob tinha tantos filhos, como sabemos, mas o seu filho era José. Entre os outros filhos tambem havia tres distincções: uns eram de Bala, outros de Zephia, outros de Lia; mas José, que era o primogenito de Rachel, esse era o seu filho. Esta foi a allusão deshumana, com que os invejosos irmãos acompanharam o recado da tunica ensanguentada : *Vide, utrum tunica filii tui sit, an non?* (Gen. XXXVII — 32) Esta foi a energia da dor, com que Jacob reconhecedo-a, respondeu : *Tunica filii mei est*. (Ibid. — 33) Os filhos chamaram-lhe o vosso filho : *Filii tui* : e o Pae chamou-lhe o meu filho : *Filii mei* ; porque ainda que todos eram filhos de Jacob, José era o seu filho. E para maior expressão do que nenhum delles duvidava, ajuntando-se (diz o texto) todos os filhos para consolar o pae : *Congregatis cunctis liberis ejus, tu lenirent dolorem patriæ* : o que lhes disse, foi : *Descendam ad filium meum lugens in infernum* : (Ibid. — 35) Não quero outra consolação, senão a morte, para ir buscar e ver a meu filho. Pois todos estes que aqui tendes presentes, não são tambem filhos vossos ? Sim são : são meus filhos, mas não são o meu filho. Os outros tambem eram filhos, não o negava Jacob ; mas o seu filho era José. Vae muito de ser filho, a ser o seu filho. Esta é a differença com que na eleição da Virgem Maria, sendo tantos os seus fi-

lhes, e todos queridos, se distinguem muito uns dos outros. Os demais são filhos da Senhora ; mas os carmelitas são os seus filhos : *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ.*

VI

Sem nos apartarmos da historia de José, mostrarei o instrumento authenticco, e o padrão firrissimo desta differença. Diz o texto sagrado, que Jacob amava a José sobre todos os outros filhos : *Israel diligebat Joseph super omnes filios suos.* (Gen. XXXVII — 3) E este excesso e differença do amor do pae, diz o mesmo texto, que o viam muito bem os outros irmãos de José : *Videntes autem fratres ejus, quod a patre plus cunctis filiis amaretur.* (Ibid. — 4) O amor de um affecto tão invisivel, como a mesma alma onde nasce e onde vide. E se o amor não se vê : como viam os outros filhos o amor de Jacob, e o viam tão distinctamente, que conheciam sem nenhuma duvida ser José o mais amado : *Videntes quod a patre plus cunctis filiis amaretur ?* Viram-no pelos effeitos, e distinguiram-no pelas cores : *Fecit ei tunicam polymitam.* (Ibid. — 3) Fez Jacob a José uma tunica variada de cores, mais nobre que aos outros ; e este foi o signal manifesto por onde conheceram a differença. Quereis vêr como os carmelitas são os Josés da Virgem Maria ? Olhae para aquelle escapulario, que teem nas mãos, que a mesma Senhora lhes deu, e fez só para elles : *Fecit ei tunicam polymitam. Polymitam,* quer dizer variada de cores. Aquellas duas fachas tiradas das guarda-roupas do céu, com que a Senhora variou o habito branco de Elias, são o caracter de seu amor, e o signal visivel de serem estes filhos, entre todos os outros, os seus.

Bem sei, que não foi só José o invejado pela singularidade do vestido. Muitas linguas e penas houve, que quizeram escurecer e impugnar esta gloria, e despir della aos religiosos carmelitas, como os invejosos irmãos despiram a tunica a José. Mas já não podem ladrar estes cerberos, porque lhes tapou a boca a igreja com tantas bulhas dos summos pontifices. Declararam e confirmaram esta verdade, Alexandre V, Clemente VII, Paulo III.

Paulo V, Gregorio Decimotercio, e outros : e primeiro que todos João XII, ao qual appareceu a mesma Senhora e lhe revelou que seria promovido ao pontificado, com condição e promessa, que confirmaria a certeza e privilegios do seu escapulario, a que o mesmo pontifice chama : *Habitus sancti signum*. Quiz a Virgem, depois de dar esta prenda aos carmelitas, tornal-a a reconhecer por sua, e dizer como Jacob : *Hæc est tunica filii mei*. Esta, esta é a tunica dos meus filhos. Que muito, logo, que haja invejosos ? Deixae-os, que teem muita razão. Eu estou muito bem com as invejas bem nascidas, ainda entre os filhos dos mesmos paes. Invejou Caim a Abel : e porque o não havia de invejar ? Invejou-lhe o ser mais bem visto de Deus ; e teve tanta razão, como não tem nenhuma os que invejam outras coisas. Só a graça de Deus se ha de invejar, e depois della (que sempre andam juntas) a graça da Mãe de Deus. Porque não havia de invejar ao filho segundo o outro irmão, se viu que o pae o vestia com primeira estola : *Proferta stolam primam* ? Se aquella é a primeira estola da Mãe de Deus ; porque não hão de ser invejados estes filhos ? Elles são os filhos segundos da Virgem, em respeito de Christo, e a sua estola é a primeira em respeito de todos os outros filhos. Vestiu ao primogenito natural, e vestiu aos primogenitos adoptivos, e a um e outro assignalou e distinguiu com a divisa das cores. Quando lhe perguntaram á Senhora, qual era o seu amado sobre todos : *Qualis est delectus tuus ex dilecto* ? (Cant. V — 9) Respondeu, que era branco e encarnado, esculhido entre milhares : *Dilectus meus candidus, et rubicundus, electus sex millibus*. (Ibid. — 10) Ao Filho amado sobre todos, vestiu do encarnado da humanidade, sobre o branco da divindade : aos filhos amados sobre todos, vestiu-os do pardo seu, sobre o branco de Elias.

No cap. 19.º do 3.º liv. dos Reis, lançou Elias o manto sobre Eliseu, que foi deitar-lhe o habito da sua religião, como dizem grandes expositores daquelle logar, e se prevou logo com a renunciação que Eliseu fez de seus bens, e da casa de seu pae, seguindo sempre e obedecendo a Elias. (3. Reg. XIX — 19) D'alli a tempos, como se conta no 4.º liv. cap. 2.º, despediu-se

Elias de Eliseu, dizendo-lhe, que pedisse o que queria : e pediu, que se dobrasse nelle e seu espirito : *Fiat in me spiritus tuus duplex*. (4. Reg. II — 9) Respondeu Elias, que era coisa difficil, a que pedira ; mas que lhe seria concedida, com condição, que o visse, quando se ausentasse delle : *Si videris me, quando tollar a te*. (Ibid. — 10) Aparece nisto o carro de fogo, voa Elias pelos ares, rasga Eliseu as suas vestiduras : *Scidit vestimenta sua*. (Ibid. — 12) E depois levantou e tomou para si a capa de Elias, que lhe tinha caído lá de cima, quando ia voando : *Levavit pal-kum Eliæ, quod ceciderat ei*. (Ibid. — 13) Infinitas coisas havia que ponderar neste famoso successo. Primeiramente parece demasiado desejo, e ainda atrevimento, pedir Eliseu o espirito de Elias dobrado : quanto mais que nem elle lhe podia dar o seu espirito, e muito menos o que não tinha. E se Deus lhe havia de dar esse espirito, que importava que Eliseu visse ou não visse a Elias depois de arrebatado e partido ? E se Eliseu já tinha o habito de Elias, para que lh'o deita segunda vez ? E se lh'o queria dar, porque lh'o não deu na terra, em quanto estava com elle ? E finalmente, porque rasga o seu vestido Eliseu, ficando com um e outro ; com o seu rasgado, e com o caído do céu inteiro ?

Tudo isto não foi mais que uma figura prophetica do que depois havia de succeder á religião carmelitana, que em Eliseu, como em cabeça, se representava. Pediu propheticamente Eliseu, que se lhe dobrasse o espirito ; porque o espirito que tinha recebido na lei escripta, se lhe havia de dobrar, e aperfeiçoar na lei da graça ; mas não por meio de Elias. Prova-se do mesmo texto ; porque quando Elias a primeira vez lançou o manto sobre Eliseu, disse-lhe, que lhe tinha feito de sua parte quanto podia : *Quod enim meum erat, feci tibi*. (3. Reg. XIX — 20) Logo não era Elias o que lhe havia de dar segunda vez o habito, nem o que lhe havia de dobrar o espirito ; e por isso Eliseu não disse : *Da mihi* : senão : *Fiat in me* : E Elias quando respondeu á petição, não disse : *Dabo* : senão *Erit tibi*. Era pois o mysterio representado propheticamente nesta figura, que os successores de Elias haviam de receber outra vestidura, e que com

ella se lhes havia de dobrar o espirito, como succedea com o sagrado escapulario. Por isso esta segunda vez não foi dada a vestidura na terra, senão caída do céu. E por isso Elias pediu a condição, de que ó vissem depois de partido; porque se os carmelitas se não conservassem no mesmo instituto, tendo sempre a Elias diante dos olhos, não mereceriam este favor da Mãe de Deus, nem a mesma Senhora os visitaria no monte Carmelo, como visitava frequentemente; nem elles no mesmo lugar lhe edificariam, ainda antes de sua assumção, o primeiro templo. E por isso com admiravel propriedade Eliseu rasgou o habito que tinha recebido de Elias, e levantou e tomou o que caiu do céu, porque assim o fizeram os carmelitas, abrindo a vestidura antiga de Elias, e fazendo della o manto branco, e tomando o escapulario pardo, e a tunica da mesma côr, com que ficaram inteiramente vestidos e signalados por filhos da santissima Mãe.

Succedeu-lhe á Senhora com Elias, o mesmo que a Jacob com Labão. Concertou-se Labão com Jacob, que todos os cordeiros que nascessem de duas cores, seriam de Jacob, e os que saíssem brancos, seriam seus: e a este fim deu-lhe só as ovelhas brancas, para que os cordeiros saíssem tambem brancos. Porém Jacob pondo diante dos olhos ás ovelhas certas varas, nasciam os cordeiros de duas cores: *Factum est, ut parerent maculosa, et diverso colore respersa.* (Gen. XXX — 39) Assim no monte Carmelo, em quanto a religião carmelitana teve diante dos olhos só a Elias: *Si videris me, quando tollar a te:* eram os seus cordeiros brancos da cor do habito de Elias, como refere S. Epiphânio, que o viu vestido de sua Mãe, quando o concebeu; porém depois que se lhe variou este objecto, e se lhe poz diante dos olhos a vara da raiz de Jessé, a Virgem Santissima, com o escapulario pardo, saíram d'alli por diante todos os cordeiros vestidos de lá de duas cores: *Diverso colore respersa.* E por isso signalados com o character e divisa de sua Mãe, como filhos espeziaes, singulares e mais seus, e distintos de todos os outros.

VII

Parece-me, que temos satisfeito á evidencia desta gloriosa

especialidade e differença ; e só nos resta mostrar a razão e fundamentos della, que não serão menos gloriosos. A filiação adoptiva, como se funda, não em caso, ou fortuna da natureza, senão em eleição do juiso e da vontade, necessariamente suppõe merecimento ; e quanto o juiso é mais sublime, e a vontade mais recta, tanto maior merecimento suppõe. Qual é logo, ou quaes são os merecimentos, por cuja singularidade e grandeza mereceram os filhos da religião carmelitana ser preferidos e antepostos a todos os outros na eleição da Mãe de Deus ? Confesso que em materia tão grave, e em que todas as sagradas religiões, podem allegar tantos e tão illustres titulos de merecimentos, de obsequio, de devação, e de serviços tão particulares feitos á Virgem Santissima, não me soube por muito tempo resolver, até que o mesmo evangelho, por caminho tão extraordinario, como logo vereis, me guiou a acertar com a verdadeira razão, ou a que eu tenho por tal.

Digo, que foram preferidos os carmelitas pela grande similitude que esta sagrada religião, desde seus antiquissimos principios, teve com Christo. E era razão que aquelles fossem preferidos na eleição de filhos adoptivos, que mais semelhantes e mais conformes eram ao Filho natural. Govervou-se a Mãe de Deus neste decreto da sua eleição pelas mesmas idéas das eleições e decretos divinos. Como decretou Deus ab æterno os seus filhos adoptivos ? Disse-o S. Paulo no cap. 8.º da Epist. ad Rom. : *Quos præscivit, et prædestinavit, conformes fieri imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus.* (Rom. VIII — 29) Os que Deus predestinou para filhos adoptivos, predestinou-os também para serem semelhantes e conformes a seu Filho natural, para que o Filho natural seja o primogenito, e os adoptivos, segundos. De maneira que como os filhos do mesmo Pae todos são, irmãos, é bem que sejam parecidos e semelhantes : e como Christo, que é o primogenito, é também o exemplar dos demais, para que os adoptivos, que são os segundos, lhe sejam semelhantes, é necessario que se retratem por elle, e se conformem com elle, porque de outro modo seriam irmãos, e não seriam parecidos. Esta é a forma dos decretos de Deus das suas eleições ; e tal

foi o da Virgem Maria nesta sua ; só com uma differença, que Deus faz semelhantes aos que quer adoptar por filhos ; e a Senhora adoptou por filhos aos que achou semelhantes. Elias lhes deu a simillhança, e a Senhora a adopção ; mas a adopção fundada na simillhança : *Conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus.*

Quanta fosse desde seu principio a simillhança dos carmelitas com Christo, isto é, dos primogenitos adoptivos da Senhora com o seu primogenito natural, testificou-o Salomão, não menos que nomeando aos carmelitas por seu proprio nome. Descreve o Esposo á Esposa no cap. 7.^o dos Canticos, retratando suas perfeições uma por uma ; e chegando á cabeça, faz esta notavel comparação : *Caput tuum ut Carmelus.* (Cant. VII — 5) A vossa cabeça, Esposa minha, é como o monte Carmelo. Não me espanto, que Salomão compare a cabeça da Esposa a um monte, porque as suas comparações são tão extraordinárias, como a sua sabedoria ; mas porque mais ao monte Carmelo, que a outro ? Saibamos qual é a cabeça comparada, e logo veremos a propriedade da comparação. A Esposa, de que se trata nos Canticos, é a igreja : a cabeça desta esposa e do corpo mystico da igreja, é Christo : *E ipsum dedit capu suprat omnem ecclesiam, quæ est corpus ipsius* : diz S. Paulo : (Ephes. I — 22 e 23) E querendo comparar Salomão a Christo com alguma coisa da terra, não achou outra que fosse mais simillhante a elle, que o monte Carmelo, porque era habitado dos carmelitas. Justo Orgelitano : *In Carmelo monte Sanctus Elias, et Eliseus sæpe receptaculum habuerunt, quæ propter in capite ecclesiæ Domino nostro Jesu Christo, quo sublimius nihil est, justi habitaculum recipiunt.* Muitos varões justos e santos fizeram celebres e famosos outros montes de Israel e fóra delle ; mas não compara Salomão a Christo, nem ao monte Sinay, venerado pela lei de Moysés, nem ao monte Muria, santificado com o sacrificio de Abrahão, nem ao monte Olivete, regado com as lagrimas de David, nem ao monte Libano, frequentado de Josias e Ezechias ; mas só e singularmente ao monte Carmelo, porque era o solar nobilissimo dos carmelitas, consagrado com a santidade de sua vida e instituto. E não houve na-

quelles tempos nem outra vida, nem outro instituto tão semelhante a Christo. E senão, appareça Christo no mundo, e vejamos a quem o comparam os homens, e a quem dizem, que é semelhante.

Perguntou Christo aos apostolos : *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* (Matt. XVI — 13) Que opinião havia delle no povo; quem diziam que era? E responderam : *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii veró Jeremiam, aut unum ex prophetis* : (Ibid. — 14) Uns dizem, Senhor, que sois o Basptista, outros Elias, outros Jeremias, ou algum dos prophetas. Bravos inimigos são os homens da idade em que nasceram. Mais depressa crêem que podem resuscitar os grandes homens passados, que nascer de novo outros tão grandes como elles. Sempre a inveja foi vicio de vivos e dos presentes : e até Deus depois que se sujeitou a nascer, não ficou isento desta injuria do tempo. Mas supposto que cuidavam e diziam, que era um dos antigos, parecia-me a mim, que o haviam de comparar com os reis, e não com os prophetas ; porque o Messias era esperado como rei, e Christo, como rei foi acclamado e adorado dos Magos, titulo que tanto sangue custou aos innocentes ; e as turbas o quizeram levantar por rei no deserto : e finalmente em Jerusalem o receberam com triumpho e applausos publicos de rei : *Benedictus qui venit in nomine Domini, Rex Israel*. (Matt. — 9) Comtudo, era tanta a similhança, que Christo tinha com os carmelitas, e os carmelitas com Christo ; que a ninguem lhe parecia senão carmelita. Elias era carmelita, e o primeiro pae e fundador dos carmelitas, como consta de toda a escriptura. O Basptista era carmelita, como dizem S. Gregorio Nazianzeno, S. Macario, S. Antonio : Jeremias era carmelita, senão no logar, ao menos no instituto da vida, como se colhe de S. Jeronymo, na prefacção do mesmo propheta : os outros prophetas tambem muitos eram carmelitas ; tanto assim, que a religião carmelitana pelo nome mais commum se chamava : *Cætus prophetarum* : congregação dos prophetas. E como os carmelitas desde seu nascimento foram tão semelhantes e tão parecidos a Christo ; havendo a Mãe de Deus de dar irmãos adoptivos ao seu Filho natural, e ao seu primogenito filhos se-

gundos, claro está, que estes não haviam, nem deviam, ser outros senão aquelles que eram mais semelhantes, e mais conformes a elle: *Conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse Primogenitus in multis fratribus.*

VIII.

Só estou vendo, que se me pôde instar, e fortemente: Se a semilhança com Christo foi o merecimento desta prerogativa; ainda que concedamos liberalmente aos antigos carmelitas tudo o que essencialmente pertence, e constitue uma verdadeira religião; não ha, nem pôde haver duvida, que as religiões da lei da graça participam muito maior e mais perfeita semilhança com Christo: logo, ou qualquer dellas havia de ser a preferida nesta filiação, ou não é este o verdadeiro fundamento e merecimento della. Torno a dizer, que sim. E não me quero valer de um escudo, com que este e semelhantes golpes se podiam rebater facilmente; e é, que as leis e regras do amor não são *stricti juris*. Ainda que as razões do amor padeçam instancias, nem por isso se faz prova contra a verdade e certeza de suas eleições: antes por isso são mais suas ainda de paes a filhos. Dá a razão a escriptura, porque Jacob amava mais a José que a todos os outros filhos; e diz, que era, *eo quod in senectute genuisset eum*: (Gen. XXXVII — 3) porque o havia gerado na velhice. Contra: que esta mesma razão favorecia muito mais a Benjamin, o qual nasceu depois de José, e foi o ultimo filho de Jacob. Comtudo, a conclusão era certa, e a razão em que se fundava, verdadeira, e por tal a qualifica o texto sagrado. O mesmo podia eu responder, quando a objecção e a instancia subsistira; mas não subsiste. A religião carmelitana havendo começado mais de mil annos antes das mais antigas, teve dois tempos e duas idades: uma depois, e outra antes de Christo. Depois de Christo foi tão perfeita religião como qualquer das outras da lei da graça: antes de Christo teve toda a perfeição que permittia aquelle tempo e aquelle estado: e esta circumstancia de ter começado antes, e tanto antes de Christo, é uma prerogativa que a faz unica e singular, e incomparavel na mesma semilhança em que se funda a sua preferencia. As ou-

tras religiões foram semelhantes a Christo por imitação de Christo : os carmelitas foram semelhantes a Christo antes de haver no mundo Christo a quem imitar. E este modo de ser semelhante excede incomparavelmente a todas as outras similhaças. De Job disse Deus, que não tinha semelhante na terra : *Nunquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra ?* (Job. I — 8) E porque ? S. Agostinho : *Quis tantum potuit promereri, cui tale testimonium Dominus perhiberet, nisi hic, qui non imitator invenitur, sed author eorum, quæ gessit* : Não teve Job semelhante no mundo, porque não foi imitador, senão auctor. Os outros imitaram, elle não teve a quem imitar : elle foi original, os outros copia : elle mestre, os outros discipulos ; e mestre antes de vir ao mundo o Mestre do mundo. Mudae o nome de Job em Elias, e tem respondido por mim S. Agostinho.

Mas dê-me licença a vossa devação, para que eu desenvolva um pouco do muito que está encuberto na differença desta similhaça. Diz Christo : *Beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud* : Bemaventurados os que ouvem a palavra de Deus, e a guardam ; quanto mais bemaventurados serão os que guardam a palavra de Deus sem a ouvirem ? Pois esta é a vantagem que faz a religião carmelitana a todas as outras religiões da egreja. As outras religiões ouviram a palavra de Deus, e guardaram-na : a religião carmelitana guardou a palavra de Deus antes de a ouvir ; as outras religiões ouviram a palavra de Deus, e guardaram-na ; porque primeiro Christo pregou os conselhos evangelicos, em que consiste a perfeição religiosa, e depois os seguiram e abraçaram os fundadores dessas religiões, e se consagraram ao serviço de Deus debaixo daquelle instituto. Porém a religião carmelitana, e seus antiquissimos e santissimos fundadores, ainda Christo não tinha prégado, nem ensinado ao mundo a perfeição e alteza dos conselhos evangelicos, e já elles os guardavam com religiosissima observancia. Ainda Christo não tinha prégado desprezo do mundo, e já elles tinham deixado o mundo ; ainda não tinha prégado a pobreza, e já elles por voto eram pobres ; ainda não tinha prégado a castidade e a obediencia, e já elles por voto eram castos e obedientes. Em fim, Christo não tinha prégado

nem aconselhado o estado de religião, e já elles eram religiosos. Diz S. Paulo, que ninguem póde obrar sem crêr, nem crêr sem ouvir, nem ouvir sem prégador: *Quomodo credent ei, quem non audierunt? Quomodo autem audient sine prædicante?* (Rom. X — 14) E os religiosos carmelitas vencendo gloriosamente este impossivel, antes de se prégár o evangelho, o crêram, e antes de o ouvir, o obraram: sendo evangelicos antes de haver evangelho; sendo apostolicos antes de haver apóstolos; sendo christãos antes de haver Christo. Não disse bem. Muito mais é ser religioso, que ser christão. E quando no mundo ainda não havia quem fosse christão, já todos os carmelitas eram religiosos. Marcella levantou a voz, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit*: Christo sobre aquella voz levantou mais, e disse: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud*. E os religiosos carmelitas com um contraponto altissimo podem accrescentar, em gloria do mesmo Christo, outro *quinimo*, e dizer: *Quinimo beati, qui non audierunt, et custodierunt*; porquê guardaram a palavra de Christo antes de a ouvir.

Dos anjos diz David uma coisa notavel: *Facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus*. (Psal. CII — 20) Que fazem a palavra de Deus para a ouvirem. Não intendo; ou os termos estão torcados. Parece que havia de dizer: os anjos ouvem a palavra de Deus para a fazerem; e não, os anjos fazem a palavra de Deus para a ouvirem; porque primeiro é ouvir o que Deus manda, e depois fazel-o. Pois porque diz que fazem para ouvir, e não ouvem para fazer? Porque é tão grande a promptidão e a diligencia com que os anjos executam a palavra de Deus, que parece que primeiro a fazem, do que a ouvem: no mesmo instante ouvem e executam. Assim se intendem estas palavras, nem admittem outro sentido nos anjos do céu: porém nos anjos do Carmelo, sim, porque verdadeiramente executaram a palavra de Christo antes de a ouvirem, e não só antes, e muito antes, senão oitocentos annos antes, que tantos precedeu Elias a Christo. Oitocentos annos antes de se ouvir no mundo a palavra de Christo, já no Carmelo se guardava o evangelho: *Facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus*. Ainda a palavra de Christo

não era ouvida, e já era executada: ainda a palavra de Christo não tinha voz, e já tinha obediencia: ainda a palavra de Christo não era palavra, já era obras. A maior sentença que disseram os sete sabios da Grecia, foi: *Sequere Deum*. Mas o espirito e as obras de Abrahão foram tão antecipadas, diz S. Ambrosio, que já elle tinha feito muitos annos antes, o que os sabios disseram depois: *Quod pro magno inter setem sapientium dicta celebratur* (*Sequere Deum*) *fecit Abraham, factoque sapientium dicta prævenit*. E se fazer e executar antes, o que os sabios de Grecia disseram depois, é grande louvor de Abrahão; qual será o dos carmelitas em haverem anticipado com as suas obras as palavras da sabedoria eterna: em fazerem o que Christo ensinou, antes de Christo o ensinar: em serem discipulos de Christo, antes de serem ouvintes de Christo? *Qui non audierunt verbum Dei, et custodierunt illud*.

IX.

Mas para que esta similitude entre o Filho natural da Virgem, e os filhos adoptivos, fosse reciproca; não só elles foram imitadores de Christo, mas Christo em quanto podia ser, imitou a elles. Não só foram os carmelitas os que fizeram antes o que a palavra de Deus não tinha dito, mas a palavra de Deus foi a que disse e ensinou depois, o que os carmelitas tinham feito. Elles guardaram o que Christo não tinha ensinado; e Christo guardou o que elles tinham guardado: *Custodiunt illud*.

Será prova não difficultosa desta maravilhosa excellencia um dos mais difficultosos logares do evangelho: *Nolite putare, quoniam veni solvere legem, aut prophetas: non veni solvere, sed adimplere*: (Matth. XV—7) Ninguem cuide de mim, diz Christo, que vim desfazer a lei e os prophetas, porque a vim guardar e cumprir. É certo que Christo veio desfazer a lei, porque em lugar da lei escripta, veio substituir a lei da graça. Pois se Christo veio desfazer a lei; como diz que a não veio desfazer, senão que a veio cumprir? Eu o direi, dae-me attenção. A lei de Moysés (não fallando na parte judicial, que não pertence aqui) tinha duas partes: a cerimonial, e a moral. A cerimonial, essa foi a que

Christo desfez, como se desfaz a sombra com a luz, a figura com o figurado, a promessa com o promettido, e a esperança com a posse. A parte mortal não a desfez Christo, antes a aperfeiçoou, e de dois modos : o primeiro, declarando e tirando os abusos com que os phariseus a tinham depravado ; o segundo, accrescentando-lhes os conselhos evangelicos, não com necessidade de preceito, mas como ornamento e corda da mesma lei, para os que livremente a quizessem alcançar. E porque a religião dos prophetas, isto, é, Elias e seus successores, tinham dado principio (ainda que em menor perfeição) aos mesmos conselhos, e Christo observou e guardou uma e outra coisa, por isso disse : *Non veni solvere legem, aut prophetas, sed adimplere*. E que este seja o verdadeiro sentido do texto, prova-se de todas as circumstancias e consequencia delle. Porque primeiramente a materia, de que Christo actualmente fallava, eram os mesmos conselhos evangelicos : *Beati pauperes spiritu, etc.* (Matth. V — 3) As pessoas com quem fallava, eram os apóstolos, chamados para seguir a perfeição dos mesmos conselhos : *Accesserunt ad eum, discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos*. (Ibid. — 1 e 2) O premio que promettia, era ser grande no céu : *Hic magnus vocabitur in regno celorum*, (Job. XIX) que só dá aos observadores dos conselhos : o nome com que os significou, foi de mandamentos minimos : *De mandatis istis minimis* Porque os conselhos não chegam a ser mandamentos, nem teem força de preceito, nem excluem do reino do céu : *Minimus vocabitur in regno celorum*. Finalmente, aquella disjuntiva, *aut ; Legem, aut prophetas*, mostra claramente, que a doutrina dos prophetas, de que Christo fallava, era distincta da lei ; porque, se tomára os prophetas só como interpretes da lei, havia de dizer : *Legem, et prophetas*, como quando disse : *Lex, et prophetæ usque ad Joannem*. (Luc. XVI — 16) Mas os prophetas de que aqui fallava, não eram os interpretes da lei, senão os que seguiam vida e instituto superior a ella, qual era o que Christo actualmente estava prégando. E porque Elias, Eliseu, e seus successores, que communmente eram prophetas, e se chamavam os prophetas, tinham dado principio, antes de Christo os prégar, a estes que depois foram conselhos evangelicos ; por

isso diz Christo, que nem viem a desfazer a lei, quanto aos preceitos, nem os prophetas, quanto á perfeição, senão a observá-la e a cumpril-a : *Non veni solvere, sed adimplere.*

Conforma-se mais a verdade e propriedade desta explicação, com outras palavras notaveis do mesmo texto : *Donec transeat cælum, et terra, jota unum, aut unus apex non præteribit à lege, donec omnia fiant.* (Math. V — 18) É prophécia e promessa de Christo, na qual assegura que a lei de que fallava, e os apices della, se hão de observar até o fim do mundo. Até o fim do mundo ? Logo não fallava Christo da lei cerimonial, que já acabou, senão da moral, que actualmênte estava reformando e aperfeiçoando, accrescentando-lhe os conselhos, que são os apices da mesma lei, isto é, as partes e pontos mais miudos, e mais delicados, e mais altos, a que por isso chama mandamentos minimos : *Apex est evangelica perfectio*, diz a glossa. E S. Chrysostomo : *Non pro veteribus legibus hoc dicit, sed pro his, quæ ipse erat præcepturus, quæ quidem minima vocat, licet magna sint.* D'onde se segue claramente, que os prophetas, de que Christo disse : *Legem, aut prophetas*, eram aquelles prophetas que observavam instituto semelhante aos conselhos evangelicos. E por isso neste segundo texto não fez distincção da lei dos prophetas, nem disse lei e prophetas, senão somente lei : *Non præteribit à lege.* Porque depois que a lei moral e a escripta passou a ser lei evangelica, dentro della se comprehenderam tambem os conselhos, que no tempo da lei escripta andavam na tradicção, e exemplo dos homens santos, e não no corpo da lei. Esta mesma lei, pois, e estes mesmos apices della, que agora são conselhos evangelicos, e antigamente eram institutos propheticos em Elias e seus successores, não só diz Christo que hão de durar até o fim do mundo, (quando virá o mesmo Elias contra o Antechristo) mas que o mesmo Christo os veio guardar e cumprir : *Non veni solvere legem, aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere.*

Oh grande gloria desta religião grande, singular, ineffavel ! Que vindo Deus ao mundo a desfazer uma lei, que elle mesmo instituiu, diga, que veio não a desfazer, senão a guardar as leis que instituiram os carmelitas ! Esta é a differença que vae desta

sagrada religião ás nossas. Nós imos pelos passos de Christo, e Christo diz que vae pelos seus : nós caminhamos por onde Christo pizou, e Christo pizou por onde os precursores do Carmelo tinham caminhado. Entra Christo triumphando em Jerusalem, acompanhado de infinita gente, clamando e acclamando todos : *Hosanna Filio David*. (Matth. XXI — 9) E notam os evangelistas, que uns iam diante, outros detraz : *Et qui præbant, et qui sequebantur*. (Marc. XI — 9) Perguntam agora os doutores, quem eram, ou quem representavam os que iam diante, e quem os que iam detraz ? E respondem com S. Hilario, que os que iam diante, eram os santos da lei velha, que vieram antes de Christo : e os que seguiam de traz, eram os santos da lei nova, que vieram depois de Christo. Os que iam diante, eram os Elias, os Eliseus, os Jeremias, os Baptistas : os que iam detraz, eram os Pedros, os Paulos, os Agostinhos, os Domingos, os Franciscos. E que differença havia entre uns e outros ? A differença era, que os que iam detraz, seguiam ; os que iam diante, eram seguidos. Os que iam detraz, caminhavam por onde Christo pizava : os que iam diante, pizava Christo por onde elles tinham caminhado. E este era o lugar em que iam os carmelitas. Tão adiantados em guardar a palavra e doutrina de Christo, que em vez de elles seguirem a Christo, veio Christo (do modo que se póde entender) a os seguir a elles : *Non veni solvere legem aut prophetas, sed adimplere*.

Mais mysterio ha no caso. Os que iam diante, que já dissemos quem eram, lançavam as capas no chão, para que Christo passasse por cima dellas : *Eunt autem illo substernebant vestimenta sua*. (Luc. XIX — 36) D'onde infere advertidamente S. Paschasio, que Christo neste triumpho não deixou pégadas, porque não assentava os passos de seu caminho sobre a terra, senão sobre os mantos. Pois se Christo veio a este mundo para que seguissem suas pizadas os que viessem depois d'elle : *Ut sequamini vestigia ejus* ; (1. Petr. II — 21) porque não deixou pizadas neste caminho ? Porque aquellas capas dos que iam diante, vinham a ser os mantos e os habitos dos carmelitas : e onde estavam os habitos dos carmelitas, elles substituiam as pizadas de Christo ; porque o

que Christo ensinou depois geralmente com a sua doutrina, e com os seus passos, isso é o que os carmelitas tinham exercitado e ensinado antes com o seu habito, com o seu exemplo, com a sua profissão. Os que iam detraz, não é muito que o fizessem depois de ouvirem e verem a Christo: mas que o fizessem os que iam diante, sem verem a Christo, nem o ouvirem, esta foi a maravilha, e esta é a excellencia singular dos carmelitas: *Qui non audierunt verbum Dei, et custodierunt illud.*

Nem cuide alguém, que é ou póde parecer contra a dignidade e suprema primazia de Christo esta precedencia de tempo. Porque toda essa virtude, todo esse exemplo, toda essa luz, ainda que antecedente, foi derivada do mesmo Christo. Na primeira semana do mundo creou Deus o sol ao quarto dia, e poz o sol no quarto céu. E porque no quarto céu, e ao quarto dia? Com admiravel providencia e mysterio. No quarto dia precederam tres dias atraz, e seguiram-se outros tres adiante: no quarto céu ficavam tres planetas abaixo, e outros tres acima: e foi destinado ao sol aquelle tempo, e aquelle logar; aquelle dia, e aquelle céu, para que estando no meio, como primeira fonte da luz, tanto podesse allumiar os planetas de baixo, como os de cima; tanto os dias que ficavam atraz, como os que iam adiante. Nos planetas está claro: nos dias tambem é certo, porque aquella luz que precedeu nos primeiros tres dias da criação, como diz S. Thomaz com a commum dos theologos, era parte da mesma luz, posto que menos intensa, da qual depois foi formado o sol. Nem mais, nem menos o Sol de justiça. O tempo em que veio ao mundo, foi no meio dos annos: *In medio annorum notum facies.* (Habac. III — 2) O logar em que nasceu no mundo, foi no meio da terra: *Operatus est salutem in medio terræ*: (Psal. LXXIII — 12) para que intendessemos como verdadeiramente era, que a luz, a sabedoria, a virtude, a graça, o exemplo, e o instituto de vida de todos os homens santos, ou os que vieram antes, ou os que se seguissem depois, em qualquer tempo, e em qualquer logar, tudo manava daquella primeira fonte, tudo eram raios daquella Sol, e tudo effeitos daquella suprema causa. Todas as religiões vieram ao mundo depois de Christo: a carmelitana abraçou ambos os

tempos, porque já era antes, e foi depois : quando imitou, e quando não tinha a quem imitar : quando seguiu, e quando não tinha a quem seguir : quando ouviu, e quando não tinha ouvido : sempre foi inspirada, movida, e antecipada de Christo : teve planetas abaixo do sol, e planetas acima : teve dias depois do sol, e dias antes ; mas todos allumiados do mesmo sol. Oh com quanta gloria, e com quanta propriedade se pôde dizer desta sagrada familia : *Permanebit cum sole, et ante lunam.* (Psal. LXXI — 5) Sempre com o sol, mas antes da lua. Sempre com o sol ; porque em ambos os tempos, e em ambos os estados, sempre foi allumiada de Christo : mas antes da lua, porque no primeiro tempo, e no primeiro estado, foi antes da Virgem Santissima. Mas por serem antes da Mãe, nem por isso deixaram de ser sempre seus filhos. Antes por isso mesmo mais proprios, e mais singulares filhos, e mais parecidos ao seu primogenito ; porque é prerogativa unica desta soberana Mãe, ser Mãe de filhos que já eram antes de ella ser : *Et Genitris quando non, quæ sæculorum generavit auctorem ?* Foi Mãe destes filhos, que já eram em tempo, assim como foi Mãe do Filho, que era desde a eternidade : *Beatus venter, qui te portavit.*

X

Tenho acabado o meu discurso ; mas direis, e com muita razão, que mal acabado. Pois tendo honrado esta solemnidade com sua presença o divinissimo Sacramento, e sendo a primeira e principal parte della, não teve parte no sermão. Não me tenhaes por tão descuidado. A este fim ficaram reservadas e intactas aquellas duas palavras do thema : *Et ubera, quæ suxisti.* (Luc. XI—27) E não hão de vir desatadas do discurso.

Os filhos primeiros já sabeis que teem obrigação de dar alimentos aos filhos segundos : e esses alimentos, conforme a sua qualidade, a sua nobreza, o seu estado. E como os religiosos carmelitas são irmãos segundos de Christo por parte de sua Mãe, era obrigado Christo a lhe dar alimentos, e taes alimentos, que fossem dignos de filhos da Mãe de Deus. Pois que alimentos haviam de ser estes, senão o mesmo Deus, dado em alimento ? É

verdade que o Santissimo Sacramento do altar foi instituido para todos ; mas pôde ser applicado com differença. Dar Christo este pão do céu aos outros homens, foi graça, foi liberalidade : dal-o aos religiosos do Carmo, foi divida, e foi obrigação. Aos outros homens foi graça, e foi liberalidade; porque não lhes devia Christo este Sacramento como Redemptor. Aos carmelitas foi divida, e foi obrigação, porque lhes devia estes alimentos como irmão maior. Direis, que alimentos sim ; mas não estes. Alimentos sim, por irmãos seus, e filhos de sua Mãe. Mas que estes alimentos fossem tirados de sua propria substancia, e debaixo de accidentes diversos, qual é o mysterio sagrado da eucharistia, porque razão ? Ora vêde. Christo, como irmão primogenito, devia sustentar os filhos de sua propria Mãe, e seus irmãos segundos com taes alimentos, quaes eram aquelles com que sua Mãe o sustentava. E que alimentos eram estes ? *Et ubera, quæ suxisti*. O alimento com que a Senhora sustentou a seu Filho, foi o leite de seus peitos. E o leite, que alimento e que substancia é ? Perguntae-o a Aristoteles e a Galeno : o leite é sangue branco ; e não ha outra distincção entre o sangue e o leite, senão que o leite é sangue branco, e o sangue leite vermelho. A substancia é a mesma, os accidentes diversos. De sorte que a Virgem Senhora nossa deu o sangue por duas vezes, e por dois modos a Christo : deu-lhe uma vez o sangue de suas entranhas, de que se formou o corpo sagrado, quando o gerou : *Beatus venter, qui te portavit*. E deu-lhe outra vez, e mil vezes, o sangue de seus peitos, com que o sustentou e alimentou : *Et ubera, quæ suxisti*. E entre um e outro sangue, que todo se convertia em substancia de Christo, não havia mais differença que a brancura dos accidentes ; e como a Virgem alimentava ao seu Filho primogenito com a substancia mesma de seu corpo, debaixo de accidentes brancos ; corria obrigação a Christo, como Filho maior, de alimentar os Filhos segundos de sua Mãe com a mesma substancia do seu corpo, debaixo de accidentes da mesma côr, que é o Sacramento Santissimo.

O primeiro carmelita foi o primeiro que logrou estes alimentos, e tomou em figura a posse delles. Fugiu Elias para o deserto, lançou-se ao pé de uma arvore, adormeceu, accordou-o um

anjo, e deu-lhe pão para que comesse. Comeu Elias, tornou a adormecer, e tornou o anjo a accordal-o, e a dar-lhe mais pão; e comeu outra vez. É commum allegoria dos padres, que este pão representava o Santissimo Sacramento. E ser o pão dado por modo de alimento, as circumstancias o mostram; porque o comeu Elias sem lhe custar nenhum trabalho, nem cuidado, comendo e dormindo. O irmão maior, é o que tem o cuidado, e o trabalho dos alimentos: os filhos segundos poem-lhe alli os seus alimentos limpos e seccos; comem, e dormem. Mas quando lhe deram a este grande carmelita o Sacramento em alimentos? No deserto, e á sombra d'uma arvore. O deserto, diz Hugo Cardeal, significava o retiro do mundo; a arvore significava a cruz. O deserto já o havia, porque já Elias o professava: a cruz não a havia ainda, porque Christo ainda não era nascido. Mas os alimentos do Sacramento não se deram a Elias, senão depois que elle esteve no deserto e á sombra da cruz; porque não haviam de lograr os carmelitas estes alimentos, em quanto filhos de Elias, senão em quanto irmãos de Christo; não pela geração passada de seu Pae, senão pela filiação futura de sua Mãe: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti.*

Agora tenho acabado. Se disse pouco, quem elegeu o prégador, me desculpa. Se fui largo, assaz castigo é dizer pouco, e não ser breve. E se acaso alguém das sagradas religiões que me ouvem (e das que me não ouvem também) tem alguns embargos ao que disse, ainda me fica com que responder a quaesquer artigos de nova razão. Mas a melhor e ultima seja, conhecermos todos, que o que se diz da sagrada religião do Carmo, sendo particular, é commum; e sendo prerogativa só desta religião, é gloria de todas. Quem hoje para louvar a Christo, disse: *Beatus venter*, sabia, que o louvor da Mãe, é louvor dos filhos. Este é o exemplo que segui, suppondo (como verdadeiramente é) que todos somos filhos deste instituto, e todos descendemos d'elle. Assim o diz S. Jeronymo, S. Macario, S. Isidoro, S. Bernardo. Não refiro as palavras de cada um, por não ser mais largo; mas fiquem ao pé do monte Carmelo as de Baptista Mantuano, que com espirito do mesmo parnaso as ligou e resumiu nestas regras.

*Illic perpetuis, ceu missi e fontibus omnes,
Religio, et sacri fluxit reverentia cultus.
Quidquid habent alii montes pietatis, ab isto
Ducitur: hac una plurus e vine racemi
Diffusi, late terras, atque æquora complent.
Hinc Carthusiacis æterna silentia claustris:
Hinc varias Benedictus oves collegit: ab isto
Canahe nodosa tunicas arcere fluentes
Lignipedes dedicere viri: quique arva colebant
Invia, et assiduo terras ardore calentes,
Et quos Cyriacus de litore vexit Ibero
Hinc orti, sanctum, et summo genus ordine dignum,
Hinc nostri venere patres.*

E como desta sagrada e primitiva religião, manaram e se pagaram todas as outras, como troncos da mesma raiz, como rios da mesma fonte, ou como raios do mesmo sol; o que só resta, é, que todos demos o parabem á Soberana Mãe de taes filhos, e aos bemditos filhos de tal Mãe: *Beatus venter, qui te portavit*: E que intendam todas, e cada uma das outras religiões, e se persuadam, que tanto maior parte terão nas mesmas glorias, quanto mais e melhor observarem o que elles guardaram e não ouviram: *Beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

SERMÃO

D O M A N D A T O.

**Prégado em Roma, na egreja de Santo Antonio dos
Portuguezes, no anno de 1670.**

*Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat
ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui
erant in mundo, in finem dilexit eos. — Joan. XIII.*

I

Este é aquelle texto saudoso e suavissimo : este é aquelle mysterio ou enygma grande do amor, tantas vezes repetido nesta hora, tantas vezes, e por tantos modos encarecido, tantas vezes, e tão subtilmente interpretado, mas nunca assaz entendido. Diz o evangelista S. João que se parte Christo, e que nos ama. Que se parte : *Ut transeat ex hoc mundo* : que nos ama : *In finem dilexit eos*. Mas se nos ama, como se parte ? Se nos ama, como se ausenta de nós ? Mais diz o evangelista. Não só diz que nos ama Christo, e que se parte ; não só diz que nos ama, e que se ausenta de nós, senão que nesta mesma hora em que se partiu, nesta mesma hora em que se ausentou, havendo-nos amado sempre tanto, então, ou agora nos amou mais : *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*.

Se dissera isto outro evangelista, não me admirára tanto. Mas João, a aguia do intendmento, e a phenix do amor ? João, o secretario do peito de Christo ? João, aquelle discipulo que entre todos soube melhos amar, e mereceu ser mais amado ; que me diga que se parte Christo, que se ausenta, que nos deixa, que se vae de nós, e que nos ama ? Que nos ama, e que agora nos amou mais ? Não o intendo. Se me dissera S. João que se ausentava Christo, porque estava arrependido de nos amar : que se ausentava, porque aquelles primeiros extremos do seu amor, o tempo, que acaba tudo, os acabára : se me dissera que obrigado de nossas más correspondencias, que offendido de nossos desprimores, que cançado de nossas ingratições, que desenganado de nossa pouca fé, já nos aborrecia, ou já nos desamava, e que por isso deixa o mundo, e se ausenta dos homens : se isto me dissera S. João, sentira-o eu muito ; mas conhecêra a razão e a consequencia. Confessaria, e confessariamos todos, que obrava Christo como quem é, e que nos tractava como quem somos. Amou-nos sem o merecermos ; ausenta-se, porque lh'o merecemos. O amor o trouxe, o desamor o leva : por isso se vae, e nos deixa. Mas que diga o evangelista constantemente, que não é desamor, senão amor, e que quando Christo se ausenta de nós, então ohrou a maior fineza, então subiu ao maior extremo, então chegou ao ultimo fim, aonde podia chegar amando : *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos* ?

O verdadeiro intendimento desta amorosa applicação, será a materia do nosso discurso ; e a mesma razão de duvidar nos dará a solução da duvida. Veremos com assombro de todas as leis do amor, como o maior extremo do amor de Christo para conosco foi o ausentar-se de nós. E' o que dizem as palavras do texto : *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo* : eis ahi o ausentar-se de nós : *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos* : eis ahi o maior extremo de seu amor. Parece paradoxo, mas é extremo. Amou Christo tanto aos homens, que os deixou, e se foi : parece paradoxo. Amou Christo tanto aos homens, que chegou por elles a apartar-se delles : este é o extremo ; e isto é o que diz o evangelista. Nos homens a hora da partida é o fim do

amor : em Christo o fim do amor foi a hora da partida : *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos*. Dizer menos, é descer ; subir mais, não ha para onde. E como este foi o ponto mais alto onde pôde chegar o amor de Christo, este será tambem o ponto unico em que começará e acabará o nosso discurso. Peça-mos ao mesmo Amor, pelos merecimentos daquelle coração que só o soube corresponder dignamente, nos assista nesta hora sua com a sua graça : *Ave Maria*.

II.

Ut transeat ex hoc mundo, in finem dilexit eos. Amou Christo tanto aos homens, que chegou por elles a apartar-se delles. Este é o meu assumpto : e este digo que foi o maior extremo do amor de Christo. Mas que vejo ? Naquelle monumento sagrado, naquelle mysterio sacrosanto (que é a cifra do amor, e o memorial da morte de Christo) vejo postos em campo contra este meu pensamento tres poderosos oppositores : o sacramento, a morte, e o mesmo amor. O amor diz que não pôde ser amor o apartar-se Christo de nós : o sacramento diz que o deixar-se connosco foi a maior fineza : a morte diz que o morrer por nós, foi o maior extremo de todos. Estes são os assombros com que as acções mais heroicas do amor de Christo hoje, e com que as mesmas leis do amor se oppoem á novidade do nosso assumpto. Mas essas mesmas nos dividirão o discurso, e nos servirão de degraus para mais o subir de ponto.

Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca : para alli peza, para alli caminha, e só alli pára. Tudo são palavras de Platão, e de S. Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pôde ser effeito do amor o apartar ? Assim é, quando o amor não é estremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios. A dor faz gritar ; mas se é excessiva, faz emmudecer : a luz faz ver : mas se é excessiva, cega : alegria alenta e vivifica ; mas se é excessiva, mata. Assim o amor : naturalmente une, mas se é excessivo, divide : *Fortis est ut mors dilectio* : (Cant. VIII — 6)

o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sabio ? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas ; a morte é separação da alma : pois se o effeito do amor é unir, e o effeito da morte é separar, como pôde ser o amor semelhante á morte ? O mesmo Salomão se explicou. Não falla Salomão de qualquer amor ; senão do amor forte : *Fortis est ut mors dilectio* : e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz effeitos contrarios. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Samsão: affectuoso, deixa-se atar : forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso ; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Em quanto amoroso e unitivo, ajunta os extremos mais distantes : em quanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos. Quaes são os extremos mais distantes e mais unidos que ha no mundo ? O nosso corpo, é a nossa alma. São os extremos mais distantes ; porque um é carne, outro espirito : são os extremos mais unidos ; porque nunca já-mais se apartam. Juntos nascem, juntos crescem, juntos vivem : juntos caminham, juntos param, juntos trabalham, juntos descansam : de noite, e de dia ; dormindo e velando : em todo o tempo, em toda a idade, em toda a fortuna : sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. E esta união tão natural, esta união tão estreita, quem a divide ? A morte. Tal é o amor : *Fortis est ut mors dilectio*. O amor, em quanto unitivo, é como a vida ; em quanto forte, é como a morte. Em quanto unitivo, por mais distantes que sejam os extremos, ajunta-os : em quanto forte, por mais unidos que estejam, aparta-os.

Antes da encarnação do Verbo, quaes eram os extremos mais distantes ? Deus, e o homem. E que fez o amor unitivo ? Trouxe a Deus do céu á terra, e uniu a Deus com os homens. Depois da encarnação, quaes eram os extremos mais unidos ? Christo, e os homens. E que fez o amor forte ? Leva hoje a Christo da terra ao céu : *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* : (Joan. XIII — 1) e apartou a Christo dos homens : *Exivi a Patre, et veni in mundum* : eisahi o amor unitivo : *Iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem* : (Ibid. XVI — 28) eisahi o amor forte. E' o que diz o evangelista : *Cum dilexisset, dilexit*. Houve differença nos tem-

pos, mas não houve mudança no amor. Christo unido com os homens, amor : *Cum dilexisset* : Christo apartado dos homens, também amor, e maior amor : *In finem dilexit eos*.

Já temos mostrado ao amor, que pôde ser amor, e grande amor o apartar-se. Agora abra mais os olhos o mesmo amor, e veja que não só é amor, e grande amor, senão o maior de todos : *In finem*. Em uma hora, que era representação desta mesma hora (como notou S. Bernardo) estando a esposa em um horto (que também era figura de outro horto) pediu-lhe o Esposo divino que cantasse alguma letra, porque a queriam ouvir seus amigos : *Que habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam*. (Cant. VIII — 13) Os amigos que escutam, somos nós : o Esposo é Christo : a esposa é a igreja : qual será a letra ? Cantou a esposa em verso pastoril, o que S. João em prosa evangelica. Toma a esposa uma cithara na mão, e tocando docemente as cordas, cantou assim : *Heu, fuge dilecte mi* : Ai, ide-vos Amado meu : *Assimilare caprea hinnulôque cervorum super montes aromatum* : parti como cervo ligeiro, deixae os valles da terra, ide-vos para os montes do céu, disse a esposa ; quebrou a cithara, e emmudeceu para sempre. Assim foi, porque este é o ultimo verso e a ultima clausula do ultimo capitulo dos Canticos. Todos sabemos que a materia dos Canticos de Salomão é a historia do amor, ou dos amores de Christo com sua esposa a igreja. Pois, esposa santa, este é o fim com que daes fim á historia do amor de vosso Esposo ? Ou quereis encarecer o seu amor, ou o vosso, ou o de ambos ? Se o seu, dizeis-lhe que se vá ? Se o vosso, dizeis-lhe que vos deixe ? Se o de ambos, concluis com o apartamento de ambos ? Sim, porque este é o ultimo fim, este é o ultimo extremo, a que pôde chegar o amor : apartar-se quem ama de quem ama. Em quanto não chegou a este ponto, sempre a sabedoria de Salomão teve mais e mais que escrever dos extremos do amor de Christo ; mas tanto que disse : *Heu fuge* : tanto que disse que havia Christo de deixar o mundo, tanto que disse que se havia de apartar dos homens por amor dos homens ; Salomão suspendeu a pena ; a esposa quebrou a cithara ; o amor rompeu o arco ; e aqui deu fim á historia de suas finezas, porque atéqui pôde che-

gar o amor, e não pôde passar d'aqui. Salomão acabou o livro, e S. João poz o *finis*: *In finem dilexit eos*.

E senão comparemos este fim com os principios do mesmo amor. Nos principios do amor, as finezas do Esposo eram buscar a esposa por montes e valles: *Ecce iste venit sal'ens in montibus, transiliens colles*: (Cant. II — 8) nos principios do amor, as finezas da esposa era ter o Esposo sempre comsigo, e não se apartar um momento d'elle: *Inveni, quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam*: (Ibid. III — 4) porém, depois que o amor principalmente passou a amor perfeito, depois que o amor proficiente chegou a amor consummado, já as presenças se trocam pelas ausencias, e todos os extremos do amor se reduzem: a que? A um ai, e um ide-vos: *Heu! Fuge*. O *heu* significa a dor; o *fuge* o apartamento: o *heu* significa a violencia; o *fuge* a resolução: o *heu* significa o affecto; o *fuge* o sacrificio: o *heu* significa o amor; o *fuge* a fineza e o extremo. *Heu e fuge*: Ai, e ide-vos? Oh que extremos tão encontrados! *Non optando loquitur*, diz Beda. Mas destes dois extremos tão encontrados se compunha o extremo do amor de Christo: e o encontro e repugancia destes dois extremos eram os torcedores, que nesta hora de sua partida lhe partiam o coração. O affecto pedia que ficasse; a conveniencia instava que se fosse: *Expedit vobis, ut ego vadam*: (Joan. XVI — 7) mas como o affecto era seu, e a conveniencia era nossa, pode mais a conveniencia que o affecto. Vença a conveniencia, pois é vossa, pelo que tem de vós: corte-se pelo affecto, pois é meu, pelo que tem de mim: e seja este o ultimo fim, e o extremo ultimo do meu amor: *Heu fuge dilecte mi: In finem dilexit eos*.

III

Só resta para intêira satisfação do amor, que lhe demos a razão desta altissima philosophia. Qual é a razão porque apartar-se Christo de nós, e apartar-se quem ama de quem ama, é o maior extremo a que pôde chegar o amor? A razão é esta. Porque o amor do que se ama, prova-se pelo amor do que se deixa: e não pôde deixar mais o amor, que chegar a deixar pelo amado

ao mesmo amado. A pedra de toque do amor é um amor com outro. Quiz Deus provar o amor de Abrahão, tocou-o com o amor de Isac, a quem amava como filho: quiz David provar o amor de Jonathas, tocou-o com o amor de Saul, a quem amava como pae. Da mesma maneira quem quizer apurar os quilates do amor, toque o amor do que se ama com o amor do que se deixa, e logo conhecerá quão fino é. Desde o primeiro amor que houve no mundo ficou estabelecida esta regra.

No ponto em que esta Eva sain das mãos de Deus, amou-a logo Adão tão estremadamente, quanto ella por si e por seu Auctor merecia ser amada. Quiz encarecer este seu amor o novo desposado, mas como então não havia no mundo outro amor, nem outrem a quem amar; que faria Adão, para provar o amor que desejava encarecer? Vede o artificio. *Propter hoc relinquet homo patrem, et matrem*: (Gen. II — 24) Por amor desta deixará o homem a seu pae e a sua mãe. Adão não tinha pae, nem mãe: era homem, mas o primeiro homem. Pois se não tinha pae nem mãe, porque prova Adão o seu amor com o amor do pae e da mãe, que os outros homens haviam de deixar por suas esposas? Por isso mesmo. Porque o amor do que se ama prova-se pelo amor do que se deixa. E como Adão não tinha outro amor que deixar, provou o amor com que amava a sua esposa pelo amor do pae e mãe, que os outros homens haviam de deixar pelas suas: *Propter hoc relinquet homo patrem, et matrem*. Provou Adão o amor presente pelo futuro, e o proprio pelo alheio, e provou bem; porque o amor do pae e mãe que nos deram o ser, é o mais natural e o mais devido: e quando se deixa por amor da esposa o que tanto se ama, é prova que se ama mais a esposa por amor de quem se deixa. Isto é o que fez, e o que disse Adão: mas ainda que soube provar, não soube encarecer; porque o verdadeiro encarecimento do amor não era para o primeiro Adão, estava reservado para o segundo. Se Adão soubra encarecer o seu amor que havia de dizer? Havia de dizer assim. Eu, esposa minha, não posso qualificar o amor que vos tenho, porque não tenho outro amor que deixar por elle: e ainda que tivera pae e mãe, a quem muito amara (como hão de

ter meus descendentes) deixar o pae e a mãe por amor de vós, não era bastante prova do meu amor : mas para que conheçais quanto vos amo — amo-vos tanto, que chegára a vos deixar a vós por amor de vós. Isto é o que não soube dizer Adão ; e isto é o que fez Christo. Chegou a nos deixar a nós por amor de nós. Deixar os paes por amor da esposa foi o ponto mais alto que soube imaginar o amor de Adão : mas Christo chegou a fazer o que elle não chegou a imaginar, porque chegou a deixar a esposa por amor da esposa : *Sacramentum magnum in Christo, et in ecclesia*. (Ad Eph. V — 32) A esposa de Christo é a egreja : a egreja somos nós, e Christo chegou a nos deixar a nós por amor de nós.

Quando Christo veio ao mundo, pareceu-se o amor divino com o amor humano, porque deixou o Padre por amor da esposa : mas quando hoje Christo se vae do mundo : *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* : não teve o seu amor com quem se parecer, porque deixou a esposa por amor da esposa. Saiu Jacob peregrino da casa de seus paes para se desposar com Rachel ; e neste caminho viu aquella mysteriosa escada, que chegava da terra ao céu. Voltou Jacob outra vez com Rachel para a patria : mas neste segundo caminho, ainda que teve aparições de anjos, não viu a escada. Todos sabeis que Jacob não só foi figura de Christo, mas expressamente figura de Christo amante. Agora pergunto : se Jacob viu a escada na primeira visão e no primeiro caminho, porque a não viu no segundo ? Se Jacob viu a escada, quando veio, porque não viu a escada, quando tornou ? Porque aquella escada (como dizem communmente os padres) significava a descida de Christo, e a subida: a descida quando veio ao mundo; a subida quando tornou para o Padre : e quando Jacob veio, viu a escada, porque Christo quando veio, pareceu-se com Jacob ; mas quando Jacob tornou, não viu a escada, porque quando Christo tornou não se pareceu com elle, nem teve com quem se parecer. Quando Christo veio, pareceu-se com Jacob : porque assim como Jacob deixou os paes por amor de Rachel, assim Christo deixou o Padre por amor da esposa : porém quando Christo tornou, não se pareceu com Jacob, porque Jacob não deixou a Ra-

chel por amor de Rachel, e Christo sim. Deixou a sua Rachel por amor da mesma Rachel: deixou a sua esposa por amor da mesma esposa: deixou os seus homens (*Cum dilexisset suos*) por amor dos mesmos homens. E este foi o ultimo e o maior extremo do seu amor, porque chegou a deixar os amados por amor dos mesmos amados: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*.

Quem deixa tudo pelo amado, deixa tudo: mas quem deixa pelo amado ao mesmo amado, ainda deixa mais; porque chega a de'xar aquelle, por quem tem deixado tudo. Quando Christo veio ao mundo, deixou o céu por amor dos homens: porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado o céu. Quando veio ao mundo, deixou os anjos por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens por quem tinha deixado os anjos. Quando veio ao mundo, deixou a gloria por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado a gloria. Finalmente, quando veio ao mundo, deixou o Padre por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado o Padre. E neste mundo, que deixou Christo? Nascendo pobre, deixou por amor dos homens a riqueza: desterrando-se, deixou por amor dos homens a patria: trabalhando deixou por amor dos homens o descanso: entregando-se, deixou por amor dos homens a liberdade: padecendo affrontas, deixou por amor dos homens a honra: morrendo, deixou por amor dos homens a vida: sacramentando-se, deixou por amor dos homens a si mesmo: mas hoje ausentando-se dos homens e partindo se do mundo: *Ut transeat ex hoc mundo*: deixou mais que as riquezas, mais que a patria, mais que o descanso, mais que a liberdade, mais que a honra, mais que a vida, mais que a si mesmo; porque deixou os mesmos homens, por quem tudo isto tinha deixado. De maneira que havendo Christo deixado por amor dos homens tudo o que tinha no céu (até o mesmo Padre), e tudo o que tinha e podia ter na terra (até a si mesmo) não tendo já nem no céu, nem na terra, não tendo já em si, nem fóra de si, outra coisa que deixar por amor dos homens; para chegar ao *non plus ultra* do amor, chega a deixar por

amor dos homens aos mesmos homens : *Ut transeat ex hoc mundo : in faciem dilexit eos.*

IV.

Haverá ainda quem se opponha a este extremo de fineza ? Haverá ainda quem se opponha a este extremo de amor ? Ainda. Ainda se oppõe e resiste o mesmo amor, defendendo-se com o escudo do sacramento e com a espada da morte. Fortes armas ! Mas tambem as ha de render o amor, ainda que tão fortes e tão finas.

Allega por parte do sacramento o amor, e defende constantemente que foi maior fineza em Christo o deixar-se que o deixar-nos ; o ficar connosco, que o apartar-se de nós. E como prova ? Em um caso temos ambos os casos. Na terra de Moab houve tres amigas muito celebradas na escriptura : Noemi, Ruth e Orpha. Viveram muito tempo juntas estas amigas, como amigas e parentas que eram, até que veio uma hora (como esta hora) em que se houveram de ausentar. Abraçaram-se, choraram muito, fizeram as exequias á sua despedida com todas as solemnidades, que costuma o amor ; mas tanto que chegou o ponto preciso, em que se haviam de apartar, succedeu uma differença notavel. Orpha (diz o texto) que se apartou e se foi para a sua patria, e para o seu Deus : porém Ruth enterneceu-se tanto que de nenhum modo se pôde apartar da companhia de Noemi, e se deixou ficar com ella por toda a vida. Eis-aqui quanto vae de amar a amar, e de ficar a partir-se. Quem ama pouco, aparta-se ; quem ama muito não se pôde apartar. Orpha, que amava pouco, apartou-se e deixou a Noemi : Ruth que amava muito, não a pôde deixar, nem apartar-se della. São os termos do nosso caso. Chegou a hora precisa, em que Christo se havia de apartar dos homens : *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo* ; mas nesta amorosa despedida, neste rigoroso apartamento quem foi a Orpha que se apartou ? Quem foi a Ruth que se não pôde apartar ? Uma e outra, por modo admiravel, foi a mesma humanidade sacratissima de Christo. Ella foi a que nesta mesma hora se apartou : ella foi a que nesta mesma hora se não pôde apartar. Ella foi a

Orpha que se apartou, e se foi para a sua patria e para o seu Deus : *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* ; e ella foi a Ruth que se não pôde apartar, e recolhendo as espigas se deixou naquelle sacramento debaixo de especies de pão. Logo maior amor foi em Christo o deixar-se que o deixar-nos : logo maior amor foi em Christo o ficar connosco, que o apartar-se de nós. Que grosseiros são os affectos humanos para avaliar as finezas do amor divino ! Se Christo se apartára como Orpha, amando como Orpha, fôra menor o seu amor ; mas Christo apartou-se como Orpha, amando como Ruth. Amar muito, e apartar-se, essa é a fineza. Orpha amou pouco, Ruth amou muito ; mas nem uma, nem outra finamente ; porque Orpha apartando-se de Noemi, seguiu a sua conveniencia ; e Ruth não se podendo apartar, seguiu a sua inclinação.

Perdoae-me, sacramentado amor (mas não me perdoeis). Deixar-se Christo com os homens no sacramento, foi seguir o amor o seu affecto, e a sua inclinação : foi satisfazer ao desejo : *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum* : (Luc. XXII — 15) foi gosto, foi allivio, foi satisfação, foi descanso, foi commodidade, sim, que fineza não. Obrou o amor, como amor ; mas não obrou como fino. Cair a pedra para o centro, correr a fonte para o mar, voar o fogo para a sua esphera, é natureza, é inclinação, é descanso, não é fineza : e isso foi deixar-se Christo com os homens no sacramento. Ainda o coração de Christo não era humano lá naquelle principio sem principio de sua eternidade ; e quaes eram já então os seus gostos, as suas recreações, as suas delicias ? Eram estar no mundo com os homens : *Ludens in orbe terrarum, et deliciæ meæ esse cum filiis hominum*. (Prov. VIII — 31) Notavel dizer ! Naquelle tempo antes de todo o tempo ainda não havia mundo, nem havia homens. Pois se não havia homens, nem mundo, como eram as delicias de Verbo estar com os homens no mundo ? Essa é a força da minha razão e da minha consequencia. Se quando não havia homens, nem mundo, eram as delicias de Christo estar no mundo com os homens, que não eram ; quaes seriam depois as suas delicias estar no mundo com os homens, que eram : *Suos, qui erant in mundo* ? Deixar-

se Christo no mundo com os homens, foi buscar o amor as suas delicias, e por isso não foi fineza ; a fineza foi deixar o mundo e apartar-se dos homens : *Ut transeat ex hoc mundo* ; porque foi violentar a inclinação, foi sacrificar o gosto, foi martyrisar o desejo, foi vencer em si e contra a maior repugnancia.

Para Christo se apartar de nós, e juntamente se deixar com-nosco, dividiu-se Christo de si mesmo. Grande fineza ! Grande maravilha ! Mas nesta prodigiosa divisão, o amor que fez a maravilha e a fineza, não foi o amor que deixou a Christo no mundo, senão o amor que o levou do mundo : *Ut transeat ex hoc mundo*. Vêdo-o com os olhos. Para dar passo á arca do testamento apartou-se o rio Jordão, e dividiu-se de si mesmo : uma parte do rio assim dividido correu para o mar, e a outra parte suspendeu a corrente, e tornou para a fonte, donde tinha saído : *Quid est tibi mare, quod fugisti, et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum ?* (Pal. CXIII — 5) Dizei-me agora : Partido assim o Jordão, e dividido de si mesmo, qual destas duas partes fez a maravilha ? Qual destas duas partes obrou a fineza ? A parte que correu para o mar, ou a que voltou para a fonte ? Claro está (diz Agostinho e não era necessario que elle o dissesse) claro está que a parte que voltou para a fonte, foi a que fez a fineza e a maravilha ; porque a parte que correu para o mar, seguiu a inclinação natural, e foi buscar o seu centro : porém a parte que tornou para a fonte, violentou essa mesma inclinação, rebateu e quebrou o impeto da corrente, e, contra o pezo das aguas e da natureza, a fez outra vez subir para d'onde descera. Por isso (como agudamente notou Lorino) quando o rio desceu, disse-lhe David: *Quid est tibi*, e quando subiu, não : porque o correu para o mar, foi buscar-se a si ; e o voltar para a fonte, foi ir contra si : *Conversus es retrorsum*. Ah Jordão divino (que assim vos chamou profundamente Origenes) vejo-vos dividido de vós mesmo nesta hora, e dividido de vós mesmo com duas correntes contrarias. Com uma corrente ides para o Padre, que é o principio fontanal (como dizem os theologos) d'onde nascestes : *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* : com outra corrente ides-vos metter nessa mar immenso do sacramento, onde verdadeiramente estaes sem apparecer, assim como os rios entram

no mar e desaparecem. *Quid est tibi mare, quod fugisti?* O Jordão fugiu de si, e vós fugistes de vós. Vendo que vos ausentaveis dos homens, fugistes de vós para nós, e escondestes-vos nesse mysterio. Mas qual foi aqui a fineza? Qual foi aqui a maravilha? Milagre dos milagres, qual foi aqui o milagre? O ficar Christo comnosco no sacramento foi milagre da natureza; porque correu o rio para o mar, correu o amor para o centro: mas o apartar-se Christo de nós: *Ut transeat ex hoc mundo*, esse foi o milagre sobre a natureza e contra a natureza; porque foi voltar o rio para a fonte donde nascera, foi romper contra o impeto da inclinação, foi não só vencer a corrente, senão quebrar as correntes ao amor. Assim que, a maravilha e a fineza, não foi o sacramentar-se Christo para ficar comnosco, senão o apartar-se e ausentar-se de nós.

E senão perguntemos ao mesmo evangelista nestas suas reflexões tão ponderosas do amor de Christo, porque não fez menção, nem memoria alguma da instituição do sacramento? Não fundo o reparo na relação tão copiosa, que todos os outros evangelistas fizeram deste sagrado mysterio, mas no que S. João não quiz fazer. E vêde se se argue bem do seu mesmo texto: *In finem dilexit eos: et cæna facta*. Ponderou o extremo do amor, com que nos amou Christo no fim: *In finem dilexit eos*: fez menção da ceia: *et cæna facta*, porém do sacramento instituido na mesma ceia, nem palavra fallou. Pois se pondera o extremo do amor, e faz menção da ceia immediatamente depois; porque passa totalmente em silencio a instituição de um mysterio tão soberano, tão admiravel, tão amoroso? Porque fallou e callou como divino rethorico que era. Disse o que fazia ao seu intento, e callou o que não servia. O intento de S. João neste evangelho não era só provar o amor de Christo, senão realçar a fineza do mesmo amor: *Cùm dilexisset in finem dilexit*; e a instituição do sacramento, ainda que foi amor, e grande amor, em rigor não era fineza. Por isso não diz que se sacramentou, senão que se ausentou: por isso não diz que se deixou comnosco, senão que se apartou de nós: por isso não diz que ficou no mundo, senão que foi do mundo: *Ut transeat ex hoc mundo*. E tanto que poz aquella premissa:

Ut transeat ex hoc mundo, logo concluiu : *In finem dilexit eos* : porque ainda que o sacramentar-se foi amor, o ausentar-se foi a fineza, ainda que o deixar-se foi amor, o deixar-nos foi extremo : ainda que o ficar connosco foi amor, o apartar-se de nós foi amor sobre amor : *Cum dilexisset, dilexit*.

V.

Temos rendido o braço do escudo : só nos resta o da espada, que é a morte. Muito confia nesta espada o amor ; porque traz escripto e gravado nella : *Majorem charitatem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*. (Joan. XV — 13) Mas saiba a morte e o amor (se o não sabem), que o *nemo* não comprehende a Christo : *Nemo te condemnavit mulier, neque ego*. (Ibid. VIII — 10) O *ego* singular de Christo não se comprehende debaixo do universal do *nemo*. O *nemo* em espirito do Filho é como o *omnes* em respeito da Mãe. Nem o *omnes* faz argumento contra a puzera da Mãe, nem o *nemo* contra a caridade do Filho. E para que julgue a mesma vista dos olhos (de que carece a morte e o amor) quanto maior fineza foi no amor de Christo o apartar-se de nós, que o morrer por nós, ponhamos o Horto defronte do Calvario, e ajuntemos o theatro da despedida com o theatro da morte.

O theatro da ultima despedida ou apartamento de Christo, foi o Valle de Gethsemani cuberto das sombras da noite, onde tudo aspirava amor, tudo silencio, tudo tristeza, tudo saudade. Aqui se apartou o amoroso Senhor de seus discipulos, não de todos juntamente, senão de uns primeiro, e depois dos outros. Como o golpe lhe chegava tanto á alma, não se atreveu a leval-o todo de uma vez, foi-o dividindo por partes. Assim se apartou o Senhor ; mas não digo bem : *Avulsus est ab eis*, (Luc. XXII — 41) diz S. Lucas : não se apartou, arrancou-se. Tão violentamente se apartava Christo dos homens, que o apartar-se delles era arrancar-se. Tão dentro delles estava, e tão dentro de si os tinha, que não se apartava dos seus olhos, nem se apartava dos seus braços ; arraucava-se de seus corações, e arrancava-se-lhe o coração : *Avulsus est ab*

eis. Sãia agora a morte com algum semelhante encarecimento, se o tem, do muito que fizesse Christo em a padecer; e diga o que dizem della os evangelistas. Por ventura chegou a dizer algum evangelista, que quando Christo morreu, se lhe arrancou a alma? Não por certo. O evangelista que mais disse, foi S. Mattheus. E que disse? *Emisit spiritum*: (Matth. XXVII — 50) Despediu a alma. De sorte, que quando Christo morre, despede a alma, e quando Christo se despede, arranca-se dos homens. Tão facil lhe foi o morrer: tão difficuloso o apartar-se. O laço com que a alma de Christo estava atada ao corpo, desatou-se: os laços com que o mesmo Christo estava atado aos homens, não se puderam desatar, romperam-se. Romperam-se, rasgaram-se, arrancou-se: *Avulsus est*. Quantos eram os homens que havia no mundo, tantas eram as raizes que prendiam o coração de Christo. Eram raizes de trinta e tres annos, eram raizes de uma eternidade inteira, profundadas com tanto amor, regadas com tantas lagrimas, endurecidas com tantos trabalhos: e que todas estas raizes, tantas e tão fortes, se houvessem de arrancar juntas na mesma hora: *Sciens quia venit hora ejus*? Oh que dor! Oh que violencia! Oh que tormento! Cada palavra do evangelista é uma profunda ponderação desta força, e desta repugnancia. É possível que hão de ficar no mundo os homens; que hão de ficar no mundo os meus: *Suos: qui erant in mundo*! E' possível que eu me hei de apartar para sempre deste mundo, onde os vim buscar: *Ut transeat ex hoc mundo*? *Ex hoc mundo*: Oh que terrivel apartamento! *Hora ejus*: Oh que terrivel hora! *In finem*: Oh que terrivel fim! *Ut transeat*: Oh que terrivel transe!

Assim apartado ou arrancado Christo dos discipulos, começa a orar ao Padre: *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste*: (Matth. XXVI — 39) Eterno Pae, se é possível, passe de mim este calix. Tornemos agora ao Calvario, ou torne o Calvario ao Horto. Pregado Christo no duro madeiro da cruz, e já visinho á morte: *Sciens quia omnia consummata sunt, dixit: sitio*: Vendo que todos os tormentos se tinham acabado, disse: Tenho sede. Sede agora, Senhor meu? Sois outro, ou o mesmo? Reparae que, estes eccos do monte não respondem bem aos clamores do valle

No Horto repugnaveis com tantas instancias o calix : *Transeat a me calix iste* ; e agora no Calvario depois de ter bebido todas as amarguras delle, publicaes a vozes que tendes sede de mais : *Sitio* ? Sim. Porque o calix do Calvario era um ; o calix do Horto era outro : *Calix iste* : Este : este, e não aquelle. Ora vede, S. João Chrysostomo, S. Cyrillo, Euthymio, e outros padres, intendem do calix da paixão e morte de Christo, aquelle famoso texto do psalmo setenta e quatro : *Calix in manu Domini : et inclinavit ex hoc in hoc*. Estava o calix na mão do Senhor (diz David) e lançou de um no outro. Se era calix : *Calix in manu Domini*, era um ; se lançou de um no outro : *Inclinavit ex hoc in hoc*, eram dois. Que calices eram logo estes na morte e paixão de Christo, tão unidos, que compunham um só calix, e tão distinctos, que se dividiam em dois ? Era a mesma morte diversamente considerada (como o Senhor a considerava) no Horto e no Calvario. Toda a morte é juntamente morte e ausencia : é morte, porque nos tira a vida ; é ausencia, porque nos aparta para sempre daquelles que neste mundo amámos. E estes são os dois calices que Christo distinguia no mesmo calix, fazendo grande differença entre a sua morte, em quanto morte ; e a mesma morte, em quanto ausencia. Em quanto morte, era o calix do Calvario, onde deu a vida ; em quanto ausencia, era o calix do Horto, onde se apartou dos seus. E este, e não aquelle, era o calix que seu amor recusava, quando disse : *Transeat a me calix iste*. Prova ? Sim, que me não empenhára eu em tal pensamento sem ella, e muito forte.

Primeiramente assim o entendeu S. Basilio de Selencia, quando disse : *Ut ascensum præpediat Christus, pascionem subit illubens*. (1) Mas eu o provo do mesmo texto : *Calix iste*. Aquelle *iste* é distinctivo, é demonstrativo e é relativo. Em quanto distinctivo, distingue um calix do outro : em quanto demonstrativo, demonstra calix presente, e não futuro : em quanto relativo, refere-se ao que ficava dito immediatamente antes. E que é o que dizem immediatamente antes os evangelistas ? Todos referem o sentimento e

(1) Basil. Sel. Orat. 32.

pena de Christo naquelle passo, e a repugnancia e violencia excessiva com que se apartava dos discipulos. S. Lucas : *Avulsus est ab eis, et positus genibus orabat, dicens : Pater, si vis, transfer calicem istum a me.* (Luc. XXII — 41 e 42) S. Matheus : *Sustinete hic, et vigilate mecum : et progressus pusillum procidit in faciem suam, orans, et dicens : Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste.* (Matth. XXVI — 39) Assim, que a acção ou sentimento actual sobre que caiu o *transeat a me calix iste*, era a dor, a difficuldade, a repugnancia, a violencia, com que o Senhor se apartava ou provava a se apartar dos discipulos : logo este mesmo apartamento e a apprehensão delle, tão presente, tão viva, e tão rigorosa, era o calix, que o seu amor e o seu coração tanto recusava. Confirma-se admiravelmente do mesmo texto ; porque della consta, que tres vezes, no mesmo tempo, e no mesmo Horto, se apartou o Senhor dos discipulos, e tres vezes immediatamente, tanto que se apartava, repetia a mesma petição. Assim o pondera S. Matheus. A primeira vez no texto que acabámos de referir ; a segunda : *Secundo abiit, et oravit dicens : Pater mi, si non potest hic calix transire ;* e a terceira : *Iterum abiit, et oravit tertio eundem sermonem dicens.* Em summa, que a cada novo apartamento se seguia nova resistencia : a cada novo apartamento nova instancia : a cada novo apartamento nova appellação do calix. Logo este era, e não outro.

E verdadeiramente que se o mesmo apartamento não fôra o calix, ou a materia delle, nunca os evangelistas se puzeram a o descrever e encarecer com tão particulares e miudas advertencias. O *avulsus est ab eis* de S. Lucas já o ponderámos. O *progressus pusillum* de S. Matheus não é digno de menor ponderação e piedade. Diz o evangelista que se apartou o Senhor : *Pusillum* : um pequenino. Vêde a difficuldade, vêde o tento, vêde o receio com que se apartava : *Pusillum* : um pequenino. Não contava os passos, mas media e pesava os indivisiveis ; porque em cada um se dividia : *Pusillum* : um pequenino. Como quem tocava o calix, para provar se o poderia beber ; e não se atrevendo a o levar, parava, e não ia por diante. E como este apartamento minimo era tão violento para o coração de Christo, e lhe parecia coisa

impossível o poder-se apartar de todo, por isso intentava impossíveis pelo estorvar, e abraçado com a terra clamava : *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste*. Este, este, e não aquelle : este do Horto, e não aquelle do Calvario : este da ausencia, e não aquelle da morte : este do apartamento, e não aquelle da cruz. Assim como eram dois os calices, assim eram também duas as sedes, mas muito contrarias : na cruz, a sede de padecer por nós, no Horto, a sede de estar connosco : mas como a morte podia matar aquella sede, e est'outra sede, com a morte crescia mais ; por isso no Calvario dizia : *Sitio* : e no Horto repugnava o calix : *Transeat a me calix iste*.

E que se seguiu a esta repugnancia tão estranha ? Que se seguiu a esta violencia tão violenta ? *Et factus in agonia* : (Luc. XXII — 41) alli mesmo começou o Senhor a entrar em agonia. Christo em agonia ? Christo agonisante no Horto ? Acuda por si a morte. A agonia e o agonisar é acção anciosa, e accidente terrível, proprio da morte ; mas Christo na morte não agonisou. Vede como espirou placidamente : *Inclinato capite tradidit spiritum*. (Joan. XIX — 30) Pois se Christo não agonisa na cruz, se não agonisa no Calvario, como agonisa no Horto ? Porque no Calvario morria ; no Horto ausentava-se : no Calvario dividia-se de si ; no Horto dividia-se de nós : e esta era a sua agonia. Por isso no Calvario passou pelo artigo da morte sem agonisar ; e no Horto, quando entrou em artigos da ausencia, então agonisou : *Et factus in agonia*. Morreu Christo em quanto homem, e ausentou-se em quanto homem ; mas nem morreu como os homens morrem, nem se ausentou como os homens se ausentam ; porque não amava como os homens amam. Morreu, e ausentou-se, mas com os accidentes trocados : morreu, como se se ausentára sem agonisar : ausentou-se como se morrera agonisando. Oh que amor ! Oh que fineza ! Oh que extremo ! A ausencia agonisante, e a morte sem agonia.

Agora se entenderá o que Christo lançou de um calix no outro calix, quando inclinou um no outro : *Inclinavit ex hoc in hoc*. Um calix (como dissemos) era o da morte ; o outro era o da ausencia : e como o calix da ausencia era muito mais amargo

para o seu coração, e muito mais terrível que o da morte ; para que constasse aos homens, quanto menos fazia em morrer por elles, que em se apartar e ausentar delles ; que fez ? Todas as agonias e ancias que naturalmente havia de padecer na morte, verteu-as do calix da morte, e passou-as ao calix da ausencia. Na morte (segundo as leis do amor da vida) havia Christo de padecer todo aquelle tropel de penas, toda aquella tormenta de afflicções, todo aquelle combate ou conflicto de angustias que padecem (e mais na idade robusta) aquelles que por isso se chamam agonisantes : e todas essas se passaram do calix do Calvario ao do Horto ; porque no Horto se ausentava. Assim dizem os evangelistas fallando expressamente daquelle ultimo apartamento. Que padecem os homens no transe da morte ? Padecem agonias ? *Et factus in agonia*. (Luc. XXII — 44) Padecem tristezas ? *Tristis est anima me*. Padecem tedios e temores ? *Cæpit pacere et tædere*. De sorte que todas as afflicções e angustias que se padecem na morte, as traspassou o Senhor do calix da morte, e as refundiu no calix da ausencia. E se a alguém parecer difficiloso que voltando-se o calix do calvario sobre o calix do Horto, não levasse de mistura algumas partes do sangue ; essas foram aquellas gotas de sangue que no suor mais que mortal do Horto derramou a violencia da mesma agonia : *Et factus est sudor ejus, tanquam guttæ sanguinis decurrentis in terram*. (Ibid.) Confesse logo a morte com o testemunho de seus proprios despojos, que muito mais sentiu Christo o apartar-se de nós, que o morrer por nós : e que se o morrer nos homens é a maior prova do amor, em Christo o ausentar-se dos homens foi a maior fineza.

E para que nem a morte, nem outrem por ella, tenha que replicar contra esta amorosa verdade, concluamos com uma justificação authentica do secretario do mesmo amor, que dentro e fora do coração de Christo foi presente a tudo ; e acabemos por onde começámos : *Sciens Jesus quia venit hora ejus, et transeat ex hoc mundo* : Sabendo o Senhor Jesus que era chegada a hora de partir deste mundo, Esta hora de que falla o evangelista, era a hora da morte. Assim o declarou o mesmo S. João no cap. 7.º, fallando desta mesma hora : *Nemo misit in illum manum, quia*

nondum venerat hora ejus. (Joan. VII — 30) E no cap: 8.º tornou a declarar o mesmo : *Et nemo apprehendit eum, quia necdum venerat hora ejus.* Pois se esta hora era a hora de morrer o Senhor e dar a vida pelos homens ; porque não diz : sabendo que era chegada a hora de morrer : senão : sabendo que era chegada a hora de se ausentar ? Se o intento do evangelista era encarecer o amor do fim : *In finem dilexit eos* : declare o fim do amor pelo fim da vida, e diga que amou Christo tanto aos homens, que chegou a morrer por elles. Mas para prova e encarecimento do amor, callar o nome da morte, e ostentar o da ausencia e da partida ? Sim, porque como S. João tinha as chaves do coração de Christo, sabia o lugar que tinham nella estes dois affectos ; e o preço com que lá se avaliava um e outro extremo. O preço da morte era muito alto, porque pezava tanto como a vida ; mas o da ausencia era muito mais subido, porque pezava tanto como aquelles por quem se dava a vida. Por isso diz, que quando chegou a hora de partir, então amou : e não quando chegou a hora de morrer ; porque era muito mais dura para o coração de Christo a mesma hora, em quanto hora da ausencia, que em quanto hora da morte. A hora da morte era um fim que acabava a vida ; a hora da ausencia era o fim que consummava o amor : *Ut transeat ex hoc mundo : In finem dilexit eos.*

Concluido temos logo (não a pesar, senão muito a prazer de Christo morto, de Christo sacramentado, e de Christo amante) que o chegar a apartar-se dos homens por amor dos homens, foi o ultimo e mais subido extremo com que os amou : *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

VII

Tenho acabado, fieis, o meu discurso, e não sei se tendes tambem concluido o vosso. Se me ouvistes com discurso, se me ouvistes com a devida consideração ; com os mesmos argumentos com que ponderei os extremos do amor de Christo, devieis vós tambem ter ponderado e conhecido as obrigações do vosso. E que obrigações são estas ? Por ventura, porque o amor de Christo

chegou a nos deixar a nós por amor de nós, obriga-nos este mesmo amor a que nós também deixemos a Christo por amor de Christo? Se eu prégára n'outro tempo, e n'outro lugar, facilmente o infirira e persuadira assim. A maior fineza que fez por Christo aquella grande alma de S. Paulo, foi deixar a Christo por amor de Christo: *Cupio dissolvi, et esse cum Christo: manere autem necessarium propter vos.* (Ad. Phil. 1—23 e 24) Assim o fizeram, saindo dos desertos, os Arsenios, e não saindo das cidades os Martinhos: e em todas as idades, e ainda na nossa, tantos outros varões de extremado amor e zelo, a quem a mitra era peso, a vida tormento, a morte desejo, e só Christo a ambição e a saudade.

Mas deixado áquelles heroicos espiritos o primor tão pouco imitado destas correspondencias; fallemos com o desamor, com a ingratidão, e com o pouco juiso das nossas. É possível que sinta tanto Christo o apartar-se de nós, e que haja homens que não sintam o apartar-se de Christo, antes tenham por gosto e por vida, e ainda por felicidade, o que os aparta d'elle? Christão ingrato e infeliz, que ha tantos annos vives tão apartado de Christo, que juiso é o teu neste dia do juiso do seu amor? Christo sente tanto apartar-se de ti, indo para o céu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e tu sentes tão pouco apartar-te de Christo, indo para o inferno? Antes queres o inferno sem Christo, que o céu e a bemaventurança com Christo? Se como christão não te lembras de Christo, ao menos como homem, lembra-te de ti. Dize-me, dize-me: Fazes conta de te apartar algum hora de tudo o que te aparta de tua salvação? Se não fazes esta conta, que tanto devias fazer, não fallo contigo; porque nem és christão, nem homem; nem tens fé, nem tens juiso. Mas se fazes conta, como é certo que fazes, e se tens propositos, como é certo que tens, de algum hora te converter a Christo, de algum hora te chegar a Christo, de algum hora te apartar de tudo o que te aparta de Christo; quando ha de ser esta hora? Esta é a hora, christão, esta é a hora: *Sciens quia venit hora ejus.* Esta é a hora de acabar com o mundo: *Ut transeat ex hoc mundo.* Esta é a hora de romper as cadêas desse máu vicio (qualquer que seja)

que tão prezo te tem, e tanto te tyrannisa. Esta é a hora de acabar de conhecer, e te desenganar desse fado e enganoso amor. Esta é a hora de abrir os olhos a esse amor cego. Esta é a hora de reformar esse amor escandaloso. Esta é a hora de purificar esse amor impuro, e de o pôr todo em Christo. Aproveitemo-nos, christãos, desta hora, pois não sabemos se teremos outra hora. Aproveitemo-nos (torno a dizer) desta hora, pois não sabemos se teremos outra. Ah, Senhor, como se ha de converter n'outra hora, quem se não converte a vós nesta hora vossa? Como vos ha de amar n'outra hora, quem vos não ama nesta hora de vosso amor? Por reverencia desta hora, por honra e gloria desta hora, por amor do amor desta hora, que triumphe nesta hora vosso poderoso amor desta natureza tão dura de nossos corações. Não permittaes, Senhor, por vossa bondade, que saia deste Cenaculo, nesta hora vossa, algum coração que não seja vosso. Basta um judas, basta um ingrato, basta um inimigo, basta um traidor. Oh triste alma, oh miseravel alma, oh desventurada alma, oh alma que melhor te fôra não ser creada, a que nesta hora se não rende ao amor de Christo.

Amoroso Jesus, todos nesta hora estamos rendidos ao vosso amor. Todos nesta hora, e desde esta hora, vos queremos amar de todo nosso coração. Só a vós, Senhor, só a vós: só a vós queremos amar, para nunca mais vos offender: só a vós queremos amar, para nunca mais vos ser ingratos: só a vós queremos amar, para nunca mais nos apartarmos de vós: só a vós queremos amar, para desta hora em diante nos apartarmos para sempre de tudo o que aparta de vosso amor. Seja esta hora o fim de todo o amor que não é vosso, e seja o principio de vos amarmos sem fim; assim como vós sem fim nos amastes: *In finem dilexit eos.*

SERMÃO

DE

SANTA THERESA

E DO

SANTISSIMO SACRAMENTO

**Pregado na egreja da Encarnação de Lisboa,
no anno de 1644.**

Concorrendo estas duas festas na dominga XIX Post Pentecostem.

*Simile factum est regnum cælorum homini regi,
qui fecit nuptias filio suo. Et misit servos suos
vocare invitalos. Matt. XXII.*

*Caro mea vere est cibus: et sanguis meus vere
est potus. Joan. VI.*

*Simili est regnum cælorum decem virginibus:
quæ accipientes lampades suas exierunt obviam
sponso, et sponsæ. Matt. XXV.*

I

Em um dia em que se nos propõe tres evangelhos, não é muito que préguemos sobre tres themas. O primeiro evangelho é da dominga corrente, que canta hoje a egreja universal. O segundo é do divinissimo sacramento, pela devação particular desta casa. O terceiro é o commum das virgens, em memoria da gloriosa virgem, mãe de tantas e tão santas, a santa madre The-reza de Jesus, cuja solemnidade tambem concorre, e se celebra aqui hoje.

Começando pois pelo primeiro evangelho (que como mais universal e mais proprio deste dia, é bem que seja o que nos abra o caminho e dê fundamento a tudo) diz nelle e ensina em parabola o divino Mestre, que o reino do céu é semelhante a um homem rei: *Simile factum est regnum cœlorum homini regi.* (Matt. XXII — 2) Não ha duas coisas tão parecidas no mundo, como o rei e o reino(1). Os reis são os espelhos a que se compõe os vassallos, e taes serão as acções do reino, quaes forem as inclinações do rei. Não falla Christo de qualquer reino, nem de qualquer rei, senão do reino do céu e de um rei homem: porque se o rei fôr humano, será o reino bemaventurado, e se o rei fôr homem, tão seguro estará o reino da terra, como o do céu. Este rei, diz o Senhor, que celebrou com grandes festas o casamento do principe seu filho: *Qui fecit nuptias filio suo:* (Ibid.) E nisto mostrou tambem que era rei homem; porque não descuidar da successão, é reconhecer a mortalidade. Chegado o dia das vodas mandou alguns criados, que fossem chamar os convidados para o banquete, e diz o texto sagrado uma coisa que parece incrível, e é, que elles não quizeram vir: *Et nolabant venire.* (Ibid. — 3) Se o rei os chamara para a guerra, escusa tinha a ingratidão na fraqueza e temor natural: mas para as vodas e para o banquete não virem? Mais abaixo diz o mesmo evangelho, que mandou o rei os seus soldados e foram: agora chamou os seus convidados e não vieram. Eu lhes perdoo a descortezia pelo exemplo. Se os vassallos hão de faltar ao principe, antes seja na meza que na campanha. Vendo o rei que os convidados não queriam vir, mandou segundo recado, mas por outros criados, e não pelos mesmos: *Misit alios servos.* (Ibid. — 4) Não é nova razão de estado nos reis para melhorar vontades, mudar ministros. Mas a razão que aqui teve o rei, a meu vêr, foi ainda mais facil e mais achada. Mandou a segunda vez outros criados, porque é bem que se reparta o trabalho, e que vão todos. Se os segundos descancaram, em quanto foram os primeiros, bem é que descancem os

(1) Allude toda a explicação do evangelho a casos succedidos naquelles dias.

primeiros, e que vão agora os segundos. Assim que, mudar o rei os criados, não é condemnar os talentos, é repartir os trabalhos. Se os primeiros tiveram ruim successo, não o tiveram melhores segundos, que nem sempre com a mudança se consegue a melhoria. Os primeiros acharam más vontades : *Nolebant venire* : os segundos experimentaram más obras : *Occiderunt eos*. Quer dizer, que foram tão descomedidos alguns dos convidados, que não só affrontaram de palavra aos criados do rei, mas chegaram a lhe pôr as mãos e tirar as vidas. Ha maior ingratidão ? Ha maior descortezia ? Ha maior atrevimento de vassallos ? Que faria o rei neste caso ? Diz o texto, que mandou logo seus exercitos a executar um exemplar castigo não só nas pessoas, ou corpos dos rebeldes, senão na mesma cidade, onde viviam, da qual não ficaram mais que as cinzas, para memoria ou esquecimento eterno de tal ousadia. Assim o fez o rei, e assim o hão de fazer os reis. Quem hoje se atreveu ao criado, amanhã se atreverá ao senhor. Occupou os seus exercitos em arrazar as cidades proprias, quando parece que fôra mais conveniente conquistar as alheias ; porque não são tão damnosas as hostilidades dos inimigos, como os atrevimentos nos vassallos. Melhor é ter menos cidades e mais obedientes. Por isso lhe chamou o evangelho cidade sua ; delles, e não do rei : *Civitatem illorum*. Cidade que se atreve contra os ministros do rei, não é cidade do rei, é cidade livre : e liberdades não as hão de soffrer as coroas. Se os criados offenderam aos convidados, queixem-se, que para isso tem o rei ouvidos : mas presumir violencias e executar-as ? Não ha, nem é bem que haja em tal caso soffrimento nos reis, senão ira e fogo : *Iratus est et civitatem illorum succendit*. (Ibid. — 7) Tão rigoroso se mostrou no exterior como rei ; mas como homem, lá por dentro lhe ficou a dor e o sentimento : *Perdidit homicidas illos*. Notae os termos. A palavra *Perdidit*, quer dizer, matar e perder ; porque de tal maneira castigava, que considerava o que perdia. Matar um homicida é perder um homem : *Perdidit homicidas illos*. Executado assim, ou mandado executar o castigo, voltou-se o rei para os criados e disse-lhes : *Qui invitati erant, non fuerunt digni* : (Ibid. — 8) os que foram convidados, não eram dignos. Pois agora, Senhor ? Não

fora melhor conhecê-los antes de os convidar, que convidá-los antes de os conhecer? Eis-aqui o maior mal e a maior consolação que tem o mundo. Serem os indignos os convidados, é o maior mal: serem os benemeritos os excluidos, é a maior consolação. Vendo o rei que não queriam vir os que convidara, tornou-se aos que tinha engeitado; e foram elles tão honrados, que todos vieram. Não introduziria Christo na sua parábola esta differença, se não fora o que nas suas eleições costumam experimentar os principes. Os seus escolhidos são aquelles que na occasião não querem vir; e os seus engeitados os que na occasião veem todos. Chamaram os criados, diz o texto, todos os que acharam pelas ruas: *Et impleta sunt nuptiæ discumbentium*: (Ibid. — 10) E ficaram cheias as mezas. Quantos andam desfavorecidos por essas ruas, que haviam de encher muito bem o seu lugar, se os chamaram? Em fim, o rei entrou na sala, onde comiam os convidados, e foi esta a melhor iguaria que veio á meza, aos olhos do rei. Viu um, entre os demais, que não estava vestido de galas; e não só o mandou lançar fóra, mas que atado de pés e mãos o mettessem no carcere mais escuro. Tão grande delicto é não festejar o que os principes festejam. Mas dado que este não fizesse o que devia, o que eu muito pondero é que de todos os convidados nenhum foi bom, e de todos os excluidos só um foi mau. Antes de entrarem ás vodas, eram bons e máus: *Congregaverunt omnes quos invenerunt, malos, et bonos*: (Ibid.) E depois de entrarem, tirando um, todos foram bons, porque a melhor arte de fazer bons, é admittil-os: o desprezo a ninguém melhorou, a honra a muitos.

Esta é a parábola do evangelho, tão parecida com a historia dos nossos tempos, que por isso lhe ajuntei doutrina não impropria delles. Vindo porém ao intento da nossa festa, ou festas, duas coisas acho menos neste evangelho. Falla dos desposorios do principe e do banquete do rei; mas nem nós desposorios nos diz quem foi a esposa, nem no banquete nos declara quaes fossem as iguarias. Por isso tomei de soccorro os outros dois evangelhos. O evangelho das virgens nos diz que a esposa é Santa Thereza: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ*:

(Ibid. XXV — 1) o evangelho do sacramento nos declara que as iguarias são o corpo e sangue de Christo : *Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus*. (Joan. VI — 56) Supposto pois que a santa e o santissimo são as duas partes da nossa festa : para que com o mesmo discurso satisfaçamos a ambas as obrigações, será hoje o meu assumpto este : que os maiores favores que Christo fez a Santa Thereza, são os mesmos que faz no sacramento aos que dignamente commungam. Para igualar tamanhas graças, é necessario muita graça. *Ave Maria*.

II

Sendo tão singulares os favores em que o amor de Christo se estreitou com Santa Thereza, que, não juntos, mas divididos, apenas se lhes acha parallelo entre os outros santos ; maior empenho tomei do que por ventura se imagina, quando prometti mostrar que os mesmos recebem invisivelmente de Christo os que dignamente o recebem no sacramento. E porque não pareça que fujo á dificuldade de tamanho assumpto, antes o quero encarecer e subir de ponto, para mais excitar a nossa devoção e agradecimento ; entre todos os favores e finezas com que o amorosissimo Senhor singularizou esta grande santa (pois não é possível ponderar todos) escolherei os mais notaveis.

O primeiro, pois, e mais visivel, que se me offerece, é quando o mesmo Christo em presença da Virgem santissima e de S. José deu a mão de esposo a Thereza. Os desposorios que se fazem com approvação dos paes, são mais qualificados ; e para que esta circumstancia de gosto não faltasse, onde não podia faltar o acerto, desposou-se Jesus com Thereza em presença de José e Maria. E que vieram a ser estes desposorios ? O mesmo Senhor o disse : D'aqui em diante eu serei todo teu, e tu toda minha. De sorte que foi uma entrega de ambos os corações total e reciproca, com que não só Thereza ficou Thereza de Jesus, senão também Jesus de Thereza. Ainda aquelle *de* é superfluo ; porque ser um de outro distingue dois sujeitos, e a união entre Jesus e Thereza foi

tão íntima, que passando de união a unidade, já Thereza e Jesus não eram dois e distinctos, senão um só e o mesmo. Vejamos isto em um excellente retrato feito pela mão do mesmo Esposo.

Creou Deus a Adão e Eva, e diz assim o texto sagrado : *Masculum, et feminam creavit eos, et vocavit nomen eorum Adão* : (Genes. V — 2) Fel-os Deus homem e mulher, e deu por nome a ambos Adão. Pois se Adão e Eva eram duas creaturas e dois sujeitos distinctos : *Masculum, et feminam creavit eos* ; porque lhe não deu Deus dois nomes também distinctos, senão um só e o mesmo, e não outro, senão o de Adão : *Et vocavit nomen eorum Adão* ? Porque a Adão e a Eva desposou-os Deus na maior perfeição da natureza ; e posto que por força da criação eram dois, por virtude do matrimonio ficaram um. Antes que Deus formasse a Eva, não havia mais que Adão : depois que da costa de Adão formou a Eva, dividiu-se Adão, e o que era um só sujeito, ficaram dois : mas tanto que Adão deu a mão de esposo a Eva, tornaram esses dois sujeitos a reunir-se, e os que eram dois e distinctos, ficaram um só e o mesmo : por isso lhe deu Deus um só nome, e não outro senão o de Adão : *Et vocavit nomen eorum Adão*. Isto foi o que foi : e o que significava, que era ? S. Paulo : *Sacramentum hoc magnum est : Ego autem dico in Christo, et in ecclesia*. (Eph. V — 32) Tudo isto, que passou entre Adão e Eva, foi um grande mysterio ; porque na união daquelle matrimonio debuxou l'eu, como em figura original, o que depois se havia de verificar na igreja entre os desposorios de Christo com as almas santas. Que Adão foi logo este, senão Jesus, e que Eva senão Thereza ? Antes deste divino desposorio Thereza era Thereza de Jesus, e Thereza e Jesus dois sujeitos com dois nomes distinctos ; porém depois que Jesus deu a mão de esposo a Thereza, o nome Thereza de Jesus perdeu a distincção daquelle *de*, e ficou Thereza Jesus. A que depois se chamou Sara, chamava-se d'antes Saray, e diminuiu-lhe Deus o nome para lhe accrescentar a dignidade. Assim também a Thereza de Jesus. Tirou-lhe aquelle *de*, que distinguia a Jesus de Thereza, e ficou somente Thereza Jesus ; porque transformado Jesus em Thereza, e Thereza em Jesus, já não eram dois nomes, nem dois sujeitos, se-

não um só, e o mesmo. Adão e Eva, Adão: Thereza e Jesus, Jesus. Vamos ao evangelho.

No principio do evangelho das virgens diz o texto, que todas dez saíram a receber o esposo e a esposa : *Exierunt obviam sponso, et sponsæ* : e no fim do mesmo evangelho diz que as cinco prudentes entraram com o esposo ás vodas : *Intraverunt cum eo ad nuptias*. (Matt. XXV — 10) De maneira, que quando saíram, receberam o esposo e a esposa ; mas quando entraram, só se diz que acompanharam o esposo : *Intraverunt eum eo*. A esposa claro está que não havia de ficar de fóra. Pois se quando as virgens entraram, acompanharam a ambos, assim como quando saíram, receberam a ambos ; porque razão quando saíram ao recebimento, se faz menção do esposo e de esposa, e quando entraram ás vodas, só se nomêa o esposo e a esposa não : *Intraverunt cum eo ad nuptias*? Excellentemente Santo Hilario : *Sponso tantum obviam proceditur, jam enim erunt ambo unum*. Não ha duvida, que entraram ás vodas o esposo e mais a esposa ; mas esse mesmo esposo, e essa mesma esposa, que antes de entrar ás vodas tinham sido dois, depois de entrar ás vodas, já eram um só : *Ja enim erunt ambo unum*. E porque já eram um, e não dois, por isso se fez menção do esposo somente, e não da esposa : *Intraverunt eum eo*. Assim, nem mais nem menos, nos divinos desposorios de Jesus com Thereza : antes de se darem as mãos Jesus e Thereza distinguiam-se e eram dois ; porém depois de celebradas as vodas, já ambos eram um só : *Jam ambo erunt unum* : já não havia Thereza e Jesus, senão só Jesus : *Intraverunt cum eo*.

Quem nos poderá declarar a força e verdade desta união, senão quem a experimentou em si, a mesma Santa Thereza. Dizia Thereza de si, que estava tão individualmente unida com Jesus seu esposo, que podia dizer com São Paulo : Vivo eu, já não eu, porque vive em mim Christo. Oh que divina implicação : eu não eu ! Se sois vós, como não sois vós ? Sou eu considerada em Christo: não sou eu considerada em mim. Considerada em Christo, sou eu, porque Christo vive em mim ; e considerada em mim, não sou eu, porque eu vivo em Christo. Outra vez fallando com o mesmo Christo, lhe disse : Senhor, que se me dá a mim de

mim sem vós? Porque eu sem vós não sou eu : e de mim que não sou eu, que se me dá a mim? De sorte, que estavam tão transformados estes dois corações, que reciprocando as vidas, viam um no outro : e tão unidos na mesma transformação, que deixando cada um de ser outro, eram um só e o mesmo : *Ambo unum*.

Da alma santa disse o esposo divino, que lhe ferira o seu coração e que lh'o tirara ; que lh'o ferira : *Vulnerasti cor meum* : (Cant. IV — 9) como diz o texto latino : que lh'o tirara : *Abstulisti mihi cor*, como diz o hebraico. O mesmo succedeu a Thereza com o seu coração. Appareceu-lhe, estando em extasi, um serafim com uma setta de oiro afogueada. E que fez? Mettendo-lhe a setta no peito, com a ponta feriu-lhe o coração : *Vulnerasti cor meum* : e tornando a tirar a setta, com as farpas levou-lhe o coração : *Abstulisti mihi cor*. Temos a Thereza sem coração : e sem coração como ha de viver? Sem coração como ha de amar? Antes para melhor viver e para melhor amar, lhe tirou seu esposo o coração. O coração é o principio da vida, e onde ambos viviam com a mesma vida, sobejava um coração, por isso lh'o tirou Christo. E tambem lh'o tirou para que melhor amasse, amando-se ambos com um, e não com dois corações. Não ha exemplo na terra ; no céu sim, e o mais perfeito. O mais perfeito amor que ha nem póde haver, é o das tres pessoas divinas. Ama o Padre ao Filho, ama o Filho ao Padre, amam o Padre e o Filho ao Espirito Santo, ama o Espirito Santo ao Padre e ao Filho ; e sendo os amantes tres, a vontade com que se amam é uma só : e assim como alli ha tres amantes com uma só vontade, assim cá se amavam os dois com uma só coração. Oh que perfeito, oh que divino, oh que ditoso modo de amar ! Amar com igualdade no amor ; porque o mesmo coração é o que ama : e amar sem duvida na correspondencia, porque o mesmo coração é o que corresponde : antes o mesmo amor em unidade reciproca é amor e correspondencia juntamente ; porque não podiam os amores ser dois, quando os amantes se tinham transformado em um : *Et jam erant ambo unum*.

Não vos parece grande extremo de fineza, não vos parece

grande excesso de favor este de Christo para com Thereza ? Pois a mesma fineza usa o mesmo Christo, e o mesmo favor faz aos que dignamente commungam. No evangelho do sacramento temos a prova. Porque assim como com o evangelho das virgens provámos tudo o que temos dito, e provaremos tudo o que dissermos de Christo em respeito de Santa Thereza ; assim com o evangelho do sacramento provaremos tambem quanto houvermos de dizer do mesmo Christo em respeito de nós, e dos que commungam dignamente.

Caro mea veré est cibus, et sanguis meus vere est potus. A primeira coisa que Christo Senhor nosso nos certifica neste evangelho, é ser verdadeira comida o seu corpo, e verdadeira bebida o seu sangue. Onde se deve muito notar, que não faz a força do que quer presuadir em ser verdadeiramente seu corpo, o que se nos dá debaixo das especies de pão ; nem em ser verdadeiramente seu sangue, o que se consagra debaixo das especies do vinho : senão em que esse corpo e esse sangue é verdadeiramente mantimento nosso. E porque razão ? Porque é propriedade e natureza geral de todo o mantimento converter-se na substancia de quem o come : e como Christo só neste sacramento assiste real e presencialmente, e nos outros não, por isso tambem só neste se nos quiz dar em fôrma de mantimento ; para que entendessemos que o fim de o instituir, não só fôra para nos communicar sua graça, como nos outros sacramentos, senão para se unir a si mesmo connosco, e a nós consigo. O mesmo Senhor se declarou, e o disse logo : *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo* : (Joan. VI — 57) Sabeis porque digo que o meu corpo é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida ? Porque assim como o mantimento se converte na substancia de quem o come, assim eu me quero transformar em vós, e vós em mim : de modo que vós, commungando, fiqueis em mim, e eu sendo commungado, em vós : *In me manet, et ego in illo*. E porque nesta união e transformação de dois que somos, se ha de fazer um só : este *um* qual ha de ser ? Não haveis de ser vós, senão eu, diz o mesmo Christo ; e assim continúa o texto Santo Agostinho : *Nec tu me mutabis in te*.

sicut cibum carnis tuæ sed tu mutaberis in me. De sorte, que assim como nos desposorios de Christo com Thereza, de dois que eram, se transformaram em um só, e este um depois de transformados, não era principalmente Thereza, senão Christo que nella vivia : *Vivit vero in me Christus* : (Gal. II — 20) assim na transformação do sacramento, o que dignamente communga, de tal modo fica unido e identificado com Christo, que Christo é o que nelle vive.

O mesmo evangelho o diz, e com o mesmo exemplo das Pessoas da Santissima Trindade, com que declarei a união ou unidade do coração de Christo com Thereza : *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me, et ipse vivet propter me* : (Joan. VI — 58) assim como eu vivo pela vida de meu Padre, que me mandou ao mundo, assim quem me communga verdadeiramente, não vive pela sua vida senão pela minha. Grande caso é, que querendo a sabedoria encarnada declarar o que tinha dito, com algum exemplo, não achasse outro mais adequado, e mais proprio, que o da unidade e vida reciproca, que ha entre o mesmo Christo, e seu Eterno Padre : *Vivit ergo per Patrem*, commenta Santo Hilario, *e quomodo per Patrem vivit, eodem modo nos per carnem ejus vivemus.* Assim como entre o Padre e o Filho, em quanto Deus, ha uma só vida, porque o Padre vive no Filho, e o Filho no Padre, e um vive pela vida do outro ; assim entre Christo, e o que communga, posto que sejam dois, a vida é, e ha de ser uma só, e não outra, senão a do mesmo Christo : *Et ipse vivet propter me.* Vejam agora os que commungam, se a vida que vivem é a sua, ou a de Christo ; e d'aqui julgarão pelos effeitos, se commungam como devem, ou não..

III.

O segundo favor, e mais extraordinario ainda, que Santa Thereza recebeu de seu divino Esposo, foi, que entre outras finças, lhe disse estas palavras : Thereza, se eu não tivera creado o céu, só por amor de ti o creára. De nenhum outro santo se lê semelhante favor. Houve-se Christo com Santa Thereza, como Santo

Agostinho com Deus, para encarecer o seu amor. Se eu fôra Deus, e vós não (diz Agostinho), deixára eu de o ser, para que vós o fosseis. Muito tem de excessivo o amor que para se poder declarar finge supposições impossíveis. Mas isto fez um coração, posto que tão intellido, humano. Porém Christo, que pôde tudo, e com tão singulares e exquisitas demonstrações tinha manifestado a Thereza o seu amor, que invente casos condicionaes, e supponha o que já foi, como se não fôra, e o que já não podia ser, como se fosse possível; para assim declarar quanto ama? A sabedoria de Christo é igual á sua omnipotencia, e a sua omnipotencia á sua sabedoria: e que o amor do mesmo Christo signifique a Thereza, que sabe mais desejar, do que pôde fazer: e não diga o que fará por ella, senão o que faria? Ora eu, considerando este caso, que suppoz Christo, e um voto que fez Santa Thereza, intendo que se achou Christo como alcançado, e que se não pôde desempenhar daquelle voto, senão com esta supposição. O voto que fez Santa Thereza, foi de sempre fazer o que fosse melhor: e como a melhor coisa que Deus podia fazer, é o céu, e a bem-aventurança, que já estava feita, disse, que se não tivera feito o céu, só por amor de Thereza o fizera. Se o amor de Thereza se obriga por mim a fazer sempre o melhor, como posso eu pagar este amor, senão fazendo tambem o melhor por Thereza? Mas esse melhor já está feito? Pois saiba ao menos Thereza de mim, que se não tivera feito o céu, só por amor della o fizera. E sendo assim que Christo fez o céu por amor de todos os predestinados, parece que peza tanto no conceito e estimação do mesmo Christo o amor de Thereza só, como o de todos os predestinados juntos.

Uma das coisas mais notaveis que escreveu S. Paulo, foi esta: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum*: (Timot. I — 15) Christo Jesus veio a este mundo salvar os peccadores, dos quaes eu sou o primeiro. S. Paulo não foi o primeiro peccador na antiguidade, porque esse foi Adão: nem foi o primeiro na grandeza e multidão dos peccados, porque houve outros peccadores maiores: e elle mesmo confessa neste lugar, que peccou por ignorancia: *Quia ignorans feci*. Pois d'onde infere S. Paulo, que foi o primeiro e maior pec-

cador de todos: *Quorum primus ego sum?* (Ibid: — 13) Nas palavras antecedentes está a premissa desta illação: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere*: Christo veio do céu a este mundo para salvar os peccadores e o mesmo Christo veio também do céu a este mundo, para me salvar só a mim. Logo no conceito e estimação de Christo, infere Paulo, tanto peza a graveza dos meus peccados, como os de todo o mundo. A mesma illação faço eu. Assim como S. Paulo, para encarecer a graveza de seus peccados, ponderou que fizera Deus só por elle o que tinha feito por todo o mundo, assim Christo para encarecer a grandeza do seu amor, disse que faria por Thereza o que tinha feito por todos os predestinados. E assim como Christo só por amor de Paulo desceu do céu, como tinha descido por amor de todo o mundo, assim Christo só por amor de Thereza crearia o céu, se por amor de todos os predestinados o não tivesse creado. Oh grande amor! Oh excessivo encarecimento! Que no conceito de Christo, que não lisongeia, peze tanto o amor de Thereza, como o de todos! Vamos outra vez ao evangelho.

É similhante o reino do céu a dez virgens, cinco prudentes, e cinco nescias, diz Christo nesta parábola. E por ser parábola faz não pequena difficuldade a igualdade destes numeros. O auctor que faz ou inventa uma parábola, assim como tem liberdade para dispor e historiar como lhe importa a seu intento, assim tem também obrigação de a deduzir em termos provaveis, e áquillo que é verisimil, e costuma acontecer communmente. Supposto isto, parece que não haviam de ser tantas as prudentes como as nescias. Não andára mal governado, nem fóra tão louco o mundo, se de cada dez mulheres se pagára o dizimo á prudentia. Homens eram aquelles dez leprosos que Christo sarou; e porque só um lhe veio dar as graças, perguntou onde estavam os nove: *Et novem ubi sunt?* (Luc. XVII — 17) E se em dez homens se acham nove ingratos, como não seria mais verisimil, que em dez mulheres se achassem nove nescias? Não ha duvida, que, segundo a condição humana, este numero era o mais proprio; e também, segundo o intento de Christo, que era a consideração dos muitos que se condemnam. Pois por que não introduz o

divino Mestre nesta parábola nove virgens que fossem nescias, e uma só que fosse prudente? Porque assim como as nescias que ficaram de fóra, significam as almas que se condemnaram, assim as prudentes que entraram às vodas, representam as que se salvam, e vão ao céu. E no caso em que se introduzisse uma só prudente, não era, nem podia ser verisimil, que Christo fizesse o céu para uma só. Por isso fazendo a historia menos verisimil, para que fosse mais verisimil a significação, não introduziu nelle uma só prudente, senão muitas: *Et quinque prudentes*. (Matth. XXV — 2) Não sendo porém verisimil ainda na ficção de uma parábola, que Christo houvesse de crear o céu para uma só alma: era tal a alma de Thereza, e tal o extremo com que o mesmo Senhor a amava, que no caso e supposição em que não tivesse crendo o céu, é verdade certa e infallivel, que só por amor della o crearia. E se quereis vêr pintada esta mesma figura rhetorica do amor de Christo, vamos ao Apocalypse.

Viu S. João aquella mysteriosa mulher tão celebrada, a quem coroavam as estrellas, vestia o sol, e calçava a lua. E conforme a exposição de S. Boaventura, Ruperto, Victorino, Hugo, Alberto Magno, e outros os quees intendem por esta mulher uma alma superiormente allumiada por Deus, e adornada de celestiaes virtudes; a que alma se pôde applicar com maior razão esta prodigiosa e admiravel figura, que á de Santa Thereza, em cujo espirito sublime e elevado depositou a liberalidade divina tantos dotes e prerogativas de perfeição, como se lêem em sua vida, e tantos resplendores de ardentissima luz, como se admiram e sentem em seus escriptos? S. Francisco de Borja, sendo um dos examinadores do espirito de Santa Thereza, o primeiro testemunho que deu, foi: que era uma *gran muger*. Digo, pois, que Santa Thereza foi a grande mulher que S. João viu no Apocalypse; e o prove da mesma visão.

Diz o texto, que aquella mulher tinha concebido um filho de sexo e valor masculino, o qual havia de governar o mundo com vara de ferro, e ser arrebatado ao céu, e que o parto deste filho lhe custou grandes trabalhos e dores; porque lhe saiu ao encontro um dragão de muitas cabeças coroadas, que o queria tragar.

O auctor da historia prophetica carmelitana, diz que este filho ha de ser Elias no fim do mundo : e eu, com bem differente pensamento e exposição, tambem reconheço nelle a Elias, mas não que ha de ser, senão que já foi, e não como filho da egreja universal, senão como parto singular de Santa Theresa. Ora vêde. Que Elias fosse de sexo e valor masculino : *Peperit filium masculum* : (Apoc. XII — 5) bem se viu na resolução e constancia de todas suas acções contra grandes e pequenos, e muito mais contra os grandes. Se governou as gentes com vara de ferro, diga o el-rei Acab ; a rainha Jesabel ; el-rei Ochozias ; os quatrocentos e cincoenta prophetas falsos de Baal que degolou em um dia ; as duas companhias de soldados, e seus capitães, que queimou com fogo do céu : e o mesmo céu que teve fechado tres annos sem chover, como se fosse de bronze. Finalmente, que fosse arrebatado ao céu : *Et raptus est ad Deum, et ad thronum* ? (Ibid.) Assim o viu arrebatado subitamente, e desaparecer de seus olhos seu discipulo Eliseu. Tinha pois fundado Elias no monte Carmelo uma religião de tanta severidade, rigor, e aspereza, qual era a de seu fundador : tinham-se passado oitocentos annos antes de Christo, e depois de Christo mais de mil e quinhentos, em que o tempo e as variedades delle, ou tinham enfraquecido a tolerancia, ou moderado a austeridade daquelle primitivo instituto ; quando Theresa revestida do espirito dobrado do mesmo Elias, o concebeu dentro em si mesma, não para que resuscitasse, porque não morrerá, mas para que outra vez nascesse : e não só em mulheres, sendo ella mulher, senão tambem nos homens. Julgou o mundo esta empresa por impossivel, e dizia com Nicodemus, que Elias era muito velho para tornar ao ventre da mãe, e nascer de novo : *Quomodo potest homo nasci, cum sit senex ? Nunquid potest in ventrem matris suae iteratò introire, et renasci ?* (Joan. III — 4) Porém, a Santa Madre (que desde então começou a ser) assim como segunda vez tinha concebido a Elias, assim o pariu segunda vez, e o mostrou ao mundo incredulo, felizmente renascido : *Peperit filium masculum*.

E quantas dores lhe custasse este prodigioso parto, e a novidade delle, diz a grandes vozes o mesmo texto : *Clamabat partu-*

riens, et cruciabatur, ut pariat. (Apoc. XII — 2) Que trabalhos, que contradicções, que perseguições, que murmurações, que descreditos e falsos testemunhos, padeceu aquelle sublime e constante espirito, sendo movedor de todas o dragão infernal, multiplicado com grande propriedade do mesmo texto em muitas cabeças, e essas coroadas; porque apenas houve corôa, não só prophana, mas sagrada (e ainda muitas regulares) que não impugnasse fortemente, e trabalhasse por abortar este glorioso parto. Em fim, venceu Thereza, e para distincção do novo e primitivo instituto, descalçou-se como Elias, e assim appareceu, se bem advertirdes, na mesma figura do céu que a representava. As alparcas de Santa Thereza, como invenção do céu, de tal modo descalçam os pés, que os não deixam tocar a terra. São uma sorte de meio calçado, não para calçar, ou obrir os pés, mas para se trazer debaixo delles. E disto mesmo servia a lua á mulher que viu S. João. Dizemos communmente (como eu acima disse) que estava calçada da lua, e não dizemos bem. Se estivera calçada, havia de ter os pés cubertos da lua, mas ella não tinha os pés cubertos da lua, senão a lua debaixo dos pés: *Et luna sub pedibus ejus.* (Ibib. — 1) Assim representava a lua as alparcas de Thereza, e assim appareceu Thereza descalça no céu, não já como filha que tinha sido, senão como nova mãe do primitivo Elias; mãe e filha de seu proprio pae, como a Virgem das virgens.

Provado pois com todas as propriedades do texto, quem fosse a mulher mysteriosa que viu S. João; e que agora reparo, e muito se deve notar, é que aquella mesma mulher enchia e occupava todo o céu, e todos os céus. Com os pés estava no céu da lua, que é o primeiro; com o corpo passava pelo céu do sol, que é o quarto; com a cabeça chegava ao céu das estrellas, que é o oitavo, logo, era tão agigantada a sua estatura, que desde o primeiro até o ultimo tomava todo o céu. Pois se a grandeza de cada um dos céus é tão immensa, e a de todos tão incomparavelmente maior; como é possível que uma só mulher a occupasse toda? Porque aquella mulher, como vimos, era Thereza, e Thereza em si mesma, e na estimação de Christo é tão grande, que ella só iguala a todo o céu. Por isso diz com supposição já não possível,

mas certa, que se não tivera creado o céu, só para ella o creára. E senão, entremos no mesmo céu empyreo, de que mais propriamente fallava Christo, e veremos que se neste céu exterior, que vêmos, occupava Thereza todos os logares, com a figura no céu interior, que não vêmos, também os occupa todos com a presença. A natureza humana beatificada, tem no céu sete logares: de patriarchas: de prophetas, de apostolos, de doutores, de martyres, de confessores, de virgens: e em todos tem assento eminente Santa Thereza. No das virgens pela pureza; no dos confessores, pela penitencia; no dos martyres, pelo desejo, no dos doutores, por seus admiraveis escriptos; no dos apostolos, pelo seu zelo ardentissimo da propagação da fé; no dos prophetas, pelos secretos altissimos de suas visões, revelações e prophecias; e no dos patriarchas, finalmente, com ser mulher, como mãe e fundadora gloriosissima de uma religião tão illustre, e lustre das religiões. E se Christo no céu que se vê, e no céu que se não vê, deu a Thereza todo o céu, vêde se o crearia só para ella, no caso em que o não tivera creado? E sendo creado o céu para todos os predestinados, isto é, para todos os que foram, são, e serão bemaventurados na gloria; julgae se parece, como eu dizia, que pezou tanto na estimação de Christo o amor só de Thereza, como o de todos.

Grande favor, grande fineza, estaes dizendo todos; e mais não sendo encarecimento, senão verdade infallivel da boca de Christo! Pois saiba cada um de nós (ou advirta como já sabe) que esse mesmo favor e essa mesma fineza faz o mesmo Christo no sacramento por cada um dos que commungam. Se Christo faria por Thereza o que fez por todos os predestinados, no sacramento não só faria, mas faz, por cada um dos que commungam, o que fez por todos. Porque se no sacramento se dá todo a todos, igualmente se dá todo a cada um. É verdade que o sacramento foi feito para todos, mas de tal maneira para todos como se se fizera para um só. No evangelho o temos, e não em uma só parte, senão em todo: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo.* (Joan. VI—57) Aquelle que come a minha carne e bebe o meu sangue, está em mim, e eu nelle. Notae, que não diz aquelles que comem, senão aquelle: *Quia manducat.* Vae por diante

o Senhor : *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me, et ipse vivet propter me* : (Ibid. — 58) Assim como meu Padre vive, e eu vivo por elle, assim aquelle que me come, viverá por mim. Notae outra vez, que não dis *aquelles*, senão *aquelle* : *Et qui manducat*. Finalmente, faz comparação entre o sacramento e o manná, e dizendo que seus paes daquelles com quem fallava, comeram o manná e morreram ; *Patres vestri manducaverunt manna, et mortui sunt*. (Ibid. — 59) Aqui parece, que, por boa consequencia, e para mais declarar a contraposição, havia de dizer, que *aquelles*, porém, que comem meu corpo, viverão eternamente ; e tambem aqui não disse *aquelles* em plural, senão *aquelle* em singular : *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum*. Qual é pois a razão porque sempre diz *aquelle*, e não *aquelles* ? Porque sempre falla em singular e não em plural ? E porque sendo o sacramento instituido para todos, nunca falla de muitos, senão de um só ? E notae para maior admiração, que em todas estas sentenças sempre o Senhor variou a phrase ; porque a primeira vez disse, *aquelle que come a minha carne* : *Qui manducat meam carnem* : a segunda, *aquelle que me come a mim* : *Qui manducat me* : a terceira, *aquelle que come este pão* : *Qui manducat hunc panem*. Pois se fallando do sacramento, que é carne de Christo, e todo Christo, debaixo de especies de pão, variou sempre a phrase : fallando dos que commungam, porque não variou, nem multiplicou o numero, antes persistiu, e perseverou sempre na unidade : *Qui manducat* : *qui manducat* : *qui manducat* ? A razão é, porque ainda que o amor de Christo, instituido o sacramento universalmente para todos, de tal maneira abstraiu e quis que nos abstraissemos dessa mesma universidade, como se verdadeiramente fora instituido, não para todos, nem para muitos, nem para mais, senão singularmente para um só. E assim é, porque dando-se Christo no sacramento todo a todos, e todo a cada um, de tal modo e com tal amor se dá todo a um, como se amara e estimara tanto a um só como a todos.

Ouvi a São Salviano, que é o que mais viva e profundamente ponderou esta singularidade : *Sicut totum ei debent universi, sic totum singuli, quod tantum acceperunt singuli, quantum universi*

No sacramento tanto devem todos a Christo, como cada um ; porque tanto recebe cada um, como todos. E que se segue d'aqui ? Agora vae o profundo da ponderação : *Ubi enim hoc unus accipit, quod universi, et si par est mensura, maior invidia est* : porque quando um recebe tanto como todos, ainda que a medida é igual, a inveja é maior. Muitos commentos tenho lido desta clausula, e muitos sentidos deste enigma de Salviano ; mas nenhum que satisfazça. Porque para haver inveja, ha de haver desigualdade, e sendo a medida do que se dá igual, como póde haver inveja ? Na distribuição do manná aenhum tinha inveja, porque aquella medida, chamada gomor, tão cheia se dava a um como ao outro : logo, se cá tambem a medida é igual: *Par mensura*: como póde ser maior a inveja : *Maior invidia est* ? Porque no manná tanto levava um como o outro, mas não tanto um como todos ; porém no sacramento, como tanto recebe um como todos, e tanto todos como um, bem póde haver inveja, e grande inveja, não pela desigualdade do sacramento, onde a não ha, senão pela desigualdade do numero, que é a maior que póde haver. Quando um só recebe tanto como todos, como não hão de ter inveja todos áquelle um ? Se no céu podéra haver inveja, e lá se soubesse que o céu que Christo fez por amor de todos os bemaventurados, o faria só por amor de Thereza, não seria bastante occasião de inveja esta grande differença ? Pois o mesmo passa no sacramento. Antes digo, que assim como da parte de todos em respeito de um póde ser inveja, assim da parte de um em respeito de todos poderá ser soberba. Que faça tanto Deus por mim só, como por todos ? Elle me tenha de sua mão, para que tamanho favor me não ensoberbeça. Aqui, e neste ponto de tão verdadeira honra, quizera eu, que a nossa soberba se esmerasse ; mas ella é tão vã e tão vil, que igualando-nos Deus na sua estimação com todos, o mesmo Deus na nossa estimação é menos que tudo.

IV.

O terceiro favor e mui singular, com que Christo declarou seu amor a Santa Thereza, foi este. Fallava a santa com o Senhor

tão familiarmente como sabemos. E passando uma vez a conversação do presente ao passado, disse-lhe Thereza : Grande foi Senhor, o amor com que Vossa Magestade amou a Magdalena. Estas foram as palavras, debaixo das quaes podéra haver alguma segunda intenção se não fôra Thereza a que as disse. Uma das maiores prerogativas do amor divino, é ser amor sem ciúme. Quem ama Deus, deseja que todos o amem, e que elle ame a todos, e por isso é amor. O humano (a quem falsamente damos este nome) nem admite companhia no amar, nem vantagem no ser amado, e por isso é amor proprio, ou mais propriamente inveja. Fallou pois Thereza sem querer fazer comparações de si á Magdalena : mas como se a fizera, e quizera saber de Christo este segredo do seu coração, respondeu o Senhor assim : Thereza, eu amei a Magdalena estando na terra, porém a ti amo-te estando no céu. De sorte, que distinguíu o amor pelo lugar, e a fineza de um pela melhoria de outro.

Se Christo fôra como os outros homens, achára eu muito facil intelligencia a esta sua resposta. Porque o amor está em tal estado, que sendo affecto do coração, depende mais dos logares, que das vontades : e assim é muito maior fineza amar no céu, que amar na terra. As bemaventuranças são muito desamoraveis, e não ha maior inimigo do amor que a felicidade. Provavam antigamente isto os prégadores com o exemplo de José nas ingratidões do copeiro de Pharaó. Mas hoje estão estes desenganos tão provados nas experiencias, que não necessitam de fé, nem de escripturas. O certo é que toda a fortuna tem jurisdicção no amor : se é adversa, ninguém vos ama ; se é prospera, a ninguém amaes. E tanto assim, que como coisa nova e singular disse São Paulo de Christo : *Qui descendia ipse est, et qui ascendit* : (Ephes. IV — 10) O Senhor que subiu ao céu, é o mesmo que desceu á terra. Porque os outros homens communmente quando sobem são uns, quando descem, são outros : por isso ha tantos que trabalhem pelos fazer descer. Pois se Christo no céu e na terra sempre é o mesmo, como dá por razão de differença, ou de vantagem, que á Magdalena amou-a quando estava na terra ; porém a Thereza quando está no céu ? A razão é porque em Christo

ainda que a mudança do logar não faz differença na vontade, a maioria do estado accrescenta grandes quilates ao amor. Na mesma Magdalena o temos.

Sendo Christo convidado do phariseu, entrou a Magdalena por sua casa ; lançou-se aos pés do Senhor, ungiu-lh'os, segundo o costume daquelle tempo, com preciosos unguentos, regou-os, com especiosas lagrimas, enxugou-os com seus cabellos, regalou-os, e regalou-se com elles, até matar a sede da sua dor, e do seu amor. Outra vez depois, e poucos dias antes de sua morte, estando o mesmo Christo em Bethania, hospede de Simão, lhe fez a Magdalena semelhante regalo, ainda com circumstancias de maior confiança, porque não derramou os unguentos (que eram de mais estimadas especies) sobre os pés do Senhor, senão sobre a cabeça : *Super caput ipsius recumbentis*. (Matth. XXVI — 7) E em uma e outra occasião tão fóra esteve a soberana benignidade de Christo de lançar de si a Magdalena, ou de estranhar este genero de obsequio, tão alheio da moderação do seu tracto, que publicamente a louvou e a defendeu ; a primeira vez contra os pensamentos do phariseu, e a segunda contra as murmurações dos discipulos. Sendo tudo isto assim, resuscita o mesmo Senhor, apparece á mesma Magdalena na manhã da resurreição, e querendo ella respirar da sua tristeza, alegrar as suas lagrimas, consolar as suas saudades, e resuscitar tambem a sua vida com se lançar, e abraçar os sagrados pés, onde sua alma a tinha recebido ; eis que com novidade e estranheza não esperada, o Senhor a aparta de si, e lhe manda que o não toque : *Noli me tangere*. (Joan. XX — 17) A causa que deu a este retiro (a qual logo ponderaremos) não tira, antes accrescenta a duvida. Pois se Christo antes de sua morte, em que a Magdalena o assistiu tão constantemente, admittia e se agradava dos seus obsequios, como agora depois de sua resurreição os não consente, antes lhe manda que se retire ? Por ventura merecia agora menos a Magdalena ? Claro está que não, antes muito mais, porque o amor da vida, que costuma acabar com a morte, e enterrar-se com a sepultura, vivo, morto e sepultado, e ainda desaparecido, que é mais, o tinha Christo experimentado nella sempre constante. Pois se o amor era o mesmo,

as finezas mais declaradas, e o merecimento maior ; porque lhe nega Christo depois da resurreição o favor que lhe concedia antes da morte ? Porque antes da morte, diz S. João Chrysostomo, estava Christo mortal e passivel : depois da resurreição estava já immortal e glorioso : e como este novo estado era tão differente, esta era tambem a differença com que queria ser tractado. O primeiro estado era o da terra, em que veio a servir ; o segundo era já o do céu, em que ia a reinar ; e por isso tractava e queria ser tractado da Magdalena, não segundo a familiaridade de quando vivia na terra, senão conforme a magestade com que ia a reinar no céu. O mesmo Christo deu á Magdalena esta razão.

Quando o Senhor lhe disse : *Noli me tangere* : acrescentou : *Nondum enim ascendi ad Patrem : vade autem ad fratres meos, et dic eis : Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum.* (Ibid.) Quer dizer : Posto que me vês na terra, e ainda não subi ao céu, digo-te, comtudo, que me não toques, porque d'aqui por diante has me de tractar como se já estivera no céu, e não na terra. E assim, vai dizer a meus discipulos, que subo ao Padre : *Dic eis : Ascendo ad Patrem meum.* Notavel recado em tal dia ! O dia era da resurreição, e o recado é da ascensão ! Parece que o recado havia de ser : Diz a meus discipulos que resuscitei, que já te appareci, que me viste, que estou vivo : mas que subo ao céu ? *Ascendo ad Patrem* : e não que subirei, ou que hei de subir, senão que já subo : *Ascendo* ? Sim. Para que intendessem os apostolos, que o novo estado a que resuscitára, era muito diverso do passado : e que já o não haviam de tractar como companheiro na terra, senão como Senhor no céu. E isto que mandava dizer aos apostolos, era o mesmo que respondia á Magdalena, para que do recado que levava, intendesse a razão do que lhe prohibira : e assim o intendeu. Tornou Christo a apparecer á Magdalena, e ás outras Marias no mesmo dia : e que fizeram ? *Tenuerunt pedes ejus, et adoraverunt eum* : (Matth. XXVIII — 9) Lançaram-se aos pés do Senhor, e adoraram-no. Pois se Christo permittiu estes segundos obsequios, em que tambem entrava a Magdalena, porque lhe não consentiu os primeiros ? Porque os primeiros eram

de amor e familiaridade, os segundos eram só de respeito e reverencia: aquelles eram abraços, estes eram adorações: *Et adoraverunt eum*. Tanta era a magestade com que o Senhor agora se tractava, e tanta a veneração com que queria ser tractado; não porque não fosse ainda o mesmo, mas porque o seu estado não era já da terra, senão do céu. E se para não admittir os affectos da Magdalena com as demonstrações de favor e agrado, que d'antes costumava, bastou dizer que já subia ao Padre; vêde-se distinguui e encareceu altamente a preferencia do seu amor na differença do seu estado, pois amando a Magdalena, e amando a Thereza, á Magdalena diz que a amou quando estava na terra, e a Thereza que a amava estando no céu. Venha terceira vez o evangelho.

As virgens nescias não se fizeram nescias naquellas poucas horas em que esperaram a vinda do Esposo. É verdade que quando lhe disseram que já vinha, bastantes razões tiveram para perder o juizo, pois se viram com as alampadas apagadas na occasião de maior luzimento, e experimentaram tão más correspondencias nas companheiras, de cuja amizade esperavam outros primores. Mas antes de tudo isto, quando foram admittidas para o apparatus daquella solemnidade, já então diz o evangelho que eram nescias: *Quinque autem ex eis erant futuæ*. Pois se o Esposo, que era Christo, sem embargo deste defeito tão conhecido, as admittiu ao primeiro acto das vodas; porque as excluiu no ultimo? Porque no primeiro estava ainda na terra, onde veio buscar a esposa, no ultimo estava já no céu, onde a levou: e como o estado de Christo no céu é tão superior ao que teve na terra; na terra, onde tudo é imperfeito, admittia prudentes e nescias; porém no céu, que é a patria da perfeição, só admittiu as prudentes. Mas que de prudentes a nescias faça Christo tanta differença, quanta vae do céu á terra, bem está; porém de prudente a prudente, e entre duas tão prudentes, como era a Magdalena e Thereza, faça distincção o seu amor em amar a uma, quando estava na terra, e a outra, quando está no céu? Sim. E tenha paciencia por agora a Magdalena, que não poderá o amor responder mais em favor de Thereza.

Para conhecimento desta differença, ou desta declarada vantagem, é necessario considerar bem como está Christo no céu, e com quem está. O estado que Christo tem no céu, é tão diverso do que tinha na terra, que quando se partiu para lá, disse assim a seus discipulos : *Qui credit in me, opera quæ ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet, quia ego ad Patrem vado.* (Joan. XIV — 12) Vós que crêdes em mim, não só fareis as obras maravilhosas que eu agora faço, senão maiores. E porque ? *Quia ego ad Patrem vado* : Porque eu vou para o céu. Pois porque Christo vae para o céu, por isso hão de fazer seus discipulos maiores milagres do que fazia o mesmo Christo quando estava na terra ? Quando Christo estava na terra, seus discipulos tambem faziam milagres, mas menores dos que o Senhor fazia, e alguns não podiam fazer : qual é logo a razão porque depois de subir ao céu, não só hão de fazer os mesmos milagres que elle fazia, senão maiores ? Porque assim convinha ao maior e supremo estado que Christo havia de ter no céu. A grandeza a magestade dos senhores conhece-se pelo poder e auctoridade dos criados. E é tão grande a differença de estado que hei de ter no céu (diz Christo) ao que tinha na terra, que vós e todos aquelles de que eu então me servir, não só hão de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda : para que do seu poder e auctoridade se conheça a grandeza e magestade do Senhor a quem servem. Se elles comparados commigo na terra parecerá que me excedem a mim ; eu comparado commigo no céu, quem pôde imaginar o que serei ? E se tanta é a differença que Christo tem de estado a estado, e ainda de si a si mesmo, só porque está no céu : *Quia ad Patrem vado* : vêde tambem quanto cresce um amor sobre outro amor nesta circumstancia, e quanto mais foi amar Christo a The-reza estando no céu, ou a Magdalena quando estava na terra.

Mas não basta só conhecer como Christo está no céu ; é necessario tambem considerar com quem está. Christo no céu está assistido e cortejado de todos os bemaventurados. E estes bemaventurados quem são, e qual é a sua grandeza ? Nenhum de nós o podia presumir, se o mesmo Christo o não declarára. Naquelle famoso panegyrico que Christo fez de S. João Baptista, diz duas

coisas notaveis : a primeira, que o Baptista era o maior dos nascidos : a segunda, que o menor do reino do céu é maior que o Baptista : *Amen dico vobis, non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista : qui autem minor est in regno celorum, major est illo* : (Matth. XI — 11) Depois que o Baptista fôr ao céu, então será lá maior que muitos ; mas em quanto está na terra, o menor do reino do céu é maior que elle. E porque ? Porque os do céu (diz S. Jeronymo) vêem a Deus ; o Baptista ainda o não vê. Os do céu amam por vista ; o Baptista ama por fé : os do céu já venceram, e estão coroados ; o Baptista ainda tem que vencer, e está na campanha : *Aliud est coronam victricis possidere, aliud adhuc ia acie pugnare*. E que estando Christo na terra, onde o maior dos nascidos é menor que o menor do reino do céu, amasse muito a Magdalena, não foi grande fineza ; mas que estando no céu, onde o menor daquelle reino é maior que o maior dos nascidos, amasse tanto a Thereza, esta foi aquella grande differença que o mesmo Senhor ponderou, porque só elle a conhecia. A Magdalena, como tão amante e tão amada, estando na terra, mandava-a Christo levar ao céu, para que fosse ouvir as musicas dos anjos : e Thereza estando na terra amava tanto, e era tão amada, que estando Christo no céu deixava as musicas dos anjos para vir conversar com Thereza na terra. Encareço logo Christo o seu amor pela differença do seu estado, e pela do lugar e da companhia, e diga que amou a Magdalena, e amava a Thereza, sim ; mas a Magdalena quando estava na terra, a Thereza quando estava no céu.

E se esta circumstancia do amor accrescenta tanto a fineza quanto vae do céu á terra ; não é menor, senão a mesma a que Christo usa e exercita connosco no divinissimo sacramento. O mesmo evangelho o diz : *Hic est panis, qui de cælo descendit* : (Joan. VI — 33) Este é o pão que desceu do céu. Quando Christo disse estas palavras, nem elle tinha ainda subido ao céu, nem instituido o sacramento de seu corpo debaixo de especies de pão. Pois se ainda não era pão, nem tinha subido ao céu, como lhe chama pão que desceu do céu : *Qui de cælo descendit* ? É verdade que o sacramento, o qual começou a ser pão na cêa, não

era do céu, nem desceu do céu, senão do dia da ascensão por diante ; porque o corpo de Christo, que é a substancia do sacramento, nunca esteve no céu, senão depois daquelle dia : e comtudo, chamou-lhe Christo pão do céu, antes de ser do céu ; porque como queria encarecer o muito que nos dava, antecipou a circumstancia, para mais subir de ponto a fineza. Disse o que havia de ser, quando ainda não era, porque accrescentava muito a substancia do que era a circumstancia, do que havia de ser. Havia de ser pão, que por amor de nós desceu do céu : *Panis, qui de cælo descendit* : e assim como o mesmo Senhor proferiu o amor com que amava a Thereza, ao amor com que amou a Magdalena, pela differença de amar estando no céu, ou estando na terra, assim pondera muito no sacramento, não tanto a substancia do que dá, quanto a circumstancia do logar d'onde desce ; porque ainda que dar-se Christo a comer, é o *non plus ultra* do amor, dar-se quando está no céu, e descer do céu para se dar, é muito maior fineza que se estivera na terra.

D'aqui se segue, que devemos e somos mais obrigados a Christo pela continuação do sacramento, que pela instituição d'elle : mais pelo modo com que agora se nos dá a nós, que pelo modo com que no principio se deu aos apóstolos ; porque no principio deu-se quando estava mortal e passivel ; agora dá-se quando está immortale glorioso : no principio deu-se quando estava na terra. agora dá-se quando está no céu. Assim o entendeu e admirou quem teve sciencia para o conhecer, posto que não teve ventura para o gosar, David: *Panem cæli dedit eis, panem angelorum manducavit homo* : (Psal. LXXVII — 24 e 25) O pão do céu deu-se na terra, e o pão dos anjos comeram-no os homens. Tres coisas diz aqui o propheta certas, e uma parece que o não é — ser o sacramento pão do céu, dar-se na terra, e comerem-no os homens : tudo é certo ; mas que esse pão seja dos anjos ; como, ou porque titulo ? Ou seria pão dos anjos, se os anjos o comessem, mas elles não o comem : ou seria pão dos anjos, se elles o fizessem e consagrassem, mas esse poder é só dos sacerdotes. Porque diz logo o propheta, que é pão dos anjos ? Porque as coisas propriamente não são de quem as logra, senão de quem as merece.

Se o pão do céu se dêra por opposição, e não por graça ; por justiça, e não por favor, aos anjos se havia de dar, que são do céu, e não a nós, que somos da terra, e somos terra. E que havendo nos anjos o merecimento, e em nós a indignidade, se negue este pão aos anjos no céu e desça do céu para se dar aos homens na terra ? Oh grande amor ! E não sei se diga também, grande injustiça. Mas o amor para ser grande, ha de ter alguma coisa de injusto ; porque sendo injusto para quem se nega, é mais fino para quem se dá. Só Santa Thereza fez justa esta fineza, porque sendo mulher, foi serafim : nós devendo chegar á communhão como anjos, apenas ha algum que o faça como homem : *Panem angelorum mandacavit homo.*

V.

O quarto e ultimo favor de Christo que pondero em Santa Thereza, tem ainda muito mais apertadas circumstancias que as passadas. Nos principios em que o soberano Senhor começou a regalar a sua esposa com appareções tão frequentes, e tão extraordinarias, que tiveram por muito tempo suspensa e duvidosa toda a egreja, a santa como tão prudente e tão humilde, que no seu conceito se reputava pela mais indigna de todas as creaturas, temia que fossem enganos e illusões do demonio, e por conselho e obediencia de seus confessores, que sempre foram os mais doutos e mais espirituaes daquella idade ; quando Christo lhe apparecia, ou como resuscitado e glorioso ; ou como chagado e coroado de espinhos, ou na mesma fórma e representação com que vivia neste mundo ; Thereza não só lhe voltava o rosto com rigor, e signaes de despreso, mas com a boca lhe dizia injurias, com as mãos lhe fazia affrontas, e como se fosse o inimigo commum do genero humano, com a cruz e agoa henta se defendia daquelle bemdito Senhor, que para nos armar com a mesma cruz quiz morrer nella : porém o amar do Esposo divino era tão fino e tão constante, que não só soffria estes bem intencionados aggravos, mas por serem feitos por obediencia, os approvava, e amava.

Lembra-me a este proposito aquella famosa questão, disputada

diante d'el-rei Dario, e referida por Esdras no liv. 3.^o Era a proposta da questão entre tres sabios do palacio real: qual fosse a mais forte coisa do mundo? Um disse, que o vinho: outro, que o rei: outro, que a mulher: e este provou a sua opinião com este exemplo. Eu vi, disse, uma mulher chamada Apemen amiga de um famosissimo rei a qual esteve assentada á sua mão direita: *Se sentem juxta regem ad dexteram*. E esta lhe tirava a coroa da cabeça, e a punha sobre a sua: *Auferentem diadema de capite ejus, et imponentem sibi*: e com a mão esquerda lhe dava de bofetadas: *Et palmis cædebat regem de sinistra manu*: e sobre tudo isto, o rei com a boca aberta estava suspenso, e como arrebatado nella: *Et super hæc aperto ore intuebatur eam*. E se Apemen se lhe mostrava indignada, com novas caricias a procurava reconciliar, e trazer á sua graça: *Nam si indignata ei fuerit, blanditur, donec reconcilietur in gratiam*. Tão rendido tinha o amor aquelle homem, e tão esquecido de si estava aquelle rei! Mas quem poderá imaginar em Deus semelhantes extremos? Grande é, excessivo é, e quasi incrível, Thereza, o amor com que rendido vos ama e estima Christo! Tiraes a corôa da cabeça ao Rei dos reis, persuadindo-vos que não é elle o que vêdes: não só a pondeis sobre a vossa cabeça, mas mostraes que a pizaes e lancaes aos pés: não só lhe daes de bofetadas, mas com as mãos violentas ou violentadas lhe fazeis injurias de maior aborrecimento e desprezo: não só vos mostraes ingrata a seus favores, mas offendida e indignada delles: *Et super hæc*: e sobre tudo isto, elle desconhecido vos não desconhece; elle tão indignamente tractado vos torna a lascar; elle continúa, e insiste com novos favores, para que o acabeis de conhecer, e o admittaes em vossa graça. Vamos ao evangelho.

Não lhe aproveitou ás virgens mal prevenidas haverem seguido o conselho das prudentes (que era a desculpa em que nestes aggravos innocentes se fundava a consciencia e obediencia de Thereza) não lhe aproveitou (digo) nem lhe valeu ás cinco virgens aquelle conselho, para que o esposo lhe não fechasse a porta: *Et clausa est janua*. (Matth. XXV — 10) Vieram com tudo com o descuido emendado, e as alampadas azezas; bate-

teram e chamaram : *Domine, Domine, aperi nobis* : (Ibid. — 11) mas como o Senhor lhe respondesse : *Nescio vos* : (Ibid. — 12) não vos conheço : não bateram nem chamaram mais. Esta é a minha admiração, e o meu reparo. O mesmo Senhor que mandou fechar a porta a estas virgens, tinha dito : *Petite, et accipietis : pulsate, et aperiatur vobis* : (Luc. XI — 9 e 10) Pedi, e recebereis : batei, e abrid-vos-hão : *Omnis enim qui petit, accipit, et pulsanti aperiatur* : Porque todo o que pede, recebe, e a todo o que bate, se abrirá. Pois se o mesmo Senhor tinha mandado e promettido isto ; se tinha mandado que pedissem, e que batessem ; e tinha promettido, que quem pedisse receberia, e a quem batesse lhe abririam ; porque não instam em pedir e bater ? Se pediram e bateram uma vez, peçam e batam outra : e se isso não bastar, continuem em pedir, e perseverem em bater muitas vezes, pois também sabem que Deus gosta de ser importunado, e que assim o ensinou o mesmo Christo. Qual é logo a razão porque estas mesmas virgens tão desejosas de entrar, que não perdoaram a diligencias, nem a passadas, nem a despezas, e tudo isto fizeram sem temor, nem reparo, á meia noite, qual é a razão porque agora não insistem, nem perseveram, e se retiram tristes e mudas, sem fallar, nem apparecer mais ? A razão é porque o Esposo lhe disse : *Nescio vos* : não vos conheço. E tanto que se viram desconhecidas, de tal maneira perderam a confiança, e ainda o primeiro fervor e desejo, que se não atreveram a fallar, nem apparecer mais diante de quem as não conhecia. As desconhecidas no nosso caso, não eram as virgens, ou a virgem, senão o mesmo esposo. Tão desconhecido de Thereza, que não só o não conhecia por quem era ; nem só o reputava por fingido e phantastico, senão por outro tão alheio daquella divina figura, quanto é o mesmo demónio transfigurado em anjo de luz. E que assim desconhecido e tractado como tal, com desprezos, injurias, e aborrecimentos, torne Christo a buscar a Thereza, e não desista de lhe apparecer, para que acabe de se desenganar e o conhecer ? Grande e nunca visto amor !

As diligencias que Christo fazia para que Thereza sem escri-

pulo nem duvida o conhecesse, e os effeitos que experimentava depois destas appareções, eram todos aquelles com que o mesmo Senhor costuma assegurar as almas timoratas, da verdade de sua presença. Porque depois destas vistas tão mal olhadas, crescia no coração de Thereza a humildade e desprezo de si mesma, crescia o aborrecimento do mundo, crescia o zelo da honra de Deus, e todas as outras virtudes solidas, que com as appareções do demónio, como vento secco, e do inferno, costumam enfraquecer e murchar. Mas nenhuns destes signaes bastavam para que Thereza, ou os que governavam seu espirito, o dessem por seguro. Quando Christo appareceu á Magdalena em traje de hortelão, bastou que dissesse, Maria, para que ella conhecesse a seu Mestre. Quando o mesmo Senhor appareceu em habito de peregrino aos discipulos de Emaús, bastou que partisse diante delles o pão, para que tambem o conhecessem; mas para que cegamente o conhecesse Thereza, nenhuns signaes, nenhuma demonstrações, nenhuma experiencias bastavam: como tambem não bastava esta tão continuado desconhecimento, para que o Senhor se retirasse, que tanto o apertava o seu amor.

Retirae-vos, Senhor, retirae-vos: e eu vos prometto que haveis de acabar mais com o mesmo retiro, que com a presença, e mais com o desaparecer, que com as appareções; porque tanto que vos retirardes, e desaparecerdes, logo se conhecerá que sois vós, e que são verdades seguras, e vossas, as que agora parecem sonhos e illusões. Lembrae-vos de quando mandastes livrar do carcere Mamertino ao vosso grande successor e amante. Estava alli prezò S. Pedro com duas cadêas, e quatro soldados de guarda, quando entrou o anjo a libertal-o. Tocou as cadêas, e quebraram-se: tocou o prisioneiro, e accordou: disse-lhe que se vestisse, vestiu-se: disse-lhe que se calçasse, calçou-se: e Pedro que tudo isto viu, e fazia, cuidava que era sonho e illusão. Disse-lhe o anjo que o seguisse, seguia-o: passaram a primeira e segunda guarda, e ninguem os impediu: chegaram a uma porta de ferro, e desferrolhou-se: caminharam por dentro e por fóra da cidade, e Pedro ainda crente que nada daquillo era verdade, senão imaginações vãs da phantasia: *Nesciebat quia verum, est quod fiebat*

per angelum : existimabat autem se visum videre. (Act. XII — 9) Eis aqui como muitas vezes, ainda aos maiores santos, as verdades parecem enganar, e as aparições do céu illusões. Mas que fez o anjo, para que Pedro se desenganasse, e crêsse o que não acabava de crêr ? Tirou-se de diante dos seus olhos, e desapareceu : *Discessit angelus ab eo.* (Ibid. — 10) E no mesmo ponto conheceu Pedro que o anjo verdadeiramente era anjo, e que elle verdadeiramente tinha saído do carcere, e estava livre : *Nunc scio vere, quia misit Dominus angelum suum, et eripuit me.* (Ibid. — 11) De sorte, que quando lhe appareceu o anjo, e em quanto o via, não o conhecia ; e tanto que desapareceu, e o não viu, então o conheceu. Este é o remedio, Senhor, para que Thereza vos conheça. Se vos não conhece quando lhe appareceis, desaparecei, e conhecer-vos-ha. Mas este mesmo conselho, que vós sabeis melhor, muito temo que o não ha de tomar vosso amor, posto que sinta quanto deve ver-se tão desconhecido.

Cançados de lutar a maior parte da noite contra uma grande tempestade na pequena barca de S. Pedro, elle e os outros discipulos, e já desesperados do remedio, foi o divino Mestre desde a praia a soccorrel-os, caminhando sobre as ondas. O perigo, a escuridade, e os passos daquella portentosa figura, que cada vez se ia chegando mais para elles, sobre o temor e perturbação em que estavam, lh'a accrescentou de maneira, que não conhecendo quem era, se persuadiram ser algum phantasma : *Ut viderunt eum ambulantem supra mare, putaverunt phantasma esse.* (Marc. VI — 19) O Syro le : *Visum mendax* : visão enganosa : e os expositores : *Illusionem diabolicam* : illusão do demonio : que é o mesmo que succedia a Santa Thereza com as suas visões, ou a Christo com ellas. Mas que fez o Senhor neste passo ? Diz o evangelho que querin deixar os discipulos : *Volebat præterite eos.* (Ibid. — 48) Pois se os ia soccorrer, e por um modo tão extraordinario e milagroso ; porque os quer deixar ? Porque assim o ditava a razão, vendo-se a si mesmo reputado por phantasma, a sua visão por enganosa, e a sua presença verdadeira, por illusão diabolica. Mas como naquella barra fluctuava o seu cuidado, e perigava o seu amor ; em fim, os soccorreu, e foi conhecido. Oh Je-

sus ! Oh Thereza ! Muito era que fizesse Christo tanto por Thereza, como por Pedro e João, e por todo o apostolado junto : mas sem comparação fez muito mais. Não uma só vez foi reputado por phantasma ; nem um só dia, senão annos inteiros : andava o seu amor por tribunaes : as suas visões e aparições, ou reprovadas totalmente, ou tidas por suspeitosas, e elle não só desconhecido, mas injuriado ; porém a sua vontade sempre tão firme e constante, que nunca se pôde dizer della : *Volebat præterire*. Desconhecido tornava a buscar a Thereza, injuriado lhe fazia novos favores ; e nenhum conceito do mundo, ou descredito seu, ou perseguição de ambos, pôde fazer jámais que a deixasse.

E quem não ve neste prodigioso retrato, a verdade, a firmeza, a paciencia, e a invencivel perseverança do amor de Christo para connosco naquelle sacrosanto mysterio ? Nós o cremos, nós o adoramos : nós daremos o sangue e a vida pela confissão e defesa de que naquella hostia consagrada, posto que invisivel a nossos olhos, está e estará até o fim do mundo toda a magestade do Filho de Deus, humana, e divina, tão inteira, real, e verdadeiramente como á dextra do Padre. Mas quantos hereges houve e ha, que a tudo isto que a catholica igreja cre e ensina, chamam blasphemamente phantasmas ? Dizem (tão ignorantes são, e tão estolidos) que quando Christo disse : *Hoc est corpus meum* : Este é meu corpo : não quiz dizer, nem significar o que as palavras significam : dizem que não ha alli outra coisa senão o que se ve, pão, e não Christo : dizem que tudo o que os catholicos cremos, são chimeras, illusões, e enganos. E sem embargo desta incredulidade, desta perfidia, destas blasphemias, e das outras injurias maiores, com que do intendimento cego passam ás mãos sacrilegas, foi tão immensa a benignidade do divino amor, que antevendo-as se deixou connosco, e é tão constante o mesmo amor, que experimentando-as, as soffre, e não aparta de nós.

Quando Christo naquellas palavras que só nos restam por ponderar do evangelho: *Non sicut manducaverunt patres vestri manna, et mortui sunt* : (Joan. VI — 59) ensinou a differença infinita que ha do manná ao divino sacramento ; foi porque o povo cego antepunha o manná ao pão do céu, que o Senhor lhe promettia,

e Moysés ao mesmo Christo. E quando lhes disse, que se não comessem a sua carne e bebessem o seu sangue, não haviam de ter vida : *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in nobis*, (Ibid. — 54) não só o povo, senão muitos dos discipulos do mesmo Christo se saíram de sua escola, e lhe voltaram as costas, dizendo, que taes coisas como aquellas não se podiam ouvir, quanto mais crêr. De sorte que a fé do sacramento não só nasceu, mas foi concebida em tal signo de contradicção, *In signum, cai contradicetur*, (Luc. II — 34) que antes de ser instituido o sacramento, já era negado ; antes de ser dado, já era perseguido, e só por ser prometido, era blasphemado. Pois, Senhor, se assim é já agora, e estas mesmas experiencias mostram o que será depois : se estes homens são tão cegos, tão ingratos e tão indignos, e a mercê que lhe quereis fazer, excede tanto não só o seu desmerecimento, senão a sua capacidade, deixae de instituir este novo mysterio, pois para a redempção do mundo basta o da cruz : e já que os homens são taes, que vos deixam, porque vos quereis deixar com elles, não vos deixeis, para que vos não deixem. Assim havia de ser, se o amor de Christo para conosco no sacramento não fôra tão fino e constante, como foi para com Thereza fóra do sacramento.

Em quanto a verdade das visões de Santa Thereza esteve tão duvidosa, o mesmo Christo, que lhe apparecia, era elle na realidade, e não era elle na opinião : em quanto elle (que verdadeiramente era) era amado, era estimado, era adorado : em quanto não elle (que falsamente não era) era aborrecido, era desprezado, era injuriado ; e todo este amor e aborrecimento, todas estas estimações e desprezos, todas estas adorações e injurias exercitava no mesmo tempo a mesma Thereza sendo uma só. Bem assim como o mundo sendo composto de muitos, uns fieis, outros infieis ; uns catholicos, outros hereges ; uns bons christãos, outros máus ; uns crêem a Christo no sacramento, outros o negam ; uns o adoram, outros o desprezam ; uns o veneram com obsequios, outros o offendem com injurias ; mas assim como Jacob pelo amor que tinha a Rachel, soffria os desagradados de Lia, e muito mais

os agravos de Labão, e esta era a maior fineza daquelle forte e constante amor, assim a maior fineza de Christo no sacramento, foi expor-se ás affrontas e injurias dos que o offendem, por não faltar á communicação dos que o amam, e estar sempre com elles.

VI.

Mas que desquite podem ter estes agravos, estas offensas, estas injurias na justa dor daquellas almas devotas e pias, que as sentem e choram mais que proprias, por serem daquelle Senhor seu, a quem mais que a si mesmas amam? Este foi o bem inventado desempenho, e o religiosissimo fim da solemidade presente, restituindo-se a esta egreja o roubo commettido em outra, e vingando-se com repetidos obsequios de todos os mezes o agravo daquelle dia; para que o mesmo Christo sacramentado, por um sacrilegio receba muitos sacrificios, por uma injuriã muitas adorações, e por um acto escondido da infidelidade, muitas protestações publicas da fé e novas exaltações della. Quando a Magdalena intendeu que lhe tinham roubado do sepulchro o sagrado corpo, dizia: *Tulerunt Dominum meum, et nescio ubi posuerunt eum* (Joan. XX — 13) Levaram-me o meu Senhor, e não sei onde o puzeram. Entre estas ancias appareceu o desfardado hortelão, e disse-lhe: *Si tu sustulisti eum, dicito mihi, et ego eum tollam*: (Ibid. — 15) Se tu acaso és o que o levaste, dise-me onde o puzeste, porque eu o levantarei desse logar. Bem está Magdalena. Mas se vós vos queixaes de não saber onde puzeram vosso Senhor, disei-nos tambem onde o haveis de pôr, se o achardes. Só disse que o havi a de levantar, mas não disse onde o havia de pôr, porque esse pensamento ficou reservado para as imitadoras do seu amor. Levantaram o Senhor áquelle soberano throno, e alli o teem posto e exposto, para que a nossa fé publicamente o confesse e adore, e os nossos corações prostrados diante de seu divino acatamento sejam a detestação e desquite daquelle abominada injuria.

De todas as que material e involuntariamente fazia a Christo Santa Thereza, era o desquite o seu coração; e assim o fazem

todos os corações desta santa congregação, tão devota como bem entendida, trazendo sobre o peito uma custodia, e ao pé della um S, e um cravo, em signal de perpetua escravidão daquelle offendido e adorado Senhor. Parece que fallava o mesmo Senhor como em prophesia destes corações e desta casa, quando disse a Santa Thereza o que agora direi. Mandavam seus prelados á santa que fosse ser prioreza do convento da Encarnação de Avila, e ella, como tão humilde, escuzava-se. Neste mesmo tempo andava requerendo Thereza com Christo, não sei que mercê para um seu irmão, e como o Senhor tardasse com o despacho, era tanta a confiança entre os dois, que não duvidou a santa de se queixar amorosamente, deste que parecia descuido, e comparando-o com o seu cuidado, lhe disse assim : Por certo, Senhor, que se vós tiveris um irmão, pelo qual me pedireis alguma coisa, a não dilataria eu, se podesse. Não Thereza (respondeu Christo). Pois os corações das religiosas da Encarnação são meus irmãos, e pedem-te que vás para elles, porque hão mister a tua presença, e tu não queres. Assim arguiu e respondeu o Senhor a uma queixa com outra, e nella descobriu que havia naquella casa uma irmandade de corações, em que elle tambem era irmão. E se aos corações das religiosas da Encarnação de Avila chama Christo irmãos seus, com quanta razão podemos nós dar este mesmo nome ás religiosas da Encarnação de Lisboa, pela veneração do santissimo sacramento, e daquella sagrada custodia, de que são perpetuos sacrarios. Resuscitado o Senhor, disse ás Marias, que levassem as novas aos apostolos, e as palavras foram estas : *Ite, nuntiate fratribus meis* : (Math. XXVIII — 10) Ide, e dizei a meus irmãos. Irmãos, Senhor ? E porque parentesco ? Amigos dissesdes vós que lhe haveis de chamar, e não servos, porque lhe revelleis vossos segredos ; mas irmãos porque ? E se nunca lhe destes este titulo, porque lh'odaes agora ? Excellentemente S. João Chrysostomo : *Vester ego frater esse volui : ego communicavi carnem propter vos, et sanguinem, et per quæ vobis conjunctus, et rursus vobis exhibui*. Chama Christo irmãos aos apostolos no dia da resurreição, porque a ultima vez que tinha estado com elles foi na ceia, em que se lhe deu sacramentado, e pela commu-

nicação da sua carne e do seu sangue contrihiram o parentesco e a irmandade. Para haver verdadeira irmandade, ha de ser reciproca. E isto fez Christo na encarnação e no sacramento, diz Chrysostomo : pela encarnação, tomando Christo a nossa carne e o nosso sangue, fez-se irmão nosso ; e pelo sacramento, dando-nos a mesma carne e o mesmo sangue, fez-nos irmãos seus : *Frater vester esse volui* : eis-ahi a irmandade : *Communicavi propter vos carnem, et sanguinem* : eis-ahi a encarnação : *Per quæ vobis conjunctus, ea rursus vobis exhibui* : eis-ahi o sacramento.

Mas são tão religiosamente humildes estes corações irmãos de Christo, que podendo-se gloriar do nome de irmãos, se chamam e professam escravos, trocando os títulos do parentesco pelas insignias da escravidão, com o S e o cravo sobre o peito. Quando Christo se desposou visivelmente com Santa Thereza, deu-lhe por prendas de seu amor um cravo da sua cruz. Pois, Senhor, um cravo, que é signal e como ferrete de escravo, daes vós a Thereza, quando a levantaes á dignidade soberana de esposa vossa ? Sim ; porque ainda que pelos desposorios contrahia Thereza com Christo o mais alto e mais intimo parentesco que pôde ser ; sabia o Senhor dos primores da sua alma, como de todas as que fielmente o veneram e amam, que a mesma dignidade, a que as levanta de esposas, as captiva, e imprime nellas o caracter de escravas. Emfim este é o espirito da encarnação. No dia da encarnação do Verbo, quando o anjo a annunciou á cheia de graça, que havia de ser Mãe de Deus, a Senhora respondeu : *Ecce Ancilla Domini* : (Luc. I — 38) Aqui está a Escrava do Senhor. Davam-lhe a dignidade de Mãe, e tomou o nome de escrava : e porque se teve por mais digna de ser Escrava, que Mãe, esmaltoou com o carater da escravidão a coroa da dignidade.

Ora, Senhor, já que nos corações destas escravas achastes uns espiritos tão conformes ao daquellas entranhas purissimas, de quem recebestes essa mesma carne e sangue, em que vos daes por sustento de nossas almas, ajuntando o mysterio altissimo da encarnação com o do divinissimo sacramento : para que nesse immenso amor se acenda a nossa caridade, e no preço infinito desse penhor se confirme a nossa esperança, augmentae, como

mysterio da fé, a fé viva dos fervorosos catholicos, resuscitae a fé morta dos indevotos e tibios, e infundi o conhecimento da mesma fé na perfidia e obstinação dos hereges, para que todos vos cream, confessem e adorem, como nós por mercê vossa crêmos e confessamos, e prostrados diante desse throno de vossa suprema magestade com profundissima reverencia adoramos. E pois estes generosos corações são tão animosos, que encerrado, por vosso amor dentro destas paredes, se poem em campo em defesa de vossa fé, e desaggravo de vossas injurias, e dellas souberam tirar tão multiplicadas glórias a vosso santissimo nome na terra ; considerem os mesmos corações (pois eu o não posso declarar) quão condignos serão os premios desta fineza, que vossa divina liberalidade lhe tem aparelhado no céu.

FIM DO TOMO VI.

